



Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
Centro de Educação (CEDU)
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE)
Doutorado em Educação

LUCIANO HENRIQUE DA SILVA AMORIM

EM NOME DE DEUS?

**O discurso da juventude *youtuber* conservadora no Brasil/XXI rumo à barbárie
educativa**

Maceió

2022

LUCIANO HENRIQUE DA SILVA AMORIM

EM NOME DE DEUS?

**O discurso de jovens *youtubers* conservadora no Brasil/XXI rumo à barbárie
educativa**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemeire Reis

Linha de Pesquisa: Educação, Culturas e Currículos

Maceió

2022



Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

**EM NOME DE DEUS? O DISCURSO DE JOVENS YOUTUBERS
CONSERVADORES NO BRASIL/XXI RUMO À BARBÁRIE EDUCATIVA**

LUCIANO HENRIQUE DA SILVA AMORIM

Tese de Doutorado submetida à banca examinadora, já referendada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 02 de dezembro de 2022.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Rosemeire Reis da Silva (UFAL)
Orientadora

Profa. Dra. Inalda Maria dos Santos (UFAL)
Examinadora Interna

Profa. Dra. Maria do Socorro Aguiar de Oliveira Cavalcante (UFAL)
Examinadora Interna

Prof. Dr. Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL)
Examinador Externo

Profa. Dra. Camila Ferreira da Silva (UFAM)
Examinadora Externa

Profa. Dra. Nanci Helena Rebouças Franco (UFBA)
Examinadora Externa

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

- A524e Amorim, Luciano Henrique da Silva.
Em nome de Deus? o discurso de jovens youtubers conservadores no Brasil/XXI rumo à barbárie educativa / Luciano Henrique da Silva Amorim. – 2023.
199 f. : il.
- Orientadora: Rosemeire Reis.
Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Maceió, 2022.
- Bibliografia: f. 167-170.
Anexos: f. 171-199.
1. Análise do discurso. 2. Juventude – Brasil. 3. Conservadorismo.
4. Discurso de ódio na internet. 5. YouTube. I. Título.

CDU: 808.5-053.6

“Viver é muito perigoso.”

Guimarães Rosa, Grande Sertão: veredas, 1956.

Ao jovem educador Edvaldo Albuquerque (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Adupé orixá. Adupé vodún. Adupé Ògún. Adupé Azírí. Agradeço à toda ORÍentação cotidiana da minha ancestralidade que nos momentos mais silenciosos e solitários, lembravam que eu nunca estava só.

Adupé às minhas famílias, pois, são comunidades que se entrelaçaram entre os meus dedos para escrever este trabalho. À Fátima e M^a do Carmo, mulheres que me criaram e enfrentaram o mundo como Íyabás guerreiras. Marisa, Lúcia, Anísia, Zefinha, Poliana, Lurdes, Maria Omena, Vani – mulheres que se solidarizaram entre si a vida inteira para me empurrar para o lugar de alcance deste momento. Adupé por tudo.

Adupé também pela existência de dois homens pretos que acionaram a paternidade em muitos momentos de minha vida: Umberto Gonzaga e Carlos Amorim. Que o Orún comemore com vocês esta conquista.

No Orún está em felicidade plena minha avó, D. Josefa, filha de Sogbó e a esta mesma força agradeço por pegar em minha mão e mostrar a nação Jeje: Obá Eniolá, adupé por ser irmão e companheiro de lutas. Adupé a todo o asé que emana do ventre do vodún das águas. Adupé ao Ilé Egbé Afasóké Atiléhín Vodun Azírí, casa onde fui gerado como vodun sí e que me cria e sustenta na vida. Ao meu amigo e pai Omó Onyiè que me acolheu com toda a força e afeto que as águas carregam. Adupé por esse encontro que não foi “por acaso”. Adupé ao meu babálorisá Deominan que de forma firme e doce nos ensina a crescer no asé. Ao meu dofonotin que navega comigo e me incentiva muito, Adé Molá. A todas irmãs e irmãos que fazem a nossa casa crescer e ser um espaço de acolhimento, adupé e abukún.

Adupé pelo espaço de trincheira construído nas ruas da Zona Sul de Maceió e de barricadas que se espalham por essas terras. Um Salve para a Resistência Popular Alagoas e toda a militância organizada combativa, autônoma e que gera um mundo novo. É tudo nosso, nada deles.

Adupé ao espaço-família que é o Movimento Estudantil de Pedagogia (MEPe). Dedico parte deste trabalho à Executiva Nacional de Estudantes de Pedagogia (ExNEPe) e a todas e todos que em formação inicial, precisam combater e entender que a pedagogia precisa ser perigosa. Uma saudação calorosa e afetuosa ao CAPed UFAL e toda gestão

do *Coletivo Resistência* que comigo estiveram nas lutas da Pedagogia em Alagoas e no Brasil.

Adupé pela companhia, orientação, apoio, sugestão, puxão de orelha e tantas outras coisas. Profa. Rose, carinhosamente te chamei, te chamo e chamarei assim sempre. Adupé pela construção coletiva do meu eu pesquisador.

Adupé à toda a minha banca que aceitou os desafios em tempos tão brutais de ler um trabalho que versa sobre uma realidade que nos atravessa tanto como sujeitos intelectuais e trabalhadores: Profa. Camila Silva, Profa. Nanci Franco, Profa. Inalda Santos, Profa. Maria do Socorro Aguiar e Prof. Marcos Mesquita. Adupé por desvelarem comigo um pouco mais de nossa realidade.

Adupé aos dois grupos de pesquisa que tenho o prazer de fazer parte. Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (GPEJuv) e Grupo de Pesquisa Trabalho, Estado, Sociedade e Educação (GP-TESE). As categorias estudadas tão profundamente em cada um destes espaços solidificaram a pesquisa aqui apresentada à sociedade.

Agradeço ao programa de bolsas sociais instituído pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que ao longo do doutorado financiou a pesquisa.

RESUMO

A tese de doutorado intitulada “*Em nome de Deus? o discurso de jovens youtubers conservadores no Brasil/XXI rumo à barbárie educativa*” advém de um processo coletivo de leitura, discussão e orientação desenvolvido no Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (GPEJuv) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/CEDU/UFAL). O objetivo geral da pesquisa foi entender os processos de fortalecimento da ideologia conservadora bem como os seus avanços nos espaços políticos e formativos juvenis no século XXI, com foco nos espaços virtuais para além das redes sociais e suas plataformas de entretenimento. Para isso, o *cyber* campo escolhido foi a maior rede de compartilhamento de vídeos em nível global *YouTube*, rede esta repleta de conteúdo diversificado difundido em inúmeros canais com caráter pessoal ou corporativo. Através de cinco canais, encontramos inúmeros indivíduos jovens com proposições políticas e formativas na defesa de uma filosofia conservadora em meio à contemporaneidade, e estes, por sua vez, encontram no *YouTube* um caminho potente de difusão deste ideário que difundem a partir da organização de material audiovisual, cursos *on-line*, análises de conjuntura, *lives* e vídeos de opinião, tendo este aparato uma possibilidade de rápido e fácil acesso ao conteúdo gerado por estes jovens. Para o processo de compreensão e análise das hipóteses e cenários em destaque, estabelecemos um diálogo teórico com autoras e autores que dissertam sobre as categorias juventudes (BOURDIEU, 1983; GROppo, 2004; Kustrín, 2007; PAIS, 1990) conservadorismo (BURKE, 2014; KIRK, 1953; SCRUTON, 2020; SMITH, 2003) sendo este referencial base para ampliar compreensões sobre ambas categorias. Afim de auxiliar o entendimento dos discursos e os sentidos produzidos por estes jovens, me aproximo do campo de estudos da Análise do Discurso (AD) e do artefato metodológico produzido por Michel PÊCHEUX (2008) e Eni Puccinelli ORLANDI (2005) com os quais é percebido uma capacidade interpretativa dos enunciados e discursos ditos e não ditos nos conteúdos midiáticos em questão. Portanto, esta pesquisa configurou-se como um trabalho qualitativo e analítico de determinadas dinâmicas contemporâneas das quais os e as jovens protagonizam neste século e que para o entendimento dos processos educativos na atualidade, orbitar e estudar sobre estes universos é além de uma atividade orgânica de pesquisa necessária é também um elemento político e pedagógico que deve ser encarada e analisado a partir de uma ótica crítica e social. Como resultados, identificamos um novo modo de pensar o trabalho a partir do cyberspaço, uma nova configuração de fazer e pensar política e novos alinhamentos de agendas conservadoras e liberais em detrimento da ideologia dominante, articulada cotidianamente por discursos juvenis que invocam mais uma vez a tríade Deus, pátria e família desconsiderando as realidades sociais.

Palavras-chave: Juventudes. Conservadorismo. Discurso. *YouTube*.

ABSTRACT

This ongoing research entitled “*In the name of God? The discourse of conservatites youtubers on Brazil 21st century going to the barbarian education*” comes from a collective process of reading, discussion and guidance developed in the Youth, Cultures and Training Research Group (GPEJuv) linked to the Postgraduate Program in Education (PPGE / CEDU / UFAL). The general objective of the research is to understand the processes of strengthening conservative ideology as well as its advances in youth political and training spaces in the 21st century, with a focus on virtual spaces in addition to social networks and their entertainment platforms. To this end, the chosen cyber field was the largest global video sharing network on YouTube, a network full of diverse content broadcast on numerous channels with a personal or corporate character. Through five channels, we find innumerable young individuals with political and educational proposals in the defense of a conservative philosophy in the midst of contemporaneity, and these, in turn, find on YouTube a potent way of spreading this ideal by doing this through the organization of audiovisual material, online courses, conjuncture analysis, lives and opinion videos, with this device having a possibility of quick and easy access to the content generated by these young people. For the process of understanding and analyzing the hypotheses and scenarios highlighted, we established a theoretical dialogue with authors who talk about the youth categories (BOURDIEU, 1983; GROppo, 2004; KUSTRÍN, 2007; PAIS, 1990) conservatism (BURKE, 2014; KIRK, 1953; SCRUTON, 2020; SMITH, 2003) being this reference framework to broaden understandings about both categories. In order to help the understanding of the discourses and the meanings produced by these young people, I approach the field of Discourse Analysis (AD) studies and the methodological artifact produced by Michel PÉCHEUX (2008) and Eni Puccinelli ORLANDI (2005) with whom it is perceived an interpretative capacity of said and unspoken statements and speeches in the media content in question. Therefore, this research is configured as a qualitative and analytical work of certain contemporary dynamics of which the young men are protagonists in this century and that for the understanding of the educational processes nowadays, to orbit and study about these universes is beyond an organic activity of necessary research is also a political and pedagogical element that must be seen and analyzed from a critical and social perspective. As a result, we identified a new way of thinking about work from cyberspace, a new way of doing and thinking about politics and new alignments of conservative and liberal agendas to the detriment of the dominant ideology, articulated daily by youth speeches that once again invoke the triad God, homeland and family disregarding social realities.

Keywords: Youths. Conservatites. Speech. *YouTube*.

RESUMEN

La presente investigación en curso titulada “*¿En nombre de Dios? El discurso de jóvenes youtubers conservadores en Brasil/XXI hacia la barbarie educativa*” surge de un proceso colectivo de lectura, discusión y orientación desarrollado en el Grupo de Investigación Jóvenes, Culturas y Formación (GPEJuv) vinculado al Programa de Posgrado en Educación (PPGE/CEDU/UFAL). El objetivo general de la investigación es comprender los procesos de fortalecimiento de la ideología conservadora así como sus avances en los espacios de formación política y juvenil en el siglo XXI, centrándose en los espacios virtuales más allá de las redes sociales y sus plataformas de entretenimiento. Para ello, el ámbito cibernético elegido fue la mayor red de intercambio de vídeos a nivel mundial YouTube, una red que está repleta de contenidos diversos difundidos en numerosos canales con carácter personal o corporativo. A través de cinco canales encontramos un sinnúmero de jóvenes con propuestas políticas y formativas en defensa de una filosofía conservadora en medio de la contemporaneidad, y estos, a su vez, encuentran en Youtube una poderosa vía de difusión de esta ideología, haciéndolo desde la organización de material audiovisual., cursos en línea, análisis de situación, videos de vidas y opiniones, teniendo este aparato la posibilidad de acceder de forma rápida y sencilla a los contenidos generados por estos jóvenes. Para el proceso de comprensión y análisis de las hipótesis y escenarios señalados, establecimos un diálogo teórico con autores que discuten las categorías de juventud (BOURDIEU, 1983; GROppo, 2004; Kustrín, 2007; PAIS, 1990) conservadurismo (BURKE, 2014); KIRK, 1953; SCRUTON, 2020; SMITH, 2003) siendo esta base de referencia para ampliar la comprensión de ambas categorías. Para ayudar a la comprensión de los discursos y significados producidos por estos jóvenes, me acerco al campo de estudio del Análisis del Discurso (AD) y al artefacto metodológico producido por Michel PÊCHEUX (2008) y Eni Puccinelli ORLANDI (2005) con el cual se percibe una capacidad interpretativa de los enunciados y discursos dichos y no dichos en los contenidos mediáticos en cuestión. Por tanto, esta investigación se configura como un trabajo cualitativo y analítico de ciertas dinámicas contemporáneas en las que los jóvenes son protagonistas en este siglo y que, para la comprensión de los procesos educativos en la actualidad, orbitar y estudiar estos universos va más allá de una actividad orgánica de investigación necesaria. también un elemento político y pedagógico que debe ser enfrentado y analizado desde una perspectiva crítica y social. Como resultado, identificamos una nueva forma de pensar el trabajo desde el ciberespacio, una nueva forma de hacer y pensar la política y nuevos alineamientos de agendas conservadoras y liberales en detrimento de la ideología dominante, articulados cotidianamente por discursos juveniles que invocan una vez más la tríada Dios, patria y familia desconociendo las realidades sociales.

Palabras clave: Juventud. Conservatismo. Discurso. *Youtube*.

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

Análise do Discurso - AD

Base Nacional Comum Curricular – BNCC

Conselho Tutelar – CT

Do It Yourself - DiY

Espaço Discursivo – ED

Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB

Materialismo Histórico-dialético - MHD

Ministério da Educação – MEC

Ministério Público Federal - MPF

Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN

Plano Nacional de Educação – PNE

Plano Estadual de Educação – PEE

Programa de Aceleração do Crescimento - PAC

Sequência Discursiva – SD

Supremo Tribunal de Justiça – STJ

Tribunal Superior Eleitoral - TSE

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – *Fotoprint* de Interface do *Youtube* – Canal Caio Coppolla
- Figura 2** – *Fotoprint* de Interface do *Youtube* – Canal Bernardo Kuster
- Figura 3** – *Fotoprint* de Interface do *Youtube* – Canal Dois Dedos de Teologia
- Figura 4** -*Fotoprint* de Interface do *Youtube* – Canal Ana Campagnolo
- Figura 5** – *Fotoprint* de Interface do *Youtube* – Canal Nikolas Ferreira
- Figura 6** – *Fotoprint* – Manifestação de professores e estudantes
- Figura 7** – *Fotoprint* – Intervenção da *drag Queen* “Femmenino” em escola
- Figura 8** – *Fotoprint* – Capa de vídeo – Canal Dois dedos de Teologia
- Figura 9** - *Fotoprint* que exhibe manifestação inspirada na série televisiva “*The Handmaid’s Tale*”

SUMÁRIO

1.Introdução.....	15
2. Juventudes em contextos globais e locais – um papo geracional sobre juventudes conservadoras.....	24
2.1 Um encontro necessário - notas teóricas sobre os estudos de geração e juventudes.....	24
2.2 Geração para Mannheim e para Beck e suas contribuições para o estudo das juventudes conservadoras.....	28
2.3 Elementos históricos sobre o <i>ser jovem</i> ocidental.....	32
2.4 Transitórios e rebeldes? – a demarcação da categoria juventudes e seus estereótipos no século XX.....	40
2.5 1980-2020 - juventudes <i>hightech</i> e movimentações globais.....	47
3.Afinal, o que é conservadorismo? – propostas ideológicas, teorias e disputas políticas	56
3.1 Conservadorismo(S)? – liberais, conservadores, reacionários e a direita.....	58
3.2 Juventudes “em conserva” – ideários e movimentações juvenis da grande tradição.....	70
3.3 Conservadorismo em tempos “não analógicos” - notas contemporâneas.....	81
4. Discursos na tela – percursos metodológicos e o encontro com os jovens influencers conservadores.....	87
4.1 – Inscreva-se no canal - o <i>YouTube</i> como plataforma comunicativa e política juvenil no século XXI.....	88
4.2 – Fala galera do canal! Caras e bocas dos jovens conservadores <i>youtubers</i> brasileiros.....	93
4.3 – É hora do <i>print!</i> notas sobre análise do discurso como percurso investigativo.....	102
4.4 Ideologia – para entender o discurso das bocas, mãos e do desconhecido das redes.....	107
5. O discurso como política da juventude <i>youtuber</i> conservadora brasileira.....	111
5.1 “(...) o que nós vemos é sim ideologia de gênero!”.....	113
5.2 “(...) em defesa da constituição, em defesa da justiça e em defesa da nossa liberdade de expressão (...)”.....	123
5.3. “(...) nós temos que pisar na cabeça da serpente.”.....	130

5.4 “Não votem no Hitler!”.....	138
5.5 “A única pessoa que eu concordo cem por cento é Jesus Cristo”.....	146
6.Considerações Finais.....	155
Referências.....	164
Anexos	168

1. INTRODUÇÃO

(...) Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir o nosso País e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas. Estou certo de que enfrentaremos enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa. Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas(...) (Trecho do discurso de posse à presidência da República Federativa do Brasil proferido pelo Sr. Jair Messias Bolsonaro no Congresso Nacional, Brasília, 1 de janeiro de 2019)

O fragmento exibido acima proferido pelo ex-presidente do nosso país reflete muito as minhas aproximações, desejos e caminhos que trilhamos na construção deste trabalho. Discutir sobre e com os ideais conservadores não é algo que assume potência a partir das palavras ditas na tarde do dia primeiro de janeiro de 2019 em Brasília, muito pelo contrário. Os enunciados vão tomando força em nossos cotidianos, porém, com o processo eleitoral estadual e federativo no ano de 2018, estes enunciados se revelam como um som cada vez menos incomum em nossos espaços de estudo, trabalho, entretenimento e família.

É neste cenário pré-eleitoral e de acirramento polarizado entre as forças políticas que acreditam na democracia burguesa e visualizam no Estado alternativas de mudanças sociais e políticas que teço meu projeto de doutorado no início do ano de 2018. Inicialmente, seria uma trajetória de continuidade aos estudos de gênero (sendo gênero uma das categorias em maior evidência midiática e política à época, vide o trecho citado acima). Naquele momento me preocupo com as questões de parentalidade, maternidade e paternidade nas periferias da cidade de Maceió e como essas configurações operam no século XXI.

Porém, estes acirramentos conjunturais nos mobilizaram e principalmente nos confrontaram. As redes sociais passam a ser espaços de disputas ideológicas e políticas, o anonimato entra em ação na produção dos debates estabelecidos nestes ringues virtuais e principalmente a rede de *fake-news* é consolidada através de uma plataforma discursiva

em que tudo pode ser refutado, negado e exposto. Não bastaria muito tempo para que as relações sociais também fossem abaladas e que o ambiente da universidade se tornasse um dos campos onde ebulições viriam a ocorrer. Posicionar-se politicamente por pressão ou por reivindicação consciente estava na pauta cotidiana como nunca.

Parto do pressuposto de que somos agentes sociais e temos responsabilidade para com aquilo que estudamos e produzimos e, portanto, sempre estive envolvido nos espaços formativos extraclasse e extracurriculares dentro e fora da universidade. Essas movimentações imbuíram mobilizações diversas na construção do profissional em pedagogia que me tornei e com qual ótica enxergo e encaro o mundo em que vivo.

Dentro da universidade, com uma trajetória firmada nos debates formativos a partir do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPed UFAL), tive contato direto com as disputas políticas e outras pedagogias que ainda orbitam o espaço universitário. A maturidade e autonomia promovidas nestes espaços são de agradecimento eterno de minha parte, porém, é nesse bojo que me defronto com as divergências, com o distante das minhas convicções e princípios que defendo e nele construo um diálogo crítico com aquilo que não compactuo.

E será assim, em uma tarde de quinta-feira antes das 14h da tarde que eu e uma colega de turma saímos para tomar café antes das aulas da disciplina “Juventudes e Escolarização¹” ofertada como um dos componentes curriculares do mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UFAL ter início. Na ocasião, fomos a uma das inúmeras barracas que existem no Campus A.C. Simões, em Maceió, como fazíamos todas as tardes de aula na pós.

O que não contávamos era que a recepção seria um pouco diferenciada. Lu (minha colega de turma) estava com um adesivo na camisa de um dos candidatos presidenciais que disputavam o segundo turno das eleições no ano de 2018. Na barraca de lanches estavam sentados em uma mesa três rapazes universitários (tinham em média 20 e 23 anos). Pedimos nosso lanche e nos sentamos ao lado. Percebemos, nesse momento, que os jovens não paravam de olhar para nós, porém, seguimos comendo, até que eles começaram a elevar a voz e o papo era sobre economia e política.

¹ Componente curricular do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e atualmente ministrado pela Profa. Dra. Rosemeire Reis (orientadora desta pesquisa).

Ao mesmo tempo em que as vozes elevavam, especialmente do rapaz que parecia ser o mais novo entre os jovens, mais ainda eles nos encaravam, até que descaradamente este mais novo se levanta, olha para nós e diz: “mas, essa mamata vai acabar!”. Minha amiga ainda sem acreditar, segue comendo, porém revido e pergunto “que mamata?”. Ele levanta e pergunta “alguém lhe chamou na conversa?” E sigo respondendo “ninguém chamou, porém, provocou. Se essa mamata é investimento em educação, sim, pode ser que venha a acabar mesmo.” Nos levantamos e seguimos para o Centro de Educação ainda sem acreditar no ocorrido, enquanto eles ainda resmungavam.

Levamos a situação para a discussão no início da aula. O componente curricular propunha um debate sobre juventudes e escola e como esta última é movida e lapidada pelos jovens. A mesma coisa é a universidade, que é um universo majoritariamente ocupado por sujeitos jovens e adultos, mas, que em grande parte apresenta um ideário progressista e muitas vezes “revolucionário”, porém, será mesmo que a universidade é este ambiente? Posso eu reforçar este estigma de como é e quem ocupa o espaço da universidade pública? Esta cena respalda uma totalidade ou só uma movimentação política conjuntural? Afinal, a universidade é composta por pilares que conservam ou que transformam suas práticas e os seus sujeitos?

A disciplina teve sua conclusão, mas os processos políticos só se acirraram na passagem dos anos de 2018 para 2019 em nível nacional. A conjuntura do início de 2019 perpassa por inúmeros ataques à educação e discursos contra a ciência, em especial a área das ciências humanas e educação. A universidade se tornou um alvo do governo federal e pesquisas que não circulam nem geram lucro também são questionadas (o que inclui esta pesquisa e trabalho, pois, seu objetivo é pedagógico/didático e social). Com isso, a cada dia que passa vou me distanciando do meu tema inicial e me aproximando do exercício dialético com a conjuntura em que estou inserido.

Corroborar com esse movimento as sugestões de minha orientadora, que ao identificar minhas inquietações e por minha trajetória engajada na política estudantil, sugere que a pesquisa se volte para o estudo das juventudes na universidade, que pode se articular com os estudos do Grupo de Pesquisas Juventudes Culturas e Formação (GPEJUV).

Todos estes eventos conjunturais e alicerce teórico em construção começaram permitiram a construção de meu arcabouço de pesquisa. Com isso, no primeiro trimestre

de 2020 redefino meu projeto de pesquisa junto à minha orientadora, que me deu todo o apoio para que eu seguisse outros caminhos que nos instigou e provocou outras leituras e aproximações. Estava decidido: meu anseio era compreender como estavam sendo estabelecidas as correlações políticas juvenis, em especial, as conservadoras dentro da universidade e fora dela.

Porém, desde novembro de 2019, em nível global, o campo da saúde entrou em alerta devido à proliferação em massa de um vírus identificado inicialmente na República Popular da China. Tratava-se do SARS-CoV-2, um coronavírus que se propagava através do ar e do contato com/entre pessoas e superfícies contaminadas, sendo a doença quando adquirida, denominada Covid-19.

O vírus rapidamente espalhou-se pelo globo, e em março de 2020 foram anunciados os primeiros casos no país, bem como as medidas de segurança e cuidados sanitários que todas e todos deveriam ter. Em Alagoas, o governador Renan Filho (MDB) lança o Decreto nº 69.527 de 17 de março de 2020, em que anuncia as medidas gerais de segurança, dentre elas, a suspensão das atividades escolares e acadêmicas nas redes pública e privada em todo território alagoano, decreto este publicado um dia após o “retorno” das aulas na UFAL, que teria sua aula magna no dia 16 de março de 2020.

Após muitas discussões, medos e incertezas, estávamos todos imersos em uma pandemia global. O cotidiano de luto, resistência e novas políticas começou a se aprofundar e refletir nas relações sociais, no trabalho e especialmente, no campo educativo. No PPGE, bem como nas demais estruturas e instâncias da universidade, a discussão sobre “o que fazer” também se agrava, e nós, discentes em nível de doutoramento também nos encontramos defronte a inúmeras perguntas geradas no seio desta crise global.

A pandemia vem justamente em um momento de reorganização do meu trabalho de pesquisa e da estruturação da minha bibliografia. Foi um período muito pesado e de risco dentro de todos os limites e esgotamentos psíquicos e corporais possíveis, o que levou a uma saturação extrema. O luto cotidiano, a mídia excessivamente discursando sobre, as tensões políticas globais que se acirravam e toda uma adaptação necessária dentro e fora do lar.

Nosso grupo de estudos e pesquisas segue as reuniões e formações, especialmente por estarmos antes do período pandêmico, se assentando nos estudos sobre narrativas e

principalmente sobre individuação², conforme Danilo Martuccelli. Com isso, no olho do furacão da pandemia, as atividades em nível de pós-graduação não param, portanto, nossas pesquisas “seguem” de acordo com o cronograma pré-estabelecido pelo PPGE sem alterações profundas (no que tange às novas visualizações de cronograma).

No início a proposta era pesquisar jovens conservadores da UFAL e como constroem seus modos de interpretar o mundo para defenderem os pressupostos políticos, no entanto, entramos em um período longo de isolamento social, no qual ainda me encontro, vejo que as redes sociais se consolidaram como um espaço mais nítido de mobilização midiática, cultural e econômica. Os espaços virtuais se tornaram mais comuns, agora, não apenas como uma ferramenta de comunicação e de estabelecimento de relações sociais pelas denominadas “redes sociais”. Agora, a escola, o trabalho, a comida, as transações bancárias e o entretenimento já existentes nestes espaços, tomam um espaço dentro dos nossos lares e das nossas rotinas enquanto nenhuma perspectiva positiva é apresentada no futuro próximo no período pandêmico.

É a partir destas dificuldades que compreendo serem conjunturais e estruturais, que o trabalho aqui apresentado tomo outro rumo. As dificuldades de contato com os e as possíveis entrevistados e entrevistadas se agudizam, a possibilidade de realização do ateliê autobiográfico se definham, mas, a temática base se fortalece no horizonte organizativo da tese. Nestes cruzamentos e encontros de orientação, a professora orientadora apresentou a possibilidade de mudar o espaço em que os participantes da pesquisa se encontram: a *web*. É com esse avanço midiático e de conteúdo difuso, que tenho em minha frente um universo discursivo de jovens conservadores que reivindicam sua filosofia e teoria, produzem conteúdo constante e são majoritariamente universitários.

Neste sentido, como não seria possível realizar entrevistas para pesquisar as relações dos estudantes de sua apropriação singular das experiências sociais, que produzem neles seus modos de interpretar o mundo, em diálogo com minha orientadora ela sugeriu que as questões políticas, sociais, culturais que faziam parte de minhas

² Há uma aproximação e trabalho teórico recém construído pelo Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (GPEJUV) que está articulado com os postulados teóricos de Delory-Momberger (biografização) e Danilo Martuccelli (individuação e sujeito singular). O presente trabalho não se debruçará sobre estas categorias e autores, mas, em sua trajetória inicial de construção coletiva ao grupo, se aproxima de tais leituras e debates para a compreensão das juventudes.

indagações poderiam ser estudadas a partir da identificação dos discursos veiculados por jovens conservadores em seus canais do *YouTube*.

Assim como no processo do mestrado, optamos pelo campo teórico e metodológico da Análise do Discurso (AD), pois enxergo potência analítica simbólica, imagética, linguística e política para entender os elementos sustentados por influenciadores jovens conservadores na plataforma do *Youtube*, como será apresentado na seção 4 desta pesquisa. Para isso, me reencontrei com os escritos de Eni Orlandi e Michel Pêcheux da Escola Francesa para auxiliar nos diálogos estabelecidos no processo de encontro a estes discursos.

Minhas questões iniciais de pesquisa foram: quais são os discursos disseminados pelos *youtubers* jovens e com formação universitária sobre a universidade e sobre os conhecimentos por ela produzidos? Quais disputas estão em jogo no contexto social mais amplo na sociedade brasileira?

Ao definir focalizar os estudos sobre os youtubers também se fez necessário a realização de um novo levantamento bibliográfico (este processo será tecido na seção acerca da metodologia utilizada). Com essa nova aproximação, surgiram algumas outras categorias que estavam para além da juventude e do campo educativo, mas, se capilarizaram, como **conservadorismo**, **movimentos estudantis**, **movimentos de direita**, **geração**, **memória**, **tradição** e **universidade**.

A revisão bibliográfica realizada no portal da CAPES, no Ibict, no Google Acadêmico com os descritores: pensamento conservador, juventudes conservadoras, pensamento conservador na universidade, jovens conservadores no Brasil, permitiram o mapeamento de um quantitativo de materiais descritos a seguir. Na Base *Scielo* utilizando a palavra-chave **Conservadorismo** e demarcando o período históricos das produções encontradas entre 1997 – 2020 foram identificados 186 artigos com a utilização do termo em seus escritos. A associação direta de acordo com a palavra-chave se distribuía principalmente nas seguintes áreas - Serviço Social (17); Contabilidade e Administração Pública (50); Estrangeiros (7); Educação (12); Ciências Políticas (47); Saúde (5); Outros – (termodinâmica, hidrografia, geografia, alimentação – 48). A revisão bibliográfica e materiais em sua ordem histórica e de escolha estão anexadas ao fim do presente trabalho.

A segunda palavra-chave utilizada para a busca de periódicos foi **Movimentos de Direita** e com isso foi possível encontrar na plataforma *Scielo* produções escritas entre

os anos de 1951- 2019 e que somaram ao todo 72 artigos. A associação direta de acordo com a palavra-chave se estendeu para as seguintes áreas: Ciência Política (20); Educação (2); Saúde (61 – esta quantidade de produção no campo da saúde tem a ver com a palavra “direita” associando a questões fisiológicas de lateralidade e posicionamento de tratamento e cirurgias); Direito (1).

Na busca de artigos através da categoria **Partidos de Direita** foi possível realizar um levantamento de 73 materiais produzidos entre 2002 a 2020. A associação direta de acordo com a palavra-chave emana das seguintes áreas - Ciência Política (65); Saúde (3); Estrangeiros (5).

Neste primeiro levantamento bibliográfico, foram utilizadas também as seguintes chaves de busca: **Estudantes de Direita; Juventudes de Direita, Juventudes Conservadoras; Juventudes e Conservadorismo**, porém, não encontramos material que interseccionasse estas palavras-chave. Além das plataformas e bases de periódicos acadêmicos, foram realizados levantamentos nos sítios virtuais dos espaços conhecidos como Observatórios das Juventudes, que através de uma rede de grupos de pesquisa estabelecida em território nacional, mantém um banco de dados com materiais que vão desde artigos à teses de doutoramento. Com isso, observamos 4 (quatro) destes espaços e suas devidas produções que poderiam subsidiar mais interfaces com este trabalho. A revisão e levantamento bibliográfico em sua seleção temática se encontra em anexo à esta tese.

A partir dessas leituras pode-se perceber que a produção sobre processos educativos, universidade e conservadorismo ainda não se apresenta como um objeto de estudo central ou orgânico por parte destas redes que pesquisam juventudes. Com isso, observo a possibilidade de entender e me aprofundar sobre estas categorias, evidenciando as juventudes e suas correlações com a ideologia conservadora. Os artigos aqui lidos e que nos apoiam pensar rumos diante da pesquisa, também são capazes de convidar à uma leitura menos contemporânea sobre estas tensões políticas e exercitar a aproximação com os clássicos de tal pensamento.

Para isso, estabelecemos um quadro categorial inicial através de diálogos que sustentaram duas bases da tese: um referencial teórico conceitual, que expone elementos sobre conservadorismo, como Michaud (1973); Sepúlveda (2016); Scruton (2019) e Burke (2014), sendo estes autores clássicos do campo teórico conservador.

Auxiliando na elucidação do debate sobre juventudes, dialogo com Beck (2010); Mannheim (1950); Dayrell (2003); Ortega y Gasset (2001); Feixa (2010) e Ridenti (2018) que percorrem elementos históricos da constituição da ideia de juventudes, bem como suas relações mais contemporâneas.

Destaco que todas estas referências mencionadas aqui nesta introdução não se traduzem como a totalidade bibliográfica deste trabalho, porém, são as basilares e de primeira leitura para o entendimento, aproximação do objeto e início da escrita deste trabalho.

Neste processo de mudanças no foco da pesquisa, de acordo com os elementos anteriormente mencionados, foi possível elaborar algumas perguntas como **“O que faz um jovem ser conservador?”** **“Quais as marcas discursivas de jovens universitários conservadores?”** **“Qual a potência que os espaços midiáticos e virtuais têm na constituição de uma geração juvenil conservadora?** Pode se identificar um tipo de jovem conservador ou há diferentes tipos de juventudes conservadoras? Em que tais juventudes se aproximam e em que elas se distanciam? Quais as representações que os jovens pesquisados veiculam sobre a universidade e do conhecimento universitário? Quais as disputas estão em jogo nesse tipo de representação veiculada?

Estas perguntas me auxiliam na delimitação da seguinte **tese que compreende a crescente reivindicação juvenil no campo conservador parte de um movimento não localizado, portanto estrutural nas relações sociais em que arrisco como hipótese inicial que tal postura política se baseia em duas facetas – a) a demarcação religiosa e familiar e o receio da ciência humana contribuir para a reconfiguração das mesmas; b) as conjunturas socioeconômicas e o medo de enfrenta-las/transformá-las, ou, a credibilidade constituída a partir de uma ideia de mudança não realizada por eles (jovens) e sim por outros (Estado/Deus) c) um novo processo formativo incitado por jovens conservadores que criam outros discursos e sentidos na defesa de uma pedagogia conservadora.**

A metodologia utilizada para a apreciação e análise do material organizado será a Análise do Discurso através do apoio referencial de Michel Pechêux (1990,2008) e Eni Puccinelli Orlandi (2001, 2005, 2011) como já mencionado. Para isso, será organizado um levantamento dos canais com mais acesso e conteúdo da filosofia conservadora que são projetados e administrados por jovens universitários. Ao todo, foram selecionados 6

canais da plataforma *YouTube*, dos quais, são selecionados conteúdos que dialogam com o universo conjuntural, a ideia de pedagogia e de ciência que são defendidas pelos mesmos, o que já indica as ideias-força que servem como busca e encontro destes discursos ao longo das análises.

Com uma estrutura inicial desenhada, arquiteto a produção em algumas seções. Na primeira seção, introduzo e apresento os processos de elaboração, mudança e finalização do problema de pesquisa, bem como seus encontros categoriais iniciais. Em seguida, na segunda seção, realizo um passeio histórico e teórico na tentativa de apresentar como a categoria “juventudes” construída, principalmente em um contexto ocidental e colonial.

Na terceira seção retomamos elementos fundantes do pensamento conservador, especificando suas principais diferenças e convergências sob a ótica dos principais clássicos e autores contemporâneos que dissertam sobre, bem como, destacar determinadas movimentações juvenis com caráter conservador. Na quarta seção, o intuito é evidenciar um pouco da plataforma base que servirá para a análise de nossos materiais que é o *YouTube*, bem como apresentando as breves biografias dos sujeitos porta-vozes dos discursos a serem analisados. Ainda nesta seção, será apresentada as principais categorias que sustentam a metodologia da AD e como se sucederá o exercício analítico na seção seguinte.

A quinta seção evidencia o processo de análise dos vídeos e material escolhido no canal destes jovens como base discursiva para as tessituras deste trabalho, na tentativa de escancarar os sentidos produzidos e qual a pedagogia estruturada por estes *youtubers*. Na sexta e última seção teceremos as considerações finais do trabalho, expondo pontos de conflito, resultados das análises e os contributos que podem auxiliar a pensar contextos conjunturais e sua relação direta com a educação. Com isso, não almejamos concluir o texto com posições cerradas referentes ao tema, mas, expor potências de análise social e de entendimento de quem são os sujeitos que fazem, pensam e realizam a universidade brasileira.

2. JUVENTUDES EM CONTEXTOS GLOBAIS E LOCAIS – UM PAPO GERACIONAL SOBRE JUVENTUDES CONSERVADORAS

Pesquisar sobre juventude é sobretudo, reconhecer que se trata de uma categoria conflituosa em sua constituição, conflito este ainda sem conclusão. Como já mencionado na introdução deste trabalho, o terreno em que desenvolvo a pesquisa tem trajetos juvenis em seus encontros territoriais diretamente.

Para isso, esta seção é organizada em subseções que abordarão as representações dominantes da juventude a partir das lutas de poder na sociedade capitalista ocidental e revisitando processos históricos anteriores ao capitalismo de como as juventudes eram vistas e interpretadas de acordo com a sociedade e seu projeto de humanidade. Na tentativa de percorrer historicamente, suscito elementos históricos que sustentam uma ideia de juventude atrelada a processos transitórios ou vinculados a tradições, em nível global e local (Brasil e América Latina).

Evidenciamos o quanto que a geração se torna um elemento importante de análise para a compreensão sobretudo de juventudes. Para tanto, discuto a noção de geração (Mannheim) e de geração global (Beck), de conservadorismo e de juventudes conservadoras (Groppa e Weller) bem como suas marcas geracionais conseguem operacionalizar inúmeros sinais conservadores nas culturas juvenis mais contemporâneas.

2.1 Um encontro necessário - notas teóricas sobre os estudos de geração e juventudes

O que é a categoria juventude? Qual a relevância de estudar sobre? Pesquisamos Juventude ou juventudes? Bem, estas perguntas não se manifestam neste trabalho de forma original ou isolada, muito pelo contrário – o exercício em respondê-las é secular. .

Neste processo, um elemento histórico apreendido no campo das ciências sociais, especialmente a sociologia, é a ideia de geração e é sobre esta categoria que me debruçarei inicialmente na tentativa de evidenciar o terreno sobre os estudos de juventude.

Início esta conversa com autores e autoras que são proponentes do debate inicial sobre juventudes, especialmente os do início do século XX, período este de ascensão das ciências sociais globalmente.

Com a consolidação da sociedade capitalista são legitimados saberes e modos de organização da sociedade que divide os sujeitos em faixas etárias e em classes sociais para determinar o período de preparação e de entrada no mercado de trabalho. Como

explica Phillipe Ariès no século XIX se delimita a infância, a juventude e a fase adulta na modernidade. Portanto, juventude como construção sócio-histórica se apresenta como uma fase de preparação, de vir a ser para interiorizar valores, padrões, para se adequar às exigências da sociedade.

A categoria juventude é compreendida como um período de transição, de preparação para o futuro, de moratória. Nessa perspectiva de linearidade temporal, de ideia de progresso o jovem alcançaria seu auge como indivíduo capaz na fase adulta. Os estudos psicológicos passam a estudar essa fase de transição para entender as especificidades biológicas desse jovem, o que traria a dificuldade de adaptação à sociedade”. Esses estudos se debruçam sobre a ideia de adolescência. No mesmo processo se instituem os estudos sobre os grupos que se sucedem, jovens e adultos.

A ideia de geração será revisitada por Mannheim com o intuito de se contrapor a perspectiva funcionalista de juventude, que tinha operava com a categoria juventude a partir da fase da vida. Carles Feixa e Carmem Leccardi (2010) dois pesquisadores de nacionalidade espanhola conceituam os principais discursos sobre geração promovidos no século XX. Os autores compreendem que em três momentos históricos – anos de 1920, 1960 e 1990, o debate sobre geração ganha arranjos mais afinados, específicos e de contraposição teórica. Com isso, Feixa e Lecardi subentendem que este conceito se agrupa em quatro possíveis entendimentos. De acordo com o processo histórico de construção teórica, o primeiro entendimento seria o de *Tempo social* – parte de uma visão positivista, predestinada e premeditada das relações sociais em que é necessário realizar o cálculo do progresso e sucesso das pessoas na vida pública. O tempo social é biologicizado/etarizado e será subscrito especialmente por Augusto Comte. Observa-se que esta noção de geração nutre um pensamento liberal à época no que tange às análises das estruturas sociais e econômica, porém, há marcas do conservadorismo científico que nutrem este ideário (*juventude como processo etário, limitado e funcional*).

O segundo entendimento, conforme Feixa e Lacardi (2010), seria a *Temporalidade* – Abordagem considerada histórico-romântica em que prevalece a atenção sobre a qualidade dos vínculos, principalmente das pessoas que partilham do mesmo conjunto de experiências. Diferentemente da análise positivista, são os eventos descontínuos que movem a noção de tempo. São estes que movem a história. Wilhelm Diltney será a base referencial para esta concepção, e os elementos sustentados por ele sinalizam uma possibilidade de análise a partir das relações sociais, em especial as

consideradas eventuais. Aqui, as juventudes, por um acaso histórico, são protagonistas de processos que marcam a temporalidade humana.

Feixa e Lacardi (2010) elaboram uma terceira categorização amparada nas leituras de Karl Mannheim que é a de Unidade Geracional – Análises realizadas sob a ótica histórica-social. A relação de classe social se apresenta como predominante no processo histórico (na geração) ou seja, uma colisão entre tempo biográfico e tempo histórico. As primeiras impressões/experiências junto a presença de eventos que quebram a “continuidade histórica” sustentam o que é chamado de vínculo. Karl Mannheim opera como um dos autores que dentro dos estudos da sociologia compreende a geração como categoria de destaque nas relações sociais. Esta concepção reconhece a potência que os processos coletivos, políticos e econômicos têm nas gerações, e que, as questões ideológicas atravessam contextos históricos, podendo unir e referenciar gerações em outros momentos históricos e com sujeitos diferentes. Há aqui evidenciado, por exemplo, a ótica de que as juventudes são muitas, e que, a coletividade e aproximação simbólica e de interesse entre os sujeitos, há possibilidades distintas de perceber o mundo e pensar sobre o viver nele.

O quarto e último entendimento é o de *Descontinuidades* – Reconhecimento da necessidade do debate sobre identidade, entendendo-a como um entrelaçamento da história individual e da história social. A geração é constituída com recursos e significados que são disponíveis. Um ponto chave é que é o processo de mudança (descontinuidade) que produz o anterior e o posterior. Phillip Abrams evidencia momentos de ligação e conexão histórica para embasar sua tese que foca nas rupturas e não necessariamente nas aproximações, diferentemente de Mannheim. Abrams concebe as juventudes a partir de deslocamentos, o que na contemporaneidade e processos de avanços tecnológicos, apresenta-se como uma possibilidade importante.

As quatro categorias evidenciadas pelos autores são elaboradas historicamente com um único intuito: tentar explicar o que seria geração e como o entendimento desta era/é importante nas análises das construções sociais e coletivas dos sujeitos, em especial, a aproximação com os estudos sobre juventudes, sendo estes essenciais na produção destes elementos teóricos.

Observa-se que geração tem suas primeiras aparições como um elemento de análise do campo das teorias conservadoras atravessadas de progressismo, porém, o

terreno conservador e idealista de pensar as relações sociais nutre as suas definições iniciais. Ela é, portanto, uma categoria capaz de atravessar o tempo carregando em sua bagagem elementos que invocam origens e tradições para além do processo biológico.

Porém, Feixa e Leccardi (2010) seguem dissertando sobre mais três movimentações que contribuem para o debate sobre geração. A primeira movimentação ocorre na Itália e com influências marxistas e neomarxistas na promoção do que será compreendido como *consciência geracional*. Resultado de escritos inspirados no italiano Antônio Gramsci³, sobretudo na produção cultural dos sujeitos, a ideia de *consciência geracional* é fincada na historicidade (marca do materialismo histórico-dialético), da experiência e da comparação com gerações anteriores. Segundo os autores, para a tradição italiana

consciência geracional – uma dimensão que, por sua natureza, enfatiza uma abordagem reflexiva – envolve a consciência de sua proximidade/distância de outras gerações familiares. Quando esta consciência está presente, as relações intergeracionais tornam-se domínio da elaboração subjetiva. Consciência de seu próprio tempo de vida significa, conseqüentemente, estar consciente de que essas relações são atravessadas e construídas num significativo e maior período de tempo. Devido a mediação das relações afetivas na família, esta relação com a temporalidade histórica e social adquire ressonâncias pessoais. Adquire o registro do “conhecido” e também fala a linguagem das emoções. (FEIXA; LECCARDI, 2010, p.9).

Além dos destaques observados na citação acima sobre geração, um elemento para a nossa atenção é a ideia de genealogia, aqui compreendida como dimensão genealógica (aspectos personificados) que estão relacionadas as mudanças biográficas e de descendência, especialmente por entender que as gerações possuem teias e são evidentemente históricas.

Feixa e Lacardi (2010) ressaltam que a segunda movimentação é procedente da Espanha, especialmente com a influência do então considerado “maior intelectual e filósofo espanhol da primeira metade do século XX” segundo os autores. Trata-se de Ortega y Gasset (1923) que inspirará toda uma escola formativa sobre geração a partir da obra “*La idea de las generaciones*”⁴. Nesta obra, a ideia de sensibilidade vital e as

³ GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais orgânicos e a organização da cultura. Editora Civilização Brasileira, 1968.

⁴ A obra supracitada evidencia a partir de um autor que decairá no terreno conservador suas principais leituras, a capacidade que as gerações têm de interagir e partilhar processos culturais, sendo espaços de tensão social.

mudanças econômicas dos modos de produção da vida social, como o câmbio da inserção na vida pública entre jovens e trabalhadores, são enfrentadas como essenciais para entender a construção de uma geração. Um de seus pupilos, José Lopez Aranguren terá em mãos ferramentas teóricas para sustentar novas metodologias de pesquisa, como por exemplo, a criação do chamado “trabalho de campo” e o olhar atento nas relações de crises sociais na produção das gerações.

A terceira e última movimentação observada, conforme Feixa e Lacardi (2010) é a sustentada por Ulrich Beck e Elizabeth Beck (anos 1940/1950) que vão avançar nas análises sobre os novos processos de individualização na sociedade capitalista, no processo de globalização e aceleração das relações sociais, sendo Ulrich o promotor de duas ideias-força essenciais nos debates contemporâneos sobre geração – a) o conceito de geração global e b) a sociedade de risco.

Com isso, me aproximando dos conceitos de Mannheim e Beck, contestarei elementos entre os dois autores para o auxílio do que eu compreendo como geração e como esta compreensão pode potencializar a produção deste trabalho.

2.2 Geração para Mannheim e para Beck e suas contribuições para o estudo das juventudes conservadoras

A produção do sociólogo húngaro Karl Mannheim terá seu pico entre as décadas de 1910 e 1920, quando o autor desenvolve as obras mais conhecidas de sua trajetória de escrita, que são *Ideologia e Utopia* e *Sociologia do Conhecimento*. A sua formação básica será marxista, porém, vai se aproximar posteriormente das tradições mais estruturalistas e positivistas em suas análises. No Brasil, quem resgatará diálogos importantes na construção de seus trabalhos e na difusão da obra de Mannheim serão Marialice Foracchi (1965) com o trabalho intitulado “O estudante e a transformação da sociedade brasileira” sendo a pioneira nos estudos sobre juventudes, geração e análise de movimentações juvenis no país. Décadas após, outra autora socióloga, Wivian Weller (2005) tece interfaces com Mannheim e outros autores da região germânica e Europa oriental acerca da ideia de geração.

Ao retomarmos os pressupostos de Mannheim sobre geração, Weller (2005) vai nos apresentar que há alguns fatos fundamentais relativos à ideia de geração para o sociólogo. É importante o destaque acerca do pioneirismo de sua obra, por quê após seus trabalhos serão exercidos aproximações e afastamentos sobre e a partir de sua produção

científica. Com isso, pela base materialista de sua formação, o primeiro ponto evidenciado sobre geração é que a posição de classe difere de situação etária (aqui considerados como dados naturais e transição de uma para outra geração) e que nesta transição, há alguns elementos necessários para a observação: a) novos participantes do processo cultural – aqui compreendidos como pessoas que não são necessariamente novas em termos de idade, mas novas na entrada de algum circuito cultural em ebulição; b) desaparecimento de antigos participantes – processo de substituição do quadro pessoal e não do processo cultural ou acordos coletivos; c) membros geracionais participam de uma determinada linha histórica – subentendo aqui o reforço da ideia de continuidade e sequência (tradição) o que diálogo com a posição teórica de Augusto Comte, como apresento no quadro acima; d) necessidade de transmitir a herança cultural acumulada – ideia essa ainda associada com a necessidade de permanência e resguardo das tradições e “não morte” comunitária; e) a transição de uma para outra geração é um processo contínuo – aqui sinalizo a afirmativa permanente do autor como um processo transitório, porém, ligado por alicerces de identificação histórica e cultural entre os sujeitos.

Ao abordar sobre status de geração e geração enquanto realidade o autor evidencia que

(...) geração enquanto uma realidade apenas onde é criado um vínculo concreto entre os membros de uma geração, através da exposição deles aos sintomas sociais de um processo de desestabilização dinâmica (Mannheim, 1982, p.86)

Aqui há uma demarcação que é o ponto chave na obra de Mannheim sobre seu entendimento acerca de geração. Trata-se dos conceitos de geração real e de unidades de geração, conceitos díspares que sustentam toda a produção do autor. Para ele, a geração real é a possibilidade do vínculo concreto, da seguridade, da confiança, do reconhecimento no que se refere aos processos sociais e materiais.

Já o conceito de unidade de geração tem sua origem na relação de *habitat* dos sujeitos – localidade, território e família, e se interligam através de situações comuns ou existência de percursos que servem como linhas e agulhas a costurar essa unidade. O autor reconhece que mesmo tratando-se de unidade, há sempre impulsos, que sempre se dão na coletividade (e não na individualidade) e que toda unidade de geração é marcada por um estilo, uma forma, uma marca.

Nacionalmente, teremos referências clássicas que dialogam diretamente com as obras produzidas por Mannheim, em especial, os textos pioneiros de estudos sobre juventudes de Marialice Foracchi (1965), em especial, seu trabalho de doutoramento sob a supervisão de Florestan Fernandes. A tese intitulada “*Os estudantes e a transformação da sociedade brasileira*”⁵ lança seu desenvolvimento a partir das categorias já acima citadas do autor. Destaco que essa associação em sua análise também assume uma demarcação de perspectiva sociológica, associando a categorial jovem como essencialmente coletiva, especialmente por tratar-se de estudantes universitários.

Além disso, Foracchi (1965) já sinaliza que a força estudantil precisa de outras forças (movimentos sociais) para desencadear sua ação, e isso está muito atrelado aos conceitos de unidades produzidos por Mannheim. Sobre aspectos mais próximos a esta constituição do que é ser jovem universitário/estudante, retomaremos conceitos e análises de Foracchi em seções mais adiante neste trabalho.

Sob outro momento histórico e outra abordagem sociológica, temos na segunda metade do século XX as produções do sociólogo húngaro Ulrich Beck (1944), especialmente sua obra que rompe as análises sobre a sociedade e seu futuro, assim denominada “A sociedade do risco”, material base para análise de inúmeras categorias emergentes à época no campo da sociologia, como globalização, Terceiro Mundo⁶, finitude humana e sociedade capitalista.

Dentre estas categorias, Beck (1944) já sinaliza que é possível falarmos sobre uma *geração global*. A geração global para Beck se configura em pensar as dinâmicas globais atravessadas por um contexto de avanço das tecnologias e modo de produção capitalista que acentuam não só disparidades sociais e econômicas, mas, que dinamizam as percepções e lugares culturais, territoriais e de dignidade humana. Sob a égide de sua produção, as relações temporais e a formação do sujeito estão conectadas através de uma

⁵ A obra mencionada de Marialice Foracchi (1965) foi um marco em nível nacional para os estudos sobre juventudes e a universidade. Foi a primeira grande pesquisa que se preocupou com as relações sociais promovidas por jovens universitários para além dos seus perfis estatísticos. Ainda que o ponto principal de análise fosse as classes sociais, Foracchi inaugura uma nova possibilidade de olhar as juventudes como protagonistas e produtoras políticas e culturais.

⁶ O termo Terceiro Mundo (*Third World*) foi usado pela primeira vez no artigo intitulado “*Three Worlds, One Planet*” do economista e demógrafo francês Alfred Sauvy. A compreensão fatiada de mundo se dava pelo entendimento pós II Guerra Mundial de que para além dos blocos consolidados por URSS e EUA, havia territórios com políticas muito próprias, porém, dependentes dos blocos e países do considerado Primeiro Mundo (Eixo Norte). O termo não é mais utilizado, pois, reforça um posicionamento colonizador, imperialista e diminutivo dos povos de território africano, latino e caribenho, asiático e do Oriente Médio.

produção permanente e acelerada das relações materiais, do consumo e da escassez, e, por mais que não estejam todos sob a mesma assinatura cultural, estão todos ligados a uma estrutura social do risco. Destaco aqui a palavra risco, pois, é uma palavra que se incorpora ao dicionário teórico dos demais autores que irão abordar ou tentar categorizar o que seria e o que é ser jovem (diálogos produzidos mais adiante).

Porém, para o autor, estes riscos estão atrelados às novas facetas da modernização, especialmente as posições de classe e as posições de ameaça, ambas articuladas com a possibilidade de distribuição de suas forças produtivas e emprego delas, bem como a apropriação destas forças. O risco aqui é subentendido como sistêmico, porém, para o autor, são estes riscos que de alguma forma mobilizam os sujeitos nas novas relações sociais rumo à esta globalidade ou geração global.

Beck (1944) é uma referência básica para entender as dinâmicas geracionais e conjunturais a partir dos anos 1970, principalmente com as correlações globalizantes que se asseveram a partir dos anos 1990. Esse câmbio econômico, o fortalecimento do liberalismo e a entrada das juventudes a partir de movimentos que questionavam e que apoiavam essas novas configurações, estavam vivendo sob o risco.

Para a tese apresentada na introdução, o **risco** aqui não é uma categoria necessariamente próxima do medo, mas, **o risco é uma categoria que invoca a prevenção e blindagem a tudo aquilo que é considerado perigoso**. Como mais se aprofundam as dimensões capitalistas, a nova comunicação global e as interseções culturais e políticas, a mudança convida o novo, o novo evidencia os riscos e arrisca o medo social de transformações de estruturas já consolidadas, o que pode incitar a preservação ou a incorporação das dinâmicas em nossos cotidianos, em nossas vidas.

Beck (1944) também nos abasteceu com escritos sobre as tecnologias do século XX, principalmente na segunda metade, em que, o avanço incessante da produção capitalista a partir das tecnologias e determinados acessos comunicativos em nível global, evidenciam que as tecnologias nos fazem. Elas agora são indispensáveis para a entrada do circuito econômico baseados no consumo e na *cybercultura*, logo, elemento indispensável para a análise das novas dinâmicas das relações sociais.

Tanto Mannheim como Beck abordam sobre a capacidade histórica que os sujeitos possuem de acordo com as suas experiências e possibilidades materiais/formativas de se aproximarem em torno de similitudes, mas, também de se afastar, pois a ideologia está

para além das gerações. Mas, a possibilidade apresentada por Mannheim de geração, especialmente a capacidade de resgate, memória e fundamento familiar/comunitário pode estar articulado, por exemplo, pelas instituições sociais como família, igreja e Estado, na contribuição de que aspectos da ideologia conservadora sustentem sua filosofia política através dos séculos, o que aqui posso chamar de tradição. A tradição conservadora é nutrida geracionalmente, passando por mudanças, que, de acordo com Ulrich Beck, cingem elementos do real que não abandonam o passado, mas, sustentam a atmosfera passada para os seus projetos futuros.

Entender este atravessamento histórico do conservadorismo e suas aproximações com as juventudes é uma possibilidade de entender as juventudes em suas pluralidades e como elas também são capazes de sustentar projetos societários conservadores a partir de suas experiências geracionais, atuando como protagonistas históricas, mas também como alvo de um processo informativo padronizado e técnico.

Para isso, compreendemos que no campo da dimensão política e coletiva das juventudes, os estereótipos juvenis precisam ser repensados e as histórias de experiências políticas juvenis históricas revisitadas. Evidenciar as juventudes como constituições históricas alicerçadas no conservadorismo é um desafio de pesquisa que rumo o nosso olhar para outros aspectos, especialmente políticos, da construção do sujeito juvenil e que, o não abandono e fortalecimento do espectro conservador não surge pela espontaneidade, mas pelas tensões promovidas em sua existência histórica.

2.3 Elementos históricos sobre o *ser jovem* ocidental

Assim como a História não é única, não é fincada e nem escrita por uma só mão. A categoria juventude necessita ser encarada em sua complexidade. Nesta subseção dialogamos com um ideário de construção juvenil ocidental e europeu e que também vem nas caravelas colonizadoras, a ser instituído vagarosamente e eficazmente em nosso solo, a partir da produção teórica de Pierre Bourdieu, José Machado Pais, Kustrín e José Ridenti. Em um segundo momento, me esforço em evidenciar juventudes outras. Com esse incômodo leve de início, anunciamos que tratamos as representações desde juventudes e não da juventude única ao longo deste trabalho, pela própria inexistência unilateral, unívoca e limitada desta.

Inicialmente, convoco um diálogo com Pierre Bourdieu (1983) sobre as percepções históricas e sociológicas que esta ideia do que é ser jovem carrega ao longo

da história ocidental. Bourdieu realiza um passeio histórico sobre como as juventudes vão sendo encaradas pela sociedade e aborda inicialmente todo um ideário e cenário florenciano no qual as juventudes serão visualizadas, pois é nesta região de Toscana, na Itália, que outro movimento vai promover mudanças profundas para mundo à época: o Renascimento.

Para tratar da juventude Bourdieu argumenta que as divisões entre idades são arbitrárias (1983, p. 1). Acrescenta o autor que essa linha divisória entre juventude e velhice é fruto de tensões e de disputa nos diferentes períodos históricos. Para explicar essa disputa apresenta exemplos das concepções de juventude em diferentes períodos históricos. Explica o autor

alguns anos li um artigo sobre as relações entre os jovens e os notáveis na Florença do século XVI que mostrava que os velhos propunham aos jovens uma ideologia da virilidade, da virtú e da violência, o que era uma maneira de se reservar a sabedoria, isto é, o poder: Da mesma forma, Georges Ouby mostra bem como, na Idade Média, os limites da juventude eram objeto de manipulação por parte dos detentores do patrimônio, cujo objetivo era manter em estado de juventude, isto é, de irresponsabilidade, os jovens nobres que poderiam pretender à sucessão (BOURDIEU, 1983, p. 2).

Com isso, Bourdieu (1983) identifica um perfil sendo elaborado em planilha social para este sujeito jovem, que na antiguidade deveria ser viril, violento, vívido e possuidor da *virtú* (virtuoso). Na idade média o que separava o jovem do adulto era a ideia da juventude como período da irresponsabilidade em relação aos jovens nobres, que somente poderiam ter direito a sucessão do patrimônio. Uma importante observação, é que este sujeito jovem deve ser homem e ativo na constituição da vida pública, nada diferente do que podemos observar em uma totalidade masculina no protagonismo do movimento renascentista, visto que a maioria dos artistas, cientistas e literatos neste período eram homens.

Seguindo a dinâmica do movimento, esse ideário juvenil retorna às origens da filosofia grega e da produção da/na pólis, sociedade esta que milenarmente tem marcas muitas estratificadas de respeito e produção de estereótipos etários, amor, família, ambição/ascensão e classe. Para Bourdieu, é nessa combustão, em especial etária (divisão de jovens-velhos) que a ideia de juventude vai ser maturada, como o próprio autor menciona “juventude e velhice não são dados, mas, construídos socialmente na luta entre jovens e velhos”. Ele explica que as classificações por idade, por sexo, por classe

construídas pela sociedade em uma determinada época, impõem os limites e o lugar de cada um na sociedade (BOURDIEU, 1983). Portanto, o autor enfatiza que a juventude é uma categoria relacional. O autor ainda chega a mencionar a concepção de adolescência sinalizando que os sujeitos adolescentes, até então sem espaço social e acolhimento, são sujeitos *no man's land*, que em sua tradução literal é homem “sem terra”, sem lugar.

Dialogando com outros autores para além de Bourdieu,

Desde a Grécia antiga até o século V, as raízes filosóficas tinham suas âncoras em Homero, Sócrates, Platão e Aristóteles. Neste período, a vida era organizada em função do efebo, mas, segundo Ortega y Gasset (1987), apresentava-se como modelo a ser seguido a figura do homem maduro que educa e dirige. Na Roma antiga, que tem início em 753 a.C., com a fundação de Roma, até por volta do século V, os estudiosos eram Lucrécio, Cícero, Sêneca e Quintiliano. E, no governo de Augusto, os meninos de 16 anos eram inseridos em uma classe denominada “príncipes da juventude”. Por volta do século VI e VII, na idade média, as delimitações começavam a assumir características etárias, definidas como: infância (de 0 a 7 anos), puberdade (de 8 a 13 anos), adolescência (de 14 a 21 anos) e juventude (de 22 a 30anos). Uma consideração importante trata do fato de que, apenas aos 40 anos, os homens podiam participar dos cargos políticos, porque esta idade representava o fim da idade dos perigos. A partir do século XVIII, com J. J. Rousseau, começa a surgir, então, uma visão mais sociológica da juventude, e a principal característica atribuída aos jovens, neste período, é, segundo Ortega y Gasset (1987), identificada em uma figura que somente 1 Rapaz que atingiu a puberdade, homem jovem, mancebo. (Dicionário Aurélio) executa as velhas ideias implantadas pelos adultos, afirmando não “(...) a sua juventude, mas princípios recebidos” (p.119). Somente ao fim do século XIX, surge, nas classes burguesas o termo adolescência, como o resultado de uma sociedade capitalista e industrializada, com a intenção de demarcar o início da segunda infância, definindo a idade para além dos 13 anos. Esta sociedade caracterizou uma juventude que almeja a maturidade precoce, chegando a envergonhar-se de sua condição juvenil. (Guimarães; Grispun, 2008, p. 1,2).

As autoras Gilselene Guimarães e Miriã Grispun (2008) exibem um elemento transitório ou inexistente que os sujeitos a partir dos treze anos de idade assumiam frente à vida pública grega, principalmente com os *efebos* e a prática de *efebia*. Os efebos eram estes sujeitos que saíam da tutela específica familiar/materna para uma tutela externa, sob a ótica e orientação de um mestre, sendo o ingresso destes meninos realizado no espaço do *gymnasium*.

Conforme as autoras, a tutela partia do princípio de subordinação e obediência às normas da vida na pólis, à formação do corpo físico e da mente e a incorporação das atribuições da fase adulta. Essa relação que compreendo aqui como de dominação, se

espraiava para outras dimensões, incluindo o abuso sexual de inúmeros jovens cotidianamente por parte de seus mestres.

Outro elemento, é que os sujeitos que estavam nessa “fase” tem uma funcionalidade e participação nos espaços formativos oficiais, neste caso, o *gymnasium*. É como se as relações juvenis também estivessem marcadas na história europeia pela capacidade formativa e de aprendizagem que estes sujeitos têm, e isso as autoras nos ajudam a entender, quando resgatam um elemento simbólico/religioso da cultura específica à época.

Na clássica sociedade greco-romana, as tradições culturais destacam a figura da deusa grega Juventa, que era invocada durante a cerimônia que oficializava a troca da roupa simples dos mancebos pela clássica toga, como indicativo de ingresso na vida adulta. De acordo com a cultura desta sociedade, a deusa Juventa simbolizava uma abstração, um mito criado para justificar mudanças ocorridas ao longo dos séculos. Portanto, nesse sentido, alguns estudiosos arriscam-se a dizer que a juventude é uma invenção da sociedade e limitam-se a distinguir somente as fases da infância, da vida adulta e da velhice. (Guimarães, Grispun, 2008, p.4)

Este contraponto histórico apresentado pelas autoras me convida a pensar, por exemplo, uma articulação ao processo formativo universitário padronizado que temos nos dias de hoje. A tomada do canudo, do diploma, as cerimônias não laicas que sacramentam o processo universitário, a participação da família e a transição para uma “possível autonomia” do sujeito, agora enquanto profissional/trabalhador capacitado. É como se a juventude, mesmo sem ser chamada como tal, fosse um período de experiências adultas para vir ser algo, ser alguém, e neste caso, os espaços institucionais formativos são aqueles que legitimam essa juventude historicamente. As autoras também contribuem na apresentação de um debate acerca das concepções que o campo da psicologia e das ciências sociais nos evidencia sobre o que seria juventude.

O primeiro campo científico se aproxima da categoria adolescente e apropria-se do termo que será utilizado de forma mais profunda pelo psicólogo G. Stanley Hall no ano de 1904. Já o termo juventudes será massificado nos estudos sociais, e que irá percorrer a antropologia, história, sociologia, geografia e educação, como as autoras também sinalizam.

Porém, é em outra interface estabelecida pelas autoras com Bourdieu, que mais um elemento se evidencia para nos aproximarmos da elaboração inicial do que seria

juventude. A ideia de *manipulação social* faz parte, segundo o autor, da construção do ideário adulto na produção do que é e deve ser o jovem. Com isso, o pensamento bourdieuano contribui para esta concepção quando as autoras destacam que

(...) Bourdieu (1983) discute este problema, evidenciando a existência de uma manipulação social, denunciando que a proposta para estudar e investigar a categoria jovem esteja vinculada a priorização de uma definida “unidade social”, ou seja, “(...) um grupo constituído dotado de interesses comuns” (Guimarães; Grispun, 2008, p.8)

Ou seja, há uma preocupação dos novos estudos em entender que há uma pluralidade ao falar de juventudes, e que principalmente há elementos de unidade nesse discurso analítico. Bourdieu será um autor no campo das ciências sociais, que no século XX percorre inicialmente os aspectos sociológicos sobre a inserção do sujeito na esfera social e quais as representações para ele frente ao sistema estrutural (capitalismo) no qual ele estava inserido. Ele traz no texto a juventude é apenas uma palavra a perspectiva relacional da categoria, cuja relação para ocorre a partir das classes sociais: estudantes burgueses e estudantes trabalhadores. Margulis por exemplo escreve Juventude é mais que uma palavra para trazer à tona que a categoria pode ser atravessada pelas questões de classe social, gênero, raça, etc.

Ainda no terreno da história das juventudes, outro material que nos dá pistas para entender esses movimentos é o artigo clássico de Sandra Souto Kustrín (2007) material este que situa os lugares (ou não lugares) das juventudes frente a produção histórica e teórica.

pode-se traçar a existência de grupos de jovens a partir de considerações de idade desde as sociedades primitivas até as primeiras civilizações da Antiguidade, como Grécia e Roma, ou analisar a existência de ideias ou modelos sobre as "idades do homem" desde o Baixo Império Romano. O papel dos jovens também tem sido destacado por considerações de idade em diferentes processos históricos, desde a revolução francesa até a revolução de 1848 na Áustria, mas há uma tendência a considerar que a juventude como grupo social definido não ganhou importância até a modernidade. As sociedades europeias pré-industrializadas não faziam uma distinção clara entre a infância e outras fases da vida pré-adulta: na Idade Média e no início da Idade Moderna, e por muito mais tempo entre as classes populares, a partir dos sete “crianças” entraram subitamente a grande comunidade dos homens. (Kustrín, 2007, p.2)

A autora apresenta o surgimento da juventude como um grupo social que tem marcas muito evidentes nas experiências da antiguidade do Baixo Império Romano, onde

a cisão etária se estratificava a partir da “existência das idades dos homens”, e que essa relação etária se acentua com o processo de institucionalização da vida social.

Assim como em 1848 há uma participação efetiva do que se compreendia por juventude no período da Revolução Francesa e na contestação de algumas instituições (Igreja e Estado), na Idade Média e início da Era Moderna também será perceptível o avanço destes sujeitos na participação mais ativa dos processos de ressignificação e mudança do mundo do trabalho e principalmente das famílias monogâmicas. A autora ainda evidencia que neste período, a maturação social tinha início aos 7 anos de idade (lembramos que as crianças eram consideradas adultos em miniatura) e que a adolescência, na era moderna, situava-se entre os 21 e 28 anos de idade. Já os jovens-adultos tinham sua idade magna entre 40 e 50 anos.

Outro elemento de destaque que Kustrín (2007) elucida, é que, por mais que os conceitos sobre juventudes não estivessem sendo discutidos ou categorizados, o “fenômeno juvenil” sempre existiu, e com muita importância para as sociedades, principalmente por caracterizar uma fase difícil, de transição e sobretudo de atenção comunitária para com estes sujeitos. Ou seja, a relação presente juvenil sempre se baseava no futuro, não individual, mas coletivo daquelas sociedades.

Algumas ideias-força seguem acompanhando a lógica greco-florência até o fim do século XIX, em especial, a carga de valores que os jovens deveriam assumir como a honra, a solidariedade e o matrimônio precoce, pois, estes eram fatores de integração social visíveis pelo universo adulto como necessários para a conclusão dessa fase. Todavia, as movimentações históricas envolviam todas as parcelas da população, e não apenas os sujeitos juvenis. Kustrín (2007) remonta que nessa história

Entre os fatores que favoreceram o desenvolvimento da juventude como faixa etária bem definida, destacam-se a regulação do acesso ao mercado de trabalho e as condições de trabalho de crianças e adolescentes; o estabelecimento de um período de escolaridade obrigatória que se alargou ao longo do tempo e se tornou cada vez mais importante para garantir o acesso ao trabalho e a manutenção do estatuto social; a criação de “exércitos nacionais” através do serviço militar obrigatório; ou a regulamentação do direito de voto. Esses processos separaram os jovens da economia tradicional e familiar e de sua dependência das leis da herança, ao mesmo tempo em que distinguiam – pela idade – crianças de adultos capazes de trabalhar ou fazer uma escolha política consciente. (Kustrín, 2007, p.3)

A efetivação mais acelerada do projeto de sujeito moderno, trabalhador, normatizado pelas instituições sociais, regido pelo aparelho estatal, condicionado às normas do capital, limitado ao processo de escolarização cingido pela luta de classes e pelo pouco acesso à universidade são marcas que delimitam de uma vez por todas qual o lugar desses jovens na sociedade. Marca severamente todas as condições juvenis.

A autora cita o exemplo de jovens que, ao frequentarem instituições universitárias recebiam “declarações simbólicas de maturidade”, logo, a validação destes processos juvenis estava condicionada à sobrevivência destes jovens às novas condutas demarcadas economicamente.

Portanto, a modernização cria um espectro sobre o que é e como esse jovem deve ser, todavia, em movimento não tão duplo, a modernização também contribui na autonomia e mobilidade juvenil, pois, acentua-se a relação de demandas estruturais, bem como as responsabilidades individuais que o sistema requer.

O alicerce da compreensão sobre juventudes demarcado pelo avanço do capitalismo bem como o aprofundamento da sociedade de classes expõe uma faceta cruel deste processo. A ideia de juventude como ação institucional de análise e preocupação social advém das inquietudes da classe dominante para com a “precocidade natural” dos jovens da classe trabalhadora, logo, enxergando-os como um problema. Por isso que ao enunciar o termo juventudes na transição dos séculos XIX e XX, a posição assistencialista e caridosa da burguesia entrava em ação para “dar conta” das movimentações juvenis pobres, delinquentes e sem produtividade para os novos centros urbanos.

Entretanto, são nos diálogos com José Machado Pais (1990) que reflete junto a Bourdieu, como se deu o processo de construção sociológica da juventude. Talvez, o primeiro elemento seja demarcar a construção sociológica desta categoria, pois, para Pais, a sociologia foi importantíssima para cingir o que entendemos hoje por juventude. Pais critica a cisão das análises das juventudes.

No livro *Culturas juvenis* ele traz os argumentos de que a categoria juventude é um paradoxo, construído pela sociologia. Apresenta os estudos que tratam da juventude como classe social, por um lado, e outros que tratam a juventude a partir da categoria geração. Como o autor desenvolve a perspectiva teórica do estudo do cotidiano, a partir da etnografia e propõe no livro que não se deve tratar juventude a partir das categorias

teóricas de cima para baixo, mas estudar os jovens, as culturas juvenis, a partir de onde transitam, de seus espaços sociais.

O autor traz uma análise crítica dessa perspectiva de entendimento da categoria juventude como algo linear e não plural. A crítica apresentada por Pais nos é cara, pois, o avanço na compreensão das dimensões plurais na constituição das juventudes se encorpa nos estudos sociais. Ainda que ele mire em duas possibilidades (tendências) nota-se que há um protagonismo e uma singularidade das condições juvenis já anunciada em sua obra.

Pais (1990) identifica duas tendências que operam na demarcação da compreensão de juventude: a) seria um conjunto social em uma fase da vida; b) conjunto social, diversificado e com culturas juvenis, logo, plurais e não tão demarcadas, mas, com elementos em comum. Além disso, nessa disputa de “fases da vida” a juventude surge como “a fase instável” e marcada por problemas sociais. Logo, subentendo que seguindo a lógica totalizante, todos os sujeitos jovens são problemáticos e, por estarem neste processo de instabilidade, não são, mas virão a ser algo/alguém. Essa sua inserção precisa explicar melhor o ponto de vista do autor sobre estudar as juventudes no cotidiano.

Esta relação está ligada diretamente ao processo de mudanças sociais e econômicas na Europa, em especial nos séculos XX e XXI, pois, de acordo com Pais (1990) há três movimentos históricos que contribuem para a demarcação do que é juventude. O primeiro é que as dinâmicas do trabalho, da produção e da constituição econômica familiar está mudando de forma muito abrupta, logo, a relação com o trabalho e a urgência da estabilidade financeira são demarcadores deste processo.

O segundo movimento são as variantes da vida sexual destes sujeitos juvenis – os construtos afeto-sexuais, que vão desde o não matrimônio, até o processo de “naturalização” das uniões livres, sem consentimento religioso ou regulação estatal, e a práticas mais publicizadas de abortos, por exemplo. E o terceiro e último movimento seria a consolidação da ideia de juventude marginal e delinquente, que é um ideário sustentado fortemente até os anos 1950/1960.

Portanto, podemos afirmar que a ideia de juventude é mutável e revisita a História (bem como também é revisitada) há séculos. Porém, corroborando com o que Pais sinaliza, nos dois últimos séculos o reconhecimento social da existência de jovens como sujeitos de direito foi ganhando uma legitimidade e expressão cotidiana bem maior

também neste período. Pais (1990) ainda destaca que as movimentações políticas como rebeliões, revoluções, crises econômicas e movimentações sociais em todo o globo contribuíram para que tudo isso também acelerasse a “inclusão” deste novo agrupamento social.

Estas juventudes também foram responsáveis de forma mais nítida e escancarada, por rupturas e constituição de uma crise de valores nos anos 1960, bem como, ter ocupado a linha de frente na promoção do conflito de gerações promovendo os principais debates sobre política a partir da segunda metade do século XX, acampando os terrenos considerados revolucionários e também os reacionários.

2.4 Transitórios e rebeldes? – a demarcação da categoria juventudes e seus estereótipos no século XX

Percebemos que os diálogos construídos na primeira subseção caminham sempre para o cenário de transição do século XIX e XX como marcos para a definição do que seria juventudes para os grupos que estão no poder em diferentes momentos históricos. Não esqueçamos também que neste mesmo período histórico, acelera-se os processos tecnológicos em detrimento da nova aposta de sociabilidade econômica e modo de produção: o capitalismo. Além disso, temos na ponteira desta produção, os países que agora não são apenas conhecidos como “Velho Mundo”, mas, que de acordo com o seu passado não tão distante enquanto colonizadores e escravocratas, conseguem avançar os seus projetos de dominação, e neste processo, podemos afirmar inicialmente que se há outras juventudes, neste processo de estruturação do capital e da nova economia global, existem juventudes que não farão parte do êxito e do “progresso” deste novo cenário global.

Com o intuito de dialogar sobre estes aspectos, Hamilcar Silveira Dantas Junior (2008) tece elementos de como a representação de juventude passa pouco a pouco a assumir uma centralidade e uma evidência maiores no começo do século XX, inclusive ao afirmar que a juventude se torna o centro da história na modernidade.

Dantas Junior (2008) também destaca como que as outras idades/gerações vão incorporar os discursos, a estética e a necessidade permanente em afirmar-se jovem, sendo esta, talvez, uma das marcas mais nítidas e históricas do simbolismo da juventude ocidentalesca: a *força* e a *virilidade*. Todavia, essas duas marcas irão se incorporar a um novo adjetivo juvenil: ser rebelde.

Portanto, o autor ao convidar para o diálogo Guy Debord (1967) autor da teoria da sociedade do espetáculo⁷, com a sina de aproximar esta proposta de “espetacularização” da vida social, frente ao consumo e sobrevivência humanas, do que se pode ter e do que se é. A estes movimentos, Dantas Júnior (2008) subentende que o que importava neste início de século era o **ser, estar e sentir-se jovem**, e estes sentimentos também são decorrentes da nova ordem social econômica e suas subjetivações. O autor identifica como essa relação econômica delinea este processo

A razão instrumental que sustenta o mundo do capital não titubeou em canalizar aos seus interesses este movimento. Para o trabalhador e consumidor da vida moderna, os bombardeios publicitários instituíram um "capital-juventude", que produzia uma inovação estética na qual a tônica era: "é proibido envelhecer". A estética designa o conhecimento sensível ou a mediação entre a sensualidade subjetiva e o objeto sensual. Posta então no círculo do capital, a estética realiza o valor de troca agregado à mercadoria, impulsionando o desejo de possuí-la. Como imergíamos no estágio de indiferenciação entre homens e coisas, se não se comprava a mercadoria, almejava-se sê-la. (Dantas Júnior, 2008, p.7)

Entendo a afirmativa do autor como a aplicação de novos requisitos sociais para sobreviver e ser aceito na sociabilidade do século XX, principalmente quando se afirma que é “proibido envelhecer”. Também compreendo que nessa perspectiva considera-se que a velhice não te torna mais sábio, mas sim improdutivo e descartável na sociedade capitalista. Logo, em um percurso brutal sobre definições de quem tem vida, e vida saudável, a juventude também consegue ocupar o seu lugar para além da delinquência adjetivada no fim do século XIX, e com isso, juventude não é só transição, mas o “final do pleno desenvolvimento humano”, como afirma o autor.

Porém, as dinâmicas econômicas de dominação e seus inúmeros aspectos, desencadeiam tensões globais, principalmente frente à hegemonia cultural estadunidense que têm sua primazia pós-crise de 1929, especialmente no período pós Primeira Guerra Mundial – I GM, na qual, inclusive, seus protagonistas recrutados ao campo brutal de defesa da briga entre potências, eram os corpos juvenis.

⁷ Guy Debord foi um autor marxista que desenvolveu a teoria da *Sociedade do Espetáculo* em um livro do mesmo título (1964). Em sumo, a espetacularização da vida social dentro da perspectiva do cineasta situacionista era de que a vida do pobre é fragmentária dentro do circuito do capital e que o espetáculo (a cultura) pode oferecer integridade e promover sentidos à classe trabalhadora, sobretudo a partir das culturas populares e seus reconhecimentos.

A hegemonia pós-guerra dos Estados Unidos da América cria não só um padrão estético de ser social, mas, um modelo de vida, de rotina, de educação e também do *ser jovem*. Orbitam este modelo todas as nações derrotadas e os países colonizados da periferia do capitalismo, que mais adiante serão aproximados ao que será chamado de Terceiro Mundo.

Este cenário imerso em contradições é importante na constituição deste trabalho. A vitalidade, inteligência e capacidade criativa e produtiva atrelada à imagem do jovem é atravessada por uma rivalidade e barbárie vivenciada à época. É um período de inúmeras cisões internacionais e principalmente de demarcações políticas, ideológicas e econômicas, pois, as guerras estavam sendo travadas enquanto processos considerados revolucionários também estão a todo vapor, em especial no Leste Europeu, Oriente Médio e África, sendo em 1917 a deflagração do processo arrastado há anos da Revolução Russa.

O que destaco aqui, é que neste conflito ideo-político travado pelos novos trabalhadores, pela nova juventude, por mais que o ideário revolucionário fosse se acentuando, principalmente pós primeira guerra, esta hegemonia simbólica do jovem revolucionário não está inicialmente atrelada à uma fugira de transposição da ordem, e sim, como símbolo potente para o progresso dos países. Com isso, o jovem também foi o cartão postal da vitalidade de regimes totalitários e conservadores – vide o terreno fértil que se tornou as décadas de 1930 a 1960 de regimes ditatoriais em todo o globo, em interface com o que Dantas Júnior (2008) expõe.

Com isso, temos um terreno fértil de novas produções de representações juvenis. Um terreno cravejado pelas balas das guerras, revoltas, revoluções, golpes, atentados. Um terreno de experiências tecnológicas novas que vão desde a redefinição do fordismo como modelo de produção industrial até a construção científica nuclear, que para fins políticos e econômicos, aplica sua experiência catastrófica em Hiroshima e Nagasaki (em 6 e 9 de agosto de 1945 respectivamente). Um terreno em que o adubo principal era a incerteza que a produtividade e disputa armamentista suscitava em todos.

Neste terreno, também é colhido (ou deixado) o que é descartável, ou que talvez, sirva como base de exploração para outros. Argumento aqui especificamente da demarcação geográfica sobre o que seria o Terceiro Mundo, que se torna o cenário explosivo das mudanças e contestações a partir dos anos 1950. Ainda dialogando com Dantas Júnior (2008), o autor reconhece muitos processos de constituição revolucionária

neste período, em torno do globo e nos países que ocupam o “Primeiro Mundo”, porém, discordamos quando o autor denomina de terrorismo alguns processos revolucionários ou insurrecionistas, especialmente no Terceiro Mundo, talvez, sob uma ótica inicial minha, este tipo de enunciado reforça ainda mais os estereótipos sobre os povos do Oriente Médio e da África em especial.

Todavia, o autor nos chama a atenção que há uma necessidade do Primeiro Mundo levar para os demais territórios suas novas imposições econômicas, instituir a nova divisão internacional do trabalho e carregar em suas bagagens imperialistas a obrigação de ser jovem, mas, não qualquer jovem, e sim, o jovem que é fetichizado e serve como produtor e produto neste circuito de mercadorias baseadas no loiro *blond* hollywoodiano, no consumo da Coca Cola, na audiência musical e cinematográfica dos EUA e da ideia de sujeito descolado, aberto à novas possibilidades (sendo a possibilidade estratificada e estampada na cara das juventudes do então denominado Terceiro Mundo).

O autor aqui em diálogo, menciona um fato que constitui uma bilateralidade bem interessante nos anos 1950. Com o avanço das polarizações globais, em especial, o avanço do capitalismo e inúmeras contestações socialistas no mesmo período, o mesmo realiza uma comparação entre duas figuras destes dois campos divergentes: a figura do jovem político e presidente dos EUA John Kennedy e a figura de outro jovem líder político, Ernesto Che Guevara, médico argentino e guerrilheiro no processo revolucionário em Cuba.

O contraponto apresentado entre os dois é interessante, pois, enquanto Kennedy é a nova sensação estadunidense, com uma visão promissora, sendo ele a representação da juventude universitária e democrata, a qual se dispunha a dialogar com os “novos setores políticos”, porém, no auge de sua juventude e maturidade política é assassinado em 22 de novembro de 1963 na cidade de Dallas, estado do Texas. Guevara será um símbolo sobretudo, de contestação ao imperialismo dos EUA, será encarado por muitos como a esperança juvenil latino-caribenha e está na popularidade global dos assuntos políticos.

Porém, Kennedy não será estampado e fetichizado tal como Guevara foi. O marketing político que o próprio sistema sustenta durante a vida de um dos líderes da revolução cubana, também é póstumo. Lucrar em cima de boinas, camisetas, bottons e cadernos que invocavam a sua imagem e as simbologias daquele contexto também era

servil ao sistema à época. Era sobre essa juventude consumista, porém não revolucionária, que as contradições do sistema vão se afunilar.

Neste sentido o professor Marcelo Ridenti (2018) identifica um marco temporal que não se limita à data de um acontecimento específico, mas expõe o ano de 1968 como o de estopim de inúmeros debates e anseios juvenis que se corporificam coletivamente de forma mais demarcada. Ao rememorar especialmente uma juventude que se organiza a partir das pautas educacionais – movimentos estudantis, o autor retoma algumas experiências de jovens estudantes que foram motrizes junto a outros movimentos de contestação neste mesmo ano, como o Maio de 1968 em Paris, França, cuja a participação estudantil universitária foi essencial para a sua eficácia e visibilidade, em que aqui dou destaque ao movimento situacionista, a Primavera de Praga em 5 de janeiro do mesmo ano, que mobilizou a juventude comunista na antiga Tchecoslováquia, qual Eslováquia, e, as mobilizações estudantis no México, Japão e Brasil que sofreram duras repressões do aparelho coercitivo militar do Estado à época, sendo para autor, o ano de 1968 como o “ano da rebeldia”.

Explica o autor que, por mais “rebelde” que o ideário de juventude estivesse se alicerçando, as contradições e disputas também se atenuavam. Neste sentido, se uma parcela da juventude participa e se inspira em processos revolucionários considerados de esquerda, socialistas ou radicais, outra parcela reivindica a sustentação de “possível ordem” em meio ao caos. Desde as denúncias dos crimes de Stálin em 1956 por parte de membros da juventude e do partido bolchevique, ao fim da Guerra do Vietnã, capitaneada pelos EUA, porém com decadência após anos de resistência no ano de 1975, bem como a consolidação da Revolução Cubana em 1959, esta por sua vez sendo um referencial à juventude latina e que pauta as políticas comunistas no mundo. Todavia, como salienta o autor, há movimentações juvenis que são parceiras nos processos de golpes estatais, e isso inclui o campo latino americano como um dos principais cenários de desenvolvimento de ditaduras militares e econômicas, como o processo que levou a derrubada de Allende em 1973 no Chile.

Destacamos que as movimentações estudantis e juvenis não estavam dissolutas de outras pautas, muito pelo contrário. Toda as movimentações que tinham os jovens em seu protagonismo, estavam em diálogo permanente com outros movimentos sociais que também estavam em ascensão no mesmo período. Como Ridenti (2018) afirma, a

contestação contra os regimes totalitários percorria os movimentos estudantis, os movimentos operários e os movimentos de agitação cultural.

A ideia e estereótipo foi tão forte, que no Brasil, os anos de 1960 e 1970 foram considerados os “Anos Rebeldes”. Na segunda metade do século XX, o Brasil que também enfrentava uma ditadura militar desde o ano de 1964, já trazia marcas juvenis que dialogam com as dinâmicas globais, como por exemplo, o processo de urbanização acelerada e o crescente êxodo populacional em nosso território; a construção da cidade Brasília como projeto de cartão postal mundial do país no que tange à modernidade e progresso econômico e junto à isso a centralidade do poder político e a reorganização da dominações políticas do país, que, serão sublinhadas pelo regime militar com o aprofundamento da censura em 1968, ano de implantação do Ato Institucional de n. 5 – AI 5 e o fim da experiência de guerrilha armada⁸ do Araguaia em 1974, na qual grande parte de sua base era de jovens estudantes vinculados ao Partido Comunista do Brasil – PCdoB.

Com o movimento estudantil em evidência, as juventudes engajadas politicamente agora passam a serem não só o centro das mobilidades culturais e sociais no mundo, mas, ligam o alerta dos governos do bloco capitalista e que assumem posturas ditatoriais. A perseguição se torna mais corriqueira e eficaz. Ser estudante e jovem no Brasil é para ficar de “orelha em pé”. Ser jovem é ter potência, ao mesmo tempo que pode ser uma ameaça.

Esta ameaça que a juventude estudantil brasileira aparentou ter e ser nas décadas de 1960 e 1970, passa por um episódio que muda completamente a posição e as estratégias de luta e organização da juventude nacionalmente. Ridenti (2018) rememora o assassinato do estudante paraense e secundarista Edson Luís de Lima Souto (Edson Luís), morto pelo aspirante Aloísio Raposo da Polícia Militar do Rio de Janeiro, dentro do Calabouço (restaurante que pertencia ao Instituto Cooperativo de Ensino) local onde Edson Luís estudava, no centro da cidade do Rio de Janeiro. No intuito de dispersar uma mobilização estudantil, os policiais entraram no Calabouço com máxima coerção, que resultou além

⁸ De acordo com Izabel Silva (2006) o contingente de lutas armadas se alastrava por toda a América Latina e com participação juvenil e estudantil ativa e combativa contra os regimes ditatoriais em vigência à época.

deste assassinato, o assassinato do também estudante Benedito Frazão Dutra, que mesmo com auxílio médico no hospital, não resistiu.

Este episódio desencadeou inúmeras revoltas estudantis no país, e doravante, aprofundou a perseguição e censura para com os movimentos sociais que se aproximavam de uma perspectiva de esquerda. Concomitante à toda essa atmosfera, o mundo também ficava através da mídia, em especial, todo um apanhado estético dessas ações juvenis. Aqui no Brasil, o emblema juvenil era retratado desde as músicas e influências do *rock and roll* estadunidense do grupo artístico *Jovem Guarda*⁹ até os cenários mais alternativos, de influência latina sonora, como os *Novos Baianos* e *Doces Bárbaros* no espectro do que será denominado de movimento Tropicalista.

Com o avanço da tecnologia e do mercado televisivos no país e no mundo, a produção de programas, de festivais de música, de telenovelas e seriados também pautavam o cenário conturbado da política e das ações culturais que estavam sendo desenvolvidas, sem contar que a grande mídia nacional, por exemplo, também estava alinhada com o governo à época, o que contribuía muito e contribui até os dias de hoje. Como assinala Dantas Júnior (2008) as “vedetes¹⁰ do espetáculo” foram úteis na construção dos perfis homogêneos de jovens no país, em que ao mesmo tempo que o consagrava através da publicidade artística, por trás das cortinas deste palco as ruas, escolas e universidades estavam sob total vigilância para com estes.

País que vai da juventude do compositor e cantor baiano Raul Seixas considerado um contestador do regime até a admiração do então porta-voz do jovem feliz, sedutor e romântico Roberto Carlos, que optou pelos inúmeros silêncios à época frente ao processo ditatorial. Porém, quais as marcas juvenis que ficaram deste período tão contraditório globalmente e nacionalmente? A juventude será que permanece sob a áurea da rebeldia? Na tentativa de nos aproximarmos do nosso período histórico, a próxima subseção dispõe de diálogos sobre estas dinâmicas. As juventudes que se engajam socialmente são apenas aquelas voltadas à luta por transformações sociais?

⁹ A Jovem Guarda foi um movimento cultural e musical brasileiro que teve seu auge a partir dos anos 1965 com o programa de mesmo nome. Gravado no Teatro da TV Record e liderado pelos jovens cantores Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, o movimento populariza-se pela utilização de um novíssimo meio de comunicação à época (TV) e como espelho do ideário *Rock and Roll* estadunidense.

¹⁰ O termo em sua etimologia significa “pessoa de destaque”, mas, se popularizou a partir do Teatro de Revista, que nos anos 1940 e 1950 hipersexualizava o corpo feminino. Porém, a difusão do termo se consolidou a partir da nomeação que o apresentador de televisão Abelardo Barbosa (Chacrinha) utilizava ao se referir às dançarinas de seu show entre 1982-1988 (vedetes ou chacetes).

2.5 1980-2020 - juventudes *hightech* e movimentações globais

Nas últimas quatro décadas, especialmente após as grandes movimentações sociais dos anos 1960, as dinâmicas globais se intensificaram e os contextos territoriais também se adornaram de tensões políticas, ideológicas e sobretudo, comunicativas. A produção midiática, o consumismo e a exibição de todas as mobilizações societárias eram possíveis de serem assistidas nos filmes, nos programas de auditório televisivos e em novos contextos de economia global. Os anos 1980 marcaram uma era de descobertas tecnológicas e glorificação destas juventudes, bem como a acentuação da política denominada durante o processo de acirramento da Guerra Fria de globalização. É nesse período que algumas organizações internacionais ganham destaque internacional como difusoras de discursos e políticas globais, e isso incluí novas categorizações sobre o que é ser jovem, ou, o que é juventude.

Em nível nacional, Mirian Abramovay e Mary Garcia Castro (2015) realizam um mapeamento sobre os perfis e políticas que orbitam as juventudes, estabelecendo diálogo iniciais com Margullis (1996) sobre estes processos de categorização do termo juventudes. Um dos elementos de destaque, é o resgate que as autoras fazem da Assembleia Geral da ONU realizada no ano de 1985, que define o sujeito jovem a partir de uma perspectiva etária (entre 15 e 24 anos), sendo incorporada e redefinida no Brasil (delimitando o sujeito jovem todos/as entre 15 e 29 anos).

Esta mudança em território nacional parte dos movimentos em defesa das infâncias e das juventudes e são maturadas dentro das Conferências municipais, estaduais e nacional da juventude. O debate advindo da sociedade civil organizada pautado dentro do cenário legislativo brasileiro cria no ano de 2013 a Lei Nº 12.852, de 5 de Agosto de 2013 que institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos/das jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE.

As autoras reconhecem a importância que este debate teve mundialmente, porém, tecem adendos importantes nesse processo. O primeiro, é a demarcação de juventude como um conceito plural, portanto, juventudes, e que estas não devem partir da ideia fracionada, mas, de exercitarmos a ideia de que há elementos comuns entre os jovens. Outro elemento que se afasta da ideia produzida entre os séculos XIX e XX sobre os sujeitos juvenis é o aspecto negativo, sendo as juventudes vistas como algo positivo e

necessário no fim do século XX, até porque os países em desenvolvimento possuem 85% de suas populações constituídas por jovens.

Porém, tem um elemento coligado à ONU, especialmente à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura – UNESCO, que será produzido em 2004. Este documento discorre sobre a condição juvenil e quais as metas (propostas) assinaladas por estas entidades, que visam o futuro dos jovens, e estas se refletem em 5 ações de forma resumida: a) condição adulta como meta; b) emancipação e autonomia como trajetória; c) construção da identidade própria como central; d) relações entre gerações como um marco básico para atingir tais propósitos; e) interação entre os pares como processo de socialização. Estas metas visam orientar como as políticas para as juventudes devem ser elaboradas nos países, especialmente os periféricos, atendendo às normativas e funcionalidade que a ONU tem nas relações internacionais.

Nesse sentido, Abramovay e Castro (2015) deslocam a escrita acerca do entendimento institucional destes organismos e dialogam com os dados que dissertam sobre algumas dimensões estatísticas sobre o jovem no Brasil especialmente a partir dos anos 2010, no que se refere à elaboração do último censo. De acordo com o IBGE e os diálogos apresentados pelas autoras, os jovens correspondem a 52% da população brasileira, sendo 51 milhões entre 15 e 29 anos. A maioria dos jovens habitam as regiões urbanas (8 de 10) e a escolaridade (leia-se acesso até Ensino Médio) é de 86% dos jovens nortinos e nordestinos e de 95% dos jovens do sudeste, centro-oeste e sul do país.

Porém, pouco mais de 10% de jovens de 25 a 29 anos de idade permanecem (resistem) em seus estudos, que reflete também as disposições de classe social e de gênero, quando por exemplo, em 2012, é constatado que dentre os jovens que trabalham, 30% a menos são mulheres ocupando espaços laborais, dados estes que, podem estar diretamente ligados aos não acessos escolares e a expulsão feminina destes espaços formativos. Além disso, nessa faixa etária, é compreendido que grande parte dos jovens que tiveram acesso ao ensino superior podem (ou não estar concluindo seus cursos), elemento este de destaque, pois a pesquisa dialogará diretamente com os sujeitos EM universidades.

Estes dados da última da primeira década do século XXI, que situam um quadro situacional dos jovens brasileiros, dialogam com determinadas conjunturas vivenciadas a partir da década de 1980. Esse exercício dialético é estabelecido por Luís Antonio Groppo

(2004) ao tentar desvelar relações conjunturais modernas e contemporâneas com as juventudes. Reforçando os elementos históricos como Abramovay e Castro exercitaram, Groppo se detém nos marcos do capitalismo industrial – especialmente o que ele chama de modulação global – e que este desenrola o desemprego estrutural e a destruição ecológica.

Neste sentido, Groppo (2004) difere das autoras citadas acima quando exerce a análise da ótica e olhar sobre as juventudes. Para o autor, é como se houvesse um retorno da repressão e que alguns elementos que acompanharam a ideia de juventudes voltassem à tona, como delinquência, redução da idade penal e a criminalização contra os jovens. Este movimento, aciona a mobilização de inúmeras entidades e movimentos sociais que não estão articulados diretamente com os organismos internacionais, mas, operam suas lutas cotidianas pelos direitos das crianças e adolescentes, como o que no Brasil resulta na elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, no ano de 1980.

Groppo (2004) nos alerta que as juventudes que estão nas disputas dos projetos societários e institucionalizados globalmente só revelam que suas rebeliões não têm nada a ver com a puberdade, mas sim com as estruturas sociais. Neste sentido

A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos “estruturante” das redes de sociabilidade. (Groppo, 2004, p. 3).

Agora, mais do que nunca, está declarado que as juventudes são categorias de disputa e em disputa. As juventudes, dialogando com o autor, se reconfiguraram, pois, são constituintes ativas da história e de corpos que são produtores da economia e da altivez, especialmente, com as experiências ocidentais.

A ideia inicial que reforçamos no começo desta seção, quando reconheço o papel que o Estado e pólis possuem na institucionalização e legitimação *Juventus* no mundo ocidental há séculos é salientada por Groppo (2004) ao dissertar sobre os processos na modernidade ocidental, especialmente o fato das juventudes serem suscetíveis às políticas adultocêntricas através de internatos, orfanatos, escolas, casas de correção e mais a frente com os grupos de escoteiros, as inúmeras juventudes de igreja (católicas ou protestantes) e as juventudes partidárias ou ligadas diretamente ao Estado, portanto, as juventudes

estavam no bojo político de importância permanente das instituições administradas pelos adultos.

Ocorre uma mudança estrutural e vagarosa como foi a do capitalismo em seu processo colonial e industrial, as correlações culturais entre as sociedade e territórios, sobretudo, se intensificavam a partir do século XVIII. Esse movimento vai se aprofundar nos séculos em diante, visto os séculos XX e o início do século XXI. O confronto entre os grupos diferentes, entre ideias e culturas díspares demarcam outras identidades, reconhecimentos e anseios juvenis. Porém, essa relação direta com o campo institucional das juventudes, não as tornam automaticamente apáticas ao processo de participação política. Por mais que elas não fossem consideradas as protagonistas, elas eram agentes necessárias e também de questionamento às ordens assim estabelecidas. Groppo chama esse processo de constituição de autonomia, e que nem sempre, para as juventudes, isso está ligada aos movimentos de contestação ou de resistência. Esse elemento chave é sublime no ponto de vista de como a maturação da ideia de problema/rebeldia/contestação se associa à juventude nos últimos 200 anos e identifica-se que movimentos de permanência ou de conservação juvenis são mais comuns do que os relatados.

Em diálogo com os escritos de Groppo (2004) pode-se afirmar que existem dois elementos que sinalizam uma existência de uma juventude “pós-moderna”. Um dos elementos no qual se apoia o autor para respaldar isso é processo de “desinstitucionalização do curso da vida”, sendo este processo crescente desde os anos de 1970, ou, que o autor, segundo Debert, denomina de “reprivatização do curso da vida”.

Ao tecer esta afirmativa, concordamos com os autores no que tange à reconfiguração da divisão internacional do trabalho e que atinge principalmente as juventudes, bem como os processos de pauperização no Terceiro Mundo. Mas, sob a ótica conjuntural do século XXI, defendo que há uma institucionalização e mercantilização das relações sociais muito mais afinadas, especialmente quando nos países em desenvolvimento, como no Brasil, as juventudes pobres e pretas, especialmente, estão sob uma necropolítica¹¹ extremamente arquitetada. Nossa discordância soa mais como um

¹¹ Categoria produzida nos estudos de Achille Mbembe e que se refere a produção de modo de vida social operacionalizado nas relações de poder e pelo Estado que instauram uma política de morte, realizando contrapontos com a noção de biopolítica em Michel Foucault. MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

adendo ao que os autores explanam: a vida social juvenil ainda é institucionalizada de acordo com a luta de classes e a posição que os países ocupam na economia global.

Outro elemento que provocamos aos escritos de Groppo (2004) é quando o autor ao tecer sobre esta sociedade pós-moderna (criticando-a), remonta como o discurso de que juventude é um “estilo de ser” ou um “estado de espírito” começa a ser introjetado nos discursos entre gerações e entre as faixas etárias. Para o autor, existe um perigo iminente em uma sociedade que se diz pós-moderna, quando este tem “relativa margem de manobra para compor sua identidade”. Esta preocupação que também é minha, nos situa em um debate que difere de autonomia do sujeito e que ruma para um discurso de responsabilização individual do mesmo.

Com isso, as juventudes vão decaindo de um patamar de força e rebelião em um poço de incertezas e de culpabilização. Por isso, é importante questionarmos que quando o discurso “ser jovem é bom e necessário” a pergunta que antecede deve ser “qual juventude?”. Não é qualquer juventude que compõem o cardápio da sociedade nas últimas quatro décadas. É uma juventude saudável (esteticamente), branca, bem sucedida e com acessos, principalmente aos mecanismos tecnológicos que se configuram, especialmente na virada do século XX e XXI como elementos de ostentação. Quando ser jovem e independente é sinônimo de padrão e acessos, os privilégios passam na frente do processo histórico de conquistas sociais e direitos que inúmeros jovens pelo mundo afora conquistaram e a inúmeros padrões refutados.

Essa virada de século foi marcada por movimentações diversas, logo, as movimentações juvenis globais não cessaram nos anos 1960. A virada do milênio também evidenciou que as juventudes ainda têm capacidade de autonomia, como Groppo (2004) chama atenção. Porém, o sinal de alerta e de insegurança está ligado 24h, e neste terreno de incertezas que a sociedade está a construir suas bases.

Ramón Cotarelo (2009) retoma a importância do que ele chama de viradas temporais e acontecimentos seculares. Ele não fala em progressão humana, ou se debruça no desenvolvimento da humanidade, até por quê, são elementos que serão refutados ao longo dos últimos cinco séculos, quando por exemplo, nos séculos XVII acreditava-se que o século das luzes estava instaurado e que o século XIX havia comprovado “o progresso da espécie”. Porém, o que há em ascensão entre os séculos XX e XXI é o sentimento humano de destruição da vida na terra. É o sentimento de autodestruição.

O autor também evidencia que nossos tempos, o século XXI, reflete muito das dissidências do processo conflituoso e dinâmico que foi o século XX, especialmente no que tange ao armamento em massa, as guerras e suas polarizações políticas, as cisões estabelecidas com a Guerra Fria e o medo atômico. A produção tecnológica tinha objetividade não para a melhoria das ações humanas. Ela tinha objetividade econômica e política. Portanto, assinalamos com Cotarelo (2009) que estamos imersos em uma “consciência de catástrofe”, e que os incômodos e corpos letárgicos são resultados de como a catástrofe é um elemento anunciado e vivido, porém, encarado e experienciado de formas diversas, e é com isso que as juventudes reaparecem no cenário das tensões globais.

A virada deste último milênio me recorda inúmeros momentos. Lembro que aos 7 anos de idade o discurso de que o mundo iria acabar era muito forte. Na minha família, lembro que minhas tias falavam sobre essa possibilidade. Recordo também de vários parentes religiosos cristãos orando para que isso não acontecesse. Alguns, até queriam que acontecesse, pois, para as leituras de muitos, seria um marco, ou, um sinal do Apocalipse.

A justiça divina, para quem acreditava, estava próxima. Mas, nenhuma das profecias se concretizaram, e meus ouvidos foram poupados de tanto medo e tensão. Esse medo generalizado nos anos 2000 teve um “tempero místico”. Hoje, ao analisarmos sobre essa vivência de mudança de milênio, percebo que, por mais que a humanidade estivesse orbitada pelo avanço da ciência e das tecnologias, a insegurança do consumo exacerbado não era a preocupação para a grande maioria, por exemplo, e sim o que as divindades poderiam fazer, ou como as forças ocultas poderiam nos castigar.

Este cenário, pode ajudar a evidenciar que o elemento místico ou divino é sempre acionado quando incertezas e inseguranças rodeiam a humanidade. No caso da virada do milênio, foi um acontecimento que mexeu com as potencialidades de fé e crenças humanas. Posso afirmar que foi um movimento sentido globalmente, principalmente com a utilização da grande mídia desses “fatos” como busca de audiência. O fim do mundo estava sendo consumido, alardeado e esperado, e uma possível solução para isso, poderia estar assentada na recondução dos valores morais e religiosos dos sujeitos humanos.

Quando Cotarelo (2009) reforça que “a situação da juventude hoje: sua clara consciência de que vive em um mundo e o qual, o fazemos algo pronto (apesar de não

sabermos o quê) este se autodestrói (p.4)”. Ele também argumenta que temos noção do que fazemos, e que talvez, a noção de finitude é tão latente que nada mais importa. Na verdade, o coletivo não tem mais importância, mas, a blindagem de si e a luta por sobrevivência individual são antagonistas e protagonistas no mesmo cenário.

A virada do milênio ainda seria recepcionada por outros sujeitos. Ainda no exercício de minha memória (pesquisador), o ano de 2001 foi um ano que assinalou como o mundo se comportaria politicamente e economicamente em diante. Com nove anos de idade, no dia 11 de setembro de 2001, eu estava concluindo mais uma sessão matinal de desenhos animados exibidos pela TV Globo, em frente ao aparelho televisivo, assistindo um desenho de origem japonesa intitulado *Dragon Ball Z*. Mas, a programação foi repentinamente interrompida: a cena de um avião colidindo com um prédio na cidade de Nova Iorque foi motivo de susto e de paralisação da minha mãe, que estava a fazer o almoço. A programação do desenho retorna, até que novamente foi interrompida: outra aeronave entra em choque com mais um prédio na mesma cidade estadunidense. Todas as especulações começaram a ser produzidas ali, inclusive as minhas. Fui pensativo para escola, local onde todas professoras e colegas só tinham isso como assunto.

Os atentados do grupo extremista afegão al-Qaeda contra as Torres Gêmeas e contra o Pentágono (símbolo da segurança yankee) foram um recado. Um recado bem vívido de que o mundo que iria se findar na virada do milênio tinha muita tensão política a resolver. Os discursos do Terceiro Mundo se reativam e os Estados Unidos da América declaram o que eles denominam de “Guerra ao Terror”. Estes fatos foram tão incorporados aos nossos cotidianos domésticos e midiáticos, que, em uma produção solicitada pela professora na quarta série, que era a construção de um livreto, meu tema foi a guerra entre Iraque e EUA. Por mais que eu fosse um adolescente latino, brasileiro e nordestino, o terror policial e situação de caos global estavam mais próximas do que nunca.

O fim da primeira década do século XXI nutre inúmeros acontecimentos que potencializam o sinal de alerta, do risco e da insegurança global. O ano de 2009 foi marcado por conferências e debates globais sobre a nossa situação planetária, dentre estas, a questão do clima e os impactos humanos sobre a natureza. Junto a isso, o mundo, em especial o continente asiático, passam por um surto pandêmico gripal (Gripe A/ Gripe H1N1) que deixam vulneráveis as pessoas e os sistemas de saúde. Este cenário é de extrema importância dialética com o momento de tessitura desta tese (2019/2020) em que

estamos vivenciando de forma mais acentuada e globalizada uma outra pandemia, já relatada na introdução desta pesquisa. É um momento em que de forma muito mais próxima e efetiva, uma doença viral nos assola (nacionalmente). A experiência do luto, da abundância (in) formativa se aceleram, o que também, em outro espectro, surgem como dispositivos discursivos a refutação e negação científica, o abrandamento da doença e a não importância com a vida dos grupos considerados de risco: pessoas com doenças congênitas, pessoas com imunodeficiência e pessoas idosas. Está aqui, ocupando centralidade vital nesse cenário o sujeito jovem, sendo assim lido como sadio, forte, imune e necessário para que o mundo não estagne e a “economia” não empaque.

Esse discurso de negação científica e de fortalecimento de alguns ideais revisionistas sobre a história se reapresentam nas linhas políticas globais. Em momentos de crise global, as tensões políticas se reestabelecem, e as posições de análise referente às crises também. Questionar se realmente há aquecimento global ou se a Amazônia está sendo verdadeiramente desmatada não são discursos produzidos nos anos 2020. São discursos que já existem e que advêm de mobilizações políticas, inclusive com participação juvenil ativa ao redor do globo. Por isso, tenho muito cuidado ao utilizar o termo neoconservadorismo ao tratar de movimentações políticas e ideológicas de não contestação com a relação estatal, mas de contestação com as comprovações científicas orgânicas. São resgates de táticas, de ações e de princípios que não são novos, mas, profundos no que tange à compreensão de mundo.

As mobilizações juvenis conservadoras, especialmente as do século XXI ressurgem de acordo com as dinâmicas políticas globais. Ao asseverar sobre este ponto, Cotarelo (2009) salienta o quanto que o debate geracional merece destaque nessas análises, uma vez que, as gerações entram em conflito, e que nessa disputa, algumas memórias “precisam ser destruídas”.

O autor caracteriza o episódio em que Nicolas Sarkozy (ex-presidente da França de 2007-2012) tentou apagar a todo custo a memória do Maio de 1968, movimento este que reorganizou os parâmetros e diretrizes que os movimentos estudantis à época de caráter classista e combativo estavam rumando. Destacamos em nível nacional, a tentativa permanente do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL) de “revisonar” a história do período ditatorial militar no Brasil, abrandando as perseguições e assassinatos cometidos pelo estado policial no país entre as décadas de 1960 e 1980. Discursos como estes só reforçam um tipo de prática de falseamento ou anulação histórica de inúmeras

articulações que inspiraram e cambiaram políticas e dimensões ideológicas dentro dos agrupamentos de resistência.

Cotarelo (2009) acredita que há três momentos em diálogo que redefinem as juventudes e as mobilizações coletivas juvenis em contextos globalizantes: o primeiro seria a “desafeição democrática” por grande parte dos jovens que não enxergam mais na política institucional um caminho seguro, o que pode de alguma forma alimentar uma letargia juvenil; o segundo é o crescimento do Terceiro Setor desde os anos 1980 até o novo século, que apresenta ao jovem um caminho que não é o do trabalho e nem é o da militância, mas sim o do voluntariado; e por fim, o terceiro ponto é a constatação de novos movimentos sociais.

Entendemos que essas movimentações se fortalecem quando os movimentos pró e antiglobalização avançam, mas, entendo que não é apenas essa movimentação que está no circuito político. Analisamos que, especialmente no Brasil, as marcas coloniais, latifundiárias e construção societária racial e classista afloram-se, e o contra-discurso de poder das grandes elites nacionais ressurgem, e com grande alcance, por deterem ainda as estruturas de dominação. Se temos movimentos extremamente radicais contra todos estes processos de globalização ou de embate direto com os poderes locais, há movimentos também na defesa e permanência de alguns status ou que reforçam bases ditas conservadoras.

É urgente a análise de que em um mundo interconectado pela *web*, questões que envolvem a injustiça, a fome, a guerra, o machismo, o racismo, o sexismo, a política de refugiados, a miséria no Terceiro Mundo, também podem criar mecanismos de solidariedade entre os jovens, como Cotarelo (2009) salienta. Estamos em um momento de *cyberpolítica*. Envolvemos-nos através dos espaços virtuais, ou redes sociais, que promovem o que o autor chama de interatividade, espontaneidade e agregação de multimídia.

A geração juvenil do século XXI por si só é constituída por inúmeras juventudes. É uma relação tecnológica e estruturante que os jovens ocupam uma relação de domínio e acesso tecnológico e atuam majoritariamente nas redes sociais, mas, que alimentam no universo virtual e no universo material todas as tensões que são capazes de se envolver. A suas verdades são ditas, quando, como e onde se achar necessário.

No século XXI, especialmente na década de 2010, as reviravoltas políticas e o acesso às plataformas políticas e materiais digitais se aceleraram. Junto a isso, a defesa de si (o que não significa dizer da vida) se arquiteta para vários rumos. Não estamos polarizados como na Guerra Fria. Estamos dissolutos em um conflito quente. E, neste cenário caloroso, movimentações juvenis se reconfiguram. A juventude do século XX, progressista ou rebelde não opera mais.

As pautas parecem similares em muito sentidos, mas os objetivos juvenis não comportam mais na mesma bandeja. Os jovens conservadores e o conservadorismo encontram-se em alta, não no mercado ideológico, mas com um valor que realmente importa para muitos jovens. Como Groppo (2004) provoca, nesta mudança de milênio podem emergir “visões de mundo alternativas e radicalmente críticas” e isso não significa ser de esquerda ou direita. Portanto, por que os jovens no século XXI estão se aproximando dos ideais conservadores? Afinal, o que configura ser jovem e conservador neste momento histórico.

3.AFINAL, O QUE É CONSERVADORISMO? – PROPOSTAS IDEOLÓGICAS, TEORIAS E DISPUTAS POLÍTICAS

Nos últimos anos o termo conservador tem sido difundido e amplamente pronunciado em vários cenários da nossa vida cotidiana. Geralmente associado às ações ou pessoas consideradas de pensamento “retrógrado” e “tradicional”, o sujeito conservador também é aproximado dos princípios de cuidado à valores de uma determinada forma de viver e compreender o mundo, refutando aquilo que propõe mudanças abruptas que porventura ameacem estes valores.

Talvez, possamos nos perguntar como que em tempos de difusão fluída de informações, avanços tecnológicos, revoluções culturais, grande influência midiática e consolidação das redes sociais virtuais, o pensamento conservador foi possível de ressurgir com expressividade, garantindo um espaço nos discursos e reivindicações no século XXI.

Partimos de um pressuposto em que, as ações e possibilidades de incorporação difusa e rápida de informações na sociedade moderna criam narrativas cotidianas sobre o real que não permitem uma compreensão total ou mais coerente com sobre esta realidade. Essa difusão recria possibilidades rasas, podendo recair na produção de verdades que fogem da dialética daquilo que está sendo produzido ou vivenciado. Porém, interpreto

que o conservadorismo não está ligado diretamente apenas ao fato de as ações fluídas de informação serem cada dia mais dinâmicas, mas, sobretudo, na crença política e reivindicação ideológica que tal pensamento sustenta.

Neste sentido, pensar o conservadorismo e sua associação com a categoria juventudes não se configura como algo novo, mas, um retorno a cenários históricos e políticos que nos ajudam a compreender nossos tempos. Com isso, Roger Scruton (2020) retoma para o público um pouco da saga global da filosofia política que ele compreende que seja o conservadorismo. É importante frisar o termo “filosofia política” pois, como o autor evidencia, existe para ele uma diferença perante a prática política. Esse elemento, por mais pontual e simples que aparenta ser no texto de Scruton (2020), contribui para uma clara característica da filosofia política conservadora, que é a da não associação das ações sociais de forma complementar ou dialógica, o que talvez, fatia a realidade e as ações humanas no que se pensa e no que se faz.

Para Scruton (2020) o conservadorismo teve três momentos históricos que revelaram ao mundo a potência deste ideário: a Revolução Gloriosa (1688), a Revolução Americana (1783) e a Revolução Francesa (1789). Estes três eventos que forjados no sangue e nas guerras, são cruciais para os pilares conservadores serem lapidados e difundidos globalmente.

Logo, frisamos que a filosofia política conservadora antecede as filosofias políticas consideradas revolucionárias ou socialistas. Esta dualidade e disputa teórica e ideológica vai ocupar os terrenos dos séculos XIX, XX e XXI. Penso que este destaque seja necessário, pois, as críticas que irão surgir frente ao conservadorismo vão questionar os seus princípios, sobretudo a ideia de tradição posta em tal filosofia, bem como, a articulação direta que este modo de viver e pensar política está diretamente relacionado à um projeto de sociedade. Encontro neste autor um argumento central para a compreensão do que seria o conservadorismo:

Nós, seres humanos, vivemos naturalmente em comunidades, unidos por laços de confiança mútua. Precisamos de uma casa partilhada, um lugar segura no qual nossa ocupação permaneça indisputada e possamos pedir a ajuda de outros em caso de ameaça. Precisamos de paz com nossos vizinhos e procedimentos que a assegure. E precisamos de amor e da proteção fornecidos pela vida familiar. Revisar a condição humana em qualquer um desses aspectos, é violar imperativos realizados enraizados na biologia e nas necessidades da reprodução social (Scruton, p.10, 2020)

A família monogâmica, as relações de criação e responsabilidade da mãe e as características **biologicistas** imperam nos fundamentos do conservadorismo. Conservar aqui, é sobretudo conservar a família e as relações de parentesco em todas as esferas de vivência social. Porém, não é só a família que precisa ser conservada e blindada – os valores que daqui emergem, sustentam o manutenção da religião como crucial para a condição humana.

Scruton (2020) dissertou acerca das relações processuais etárias que os indivíduos irão ter que enfrentar, mencionando os jovens como um dos exemplos. Para o autor, a perda da ligação do jovem com a mãe simboliza um estado de luto. Mais uma vez, observa-se que, de acordo com os processos históricos mencionados na primeira seção deste trabalho, o sujeito jovem ou a juventude são associados sempre a um processo de mudança, de independência e de responsabilidades sociais e coletivas, o que não difere da análise do pensamento conservador, logo, é previsto que esse movimento ocorra entre os jovens, mas, no intuito de um breve retorno ou reprodução social de acordo com a lógica “biológica” apresentada pelo autor.

Outra ideia-força muito presente no conservadorismo é o costume. Concebemos os costumes como práticas e simbologias que contribuem para que a tradição (de acordo com o dicionário *Oxford*, tradição vem de *tradio/tradere* que significar entregar, transferir) mantenha-se contínua. Para Scruton (2020) os costumes devem se sobrepôr a razão.

Além disso, nas andanças e discussões cotidianas, há muita confusão e associação direta entre alguns termos que são remotamente relacionados à ideia de conservadorismo, sobretudo os termos liberal, reacionário, fascista e direitista, mas, será que são identidades políticas/filosóficas comuns? Suas bases são as mesmas ou possuem epistemes diferentes? No intuito de evidenciar a ideia de conservadorismo de forma mais específica, organizei esta seção para que realizemos um passeio histórico na constituição do conservadorismo, seus pilares, aspectos de divergência e conflito do imaginário social e como a categoria juventudes se articula a tudo isso.

3.1 Conservadorismo(S)? – liberais, conservadores, reacionários e a direita

O questionamento desta subseção já inicia com uma aposta de resposta sobre a construção teórica sobre conservadorismo sobre a qual nos fundamentamos. Ressaltamos

que existem percursos conservadores que seguem caminhos diferentes em suas análises, mas, os pilares que sustentam o pensamento conservador são os mesmos. Porém, historicamente, a doutrina conservadora tem uma episteme intrínseca à filosofia liberal e suas teorias econômicas. Com isso, constatamos dois processos: a) são conservadorismos que se delinearão ao longo dos últimos três séculos, portanto, expressões políticas e filosóficas com nuances diferenciadas; b) o termo conservador também se tornou um termo banalizado no cotidiano contemporâneo, e com isso, outros atravessamentos políticos e sociais acompanharam e deram força ao termo, ou seja, uma confusão sobre o entendimento do que os indivíduos que reivindicam esta ideologia realmente são. Neste sentido, colho a partir das vivências de leitura e escuta cotidiana, quatro espectros políticos que se confundem, que se encontram e desencontram no dinamismo político da atualidade, em especial os termos **liberal, conservador, reacionário e direita/direitista**.

O **liberalismo** é uma corrente política, filosófica e econômica que terá seu campo de organicidade entre os anos 1600 e 1700, período este de grande movimentação territorial e econômica nos países do eixo norte, e isso já inclui as novas colônias inglesas (Estados Unidos da América). O termo liberal será atrelado, sobretudo, a um dos princípios desta tradição que é o da liberdade individual.

Para este debate inicial, é importante reconhecer a produção analítica de dois grandes autores: John Locke e Adam Smith, pois, além de serem os percussores do liberalismo, são também, os primeiros autores que se debruçam nos escritos sobre trabalho e economia, analisando a mudança histórica entre feudalismo e capitalismo, sendo estes escritos um marco teórico e político na concepção sobre as categorias citadas.

Tomás Várgany (2006) reconhece que Locke é o primeiro grande teórico do liberalismo, considerado também como o fundador do empirismo moderno. Várgany (2006) inicia sua análise evidenciando três elementos fundantes do pensamento lockeano: a) o sujeito como uma tabula rasa b) a ideia de experiência sensível c) pacto social. Outro elemento histórico importante é que Locke como cidadão inglês, estava envolto de um turbilhão de mudanças políticas, sobretudo na concepção da ideia de poder, e principalmente, sobre qual o local da religião (e qual religião) deveriam ocupar. É neste entrelace que ele observa como que, a Igreja Anglicana já cumpria um papel de dominação sobre a produção econômica e intelectual do homem, bem como, os protestantes, sobretudo os calvinistas puritanos (considerados por ele, conservadores) poderiam ser obstáculos para o desenvolvimento da sociedade inglesa.

Várgany (2006) amplifica quando retoma a cisão histórica e disputa política na Inglaterra que nos acompanhará até a contemporaneidade: os *whigs* (liberais) e os *tories* (conservadores), que, tiveram como principal cenário de organização e difusão de suas ideias a então conhecida Revolução Gloriosa, nos anos de 1688 e 1689.

Essa cisão histórica entre conservadores e liberais é necessária para este trabalho em sua compreensão total, em especial, pela forma de governo e de concepção de poder que estes grupos sustentavam em sua formação original, principalmente por que os liberais compreendiam que o parlamento e o contrato social são possíveis para a organização social e a garantia da liberdade, diferentemente dos *tories* que defendiam a monarquia de forma mais cerrada e compreendiam-se como um agrupamento católico apostólico romano. Nessa cisão política um elemento fundante para o pensamento liberal surge, que é a ideia de tolerância, que também está atrelada a ideia de liberdade.

Ao retomarmos a obra de Várgany (2006) observamos que o autor explicita que a obra em que surge a teoria liberal é no livro “O segundo tratado” produzido também por John Locke, pois, ele instaura uma pergunta essencial na modernidade “o que é poder?” Adiante que, de acordo com o autor, este poder está ligado diretamente ao Estado (lembrando que nesta época, o Estado absolutista estava em decadência) e Locke contrapunha este modelo de Estado à ideia que ele cunhou, denominada *estado da natureza*.

A ideia de estado da natureza é crucial para o pensamento liberal, pois, ela alicerça outras três ideias-forças que serão os sustentáculos desta teoria e que retornam no século XXI com toda a força nos debates políticos e sociais: liberdade, propriedade e poder. Esse estado da natureza que é teleguiado pela razão, que aqui é associada ao sujeito que age visceralmente. Esta condição humana é de importante análise para os liberais, pois, para Locke, por exemplo, se nascemos em um estado natural ou de natureza, compreende-se que somos livres por essência, e que, a partir do seu corpo, da sua força e de sua obra (trabalho) exercido de suas próprias mãos, constitui para este homem que é uma fratura da natureza, ter “o poder livre sobre a terra”, portanto, a liberdade é algo natural do sujeito e está ligada intrinsecamente à natureza (aqui assimilada como propriedade).

A propriedade se apresenta como segunda ideia-força, pois, os liberais compreendem que “cada homem é uma propriedade em sua própria pessoa”, mas não apenas. A terra, o direito à herança e a capacidade de acumular riquezas adornam a

concepção de propriedade liberal, e, segundo Locke, esta propriedade está ligada diretamente ao trabalho. Com isso, deflagra-se que Locke e os liberais, são os primeiros da modernidade a retomar a concepção de trabalho, como produção essencialmente humana sobre o mundo da natureza e que possui a capacidade de atribuir valor às coisas.

Por fim, a última ideia força que identifique na produção de Locke em diálogo com Várgany (2006) é a concepção de contrato, palavra-chave dos séculos XVII, XVIII e XIX, e que está atrelada ao que ele inaugura como poder. A partir disso, Locke afirma que o contrato está ligado diretamente à confiança e a possibilidade sabida pelo sujeito de que o seu poder será entregue em nome do bem comum.

Estas ideias são fundantes para o liberalismo clássico, e acompanham os pensadores e coletivos liberais até os dias de hoje. São estas ideias e o diálogo direto com este material, que, faz com que Adam Smith em 1776 lance o clássico das teorias econômicas “A riqueza das nações” obra que servirá como ponto de partida de dissensos e consensos sobre economia política do século XVIII em diante.

Referenciar Smith para este texto é fundamental, pois, a concepção do que é um sujeito liberal está atrelada, também, ao que ele reivindica por/como economia. A concepção de trabalho como acúmulo e produção de riqueza para si, baseado na meritocracia e reconhecimento individuais, são elementos disposto na tabela econômica criada por Smith antes dele elaborar tal obra.

O Estado por muitas vezes “atrapalha”, principalmente quando a política tributária obstaculariza as relações comerciais (na ocasião, Smith valorizou o processo de colonização e defendeu a liberdade comercial entre os “súditos” e os colonos), o que para ele, elevava a riqueza, e conseqüentemente os acessos. Essa defesa pelo livre-comércio pode ser facilmente associada às noções de propriedade já mencionadas aqui nesta subseção, mormente quando a lógica liberal compreende que você produz aquilo que você é, e se você é sua propriedade neste sistema, você tem responsabilidade sobre isso.

Rememorando o explícito no começo desta subseção, havia uma disputa e cisão política entre os liberais *whigs* e os conservadores *tories*. Os **conservadores** possuem uma ligação histórica com os liberais, mas, se distanciam muito no ponto de vista filosófico, religioso e político (em determinados momentos).

Roger Scruton (2020) identifica para seus leitores que a principal diferença entre liberais e conservadores está em que:

Os liberais viam a ordem política como derivando da liberdade individual; os conservadores viam a liberdade individual como derivando da ordem política. O que torna uma ordem política legítima, na visão conservadora, não são as escolhas livres que a criaram, mas sim as escolhas livres que ela cria. A questão sobre o que vem antes, liberdade ou ordem, dividiria liberais e conservadores durante os duzentos anos seguintes. Mas, no devido tempo, novas ameaças surgiram para uni-los, sendo uma das mais importantes o crescimento do Estado moderno (Scruton, 2020, p.28)

Assim como o autor afirma acima, a disposição entre liberdade e ordem e o que precede entre estas é o principal divisor político entre liberais e conservadores. O indivíduo conservador, é sobretudo, carregado por uma disciplina moral forjada em uma tradição, que aqui estabelecida, é a tradição cristã vinculado ao catolicismo, em sua origem. Aquilo que foge dos regimentos divinos, e que estes, se tornam os regimentos sociais, não condiz para uma vida promissa, para uma vida feliz.

Podemos escrever, doravante, que pessoas conservadoras conservam uma tradição fundadas nos valores cristãos para assim conceber o mundo. Dialogando com o destaque de Scruton, a ordem aqui compreendida é a ordem que enxerga a origem da vida de forma divina, e que todas as relações sociais, materiais e da natureza se constituem a partir dela, logo, não há para que refutar. Se é divino, é perfeito. Se é perfeito, não tem para que contrapor. A contraposição só se faz necessária quando a tradição se vê ameaçada.

Antes de Edmund Burke, considerado o grande propulsor do ideal conservador, as figuras britânicas de Samuel Jhonson e David Hume são essenciais para retificar o que aqui tem sido exposto, inclusive por ambos estarem ligados diretamente ao agrupamento *tory*. Quando Jhonson afirma que “Deus é a ordem política” e retoma à compreensão de “há coisas que são estabelecidas pela lei”, neste caso, à uma biologia a qual denomino de “biologia divina”, por mais que ele seja considerado um ortodoxo entre os seus próprios pares, suas ideias dialogam diretamente com as noções sustentadas por Hume, quando o mesmo em discordância com Locke, sustenta as cisões entre solidariedade, benevolência e razão, se afastando da ideia de liberdade individual, porém, se aproximando da ideia de propriedade privada e da utilização de meios violentos, ao qual ele chama de justiça.

O terreno conservador, portanto, também é imerso de contradições. Por mais que a grande tradição conservadora seja a do reconhecimento da base cristã e da consolidação da família nuclear como núcleo de apoio, defesa dos seus e de sua herança, é possível identificar conservadorismo(S). Este elemento é crucial para a compreensão do objeto desta pesquisa no decorrer deste texto. Essa afirmativa já pode ser observada no grande clássico do conservadorismo “Reflexões sobre a Revolução na França” de Edmund Burke.

Nesta obra, Edmund Burke que presenciou os processos revolucionários na França setecentista, fez uma dura crítica a como o Estado, as lutas sociais e a sociedade francesa estavam se encaminhando. Esta postura já evidencia que Burke se colocava contra os processos de levante do povo e contra as revoluções. Segundo Burke (2019) em seu referido livro, ele vai descrever uma crítica à Declaração de Direitos, documento base para a política liberal inglesa e que posteriormente vai inspirar a 1ª Constituição dos Estados Unidos América, colocando como um material “ainda que feita em nome de todo o povo, pertence apenas aos senhores da Sociedade da Revolução, e somente à sua facção. O conjunto do povo inglês não a partilha e desaprova-a completamente” (p. 38) o que revela a sua crítica contundente ao que ele chamará de *imaginações* ou *direitos imaginários*.

Esta face de Burke dentro do pensamento conservador agencia a organicidade de uma filosofia conservadora, capaz de analisar contextos numa perspectiva política e também econômica. Burke era um defensor da Monarquia e se coloca veementemente contra a revolta popular francesa por esta ameaçar a ordem social estabelecida. Isso diz muito sobre o pensamento conservador clássico. Além disso, a base religiosa se torna a bússola política do pensamento conservador. Uma exemplificação evidente é quando Burke afirma que

Sabemos, para o nosso orgulho, que o homem, por sua constituição, é um animal religioso; que o ateísmo é contrário não apenas a nossa razão, mas, também aos nossos instintos, não podendo prevalecer por muito tempo. Todavia, se em um momento de tumulto e no delírio ébrio produzido pelo espírito ardente destilado no alambique infernal que ferve hoje furiosamente na França, devêssemos descobrir nossa nudez, rejeitando aquela religião cristã que, até agora, tem sido nosso motivo de orgulho e nosso consolo, assim como uma grande fonte de civilização entre nós e muitas outras nações, ficaríamos apreensivos (sabedores de que a mente não suportará o vazio) de que alguma superstição grosseira, pernicioso e degradante devesse tomar seu lugar. (Burke, 2020, p. 110).

Este elemento chave da análise burkeana reforça dois caminhos fundamentais para a compreensão do sujeito conservador: a) a religião cristã é a motriz do desenvolvimento de qualquer sociedade; b) o ato de conservar é um ato de blindar-se, de proteger-se, neste caso, contra tudo aquilo que surja como uma ameaça, logo, precisa ser enfrentado como um “demônio”, como algo maléfico, como um “espírito ardente”.

Séculos depois, Russell Kirk (1953) ao escrever “The Conservative Mind” consegue estabelecer uma rede conectiva de análise dos principais autores que tecem elementos sobre o conservadorismo. Kirk consegue, a partir do vasto material secular de leitura, organizar o pensamento conservador no século XX e retoma algumas ideias, bem como, instaura algumas.

O primeiro elemento de resgate que Kirk exhibe é o da retomada do pensamento católico. Sim, principalmente por ser um autor estadunidense, que leva o pensamento conservador para além do eixo França e Inglaterra, Kirk observa o protestantismo como uma ameaça eminente, fazendo coro com outros autores como Brownson e Hawthorne.

Por mais que ele tenha um respeito dialógico na construção das análises sobre os principais autores conservadores, Kirk é um burkeano, romântico e saudosista. Talvez, por isso, o segundo elemento de resgate seja a tradição, elemento que ele destaca ao dizer que “*Conservatism cannot exist anywhere without reverence for dead generations*” (1957, p.68) em tradução literal: Conservadorismo não pode existir em qualquer lugar sem reverência as gerações mortas. O elo de ligação do ideário conservador se dá na tradição que configura uma memória constante, necessária e de reprodução social para o bem-estar entre os povos, e isso, segundo o próprio autor, os modelos de governo e as burocracias, consideradas por ele como uma categoria/classe social, só interrompem via Estado moderno, que esse bem-estar seja eficaz, efetivo.

Russel Kirk (1957) também nos ajuda a compreender uma faceta histórica do movimento conservador: o puritanismo compõe a essência do sujeito conservador, porém, isso não quer dizer que o movimento ou os sujeitos conservadores são puristas em suas concepções políticas e econômicas, por exemplo. Observo esta retomada importante, sobretudo quando ele entrelaça Macaulay, Cooper e Tocqueville considerando-os liberais-conservadores, evidenciando que historicamente a filosofia conservadora não esteve afastada dos liberais, por mais conflitos que houvesse. Isso nos ajuda a entender que o reivindicar conservador por um sujeito pode não estar dissociado de outras

tradições, o que aqui concebo como limítrofe ao exercitar o que é algo conservador e ultraconservador.

A vivência de Kirk se dá no século XX, que é um terreno histórico de muita mobilização econômica, com o assentamento do capitalismo como modo de produção global e com a instituição das relações internacionais em caráter mais amplo. É um século de incontáveis revoltas sociais, muitas delas, partilhadas em territórios diferentes a partir de situações históricas comuns, principalmente, pós-colonização. Se até o momento nos deparamos neste texto com três processos revolucionários postos, o conservadorismo tem em sua essência uma ação que denominamos de reacionária.

Revolucionário é o oposto de reacionário. Os **reacionários** reafirmam a “ordem natural” das coisas, ou, podem acionar práticas anti-mudanças ou antirrevolucionárias quando os seus princípios ou seus *status* são contrapostos. Porém, historicamente, o conceito de reacionarismo sempre esteve atrelado aos movimentos do catolicismo ortodoxo, podendo aqui neste trabalho, ser aproximado aos sujeitos considerados ultraconservadores, pois, percebe-se que são dimensões filosóficas repletas de similitudes.

A fim de elucidar um pouco mais sobre este conceito, o brasileiro Plínio Corrêa de Oliveira (1959) produziu uma matéria especial para a centésima edição do jornal *Catolicismo* considerado o jornal católico de maior difusão na América Latina à época. Neste texto, Plínio Oliveira (1959) desenvolveu considerações sobre o que ele compreendia como revolução e contrarrevolução (reação). De início ele já explicitava que o *Catolicismo* (o jornal) era combativo e que serve para criticar todos os “ismos” – socialismo, totalitarismo, liberalismo, comunismo, etc. A partir de uma análise percentual do Brasil nos anos de 1950 sob um governo trabalhista e progressista, o autor, assim como Burke, retoma a metáfora de “inimigo”, que neste caso, é a revolução.

Oliveira (1959) compreende que o espírito revolucionário é sustentado por três elementos históricos: a) a “Pseudo” reforma (Reforma Protestante) aqui representada pelo espírito da dúvida; b) Revolução Francesa, responsável pelos falsos ideais de igualitarismo e ateísmo/laicismo, pois ele não vê diferença entre os dois; c) Comunismo, que para ele é a junção dos princípios anteriores, só que norteadores dos campos social e econômico nas últimas décadas à época. Para o autor, a Revolução advém da crise do

homem moderno. O termo crise é utilizado várias vezes ao longo do texto no intuito de respaldar o entendimento dele sobre as “sensualidades” pecaminosas.

A reação imbuída no conservadorismo é considerada um instrumento de guerra. Os termos, as formas, as colocações são curtas, ácidas e provocadas com um certo imediatismo. O resgatar do termo “inimigo” já nos alerta que estamos em um campo de batalha. É uma guerra vista como necessária e deflagrada pela própria Igreja Católica que muito antes das primeiras tessituras *tories* e conservadoras, já considerava que o que está fora da igreja é inimigo da mesma, como afirmou Pio XII, um dos papas mais ortodoxos.

O reacionarismo é por excelência conservador e constitui um universo muito bem delimitado do que é certo, errado, benéfico e maléfico. Plínio Oliveira inspirado em Pio XII afirma que

De todos estes dados é fácil inferir que a cultura e a civilização católica são a cultura por excelência e a civilização por excelência. É preciso acrescentar que não podem existir senão em povos católicos. Realmente, se bem que o homem possa conhecer os princípios da Lei Natural por sua própria razão, não pode um povo, sem o Magistério da Igreja, manter-se duravelmente no conhecimento de todos eles 23. E, por este motivo, um povo que não professe a verdadeira Religião não pode duravelmente praticar todos os Mandamentos 24. Nestas condições, e como sem o conhecimento e a observância da Lei de Deus não pode haver ordem cristã, a civilização e a cultura por excelência só são possíveis no grêmio da Santa Igreja. (Oliveira, 1959, p. 18)

Não é possível pensar outro mundo fora dos regramentos considerados naturais sob a fé cristã, logo, toda a ação revolucionária é assim uma desgraça para o povo, que, aqui é explicitamente considerado este “professar” o catolicismo como crença e estilo de vida. O princípio da reação é o sentimento de contra revolução. Como o próprio autor reforça “Se a Revolução é a desordem, a Contrarrevolução é a restauração da ordem. E por ordem entendemos a paz de Cristo no reino de Cristo. Ou seja, a civilização cristã, austera e hierárquica, fundamentalmente sacral, anti-igualitária e antiliberal” (1959, p. 29)

Inflamar esta subseção com alguns pressupostos teóricos e históricos sobre o liberalismo, conservadorismo e reacionarismo é importante para que entendamos caminhos que se encontram no cotidiano social como campo da direita. A **direita** não é composta essencialmente por ideários que surgem a partir destas identidades políticas e

tradições filosóficas, mas, se consolida como um campo político não revolucionário que pensa as possibilidades de se organizar socialmente dentro do capitalismo a partir de diferentes óticas. Não quero aqui me deter nas correntes da direita, como os trabalhistas, os progressistas, os democratas, os desenvolvimentistas ou social-democratas, porém, essa composição poliforme da direita nos apresenta similitudes que necessitam entrar neste diálogo afim de evidenciar como todas estas categorias estão em movimento.

Com isso, poderíamos limitar essa explicação às origens dicotômicas entre jacobinos (radicais) e girondinos (moderados) e seus assentos na esquerda e direita respectivamente, mas, isso é muito pouco para situar a direita e a o turbilhão de relações políticas no período da Revolução Francesa no século XVIII. Talvez, um ponto de partida interessante é que a direita existe porque há a esquerda. É uma relação de oposição, mas, não de polos que estão demarcados suntuosamente, e sim marcados por aproximações táticas, filosóficas, econômicas e de poder.

Noberto Bobbio (1995) que não é um intelectual da Direita escreveu uma obra denominada “Direita e Esquerda” que é um clássico das ciências políticas. Ao observar contextos pós-guerra, Bobbio (1995) remontou elementos considerados pilares que sustentam a direita do século XX, em que, a teoria liberal clássica ou tradicional é uma base de sustento dos intelectuais que rompem, por exemplo, com a limitação republicana de sociedade e avançam para a lógica de democracia (o que não é um denominador comum na direita), mas, se apresenta como um dos princípios da direita moderna ou trabalhista. Essas subdivisões propositais de Bobbio anunciam que a direita como campo largo e não consensual que é, possui níveis, em que, o que serve como termômetro é o lado de lá: a esquerda.

Ao realizarmos a análise, por exemplo, do território alemão e suas cisões liberal/capitalista de um lado e de um socialismo autoritário do outro, Bobbio nos convida a enxergar que mesmo com um muro que sentencia vidas, relações sociais e o que é direita e esquerda, a política moderna não se reduz a este binarismo. Na verdade, nunca se resumiu. O autor compreende que “reduzi-las à pura expressão do pensamento ideológico seria uma indevida simplificação” (Bobbio, 1995, p.33).

Porém, concordamos com Bobbio (1995) quando os temas que envolvem tradição, igualdade, família e Estado são colocados em evidência, as distinções entre os ideários até então revolucionários de esquerda e contrarrevolucionários de direita, se acentuam.

Por mais que não seja automático e singular para a direita, são estes elementos que mobilizam defesas mais firmes e seguridade política de como tudo isso afeta a sociedade. Isso pode ser percebido quando no século XX, as concepções do campo considerado de direita liberal conservadora ganha proporções continentais, sobretudo, com o advento do socialismo, das teorias como o materialismo histórico-dialético de Karl Marx, Friedrich Engels e Rosa Luxemburgo e o anarquismo com Mikhail Bakunin e Emma Goldman e tantos outros do século XIX e XX, que, modificaram o cenário social e político econômico e social europeu dentro do que eram então considerados como “esquerda radical”, elementos teóricos que são um arsenal contra o Estado burguês e fonte de formação para a classe trabalhadora.

Denise Rollemberg (2017) aposta numa retomada histórica em um de seus escritos para respaldar sua análise, de que, a direita, o fascismo e o nazismo estão se reerguendo como proposta política no século XXI. A autora evidencia um elemento que, inicialmente, discordei no texto, que é a apreensão do termo revolução para lidar com as movimentações organizadas e lideradas pelo setor da direita. Essa discordância inicial se dá pelo fato enfático de toda a produção teórica e política liberal/conservadora enfatizar nos séculos XVII e XVIII o discurso contra-revolucionário. Porém, convém se aproximar do pensamento de Rollemberg, quando, a mesma retoma as aspirações de Hitler e Mussolini (p.7), evidencia que, por mais que a repulsa pela esquerda estivesse instaurada nas óticas de ambos os líderes, os termos adotados se aproximaram do contexto político real utilizado à época: revolução nacional socialista.

Por isso que, intencionalmente (ou não) nas leituras cotidianas e conversas virtuais, algumas pessoas associam o fascismo/nazismo como regimes de esquerda. É como se, propositalmente, as categorias fundantes dos campos socialistas e capitalistas/liberais se afinassem com categorias conservadoras, como absolutismo e hierarquismo.

Não era a intenção inicial do texto trazer o debate mais contemporâneo sobre estas categorias, como por exemplo, a corporificação do fascismo como política social do século XX. Porém, ainda em diálogo com a autora, Rollemberg (2017) supracita que

Em resumo, o fascismo e o nazismo promoveram revoluções de direita no contexto do entre guerras. Perpetraram autênticas cirurgias no campo da cultura dos respectivos países, combinando propaganda e perseguições; destroçaram os sistemas jurídicos e as instituições democráticas de representação política (mais na Alemanha do que na

Itália); redefiniram radicalmente o conceito de cidadania por meio de exclusões, expropriações e interdições às minorias, reservando os direitos civis somente àqueles que preenchiam os critérios individuais para desfrutá-los, desde que observassem as regras estatais; imiscuíram-se profundamente na vida privada das famílias e indivíduos, fossem os perseguidos, fossem os apoiantes aos quais se reservava uma cidadania excludente. Ambos levaram à guerra mundial que destruiu física e moralmente a Europa, mudando o rumo da história do continente e do mundo. (Rolleberg, 2017, p. 19).

Neste sentido, na tentativa permanente de traçar elementos históricos, que como vimos, não são lineares, porém se encontram, se conversam, posso sinalizar que existe uma comodidade teórica, política e econômica quando argumentamos sobre o que seja conservadorismo. Não há uma única possibilidade de entender como o conservadorismo age, pensa e se coloca politicamente no mundo, pois, há conservadorismos, que, em uma percepção, ainda que embrionária, esteve e estão atrelados historicamente à estas outras categorias argumentadas. O liberalismo, o reacionarismo e a direita são um terreno fértil em que as demandas dos pilares conservadores conseguem avançar.

Portanto, observamos o conservadorismo também como uma filosofia transpassada por inúmeras táticas, sobretudo, de viver e sobreviver no mundo. Ser conservador é, além de prezar pela tradição cristã e seus princípios morais, é agir no mundo para que as instituições que ainda existem e todas as relações sociais e econômicas caminhem para a promoção de um paraíso bíblico inexistente. Não há erros, e sim pecados. Não há economia sem trabalho acumulativo e meritocracia, não há paz com desordem revolucionária, pois, as coisas são como são, e para que estas permaneçam far-se-á o que for necessário.

Um elemento importante destes escritos acima, é que estes materiais foram pensados a partir de mentes juvenis e adultas. Todos os autores aqui mencionados pertencentes à estas correntes de pensamento teceram seus materiais em momentos etários muito próximos. Jovens e adultos pensadores em suas épocas que participaram ativamente dos espaços políticos, que tiveram acesso aos espaços acadêmicos e conseqüentemente carregavam consigo suas experiências de vida econômica, religiosa e cultural de um aprofundamento do feudalismo e avanço da burguesia em todo território europeu. As juventudes estiveram e estão sempre no “olho do furacão” dos processos históricos de mudança social e com isso, as juventudes conservadoras reacendem sua assinatura atemporal, e convidam a um olhar sobre o prisma mais complexo para entender a categoria juventudes a partir da perspectiva de classe social e sua intervenção societária.

3.2 Juventudes “em conserva” – ideários e movimentações juvenis da grande tradição

A necessidade de escrita desta subseção se fez com o intuito de realizar um contraponto com a seção inicial no qual abordamos sobre a construção dos conceitos de juventude, sobretudo, no ocidente. Percebe-se que a aproximação da ideia de juventude engajada politicamente aos contextos “revolucionários” sobretudo a partir do século XX é algo automático, quando a gente pensa sobretudo, nas movimentações juvenis a partir dos anos 1960 do século passado. Porém, a concepção de juventudes e as reivindicações juvenis não se iniciam neste período, e muito menos se limitam ao universo revolucionário e mais a frente socialista. O ideário conservador atravessa séculos, e no ocidente, toma uma orientação ideológica padrão nas estruturas sociais.

Outro elemento, e este entramos em concordância, é que, as juventudes aparecem em momentos de transição etária muito demarcadas nas sociedades antigas, bem como, vinculadas à um processo simbólico, praticamente místico, de relação do futuro adulto. É como se o corpo jovem fosse uma motriz de impulsão social para a permanência e existência daquelas sociedades com os valores morais e de convivência social existentes. Ao perceber esses movimentos supracitados na segunda e terceira seção deste texto, percebo que o ideário conservador não apresenta suas premissas no século 1700, muito pelo contrário: ele busca na filosofia clássica grega, sobretudo aristotélica, alguns dos pilares que constituam a sociedade grega à época, bem como, os efebos e as juventudes. São ciclos conservadores em momentos históricos diferentes, mas, que dialogam numa relação atemporal na ocidentalidade.

Os espaços formativos também circundam estes corpos juvenis. A família como instituição basilar para estes jovens se coloca em uma gangorra com os espaços religiosos, colégios, ginásios e futuramente academias e escolas. O espaço formal de admissão e formação dos jovens é, portanto, um marcador de reconhecimento do potencial físico e mental que tais corpos são interpretados que tenham. A vitalidade é acompanhada aqui da necessidade formativa (escolarizante) dos sujeitos, logo, serão estes espaços que reúnem os jovens, foram e são cenários de constituição identitária singular e coletiva. Friso a importância destes espaços, pois, serão nestes que uma das maiores associações categóricas ao falar sobre movimentação política e juventudes são os movimentos estudantis, porém, as organizações juvenis nem sempre estiveram atreladas à coletivos de estudantes.

Ao retomarmos o texto de Groppo (2004), nos séculos XIX e XIX as mobilizações políticas juvenis eram sobretudo conservadoras ou declaradas patrióticas. O autor relembra quatro grandes exemplos oriundos dos dois países que são a base do conservadorismo moderno: França e Inglaterra. As Jovens Companhias de Cadetes na Inglaterra, os Batalhões Escolares na França em 1880 e as Brigadas Juvenis Inglesas são os primeiros agrupamentos conservadores de jovens organizados. Um ponto em comum entre estes três é a ligação direta com o campo militar e o nacionalismo que começa a ser instituído sob a égide de algumas bandeiras.

Outro espaço juvenil conservador que é difundido globalmente no século XX, mas que tem suas origens no final do século XIX é o Escotismo¹². Além da também influência militar, os valores cristãos e de hierarquia são pilares do escotismo em sua origem, inclusive, sendo um movimento que vai ganhar força no Brasil a partir dos anos 1990, sendo incorporado como atividades de formação infanto-juvenil em inúmeros movimentos cristãos, como os TLCistas (católicos) e os adventistas (evangélicos).

Esse mecanismo de valorizar o jovem, o sujeito, perpassa por uma mudança significativa que ocorre no início dos anos 1900 que é a passagem da concepção de juventude atrelada à delinquência para a juventude como responsável e potencial dentro do sistema capitalista. Valorizar o jovem, demonstrar possibilidades futuras a partir de uma realidade muito incerta do começo do século passado era o slogan em ascensão à época. Groppo (2004) afirma que

(...) a condição juvenil tende a fazer com que os indivíduos e grupos jovens desvalorizem ou dessacralizem a “sabedoria” acumulada, significa que esta condição tende a fazer com que os jovens valorizem ideologias que enfatizam a “vivência”, a espontaneidade e a ação imediata. (Groppo, 2004, p.9)

Criar um espaço de fortalecimento, de acolhimento quase que familiar em meio ao turbilhão dos processos de reconfiguração das forças produtivas e da divisão social do

¹² O Escotismo ou Movimento Escoteiro foi criado no ano de 1907 por um ex-militar britânico Robert Baden-Powell no intuito de formar uma juventude com capacidades militares de sobrevivência, porém com o foco na promoção voluntária e de caridade de acordo com as demandas enfrentadas. O termo escoteiro vem do inglês *scout* (desbravador). No Brasil a primeira organização escoteira foi criada por militares da Marinha do Brasil no ano de 1910. O espaço ficava na cidade do Rio de Janeiro e era conhecido como o Centro de Boys Scouts do Brasil.

trabalho, se torna no mínimo, um acalanto, e também, um espaço de reconhecimento, e as juventudes que operam na perspectiva conservadora sabem fazer muito bem isso.

Alguns destes elementos são reforçados pelo mesmo autor em sua tese de doutoramento. Luís Groppo (2000) realiza um estudo aprofundado dos movimentos estudantis em nível global, especialmente na década de 1960. Em determinado momento, pensei até a possibilidade de que, poderia parecer confuso evidenciar tanto dos contextos das lutas estudantis, poderia parecer para o leitor que esta pesquisa fosse sobre tal temática, porém, se torna impossível apresentar as condições juvenis conservadoras sem falar de toda esta articulação construída entre os jovens discentes do século XX.

O autor, assim como tantos e tantas outras mencionadas na seção sobre juventudes, já reconhece os anos 1960 como um espaço temporal de revoltas e reconfigurações sociais, sobretudo morais e culturais em torno do globo. Com isso, para além dos movimentos estudantis, Groppo (2000) expõe que o denominador comum entre os movimentos de contestação à época era a condição juvenil. Especialmente o autor discorre acerca de *juventudes modernas* e que estas, possuem as seguintes características “ela é mais abrangente e geral devido à universalidade da modernidade; ela é menos funcional, em detrimento dos processos de tutela que são contraditórios, ela se prolifera mais, em grupos juvenis considerados informais” (Groppo, 2000, p.17).

Logo, ao falarmos da potência que o século XX têm na constituição de coletivos juvenis ou movimentos sociais, isso tem a ver diretamente com a própria dinâmica social e econômica que também é acelerada e suas contradições sistemáticas podem resultar em inúmeras percepções e subjetividades que partem de pressupostos analíticos distintos.

Outro elemento importante é que, a ligação com a escola, espaços formativos esportivos e forças armadas se agudizam na virada dos séculos XIX e XX, quando por exemplo, temos como dissidências das revoluções burguesas inúmeros grupos conservadores que se alastram para além da França e Inglaterra, os influenciados pelos *muscadins* girondinos, a Guarda Móvel formada por jovens em 1848 e principalmente as sociedades ginastas *burschenschaften*, que de acordo com Groppo, são um termômetro de um movimento conservador e de extrema direita no período entre guerras.

Esses movimentos conservadores se defrontam com um dos movimentos ideológicos de maior incisão política e cultural na história da humanidade: o fascismo. Propositalmente, não inserir esta categoria ao tecer sobre conservadorismo no início desta

seção, por entender que as marcas econômicas e filosóficas que este ideário deixa nos acompanham profundamente na contemporaneidade, uma vez que, a capacidade de cisão global e de produção de uma cartilha subjetiva do purismo, está para além de tudo o que tínhamos presenciado desde os regimes absolutistas e fundamentalistas da Idade Média.

A Itália e a Alemanha são os epicentros deste terremoto denominado fascismo, e nesta escala *richter* inúmeras fissuras foram se abrindo, sobretudo entre as juventudes. O Movimento Juvenil Alemão e a Juventude Hitlerista são exemplos históricos de juventudes imersas em um contexto político nazista e que serviam como trampolim midiático e político a serviço do *Reich*¹³, mas, não apenas. Lembremos que, este período pós 1ª Guerra Mundial – GM a sociedade militariza se consolida especialmente no continente europeu sob a égide protecionista do “salve-se quem puder”. Assim como as juventudes alemãs mencionadas, na Itália, as vanguardas¹⁴ estudantis, em especial a *Juventù Italiana del Littorio*, estavam se preparando belicamente suas mãos, suas mentes e suas vidas.

Gropo (2000) investe na análise de que a aproximação juvenil do ideário fascista se deu por quatro questões conjunturais à época: a primeira é a frustração com os resultados da I GM, que destruiu grande parte dos países do leste Europeu e atormentou todas as relações políticas ali estabelecidas; a segunda advém da Grande Depressão econômica, o que evidencia que grande parte da força de trabalho industrial e urbana era de jovens que agora são jovens desempregados e com Estados nacionais desestruturados; a terceira seria a atuação de grupos paramilitares, em que, observo aqui os embriões de muitos movimentos separatistas e guerrilhas que perduram até o século XXI; e a quarta e última seria a propaganda criativa para os jovens, o que, não nos resta dúvida de que o foco formativo central destes governos eram as juventudes.

Porém, não só existia juventudes se mobilizando no contexto territorial europeu. Juventudes de perspectiva revolucionárias e reacionárias também estavam efervescentes em várias localidades do mundo, sobretudo, no que era considerado Terceiro Mundo, e

¹³ A palavra *Reich* em alemão significa império/comando. Porém, dentro do campo historiográfico, o termo é utilizado para falar dos três períodos de consolidação do Estado-nação germânico: o 1º *Reich* que compreendeu o Sacro Império Romano-Germânico, o 2º *Reich* o Império Alemão na curva dos séculos XIX e XX e o 3º *Reich* comandado pelo Nazismo e que esteve no poder estatal de 1933-1945.

¹⁴ Vanguarda é uma proposição política que emana do socialismo marxista-leninista com flertes stalinistas, uma vez que, se configura como um grupo revolucionário de liderança e organização dos processos radicais, sendo o termo geralmente utilizado pelos partidos socialistas/comunistas para se referirem às suas juventudes.

isso inclui a América Latina, na qual em Córdoba na Argentina em 1910, temos um marco universal sobre a defesa da universidade pública organizado e protagonizado por jovens estudantes. Além disso, como resultado das relações pós I GM, temos nos países latino-americanos, africanos, sudeste-asiáticos e do Oriente Médio a implosão de lutas consideradas anti-imperialistas, principalmente quando os Estados Unidos da América - EUA começa a despontar como a principal potência econômica, bélica e exploratória do mundo.

Quando Groppo (2000) continua suas reflexões sobre as movimentações juvenis do século XX. O mesmo retoma a influência global no período pós-guerra do *American Youth Way of Life* que traduzindo em sua literalidade quer dizer o “jeito jovem americano de vida”. O mundo estava literalmente embebecido com o perfil da juventude americana enquanto padrão. Por muitas vezes rebelde e quebrador de regras, mas, por outro lado, um elemento que chama muito a atenção: os jovens que não estavam nas mobilizações contra a Guerra do Vietnã e da contracultura estadunidense estavam fazendo o quê? Qual o estilo de vida americano que esta outra parcela estava sustentando? Bem, como não podemos limitar nossa análise sobre as juventudes em relação a estas que estão organizadas politicamente, posso afirmar que as juventudes que também compunham o prisma cultural e político dos EUA estavam nas igrejas protestantes, construindo famílias monoparentais e assumindo o ideário republicano a favor das guerras e da nova máquina produtiva que o seu país estava consolidando. No final das contas, a juventude trabalhadora, estudante e “comum” dos EUA reforçavam mais ainda sua admiração pela nação e pelo crescimento econômico individual. É um perfil juvenil imerso em contradições que serve de espelho para o mundo, pois, seu visto é ianque.

Um marco interessante entre os anos 1950 e 1960 é que, os circuitos cristãos e conservadores estavam em total sintonia nas Américas. Nos EUA eles se articulavam através do Partido Republicano, a ponto de, no auge das mobilizações contra-culturais, o representante republicano Richard Nixon foi eleito o presidente, com o slogan de que iria “retomar a ordem no país” apoiado através de grandes marchas a favor da moral cristã e em defesa da guerra, o que não soa como contradição, pois, como já visto, a história do conservadorismo não é pacífica.

Nos países latino-americanos, recai uma onda de regimes governamentais ditatoriais, geridos e organizados por forças militares, as burguesias nacionais dos países em questão e também de setores externos. Grandes mobilizações no Brasil denominadas

“Marchas da Família com Deus pela Liberdade” foram organizadas no mês de março de 1964, antecedendo o golpe de Estado que estava por vir. Há, portanto, um país que começa a polarizar-se e também a ser cenário de uma efervescente participação juvenil/estudantil neste período, e isso inclui grupos pós e contra à situação política em questão.

Por outro lado, em nível nacional, tem uma movimentação juvenil e universitária que merece uma atenção nossa: a criação das Ações Populares (AP) no ano de 1960. Segundo Groppo (2000) elas estariam dentro do agrupamento do que será denominado pelo autor de “esquerda cristã” e carregam o *slogan* “Cristo é revolução”. O que pode ser constatado, é que, dentro de uma perspectiva progressista, de justiça social e desenvolvimento, jovens religiosos cristãos (católicos e protestantes) cambiaram suas ações eclesiais centrando força na luta contra a ditadura militar no país. O que antes poderia soar como contradição, se torna real, sendo propulsora assim da Juventude Universitária Católica – JUC, e posteriormente sendo um sustentáculo no apoio às Pastorais¹⁵, que, irão desfrutar e semear a teologia da libertação¹⁶.

Esse deslocamento conservador do eixo europeu só aumenta e segue em crescente na América Latina. Aqui do nosso lado, experiências juvenis conservadoras ganham proporções gigantescas na Argentina e no Chile, principalmente entre os anos 1959 e 1973. Ernesto Bohoslavsky e Gabriela Gomes (2016) tecem uma análise historicista sobre estas juventudes que bradavam e hasteavam a bandeira do anticomunismo, que, como vimos na seção 2 sobre juventudes, se torna uma aposta política muito forte nos países do Terceiro Mundo. Bem, de acordo com Bohoslavsky e Gomes, quatro movimentos conservadores juvenis são protagonistas das mobilizações sociais nos dois países citados, sendo eles o Movimento Nacionalista Tacuara, Juventud de Frente Nacionalista Patria y

¹⁵ As Comissões Pastorais acompanham o processo de “superação do divórcio Igreja-mundo” e advém de propostas oriundas das conferências católicas em Medellín no ano de 1968. No Brasil, surge a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e os fiéis católicos que iniciam tal trabalho possuem uma articulação direta entre fé e ação social de acordo com a possibilidade e protagonismo ali estabelecido, realizando ações de caráter político, social e de caridade em inúmeros campos e territórios da sociedade. Vide em FERRARO, Benedita. *Prática pastoral e transformação social* 20 Horizonte: Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 19-31, jun. 2007.

¹⁶ A *Teologia da Libertação* se configura como uma corrente cristã católica que será difundida na América Latina nos anos 1980 sob a ótica do enfrentamento às políticas neoliberais e destruição da democracia burguesa como uma ação de fé e responsabilidade humana. Tal proposta terá como referências Dom Helder Câmara, Frei Betto, Leonardo Boff e Paulo Freire.

Libertad (FNPYL), Movimento Gremialista e Juventud de Partido Nacional, sendo os quatro pertencentes ao que os autores denominarão de “*derecha radical*”.

Trazer este exemplo próximo às experiências do Brasil é importante, pois, algumas categorias acompanham os séculos, como a declaração dos estudantes de esquerda como *enemigos* políticos (Bohoslavsky; Gomes, 2016, p.40). Essa capacidade argumentativa de enxergar o outro como inimigo se potencializa quando há uma consolidação das forças armadas atuando de forma mais repressiva à época, o que, para estes jovens, era sinônimo de blindagem e confiança.

A autora e o autor nos provocam a alargar o olhar sobre a militarização da vida social, sobretudo no período pós-guerras. O ideário militar toma uma proporção que atinge a beira da naturalidade entre as relações sociais, e, movimentos juvenis como estes reforçam muito bem a capacidade ideológica material que a estrutura militar opera, principalmente quando, de acordo com a autora e o autor, os grupos mencionados foram responsáveis por *peleas*, atentados e assassinatos contra a vida de estudantes de esquerda.

As juventudes conservadoras e de perspectiva reacionária, assim como os movimentos que assim se reivindicavam, tornam-se menos visíveis nos anos 1980, 1990, período em que muitos regimes ditatoriais militares e de direita também têm seu definhamento, e, as pautas de reabertura política, democracia e liberdade de expressão se consolidam como os novos mantras nas artes, na mídia e em muitos espaços familiares pelo mundo a fora, e o Brasil é um exemplo deste processo. Os ciclos políticos ganham entrelaces internacionais cada vez mais evidentes através destas disputas.

Os anos 2000 marca a mudança de milênio, de inúmeros comportamentos e da forma como a sociedade, que agora é digital, se configura. Porém, há elementos que se conservam, e entramos mais uma vez no debate inicial desta tese acerca de geração. Quando Wiviam Weller e Lucélia Bassalo (2020) se lançam ao pesquisar sobre o que elas chamam de “insurgência de uma geração de jovens conservadores”, ambas, antes de tudo, resgatam Mannheim para mais uma vez evidenciar a grandeza que a categoria geração possui.

Weller e Bassalo (2020) enfatizam que a base central para o pensamento geracional em Mannheim são as continuidades e rupturas. Talvez, em um primeiro momento, associar o conservadorismo às rupturas fosse de difícil associação por minha parte, porém, as autoras me convencem quando reforçam ao dizer que a capacidade de

análise advinda dos jovens conservadores sobre o mundo em que estão inseridos também são movidas a partir de continuidade e rupturas.

Também é compreendido pelas autoras, que, existe uma diferença muito grande ao argumentarmos sobre conservadorismo “natural” e do conservadorismo constituído na modernidade. Em diálogo com as autoras e com Mannheim, “o agir conservador” que é um termo mannhheiano é um estilo de pensamento, e nos convida a pensar o conservadorismo também como prática, como ação. Com isso, Weller e Bassalo (2020) resgatam três elementos que podem nos ajudar a entender o que elas denominam de “conservadorismo moderno”: a) a *posição geracional*, que está relacionada ao que é potencial (possível) de se fazer em meio ao ciclo biológico (nascimento e morte) que o sujeito está inserido, certamente, relacionada ao seu território, às suas origens; b) a *conexão geracional* que se consolida também nas práticas, porém, a partir do momento que a gente se insere nelas, sendo capaz de construir vínculos; e por fim c) as unidades geracionais, que como apresentadas no quadro desenvolvido sobre geração na seção 2 desta pesquisa, são as articulações – processamento analítico comum da história e estilo de vida. Isso faz com que, por exemplo, seja possível perceber que é na universidade que muitos jovens ressignificam ou expõem suas posições ideológicas no mundo, para além das outras instituições que os acompanharam durante toda a vida. A geração tem relação com o tempo e o contexto histórico, mas não apenas – os vínculos e a capacidade analítica são peça fundamental para entendermos uma unidade geracional, e como gerações conseguem se conectar ao longo da história.

A partir desta ótica, Weller e Bassalo (2020) percebem a ascensão conservadora juvenil no século XXI a partir no ano de 2013 no Brasil, referindo-se principalmente às Jornadas de Junho¹⁷ do respectivo ano. Neste sentido, discordo das autoras quando elas identificam este momento como o advento das mobilizações conservadoras ou consideradas reacionárias em meio aos jovens, pois, as tensões dispostas, sobretudo nos espaços escolares e universitários entre 2011 e 2012 que ocasionam as maiores greves de trabalhadores e estudantes durante o período de quatro meses, conseguem evidenciar nas ocupações secundaristas e universitárias um setor conservador muito mais nítido, porém,

¹⁷ As *Jornadas de Junho* ocorreram no ano de 2013 e são consideradas as maiores manifestações populares ocorridas no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI. Com pautas diversas, o movimento teve como ação motriz as atividades do Movimento Passe Livre – MPL que se alastrou em território nacional envolvendo movimentos organizados, pessoas independentes e principalmente as juventudes. Além disso, o país passava por uma avalanche de megaeventos esportivos (Jogos Mundiais Militares, Copa do Mundo FIFA, Jogos Olímpicos de Verão Rio 2016) que também foram pautados dentro das manifestações.

da mesma forma que o setor combativo de esquerda se alastra em 2013 para as ruas, outras unidades geracionais são percebidas no espaço político que a rua volta a ser, e isso inclui os jovens conservadores amplamente não organizados, através de coletivos ou partidos.

Porém, um elemento de alta concordância que estabeleço com as autoras é que elas enxergam a *web* como a nova plataforma de mobilização social, especialmente com a consolidação das redes sociais virtuais. Com a expansão deste território virtual, observa-se uma organização juvenil, o que ressaltam as autoras, e ainda posso complementar, que, em um universo de jovens em que a maioria não se encontra organizado de forma efetiva/filiada ou orgânica em algum espaço pré-existente, a *web* é um terreno fértil de partilha de (in)formação para o pensamento e organização das juventudes no século XXI.

Observando este espaço real/virtual que a *web* é, Weller e Bassalo (2020) utilizam da plataforma *Facebook*¹⁸ em que as autoras salientam que ainda é a plataforma com mais movimentação, principalmente, em território nacional. As autoras ao buscar páginas, grupos e perfis ligados diretamente a juventudes e conservadorismo, frisam o contraste entre os milhares de seguidores de páginas conservadoras e os milhões de seguidores de perfis de artistas. Com isso, já prenuncio que as plataformas como Instagram, Twitter e YouTube carregam uma característica funcional muito mais individual e personalista, e que talvez, nestas outras plataformas citadas, os jovens conservadores, por exemplo, conseguem realizar uma identificação biográfica com outros jovens conservadores, diferentemente do Facebook. Isso faz com que eu opte como espaço analítico de discursos e dados a plataforma YouTube, o qual aprofundo na próxima seção.

O exercício realizado pelas autoras Weller e Bassalo (2020) evidenciou as principais ideias-força encontradas nas páginas juvenis conservadoras são: a) *Combate à Corrupção* – sentença que se incorporou ao linguajar cotidiano, e que, segundo as autoras, tal defesa está associada ao fato de que a ideia vinculada de corrupção é a de oposto à honestidade (considerando principalmente, as ações do governo à época sob a legenda do Partido dos Trabalhadores – PT). Além disso, esse combate à corrupção é adornado de uma ligação à moral, e que por muitas vezes, não ser conservador, por exemplo, é uma forma de associar à pessoa como sujeito corrupto; b) *Ideologia de gênero* – este é um dos

¹⁸ A rede social virtual denominada *Facebook* foi criada no ano de 2004 por cinco jovens Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz, Chris Hughes oriundos da Universidade de Cambridge. Atualmente, o seu chefe majoritário, Zuckerberg conseguiu constituir um conglomerado de empresas e plataformas tecnológicas junto ao *Facebook* como a *Amazon*, *Yahoo*, *Instagram* e *WhatsApp*.

termos mais frequentes dentro do cenário político conservador, e talvez, a maior pauta alavancada pelas juventudes conservadoras ligadas diretamente aos espaços acadêmicos e de intervenção escolar (este será também um tema aprofundado na seção 5); c) *Defesa da família tradicional e da moral cristã* – esta pauta está associada principalmente à ação reativa aos movimentos feministas e de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos – LGBTI, que despontam como ameaça iminente; d) *Olavo de Carvalho* – essa é uma figura política que reaparece ao longo deste trabalho, mas que as autoras identificam muitas citações ao mesmo, bem como, às ideias sustentadas por ele como Nova Ordem Mundial, globalismo e guerras culturais. Sua influência também inflama e respalda a utilização de alguns jargões por parte destes jovens conservadores a pessoas que criticam tal pensamento, como petralhas, comunas, bolsa palhaço e abortistas.

Weller e Bassalo (2020) após todo este apanhado compartilharam uma reflexão interessante ao afirmarem que a potência conservadora “(...) reside em conectar tendências estabelecidas coletivamente em torno de conteúdos identificados por eles como nocivos ao estabelecimento de determinada ordem” (2020, p.400). Logo, subentende-se que o conservadorismo é capaz de aglutinar tudo aquilo que ele se opõe, configurando como um inimigo potencial. Essas esferas “nocivas” assim identificadas, ampliam o alvo do conservadorismo, tornando-o mais complexo para o entendimento em sua totalidade.

Um dos primeiros exercícios realizados neste trabalho foi identificar quais os principais coletivos e movimentos juvenis-universitários que reivindicavam o conservadorismo no Brasil e que foram criados no século XXI. Através de uma busca na web e nas redes sociais utilizando o termos coletivos/juventudes conservadoras/direita/integralista consego mapear coletivos como a União Nacional dos Estudantes Conservadores (Unecon) que tem sua fundação em 16 de março de 2019, encontro este realizado na sede do Instituto Conservador (Icon) na cidade de São Paulo, Frente Integralista Brasileira (FIB) fundada em 22 de janeiro de 2005 e com sede também na cidade de São Paulo, faz parte enquanto seção política desta frente a Juventude Integralista Brasileira, esta, inspirada na Confederação de Centros Culturais da Juventude¹⁹, organização do começo do século XX, presidida por Plínio Salgado,

¹⁹ Os jovens que compunham os Centros Culturais da Juventude criados pelo intelectual integralista Plínio Salgado eram denominados de *Águias Brancas*, uma referência à capacidade de voo alto que esta espécie

intelectual brasileiro integralista que serve como referência para toda a organização. Outra organização acadêmica e juvenil é o Grupo de Estudos Conservadores (GEC) promovido por estudantes da Universidade Federal de Alagoas, tendo suas primeiras atividades de estudos (currículo, como eles chamam) a partir de janeiro de 2018, sendo este com o objetivo de analisar obras do campo acadêmico consideradas de esquerda ou materialistas, no intuito de confrontá-las. Há também a Juventude CONServadora que é vinculada ao espaço virtual/rede social Conservadores – ACONS.

Em termos de páginas, grupos e perfis, estes quatro grupos são os mais atualizados e que realizam atividades de forma mais constante, ações presenciais, produção de materiais como jornais, artigos, livros e *lives*, bem como uma base de acordo mais orgânica a estruturada. Porém, a quantidade de espaços em algumas bases como Instagram, Facebook e Youtube é bem maior, como por exemplo, o Instagram que possui 58 perfis que abordam sobre o assunto no ano de 2021.

Um elemento de interseção entre os quatro espaços juvenis citados acima são as diferenças religiosas (católicos continuam sendo a maioria, porém, com uma força evangélica pentecostal muito grande na Unecon) e as críticas realizadas ao governo do presidente Jair Messias Bolsonaro, em que, a maioria das publicações e análises recentes, demonstram insatisfação e repúdio, porém, sendo algo muito volúvel nos consensos lidos através dos espaços de comunicação.

As juventudes apresentam inúmeras expressões do que são, de suas identidades políticas e culturais de acordo com as dinâmicas estruturais que estas mesmas contribuem para construir. Longe de associar ou limitar todas as expressões juvenis conservadoras em agrupamentos, principalmente os aqui citados, também não posso limitar a análise sobre os envolvimento políticos e filosóficos juvenis ao longo da história sem essa participação, construção ou inspiração. Todavia, considero que a partir do século XXI, com as novas plataformas de difusão de informação e produção de conteúdo, as relações de alcance e envolvimento também acompanham os ritos das redes. Com isso, as juventudes conservadoras são múltiplas e também estão na disputa ideológica no espaço contemporâneo, com sua própria forma de se comunicar e afirmar seus pilares geracionais.

teria, e, de acordo com os anseios de Salgado, era o que ele esperava da juventude integralista do Partido de Representação Popular, com forte crescimento entre os anos de 1932 e 1952.

3.3 Conservadorismo em tempos “não analógicos” - notas contemporâneas

O ano de 2013 foi realmente turbulento e movimentado no Brasil. Nesta tese, já mencionamos algumas tensões ocorridas no referido ano no que tange ao acontecimento político das Jornadas de Junho de 2013. Porém, no mesmo ano, ocorreu em nosso país (considerado o país com mais católicos romanos praticantes do mundo) a XXVIII Jornada Mundial da Juventude (JMJ), evento organizado pela alta cúpula episcopal do Vaticano junto aos bispados nacionais nos países em que a religião possui organização sacerdotal e litúrgica. Logo, se de um lado havia uma juventude mobilizada contra os desmandos em detrimento dos megaeventos e crise política no país, do outro há uma legião de jovens religiosos que abraçam em suas camisetas, símbolos, vídeos de convocatórias e pré-eventos o título da edição brasileira: “Ide e fazei discípulos entre as nações” que compõem um versículo bíblico cristão, tema reforçado na carta produzida pela Papa Bento XVI²⁰ dirigida aos jovens da JMJ, convocando todos à se inspirarem nos antigos cristão e se preparem para a “missão”.

Entre jovens que construíam pastorais até os jovens participantes das Renovações Carismáticas (RC), a JMJ estava lotada. O mundo parou para ver essa caminhada e evento, o que dividiu holofotes midiáticos e políticos com o Brasil literalmente em chamas nas grandes cidades. Mas, por que acionar este cenário histórico para a condução dos elementos conservadores neste século?

Eventos de magnitude internacional revelam muito as intercorrências globais de determinados temas, bem como, trazem em suas malas os discursos operantes de suas condicionalidades ideológicas. Ter uma juventude cingida de forma muito sutil, porém muito demarcada entre os meses de Maio, Junho e Julho no Brasil não revela uma ação fatídica e visceral, mas, evidencia como o globo estava se comportando em meio à uma nova crise global econômica e política.

O país que apresenta historicamente uma organização política que reivindica o conservadorismo em caráter político mais organizado (Grã-Bretanha) assiste à uma guinada histórica que não ocorria desde os anos 1980 a partir dos anos de 2005. A criação

²⁰ Joseph Aloisius Ratzinger (Bento XVI) foi papa da Igreja Católica Apostólica Romana entre os anos de 2005 e 2013. Foi um dos representantes da igreja que mais criticava o movimento LGBTIA e as discussões de gênero. Morreu em 31 de dezembro de 2022 e terá um livro póstumo intitulado “Che cos’è Il cristianesimo” (O que é o cristianismo) e que abordará sobre a existência de “clubes gays” dentro do universo seminarista.

de seções juvenis nos partidos conservadores e de outros movimentos “independentes” juvenis com os mesmos princípios chamou a atenção da pesquisadora Sarah Pickard (2007). Ao apresentar que há uma criação acelerada de agrupamentos juvenis de direita e conservadores, Pickard (2007) também coloca em relevo que os *seniors* (mais velhos e lideranças *tories*) ligam o sinal de alerta sobre este modo de fazer política, porém, absorvendo tais características e formas de comunicação em suas agendas.

No Brasil, na Europa, em outras partes do mundo, há sinalizações de um ressurgimento de pautas religiosas e conservadoras que emanam de agrupamentos juvenis. Porém, o século XXI nos proporciona em pouco mais de duas décadas, elementos-chave para que a interação, acesso a informação e sociabilidade política ganhe dimensões não vistas em outros momentos, e aqui destaco dois elementos conjunturais de nossos tempos: as crises econômicas e políticas e avanço massivo das tecnologias, sobretudo, os dispositivos móveis.

Para nos aproximar desta conjuntura abrupta, Wendy Brown (2019) retoma alguns processos que se desenrolam a partir dos anos 1970. Para a autora, os declínios sociais e o avanço da extrema direita e políticas conservadoras ocorrem pelo aceleração do neoliberalismo como política econômica. Primeiro por que de acordo com Brown (2019) as concepções de social democracia e conservadorismo se degladiam permanentemente entre os anos 1960 e 1970, quando há a corporificação do capitalismo através das experiências no Chile com Pinochet, da criação e interferência do Fundo Monetário Internacional (FMI) na gerência do capital, a consolidação de uma política altamente neoliberal em todos os conceitos econômicos e ideológicos possíveis com Thatcher e Reagan nos Reino Unido e Estados Unidos e neste último a influência dos *Chicagos Boys*, em que nos atentamos pela **juvenização** discursiva utilizada pelo setor de banqueiros e da grande mídia. Todos estes cenários culminam para uma política de desregulação do capital, porém mantendo.

Os anos 2000 são assolados com o que Brown (2019) denomina de “ruínas do neoliberalismo”. Aqui, Estado-nação, capitalismo e democracia, invenções estruturadas e estruturantes da Modernidade, são capciosamente revisitadas, questionadas e ameaçadas de diversas formas, seja através de crises, de processos históricos territoriais ou proposições de mudança social que se colidem.

Neste sentido, surge o que percebemos como um dos nutrientes para que o conservadorismo em nosso século se reorganize: se a “igualdade política” é um princípio da democracia e a democracia (burguesa em sua essência) perfura o Estado e rege a cidadania em sociedade, a mesma intensifica mudanças e pequenas frestas que fodem de uma outra tríade que não é a da Modernidade: Deus, família e pátria. Ou seja, é necessário contra-atacar, e para isso a igualdade política torna-se um alvo dos conservadores.

Porém, como já sinalizado anteriormente nesta seção, historicamente, liberais e conservadores rumam para caminhos distintos em suas proposições, porém, dentro do circuito do capitalismo, a crítica à sua exploração e reprodução não é contundente, tão pouco um exercício necessário.

Em momentos de crise, como na virada do século XX para o XXI e suas incertezas bem como o declínio econômico entre os anos de 2006 e 2008, por exemplo, há uma difusão e **fusão** de pensamentos e propostas que sustentam ideologias dominantes e o capital em sua plena operacionalização. Posto isso, sustentamos a ideia de que há um “borramento” entre estes projetos políticos e filosóficos, uma vez que, envoltos na materialidade econômica, buscam um no outro um consenso e um fortalecimento, já que, apresentam como inimigo comum a esquerda ou qualquer proposta que se denomine progressista ou socialista.

Junto neste caldeirão de consolidação do neoliberalismo como política destrutiva das relações humanas, nós temos os conceitos de sociedade e civilização colocados em uma gangorra, principalmente quando a justiça social se torna “inimiga dos gêmeos da civilização – a **moralidade tradicional** e os **mercados competitivos**”, a sinalizar Brown (2019). A autora complementa ao dissertar que

De fato, dentre as realizações neoliberais mais impressionantes, estão o desmantelamento epistemológico, político, econômico e cultural da sociedade de massa em capital humano e unidades familiares econômico-morais, juntamente com o resgate tanto do indivíduo quanto da família no momento exato de sua aparente extinção. (Brown, 2019, p. 51)

Em um exercício dialético, a conjuntura propícia para o crescimento do conservadorismo em inúmeras instâncias da vida social é também resultado deste “desmantelamento” citado pela autora. Essa relação atinge diretamente uma instituição que há milênios percorre experiências diversas de organização nuclear (ou não) mas que

espraia dentro do capitalismo um formato necessário às suas demandas, que é a família monogâmica e heterossexual.

Se esta, por sua vez, está atrelada à uma religiosidade hegemônica e colonizadora, que é a cristã, logo se cristaliza uma das vigas das tensões afetadas pela crise suplantada em questão, e com isso, a complexidade do conservadorismo se ramificar neste século necessita, evidentemente, da sua capacidade de ação política e relação direta com as estruturas do Estado moderno burguês. **Ser conservador no século XXI é, portanto, caminhar ao lado de projetos econômicos que sufocam a classe trabalhadora e oprimida em detrimento de um possível fôlego final existente a quem é pisoteado materialmente e ideologicamente todos os dias, e isso inclui a capacidade alienadora dos que estão submersos ideologicamente a ela.**

Porém, se no princípio da organização política da filosofia conservadora, a grande escola conservadora originária se encontrava no olho do furacão de guerras, rebeliões e conflitos, não se ausentando destes ou de suas disputas ideológicas, no século XXI percebemos que há um sentimento e uma cultura em desenho muito evidente frente aos que abraçam este projeto/discurso: o sentimento de raiva e a cultura da violência se normalizam a cada dia que passam e talvez exista outra figura que suscita reação conservadora: **o homem falocrático.**

Dentro da lógica de um dos gêmeos da modernidade, ao retomar Brown (2019), a moralidade tradicional é sobretudo paternalista e patriarcal, e o este paternalismo costura o tecido social em inúmeras outras instituições, em especial destaque o Estado. Com uma formação que ruma para uma defensiva permanente, o acionamento da virilidade e a brutalidade compõem esse sujeito ao longo dos séculos, especialmente no ocidente. Entretanto, isso não basta para sustentar o adorno de privilégios que o patriarcado detém. A brutalidade agora se atrela à raiva mobilizada a partir da “perda de privilégios” e sobretudo, no descrédito na solidariedade social. Ora, se ser homem é tomar a dianteira das relações familiares e sociais, ser solidário perpassa por um processo que rompe a privacidade e caminha para o apoio mútuo, no que se apoiar é sinônimo de fraqueza.

Brown (2019) observa que existem nuances que movimentam esse jogo conservador/patriarcal na contemporaneidade. Ela afirma que

A arrogância perdida pelos privilégios da branquitude, masculinidade e nativismo é então facilmente convertida em ira justificada contra a inclusão social e a igualdade política dos historicamente excluídos. Essa

raiva, por sua vez, torna-se a expressão consumada da liberdade e americanidade, ou da liberdade e europeidade, ou da liberdade e o Ocidente. Com a igualdade e a solidariedade social desacreditadas e com a negação da existência de poderes que reproduzem as desigualdades, abjeções e exclusões históricas, o supremacismo masculino branco ganha assim nova voz e legitimidade no século XXI. (Brown, 2019, p. 58).

O conservadorismo em nossos tempos consegue ser ao mesmo tempo em que reflexo de sua tradição originária, uma filosofia política que se apega a todas instituições para blindar suas possíveis rupturas e com isso a sociedade revela o mais íntimo dos seus desejos e conformações políticas que beiram o sadismo. Ao observarmos, por exemplo, quando no dia 7 de novembro de 2017, centenas de pessoas, em sua ampla maioria jovens entre 16 e 29 anos, ocuparam uma das ruas da cidade de São Paulo para protestar contra a presença da filósofa e pesquisadora estadunidense Judith Butler, professora emérita da *University of Berkley*, Califórnia.

Majoritariamente brancos e homens seguravam cartazes com os dizeres “Queimem a bruxa!” e empunhando crucifixos, o ato “inquisitório” estava armado. O jovem de 23 anos, Douglas Garcia, à época, vice-presidente do movimento “Direita São Paulo”, em entrevista ao jornal *El País* afirmou que sobre a Judith Butler e os militantes que apoiam a pauta das discussões de gênero (aqui denominada ideologia de gênero e em que o termo será discutido na seção de análise) são responsáveis por afundar o país na imoralidade, ou, como o mesmo enuncia – “eles falam que querem garantir a igualdade. Mas o que eles querem é a erotização das crianças. Eles querem a erotização das crianças por meio da ideologia de gênero para que vejam como normal que uma criança toque um homem nu. Esse mesmo pessoal diz que pedofilia não é crime, é doença”.

Este enunciado envolto de um mosaico político que ocupa as ruas afim de expulsar a autora em questão, revela o que não é bem-vindo na sociedade. Se afirma ainda que, o conservadorismo também operacionaliza uma política tão violenta e brutal de negação dos sujeitos em detrimento da lógica familiar que assim como queimaram a boneca com o rosto da Butler, queimam em suas bagagens na história, a capacidade de defrontar-se com o divergente ou de simplesmente acolhe-los.

Logo, **o conservadorismo em tempos atuais carrega consigo a máxima patriarcal e em nosso país a branquitude, que é o fato de não existir questionamentos**, até por que, homens “de bem” não precisam ser importunados e a branquitude com seu passado escravocrata, não admite ser incomodada com as vozes e

gritos sejam de quem for. A violência ruma para a política do silêncio, e a promoção deste silêncio por parte do conservadorismo é uma estratégia política.

Esse combo criado de forma sutil e sem alarde entre liberais e conservadores também é reconhecido em sua escola autoral. Para Scruton (2020) um dos maiores autores conservadores atuais, o mesmo avalia que o exercício de retorno à grande tradição não está sendo fácil devido as próprias marcas históricas e filosóficas que o conservadorismo conseguiu constituir, e que, como filosofia política de alcance global, também está costurado de escritas territoriais muito particulares. Porém, esse reconhecimento fica mais evidente quando ele identifica que

Novamente conservadores e liberais se veem lado a lado na defesa de seu objetivo comum: uma sociedade de indivíduos livres sob um governo que escolheram por si mesmos. Mas, eles vivem agora, em um mundo no qual as liberdades de expressão e de opinião são amplamente ameaçadas, o riso é perigoso e as suposições fundamentais do governo secular já não são partilhadas por todos que gozam dos seus benefícios. (Scruton, 2020, p. 129).

Portanto, as raízes históricas de cada um desses agrupamento ideológicos e políticos parte em sua ampla maioria de territórios comuns em sua historicidade e organização social, porém, criam caules que rumam para projetos muito específicos, e claro, que atendem as demandas de suas crenças, classes e propriedade privada.

A aproximação ou distanciamento, ou, o reconhecimento por parte dos conservadores como interceptores de outras demandas políticas atuais acontece de acordo com como o seu projeto de retorno à “grande tradição” pode ser mais atendido, e isso pode ser realizado a qualquer custo, sobretudo pelas lideranças e porta-vozes conservadores que nesta arena política se articulam para disputar o Estado burguês, tomar como espaço formativo e político os ambientes dos templos religiosos e fiscalizarem as instituições modernas e sociais: família, escola e Estado.

Poderíamos aqui, encerrar a seção falando de muitos outros agrupamentos que se alinham à extrema-direita, à direita tradicional ou ao conservadorismo, como as políticas dos *incel*²¹ e sua ojeriza e misoginia contra às mulheres, a 4ª teoria política inspirada em

²¹ De acordo com Zimmerman, Ryan e Duriesmith (2018) *incel* é a abreviatura em inglês para *involuntarily celibate* (celibato involuntário) e se caracteriza como uma cultura virtual de violência e perseguição extremista contra as mulheres.

Aleksandr Dugin²² (*duginismo*), da militarização das igrejas, especialmente as neopentecostais com a formação infantil e juvenil dos denominados *Exércitos de Cristo* ou até, falar dos Camisas Pardas e a nova Frente Integralista do Brasil que retomou suas atividades após 90 anos.

Entretanto, o discurso como política encontrado na materialidade que molda este trabalho dispõe de muito mais organicidade informativa sobre o nosso quadro referencial e político do conservadorismo na atualidade, já que, esses discursos desvelam ações, formações e rumos de como a juventude pode e deve assumir posturas cada vez mais reacionárias neste século, e com isso, o desenvolvimento sobre o nosso cenário atual, se encontra no dito e interdito da AD filiada ao materialismo histórico-dialético disposta nesta pesquisa.

4. DISCURSOS NA TELA – PERCURSOS METODOLÓGICOS E O ENCONTRO COM OS JOVENS INFLUENCERS CONSERVADORES

O século XXI está marcado pelas inúmeras e constantes transformações tecnológicas que os setores produtivo e comunicativo tem se esforçado diariamente a construir. A cada dia, a web, as redes sociais e o universo da *cyberculture* têm adentrado em nossas rotinas. As plataformas digitais também se configuram como um espaço da nossa realidade, que, por mais que seja virtual, é possível presenciarmos e sentir experiências que emanam de nossas dinâmicas sociais e isso inclui as tensões políticas, que a cada dia se acentuam de forma mais profunda.

Uma das considerações apresentadas nesta tese é a do fortalecimento do ideário conservador entre os jovens neste século, e que, um dos impulsos para esta guinada está relacionado com o acesso à informação e comunicação dos conteúdos que envolvem esta filosofia, sobretudo via *web*. Levando em consideração toda a “memória virtual” existente, este trabalho jamais daria conta de evidenciar a grandeza de materiais produzidos em torno desta temática, porém, uma das plataformas de maior utilização e acesso “gratuito” e universal e que antecede as redes sociais em formato de grupos ou comunidades é a YouTube, uma plataforma de vídeos criada na primeira década do século XXI e que tomará conta das retinas, ouvidos e mãos de uma multidão global.

²² Aleksandr Dugin é um filósofo russo ultranacionalista que desenvolveu o *eurasianismo*, proposta política e econômica de retomada territorial de antigas nações pertencentes ao bloco soviético rumo à consolidação da “verdade russa”, ampliando o que ele defende como quarta teoria política.

Com isso, compreendemos que o *YouTube* é uma ferramenta política e pedagógica consolidada no início deste século, e é através deste espaço que muitos e muitas jovens utilizam para difundir, propagar e formar juventudes que se aproximam e reivindicam este ideário. Há uma potência, fluidez e dinamismo que devem ser considerados, e com isso, este espaço servirá como campo de análise discursiva para este escrito. Para isso, apresentarei inicialmente um breve histórico da plataforma *YouTube* e em seguida evidencio quais os canais²³ escolhidos e as respectivas vozes/personalidades juvenis responsáveis por estes canais e conseqüentemente, os protagonistas em análise-diálogo desta pesquisa. Na última subseção, será introduzida a escolha metodológica da Análise do Discurso, suas principais linhas de organização e percurso de análise.

4.1 – Inscreva-se no canal: o *YouTube* como plataforma comunicativa e política juvenil no século XXI

Assim que abrimos o *YouTube*, seja no computador, tablet ou aparelho celular, nos deparamos com universo comercial gigantesco. É um mix de possibilidades de vídeos com os mais variados temas, mas, de propostas de outros espaços não tão comuns aos nossos gostos e últimos acessos, mas, que nos convidam e que anunciam em tarja vermelha “Inscreva-se” neste canal, neste espaço, neste conteúdo.

De acordo com Jean Burgess e Joshua Green (2009) o *YouTube* é responsável por uma revolução digital, neste caso, não tão premeditada e articulada. Sua criação ocorre pelas mãos e mentes de três jovens que tiveram sua experiência profissional inicial na empresa de pagamentos e transações financeiras virtuais *Pay Pal*. Steve Chen, Chad Hurley e Jawed Karim enquanto jovens desempregados se arriscaram na criação de uma plataforma simples de promoção e *upload* de vídeos em 2005. De acordo com os autores, três elementos básicos chamam a atenção do visual e do uso do YouTube: a facilidade em realizar os uploads, ou seja, carregar os seus vídeos na plataforma; a facilidade de compreensão e uso do campo visual de trabalho da plataforma; o compartilhamento fácil de links com um simples CtrlC e CtrlV.

Um elemento de destaque nesta história, é o que Burgess e Green (2009) chamam de “mito” do progresso que o território do Vale do Silício proporcionava aos jovens

²³ Os canais (*channels*) são abas de participação, produção e difusão de conteúdo a partir de plataformas diversas na web, porém, com maior alcance via *YouTube*. Para construir um canal, basta o preenchimento de um formulário básico e a posse de um endereço eletrônico (e-mail).

“dotados” de inteligência técnica para as grandes empresas do setor de informática e tecnologia digital. O Vale do Silício (*Silicon Valley*) é uma região formada por várias cidades no estado da Califórnia, EUA e se tornou a partir dos anos 1990, o principal campo global de desenvolvimento destas tecnologias, aglomerando jovens universitários de todo o mundo com um único objetivo: criar, inovar e lucrar.

Assim como vemos em inúmeros filmes Hollywoodianos, em que, jovens despontam em suas carreiras a partir do que estudam e desenvolvem em seus sótãos e garagens, assim a história destes três foi aproximada na mídia estadunidense inicialmente. Porém, o *YouTube* assim que é criado, demora pouco mais de um ano para ser uma plataforma conhecida, e inclusive, todas as hipóteses que tentam explicar o seu sucesso, estão atreladas à divulgação da grande mídia de forma não tão premeditada e das críticas através de *blogs*, principalmente os do universo *nerd* e *geek*²⁴.

Com essas aparições e com a capacidade de compartilhamento do que era veiculado pela plataforma, os grandes conglomerados voltam seus olhos de forma imediata para esta plataforma e como ela poderia ser servil para a própria difusão das grandes empresas de tecnologia, sendo comprada pela *Google* no ano de 2006 por 1.65 bilhões de dólares.

Com isso, o *YouTube* se articula com o Gmail e os primeiros drives de partilha e armazenamento de conteúdo da maior empresa do mundo de plataformas virtuais, que é a Google, e com isso, já em 2008, o YouTube até então dimensionado nos EUA e Reino Unido, se encontra entre os 10 sites mais utilizados em todo o globo. Os serviços todos de mídia, de outras grandes empresas e o desenvolvimento de pequenas empresas também se deram de forma mais assídua, com divulgações a partir de tal plataforma. Porém, o que surpreende até a própria Google é a quantidade de material autoral e sobretudo, dos cotidianos pessoais das pessoas em todo o mundo. Entre 2009 e 2010, o *YouTube* será tomado por uma nova forma de se comunicar e falar sobre si e sobre experiências diversas: o “novo” conteúdo se dá agora a partir do que será chamado de *vlog*, que são blogs com conteúdo e propostas diversas, através das lentes das câmeras pessoais, a ponto

²⁴ *Geek* é a cultura que aglutina sujeitos que se permitem envolver com o universo tecnológico e das novidades virtuais, de animações e Histórias em Quadrinhos (HQ) de forma mais intensa, compondo o seu estilo de vida, grupo social e consumo. Geralmente são associadas as pessoas consideradas *nerds*, porém, os *nerds* são sujeitos vinculados aos estudos e à produção científica sendo a declaração destes atos essencial para o seu reconhecimento. Um *nerd* pode ser um *geek*, mas, isso não é regra.

de o YouTube mudar seu slogan de “*Your Digital Video Repository*” (Seu repositório de Vídeos Digitais) para “*Broadcast Yourself*” (Transmita-se ou Transmite você mesmo).

Por ser uma plataforma que não têm como objetivo produzir conteúdo para lucrar, e sim, compartilhar conteúdos produzidos e lucrar em cima da potência que o seu alcance possui, o YouTube consegue se estabelecer dentro do circuito econômico de negócios. Porém, além dessas parcerias com as grandes empresas, o foco na expressão pessoal dos sujeitos via web também se torna uma marca de tal plataforma. Sobre isso

O valor do YouTube não é produzido somente ou tampouco predominantemente pelas atividades *top-down* da YouTube Inc. enquanto empresa. Na verdade, várias formas de valores culturais, sociais e econômicos são produzidas coletivamente em massa pelos usuários, por meio de suas atividades de consumo, avaliação e empreendedorismo. (Burgees; Green, 2009, p. 23)

Esta citação evidencia um ciclo que começa a ganhar formas mais delineadas. Os usuários, portanto, as pessoas que consomem estes conteúdos, incitam as produções daqueles que criam. São demandas que sustentam a base motriz para o YouTube avançar, sobretudo com os vídeos que possui um formato mais individual, de rotina, de análise e de opinião. Esse ciclo, os autores incluem no que se compreende como “cultura participativa”, que é outra categoria que emerge dentro dos estudos das tecnologias da informação e comunicação.

Esses elementos contribuem para fortalecer a ideologia “*Do it Yourself*” (DiY) que se traduz literalmente como “faça você mesmo”. Tendo como base o individualismo norte-americano que será revestido pelo liberalismo econômico clássico, a ideologia DiY soma-se à tecnocultura e à utopia digital para a promoção de uma nova ordem cultural, econômica e social. É como se o YouTube, por exemplo, fosse uma estrutura real de exercício do trabalho, do projeto futuro de vida e da capacidade de desenvolvimento de si ser aproveitada. É uma possibilidade de ser algo, de reconhecer algo ou de fazer algo ser notado, consumido, ou, ser apenas útil, porém, com a responsabilidade total em suas mãos, sendo a plataforma exímia deste processo.

Se observarmos as dinâmicas do YouTube com as correlações políticas e econômicas globais, dentro do capitalismo, observa-se que a ligação direta com o campo do trabalho e o universo das tecnologias e mídias, como os aplicativos de celular, reconfiguram os processos de divisão do trabalho e suas estruturas de acordo com as

possibilidades lucrativas, o que se denomina dentro de uma perspectiva crítica e materialista de *uberização*²⁵ do trabalho e da vida social.

Isso pode nos ensinar que as mudanças tecnológicas e os seus respectivos avanços, não alteram e rompem com as dinâmicas econômicas e políticas. Rupturas estruturais também são processuais, e a mídia e a *web* são parceiras tecnológicas ativas neste sentido. Essas mudanças são observadas a partir dos textos de Rafaela Bernadazzi e Maria Helena Braga e Vaz da Costa (2017), quando as autoras compartilham suas percepções sobre a capacidade que o YouTube teve e têm de incitar aquilo que conhecemos como produtores de conteúdo, principalmente na segunda década do século XXI.

O avanço do YouTube, em diálogo com o que as autoras reforçam, se dá quando o cinema e a televisão não conseguem desenvolver possibilidades de alcance e ações inovadoras em seus campos, o que começa a instituir uma supremacia dos criadores de conteúdo online. Esses produtores podem ser denominados de Youtubers, influenciadores digitais, criadores de conteúdo, influencers, entre outros termos que acompanham as próprias dinâmicas estabelecidas pela rede. Além disso, os perfis destes sujeitos que ocuparam um lugar cativo, midiático e lucrativo no YouTube, é um perfil que as autoras consideram como dinâmico, mutável e de faixa etária bem diversa.

Se formos pensar neste quesito, as juventudes predominam neste cenário há exatamente pouco mais de uma década. Ao analisarmos o cenário nacional, Bernadazzi e Costa (2017) rememoram que os primeiros influenciadores/Youtubers do país são dois jovens – Paulo César Goulart Siqueira, paulista mais conhecido como PC Siqueira, com o canal “Maspoxada” lançado no mês de fevereiro do ano de 2010, quando ele tinha 23 anos de idade, lançando conteúdo acerca do universo geek e musical; e Felipe Neto Rodrigues Vieira, carioca que utiliza como nome artístico apenas Felipe Neto, que criou seu canal no mês de abril de 2010, com canal de mesmo nome nos seus 22 anos. Ambos homens, heterossexuais, vindos da classe média das suas maiores metrópoles do país, e, pioneiros em terras brasileiras do formato *vlog* para o *YouTube*.

²⁵ A *uberização* do trabalho é uma analogia que o pesquisador Ricardo Antunes (2020) faz às novas relações de trabalho da sociedade capitalista frente aos novos dispositivos digitais e de controle de serviços, especialmente, se referenciando à empresa multinacional *Uber Technology Inc.* que surgiu em 2009 e que atualmente possui um número de 5 milhões de motoristas/parceiros (termo utilizado pela empresa) sendo 1 milhão deles operando no Brasil (dados obtidos no sítio virtual da empresa). De acordo com Antunes, esta modalidade de trabalho precarizado nos levará uma escravidão digital sem volta.

Os dois assim como tantos e tantas outras pessoas tiveram suas carreiras alavancadas através do *YouTube*. São considerados personalidades da internet, bem como, referências para os jovens. O interessante é que são jovens que carregam as marcas do jeito informal de comunicação, cenários e aparência cultivada na cultura moderna e “descolada”, não são religiosos, sendo o primeiro ateu e o segundo não-teísta, mas, que possuem milhões de pessoas subscritas em seus canais. Essas quantidades de seguidores que tanto assustam, constituem as personalidades destas figuras públicas. É a força destes usuários que permite a modelagem destes outros e os caminhos que eles seguem, bem com os conteúdos que produzem.

Outro elemento de potência do *YouTube* é que como as autoras salientam “a velocidade de interação atingiu a imediatividade”, então, existe uma cobrança, tanto em nível de produção das grandes empresas de conteúdo e inovação, como para quem acompanha com influenciadores nas suas redes. Há, um elemento de ligação entre usuário/seguidor/inscrito junto ao canal. Criam-se expectativas, relações de pertencimento e capacidade de interação e cobrança com aquele que produz, até por quê, a audiência aqui não é igual à TV ou a possibilidade de compra de um ingresso para uma sala de cinema. Audiência significa sobretudo, engajamento.

Retomando o diálogo com Bernadazzi e Costa (2017) as autoras afirmam que estas questões se agudizam pela nossa sociedade contemporânea estar imersa no cyberspaço, principalmente com a utilização escancarada de smartphones, *netbooks* e tablets, portanto, uma nova capacidade humana de levar o universo das informações para onde for necessário e capaz, e não resumir ao lar ou escola a expectativa destes acessos.

Isso me faz lembrar um episódio ocorrido em uma das andanças (do pesquisador) com os trabalhadores motoristas de aplicativos. O dia era 16 de fevereiro do ano de 2021 e eu estava indo em direção ao bairro do Benedito Bentes, na periferia da parte alta de Maceió. Ao entrar no veículo, me deparei com um jovem rapaz. O motorista tinha aproximadamente 22 anos, branco, corpo considerado atlético e chapéu de estampa militar. A viagem é realizada em tempos pandêmicos, porém, ele não utilizava a máscara. Segui a viagem, pois o custo dela era o que me cabia e não poderia cancelar. Porém, ele só questionou o destino final, e foi em silêncio durante todo o percurso, e, ao invés de acompanhar o GPS, acompanhava com uma audiência muito atenta uma série de vídeos sobre a história nacional, e aquela atmosfera toda começou a me inquietar. Até que, ao chegar próximo ao meu destino, eu o questionei “Você cursa História?” e ele prontamente

me respondeu “Não. É uma série. Na verdade, é um canal com várias séries, e cada episódio tem um tema”. Questiono novamente “Qual o nome deste canal?” e o jovem responde- “Brasil Paralelo. É só você digitar no *YouTube* que aparece logo”. Garanti ao mesmo que iria procurar assim que chegasse em casa, e foi o que eu fiz. A minha suspeita, de acordo com o pouco que ouvi durante a viagem se confirma: um canal com produções de inúmeros influencers sob a ótica conservadora de entender a história e o Brasil contemporâneo.

Não foi a partir desta experiência que decido trilhar estes caminhos da pesquisa, mas, estes episódios assim como todas as hipóteses suplantadas, contribuem para entender duas relações: a) a capacidade que a *web* tem como produtora e educadora de novas gerações imersas dentro deste universo tecnológico; b) A política e as tensões econômicas e sociais apreendidas, debatidas e analisadas a partir de vozes que ocupam as mídias. Nesse sentido, há uma objetividade, uma organização e planejamento para aquilo que se produz. Esse hibridismo entre o que é profissional e amador aproxima a sociedade dos questionamentos sobre a verdade, a moral, a ciência e as relações sociais. Por isso, não considero isso um fenômeno. O *YouTube*, a utilização dele, os fins para que ele é utilizado e o que se propaga. Tudo têm uma proposta, e isso inclui a ideologia conservadora.

4.2 – Fala galera do canal! - Caras e bocas dos jovens conservadores *youtubers* brasileiros

Já se foi o tempo em que os *channels* – canais de transmissão de conteúdo audiovisual se limitavam aos espaços da televisão. Hoje, a ideia de canal adentra o universo da internet e se consolida na plataforma YouTube. Há canais de artistas, celebridades, empresas, emissoras de TV, movimentos sociais, universidades e pessoas que lançam mão do anonimato para partilhar seus cotidianos, pensamentos e análises sobre uma diversidade de temas.

Especialmente neste trabalho, o esforço analítico se debruça sobre três elementos básicos para compreender determinadas dimensões do conservadorismo na atualidade, e para isso, delimitamos os estudos sobre o conservadorismo como filosofia política, as juventudes conservadoras, em especial, os jovens universitários e ex-acadêmicos e os seus envolvimento com o YouTube como ferramenta de comunicação direta e formação desta filosofia entre as juventudes que se reivindicam como conservadoras.

Aqui nesta subseção, apresentamos quem são estes protagonistas que participam dos nossos trabalhos a partir de suas produções e análises realizadas em seus respectivos canais. De antemão, é realizada uma breve busca no *YouTube*, no intuito de mapear canais que com conteúdo nacional sobre o conservadorismo, e que, tem ligação direta com o conservadorismo.

Utilizando duas chaves de busca: **conservadorismo** e **juventudes conservadoras**, realizou-se uma seleção dos canais que têm ligação direta à essas palavras e nos quais os vídeos ultrapassavam 1.000 visualizações. Existe uma política interna da própria plataforma YouTube em que, para realizar atividades como *lives (ao vivo)*, é preciso ter no mínimo 1.000 inscritos, o que antes do período pandêmico era necessário ter 10.000 para realizar esta proeza.

O outro fator que nos fez escolher os canais com vídeos a partir de 1.000 visualizações, é que, o YouTube só monetiza os vídeos a partir desta quantidade de *views*, o que de alguma forma, contribui para a profissionalização de muitos destes canais, bem como, serve como espaço de trabalho direto para alguns destes influencers.

Neste mapeamento inicial, destacamos 21 (vinte e um) canais desenvolvidos por brasileiros e que detêm suas produções sobre conteúdos conservadores, que vão, desde a produção de documentários, até entrevistas e análises sobre determinados aspectos conjunturais do Brasil e do mundo.

Os canais de conteúdo mais geral, produzidos não apenas por jovens e que abordam sobre o conservadorismo em inúmeros espectros são 11 (doze): *Normose* – com conteúdo sobre História e política; *Meninas de Direita* – se propõe a difundir o anti-feminismo e questões que envolvem a “ideologia de gênero”; *TV Imparcial* – canal de entrevistas sobre temas diversos; *Fhoer* – discussão sobre anarcocapitalismo e as dimensões da Escola Austríaca de Economia; *Padre Leonardo* – dicas e análises a partir do prisma da Igreja Católica; *Jéssica Seferin* – conteúdo sobre educação e conservadorismo; *Wanderley Zonneveld* – análises sobre o Estado e polêmicas conjunturais e os canais *Juventude Conservadora Brasileira*, *Republicanos*, *Movimento Brasil Conservador* – *MBC* e *Burke Instituto Conservador*, sendo os quatro ligados a instituições, partidos e movimentos mais organizados que defendem e difundem o conservadorismo político.

Porém, os outros nove canais merecem uma atenção redobrada, pois, as mentes organizativas destes espaços são jovens universitários ou que foram pela universidade, e que, apresentam em seus canais um número considerável de inscritos, conteúdos com abordagens juvenis e com aprofundamentos filosóficos mais organizados.

Dos nove, três apresentam um conteúdo mais satírico (e que é uma característica muito comum entre os *youtubers*), mas, com um conteúdo mais diversificado e que nem sempre está correlacionado ao conservadorismo, mas, ao universo dos filmes de super-heróis, análises de livros, músicas e manifestações populares ou de movimentos empresariais/religiosos, como é o caso dos canais *Diego Rox*, com conteúdo ácido e humorístico frente a determinadas situações, como por exemplo, a crítica realizada ao universo lucrativo das igrejas evangélicas e como os pastores angariam riquezas.

O canal *Nando Moura* que também é responsável por um discurso mais satírico do real, realiza crítica aos pastores e foi um dos principais porta-vozes do atual presidente Jair Messias Bolsonaro e por fim o canal *Bunker do Dio* administrado pelo jovem Dionisius Amendola e que cria conteúdo literário, do universo *comic*, sobre lançamento de filmes e filosofia conservadora. Estes três canais, abordam o conteúdo sobre conservadorismo de forma mais dissoluta.

Dentre todos do mapeamento inicial, 5 (cinco) canais foram escolhidos por serem os com mais inscritos e visualizações, diretamente organizados por jovens conservadores que tem em suas produções principais análises próprias a partir da ótica conservadora e que se propõe a um debate mais estruturado a partir dos temas que elegendem.

Com isso, será apresentado uma biografia breve destes sujeitos e a disposição organizativa de seus canais no YouTube, principais temas e categorias abordadas, de acordo com a ordem de número de inscritos.

O canal *Caio Coppolla* gerenciado por Caio de Arruda Miranda possui 1.100.000 inscritos (um milhão e cem mil) pessoas inscritas e mais de 15 milhões e 700 mil visualizações em seus vídeos. Coppolla é o seu “sobrenome artístico”. O jovem de 32 anos de idade, paulista, branco, cristão e conservador é formado em Direito pela Universidade de São Paulo – USP. Em pesquisa simples, não é possível encontrar o seu Lattes, mas,

como afirma em entrevistas²⁶, é um jovem que tem uma visão política conservadora, mas, que nem sempre foi assim. Coppola já fez parte do cenário musical do Rock, se afirmava como ateu e tinha preferências analíticas sobre outros temas, incluindo moda e cotidiano.

Porém, sua vivência acadêmica e as suas relações estabelecidas a partir disto, conduziram a contatos com universo midiático logo cedo, ganhando assento na bancada do *Morning Show*, programa diário da Jovem Pan, rádio ligada ao grupo Rádio Panamericana S.A. o que daria ao mesmo, grande destaque entre os jovens e na mídia em geral.

No final de 2019 já havia cogitações de que ele sairia da empresa, porém, em fevereiro de 2020, Coppola recebe um convite da CNN Brasil para atuar como debatedor no programa noturno Expresso CNN, o qual divide bancada inicialmente no quadro Grande Debate com Gabriela Prioli, também formada em Direito, porém, com análises de caráter progressistas e estatistas, sendo a oposição argumentativa ao jovem no referido quadro.

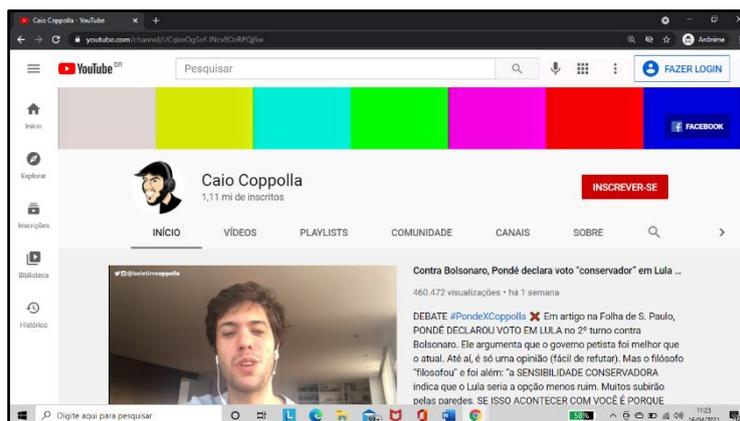
Atualmente, os principais temas que giram em torno de seu canal são as críticas em torno dos cenários políticos do Brasil nos últimos 10 anos, principalmente análises sobre o ex-presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, intervenções do STF, Reformas políticas e econômicas e especialmente, na pandemia, análises sobre os impactos econômicos do processo pandêmico.

Coppola também é uma voz interlocutora das políticas de Bolsonaro, antes mesmo de sua vitória no ano de 2018 e se configurou como uma das principais jovens vozes conservadoras e impulsionadoras da política bolsonarista²⁷ que tem como base um grande setor universitário e juvenil.

²⁶ Link disponível para a leitura completa da reportagem: <https://economia.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/reinaldo-polito/2020/03/19/como-caio-coppolla-se-preparou-enfrentando-edgard-piccoli.htm>

²⁷ O bolsonarismo surge como uma prática política que ganha um terreno grandioso a partir do processo de golpe sofrido pela ex-presidenta da República, Dilma Roussef (PT). Desde 2016, um dos grandes protagonistas da extrema direita conservadora é o atual presidente do país Jair Messias Bolsonaro (Sem Partido) e três dos seus filhos que são envolvidos também no universo da política parlamentar. A família Bolsonaro conquistou seguidores e muitos se autointitulam *bolsonaristas*, por isso a utilização recorrente do termo.

Figura 1 - *Fotoprint* da interface do Canal do Youtube de Caio Coppolla.



Fonte: <https://www.youtube.com/@CaioCoppolla>

O segundo canal é o *Bernardo Kuster*, administrado pelo jovem de mesmo nome. O canal possui 927.000 (novecentos e vinte e sete mil) inscritos e 97.774.752 visualizações no YouTube. Kuster, de acordo com o Lattes, tem uma formação ainda em andamento no curso de Administração na Pontifícia Universidade Católica – PUC Paraná, sendo este ano, inclusive, o ano de início de suas atividades na plataforma, no dia 6 de agosto do mesmo ano, se configurando dentre os seis, o mais antigo a utilizar o YouTube.

Atualmente, ele se intitula como um jornalista (mesmo não sendo encontrado a origem da formação dele em Jornalismo) comentarista, cristão católico conservador. Com 32 anos de idade e natural de Londrina no estado do Paraná, Kuster não tem a maior quantidade de inscritos no YouTube entre os jovens analisados, mas, é o que possui o maior alcance no debate sobre o conservadorismo.

Kuster é considerado um “ativista católico” e se coloca dentro do campo ultraconservador dentro da própria instituição religiosa, tecendo críticas permanentes, ao Papa e à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

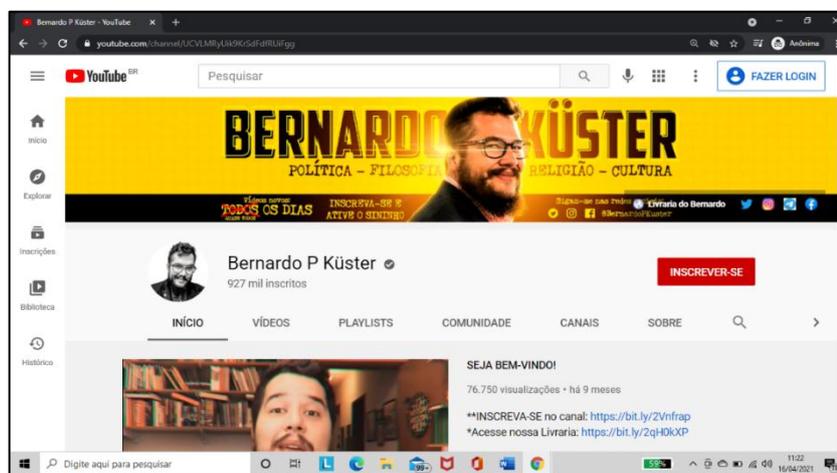
Os principais temas que circulam os vídeos de seu canal, que inclusive compõem duas *playlists* de destaque, é uma série de 83 vídeos criticando a Teologia da Libertação, e outra série de 23 vídeos falando sobre O Sínodo na Amazônia.

As outras dezenas de vídeos abordam sobre teorias da conspiração, análise sobre políticas consideradas comunistas, análises políticas conjunturais em nível local e internacional, ideologia de gênero, supostas ameaças contra a Igreja Católica (cristofobia)

além de um apoio nada velado ao presidente Bolsonaro, o que inclui entrevistas diretas com a família Bolsonaro.

Atualmente ele também ocupa a direção do *Jornal Brasil sem Medo*, jornal este que tem um grupo de editores e comentaristas como Olavo de Carvalho, que aparece como intelectual central para muitos destes jovens, Evandro Pontes, Paulo Briguet e Alessandra Barbieri, além de mais 39 colunistas que contribuem com opiniões semanalmente neste veículo de comunicação.

Figura 2 - *Fotoprint* da interface do canal do YouTube de Bernardo Küster.



Fonte: <https://www.youtube.com/@BernardoKuster>

O terceiro canal é intitulado *Dois dedos de Teologia* e é pensado pela mente de Yago Martins e como consta a descrição do canal no próprio YouTube “O nome “Dois Dedos de Teologia” sempre teve como objetivo evocar cautela e humildade. Indicar que a internet pode oferecer o que é bom, mas sempre em pequenas doses. “Com nossos vídeos, queremos introduzir temáticas profundas e indicar o caminho da continuidade e do progresso”.

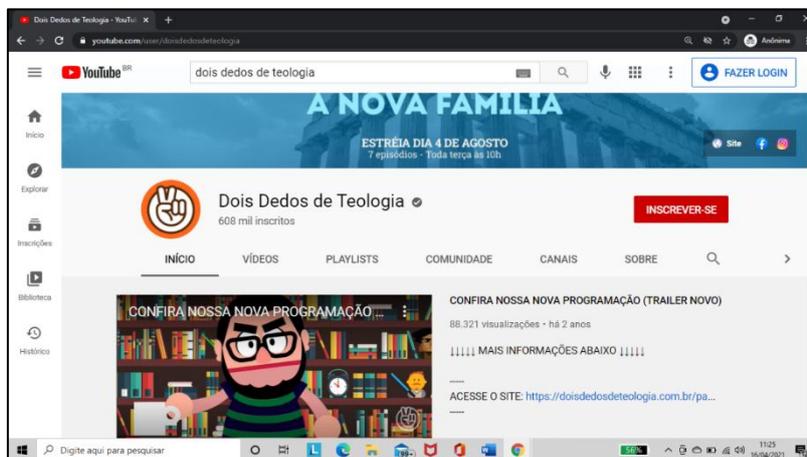
Yago Martins de Castro é natural de Fortaleza, Ceará e nasceu em 1 de junho de 1992. Atualmente, com seus 28 anos, se torna um expoente do campo conservador oriundo da tradição calvinista protestante, inclusive, pastor da Igreja Batista. A sua formação acadêmica se assenta em dois campos: formado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana, na cidade Londrina no Paraná, bem como possui pós-

graduação em economia sobre a Escola Austríaca pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro, em São Paulo.

Com 608.000 (seiscentos e oito mil) inscritos e mais de 45.563.305 visualizações no *YouTube*, Yago Martins consegue estabelecer de forma intrínseca uma relação do seu trabalho pastoral, sua produção científica na perspectiva teológica e os materiais que produz para o *YouTube*, o jovem tem um diferencial no que se refere à bibliografia produzida, com destaque ao livro intitulado “A máfia dos mendigos: como a caridade aumenta a miséria”, lançado no ano de 2019, bem como, ser um jovem conservador protestante e não católico como os demais cinco *influencers* se apresentam e professam.

Os temas do seu canal orbitam as teorias teológicas com base no neocalvinismo e inspirações na Escola Austríaca para análise da economia nacional, debates sobre configurações familiares, homossexualidade, relacionamento amoroso e entrevistas com outras figuras conhecidas dentro do cenário do conservadorismo brasileiro. Além disso, o jovem pastor também compõe o circuito midiático frequentemente, sendo convidados por rádios, emissoras de TV e jornais para conceder entrevistas e emitir opiniões.

Figura 3 - *Fotoprint* da interface do canal do *YouTube* Dois Dedos de Teologia.



Fonte: <https://www.youtube.com/@doisdosedoteologia>

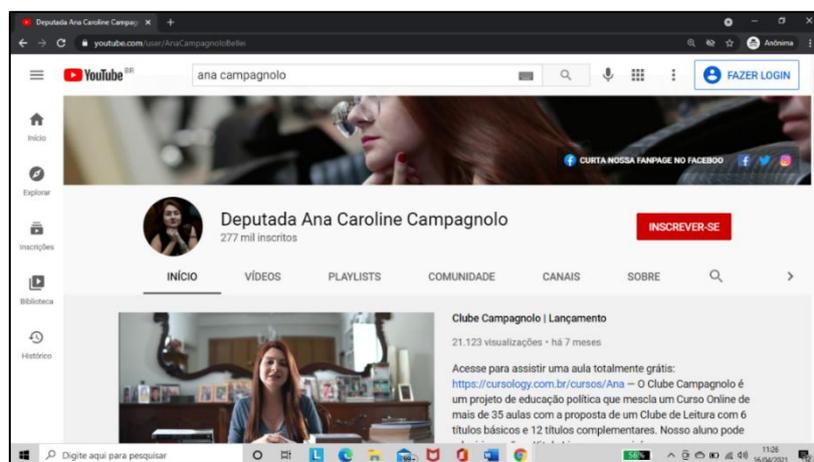
O quarto canal é gerenciado pela única mulher entre os 6 canais e 7 jovens analisados. O canal intitulado *Deputada Ana Caroline Campagnolo* que é vinculado a um outro canal denominado *Vlogoteca* é de responsabilidade da deputada estadual pelo estado de Santa Catarina Ana Caroline Campagnolo Bellei, filiada ao Partido Social Liberal (PSL). O canal tem sua inscrição datada em 21 de setembro de 2011, mas, começa a ter movimentação maior a partir de agosto de 2013.

Ana Campagnolo possui Licenciatura em História pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó no ano de 2011. Inicia o mestrado em História, porém, não conclui o trabalho devido a inúmeras tensões, inclusive teóricas dentro da academia. Sua última atualização do Lattes é no dia 09 de dezembro de 2014. Segundo a descrição do seu canal no YouTube, ela afirma ter pós-graduação em Literatura Portuguesa, e em todos os vídeos faz questão de afirmar que tem em seu currículo uma década de trabalho em escolas públicas e do setor privado nas suas experiências profissionais.

Em 2018 vence as eleições para a Assembleia Legislativa de Santa Catarina, e tem como um dos principais trampolins eleitorais as pautas que envolvem o projeto “*Escola Sem Partido*” que será aprofundado na seção seguinte deste trabalho. Seu ativismo atravessado de pautas consideradas anti-feministas cativa um público cristão e conservador não só em seu estado, mas pelo país a fora.

Campagnolo assim como Yago Martins também divide a vida de parlamentar com a produção de materiais que ajudem a difundir suas ideias. Além do canal que aborda temas que envolvem sobretudo o universo da escola, da autonomia docente, concepções ideológicas e feminismo, a jovem também é escritora, lançando sempre que possível materiais que potencializam a difusão das temáticas já suplantadas em seu canal e, também, utilizando o mesmo canal para divulgar seu trabalho como parlamentar e escritora.

Figura 4 - *Fotoprint* da interface do canal do YouTube Deputada Ana Caroline Campagnolo



. Fonte: <https://www.youtube.com/@AnaCampagnolo1>

O quinto canal também é vinculado a um jovem parlamentar. Nikolas Ferreira com o canal intitulado também com o seu próprio nome. O canal possui 246.000 (duzentos e quarenta e seis mil) inscritos e mais de 8.891. 920 visualizações.

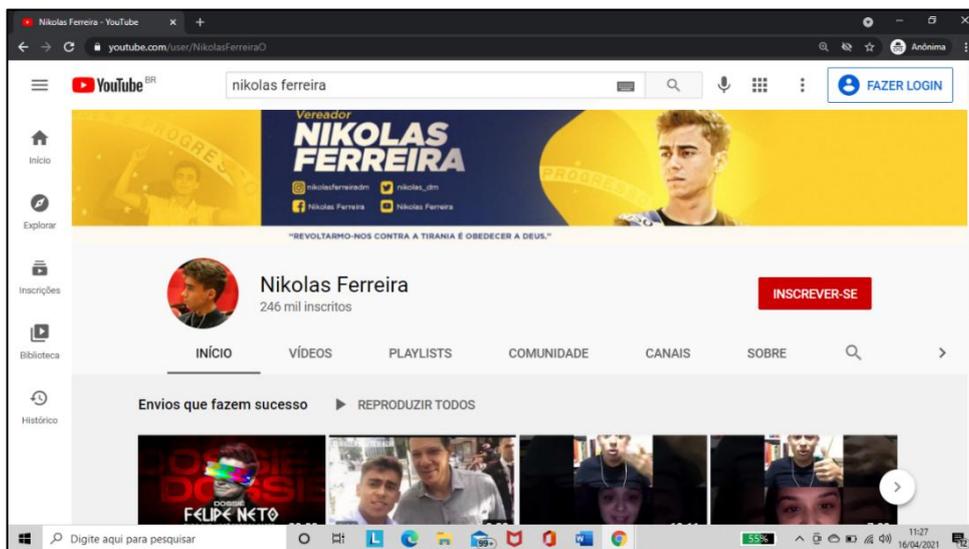
Nikolas Ferreira é um dos mais jovens vereadores eleitos na cidade de Belo Horizonte – MG, que, é sua terra natal. Aos 25 anos de idade, o jovem formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica – PUC Minas é filiado ao Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB), partido este, que assim como o jovem, comunga dos ideários conservador, patriota e cristão.

Nikolas é o mais novo entre os jovens que são responsáveis pelos canais aqui em análise, e por isso, sempre há inúmeras notícias e polêmicas que o envolvem por ser denominado de criança, pirralho ou até questionam o que ele faz nestes espaços políticos, e isso parte de pessoas do seu próprio campo político, como também de oposição. Antes de assumir como vereador para o mandato 2021-2024, Nikolas em entrevista ao jornal Estado de Minas em 15 de novembro de 2020 se reporta à então vereadora também eleita, Duda Salabert, mulher transexual, da seguinte forma -” Eu ainda irei chamá-la de 'ele'. Ele é homem. É isso o que está na certidão dele, independentemente do que ele acha que é”, bem como outras posições, principalmente no que se refere às críticas sobre a esquerda e ao currículo das escolas.

O jovem deputado federal foi recém-eleito o deputado com o maior número de votos em Minas Gerais e no Brasil com tem participação ativa no *YouTube* desde o ano de 2010, porém, se tornou conhecido a partir dos anos 2015 e com a sua participação enquanto coordenador do movimento *Direita Minas*, sendo também base de difusão de campanha e apoio político da família do atual presidente, Bolsonaro, o maior representante escancarado do bolsonarismo em Minas e filiado à mesma legenda, o Partido Liberal (PL).

Em seu canal, oferece conteúdo frequente de análise política e de participação em determinados episódios políticos em que se acirram as tensões entre a esquerda e direita, como passeatas e atos públicos. Há muito material videográfico na perspectiva de *vlog*, contando sobre aquelas experiências vividas, entrevistando os sujeitos que ali estão e, também, sendo um dos maiores críticos a política de lockdown durante o período de pandemia, denunciando e se colocando contra as políticas de isolamento adotadas, de acordo com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Figura 5 - Fotoprint da interface do canal do *YouTube* Nikolas Ferreira.



Fonte: <https://www.youtube.com/@NikolasFerreiraO>

Essa breve apresentação imagética e biográfica dos canais e sujeitos envolvidos em suas produções, serve como uma porta de entrada e aproximação dos protagonistas da nossa pesquisa. Porém, isso também serve por entendermos que dentro da aposta metodológica aqui utilizada, a Análise do Discurso, este discurso se encontra para além das palavras ditas, percebidas e ouvidas. O discurso está presente nas imagens, simbologias, corpos e experiência políticas. Ele não está solto, mas sim, é um discurso que revela engrenagens sistêmicas.

Neste sentido, a próxima subseção se propõe a apresentar as premissas da AD, princípios e categorias metodológicas que auxiliam o processo de compreensão e diálogo deste universo dinâmico que é o *YouTube*, suas narrativas e estrutura linguística e política.

4.3 – É hora do *print!* notas sobre Análise do Discurso (AD) como percurso investigativo

“Estamos comprometidos com os sentidos e o político (...) os sentidos estão sempre administrados, não soltos”. A afirmação de Eni Puccinelli Orlandi (2005) está atrelada à responsabilidade que a teoria e metodologia em questão possui em seu processo de envolvimento e é nesta perspectiva que a Análise do Discurso (AD) se propõe a ser – observando e dialogando com os sentidos que as experiências dentro da materialidade, do real, nos proporcionam ter, ver e aprender.

Recorrer a este suporte teórico e metodológico se deu ao longo do processo da constituição deste trabalho de tese. A aproximação com a AD se deu de forma muito intimista e não orgânica em minhas leituras iniciais no ano de 2016, sendo posteriormente mais aprofundada nos anos de 2017 e 2018 durante a elaboração da dissertação de mestrado. Já no início do doutorado eu não imaginava que retomaria este artefato teórico e metodológico novamente, mas, as dinâmicas conjunturais me aproximaram mais uma deste campo de análise.

Mas, o que é **discurso**? Bem, o discurso faz parte do processo ontológico da formação humana, sendo ele, dentro do campo da linguagem a capacidade mediativa que o sujeito constrói em meio à realidade que o mesmo vive. A capacidade de linguagem ali desenvolvida pelo sujeito é necessária e acompanha qualquer humano em sua trajetória. Logo, o discurso não é resumido à fala, ao dito, ao audível. O discurso é a práxis social estabelecida entre os sujeitos de acordo com suas realidades.

Com isso, o discurso como elemento de potência analítica e de produção humana rompe com esquema elementar de comunicação como afirma Orlandi (2005). Ao ultrapassar a sequência comunicativa emissor, receptor, código, referente e mensagem, o discurso salienta que entre emissores e receptores há identificação, argumentação e a possibilidade das borras sequencias de quem inicia e conclui o processo. Por isso o discurso não deve ser resumido a fala e ao seu imediato emprego, pois, a importância está nos sentidos que são atribuídos nas teias da linguagem.

Para esta pesquisa tal concepção de discurso é cara por dois motivos: a) o caráter político que esta vertente da AD possui, o que contribui para o diálogo com uma pesquisa que se dispõe a entender juventudes e sua formação política e pedagógica; b) por entender o discurso como um relação de integração comunicativa e os jovens *youtubers* ocupam uma posição e um espaço em que os sentidos e os enunciados estão em fusão permanente entre os considerados *influencers* e os inscritos/espectadores do canal. O discurso conservador da *web* se encontra justamente nas demandas apresentadas, nas categorias suplantadas e de acordo com as tensões da materialidade.

Em um campo de análise como a *web*, as configurações de tudo o que vemos neste universo são de uma rapidez em larga escala, o que escancara um campo de estudos que é dinâmico e não estável, em sua forma, em suas informações e nos protagonistas que o conduzem. Porém, é um campo produtor de discursos que também acompanham este

dinamismo. Assim como Michel Pêcheux (2008) expõe, posso considerar este campo um dos inúmeros caminhos possíveis em que o discurso está ali a percorrer, e não apenas a constituir estes mesmos percursos.

Pêcheux (2008) convida a pensar estas possíveis trilhas para aplicar a AD e nestes três caminhos me encontro com o material que está em organização e transcrição para este trabalho. O primeiro caminho é buscar os **enunciados** e trabalhar a partir deles. Neste caso, os enunciados são os elementos compreendidos, ditos e também não ditos (o silêncio também é discurso). São as palavras categoriais que estão sempre na evidência do processo de produção do discurso. Neste sentido, os temas que mais entram nesta cena discursiva são **Cristianismo, política, educação, ideologia de gênero, congresso nacional, eleições e economia**. São estes enunciados que impulsionam, nestes canais, um primeiro contato simbólico e de aproximação discursiva entre os envolvidos.

Um segundo caminho seria a partir das **questões filosóficas**, em especial as relações teóricas. Desde o início deste trabalho as teorias sustentam as hipóteses, análises iniciais e o embasamento de algumas categorias, como juventudes e conservadorismo. Porém, há um debate filosófico que se institui dentre os jovens desta pesquisa. O conservadorismo reivindicado por estes protagonistas também se constitui como uma filosofia política, como sinalizado na seção 3 deste mesmo trabalho. O discurso produzido aqui busca sempre um referencial, um conceito ou uma ideia. Este caminho ganha materialidade neste estudo a partir do momento em que é percebido um zelo em apresentar conteúdo formativo dentro dos canais invocando um respaldo teórico, mesmo que nem sempre isso esteja evidente.

O terceiro caminho possível apresentado por Pêcheux é a **análise como descrição e interpretação**. Não se trata apenas de uma sequência possível e técnica, mas, uma ação necessária, que é possível a partir da captura do que é produzido de quem discursa e como guardamos e entendemos o que foi discursado. Anotar, escrever, transcrever é um ato que na AD aciona outros elementos de compreensão em seu processo, pois, há discurso interpretativo sendo elaborado durante o ato de transcrição.

Assim como o autor, também me encontro numa entrecruzada discursiva. Os três caminhos se revelam como fortalecedores desta pesquisa. Mas, no encontro destes caminhos há **acontecimentos** que advém de relações estruturais que moldam e tensionam toda a capacidade descritiva e interpretativa do sujeito pesquisador. É no acontecimento

que por muitas vezes o discurso é sentido, ouvido, percebido. Por isso, sinto-me na necessidade de percorrer os três caminhos ao encontro destes jovens, pois, como afirma Pêcheux “os enunciados falam de um fato, mas eles não constroem as mesmas significações”.

Além disso, Orlandi (2005) destaca que a AD é herdeira de três regiões do conhecimento, logo, os seus pilares não se declaram puristas ou detentores de uma única forma analítica, mas, que é preciso outros campos do conhecimento para compreender o desenvolvimento destes discursos. A psicanálise lacaniana, a linguística e o materialismo histórico-dialético fazem da AD uma perspectiva crítica que exercita o trato com as categorias que orbitam e fazem o discurso e que englobam desde as dimensões simbólicas e de significação da mente a como o Estado e a estrutura do sistema capitalista contribuem com estes discursos.

Esse encontro com outros campos para auxiliar os processos de investigação reafirmam que uma análise do discurso para obter êxito e consistência em seu processo necessita se afastar de uma ciência única, de um referencial unívoco, pois, se o discurso não se constrói univocalmente como podemos nos ousar a realizar uma análise de tal maneira.

Não obstante, retomando Pêcheux (2008) a AD requer algumas exigências, priorizando três destas: a) é necessário a descrição das materialidades discursivas – a língua. É a partir deste artefato descrito que se pode encontrar as manipulações de significações e as transformações do sentido. O discurso se constrói nas fronteiras, e neste caso, as fronteiras virtuais operam como um cercado em que há a possibilidade manipuladora mais difusa bem como a operação do anonimato de quem fala. Portanto, jovens conservadores *youtubers* ocupam uma materialidade discursiva fronteira que pode ser editada e colaborativa, além de esmagar toda a falsa neutralidade política; b) há a partir dos enunciados a possibilidade descritível de construção de uma série (léxico-sintaticamente determinada).

Porém, importa-nos atentar que nestas sequências há fugas, fissuras (derivas possíveis, de acordo com o autor) o que para quem analisa, possibilita um espaço para a interpretação. Aqui eis o foco de trabalho da AD, e por isso é tão importante convidar outras áreas do conhecimento. Neste caso, há nos canais um formato de estrutura estética (*layout*), *Playlists* (sequências de vídeos com enunciados comuns) e um *modus*

operandi de desenvolvimento técnico por parte dos *youtubers* que cria uma unidade linguística; c) todo discurso é visto como índice potencial de um abalo nas filiações sócio-históricas de identificação. Estas faíscas discursivas são talvez o que historicamente fazem as sociedades e a existência de nós enquanto humanidade.

Portanto, os discursos produzidos pelos jovens conservadores *influencers* operam como um rol de desencadeamento de outros discursos que são produzidos com e a partir destes primeiros. Há aqui uma potência material, viva nos discursos, por isso que eles são marcadores históricos. A partir destas exigências apresentadas, Pêcheux (2008) conceitua que:

(...) a análise do discurso não supõe de forma alguma a possibilidade de algum cálculo dos deslocamentos de filiação e das condições de felicidade ou de infelicidade eventuais. Ela supõe somente que, através das descrições regulares de montagens discursivas, se possa detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados. (Pêcheux, 2008, p.57)

Por isso que a AD na perspectiva crítica é essencialmente política, pois, ela se preocupa com os sentidos que a realidade impulsiona a partir de suas tensões. São os **sentidos**, ou seja, os sentidos produzidos e reivindicados nos discursos que nos importam aqui. Com isso, acreditamos que há três enunciados fundantes entre os 7 *youtubers* em seus seis respectivos canais, principalmente quando eles discursam sobre conhecimento – ciência e educação. Há um vasto material com inúmeras temáticas que são desenvolvidas por estes jovens, porém, enquanto **espaço discursivo** que é o que unifica as séries de evidências lógico-práticas, os três enunciados mencionados abordam um mesmo objeto *x* (a educação).

Para tal fim, atendendo as orientações básicas que as análises em AD apresentam, será realizado a escolha dos vídeos que trazem em cena estes enunciados e todos serão devidamente transcritos. Com isso, declaro que a transcrição se dará através de programa tecnológico específico, mas, revisado a partir de uma segunda transcrição participativa, observando não apenas o proferido, mas o que orbita o mesmo, rumo à um caminho interpretativo e participativo de compreensão do discurso e do espaço.

A partir deste material devidamente organizado, as séries lógicas serão traçadas, observado o sujeito que diz, mas, interseccionando com os demais provocando

possíveis encontros, similitudes e divergências, que podem evidenciar contestação discursiva, ou, equívocos do acontecimento, o que para este trabalho é de extrema valia, uma vez que o terreno político também é dúbio, forjado de interesses e polifônico.

4.4 Ideologia – para entender o discurso das bocas, mãos e do desconhecido das redes

Para substanciar a AD filiada ao MHD em Pêcheux, há pilares intransponíveis, porém, dialéticos, que sustentam a orientação para a compreensão do discurso como elemento que nos faz enquanto sujeitos sociais e como ferramenta política que movimenta a humanidade. A ideologia aqui é convocada não como um pano de fundo em que as materialidades se expressam ou se apresentam, mas, como fio condutor que movimenta os interesses e as conformações políticas e sociais dos sujeitos. Portanto, sinalizamos aqui que não há discurso sem ideologia, pois, como apreensão do real e que objetiva interesse, o discurso é essencialmente ideológico.

Para este diálogo, há duas possibilidades de exercer uma reflexão sobre a base que movimenta os discursos em sociedade (a ideologia), quando ao buscar dentro da AD os pressupostos de Althusser ou de Luckács²⁸ para realizar tal prática. Especialmente neste trabalho, tomo como partida uma análise ontológica do ser social, histórica em sua essência formativa e que veicule o sujeito como interventor, ator e agente teleológico das relações sociais a partir do trabalho e desenvolvimento cultural, em que aqui se impregna a ideologia.

Com isso, de acordo com a escola oriunda do pensamento radical, dialogo com dois autores que politicamente divergem em inúmeros pontos, mas, que em determinados momentos de uma crítica materialista e ontológica, se encontram ao tecer observações sobre o que é ideologia.

Antes de qualquer coisa, compreendo como ideologia todo o acúmulo e processo social que orienta os sujeitos historicamente a partir de suas relações econômicas e sociais permanentemente. Sua associação direta com as relações econômicas precisa ganhar destaque, sobretudo na sociedade capitalista, em que, evidenciam-se uma ideologia dominante e as ideologias que aqui chamarei de “subversivas” ou “anti-dominantes”. Mészáros (2012) denomina estes processos oriundos da classe trabalhadora

²⁸ Luckács (2020) referencia a ideologia como elemento fundante das relações sociais a partir do trabalho e produção do consciente entre os sujeitos no mundo, portanto, essencial a sua compreensão de forma indissociável à história ao trabalho.

como “variedades de contraconsciência” (p.233) ideia fundamental para o desenvolvimento deste trabalho doutoral.

Portanto, se a ideologia é o resultado de uma constante produção humana de acordo com as suas relações materiais, as dinâmicas do capital são essencialmente ideológicas. Desta forma, os discursos produzidos são marcas ideológicas expressadas por cada sujeito histórico, e dentro do capitalismo, as suas contradições inerentes ao modelo econômico também são observadas.

Aqui deflagramos um elemento básico para compreender os discursos em seus circuitos: todo discurso está inflamado de ideologia, logo, advém de um ponto de partida não só de experiências individuais, mas que, em sua completude, evidenciam experiências, escutas e relações coletivas. Este pilar analítico também se coloca como necessário o destaque, uma vez que, as mobilizações ideológicas conservadores anunciam uma neutralidade ideológica.

Mészáros (2012) disserta uma crítica entranhada de diálogo histórico à essa tal “neutralidade ideológica” ao citar que “afirmações e procedimentos deste tipo são, é claro, extremamente problemáticos, porque presumem, de modo circular, (...) entusiasmo pelas virtudes da neutralidade metodológica” (p.301). Fica evidente, que, a neutralidade ideológica se configura como farsa, uma vez que anula possibilidades de escolhas, de ações concretas pautadas em mudanças sociais e estruturais e que tecnicamente ou “puramente metodológico” soluções são pesquisadas e pensadas.

Para a nossa escola de AD não há ideologia neutra ou sujeitos neutros. Há silêncios que são discursos, políticas e mecanismos opacos de intervenção dos sujeitos nas relações materiais. O silêncio não é um dos objetivos de discussão desta pesquisa, mas, o silenciamento em caráter muito urgente, se torna uma estratégia discursiva-ideológica do campo conservador.

A ideologia foi e é um elemento constituinte social pouco debatido de forma orgânica entre a sociedade, porém muito distorcida e amplamente dita na sociedade contemporânea. A ideologia e filosofia conservadora se apossou do termo ideologia como um contradiscurso diário na propaganda e ampliação de seus princípios. Neste caso, a posse aqui efetivada foi para extinguir qualquer discurso que não se comportasse dentro da agenda tríade “Deus, família e pátria”. A supressão ou o não reconhecimento destas pessoas como agentes ideológicos passa a ser um elemento chave na constituição “não

ideológica” do sujeito conservador. Afastar-se do que é considerado ideológico é, portanto, uma ação necessária e eficaz para excomungar o que é considerado progressista ou revolucionário.

Adentramos aqui em um outro campo que brada a luta de classes ao falarmos sobre ideologia: o “senso comum”. Mészáros nos elucida que

É claro que o papel ativo do “senso comum” na constituição de sua visão geral do mundo, não nos oferece grande consolo, pois seu relacionamento com a ideologia crítica não é semelhante ao que mantém com a ideologia dominante. Mais uma vez, nada é simétrico nessa questão. (...) Não obstante, seria errôneo considerar o “senso comum” como passivo e desprovido de uma postura potencialmente crítica. A menos que suas expectativas básicas – orientadas para o funcionamento tranquilo do referido metabolismo social – sejam confirmadas realmente pelo processo de reprodução social em andamento (...) (Mészáros, 2012, p. 482,485).

Aqui se clarifica o quão a ideologia dominante é conjunturalmente conservadora e totalmente atrelada ao projeto econômico de exploração humana, pois, ela se alinha historicamente ao Estado e modo hegemônico de gerenciar o capital para poder ampliar suas ideias e se enraizar entre as massas. Eis aqui o perigo visceral presenciado em muitos discursos que banalizam o “senso comum” como algo a ser desconsiderado para entender os dilemas sociais. Muito pelo contrário, assim como afirma Mészáros, o “senso comum” é resultado de uma operacionalização da ideologia dominante que cristaliza nas massas uma sensação de instabilidade socioeconômica capaz de instituir uma ação comum passageira, rasa e depreciativa dos seus para os seus, imobilizando ideologicamente os e as de baixo.

Com isso, percebemos o quão interligado são os discursos e a ideologia. De acordo com Orlandi (2005) as condições de produção e interdiscurso advém de duas formas: circunstâncias de enunciação (contextos imediatos) e condições de produção (contextos sócio-históricos e ideológicos).

Compreendemos a ideologia como modeladora do que entendemos como **interdiscurso**. O interdiscurso é o arcabouço de formulações realizadas e “já esquecidas que determinam o que dizemos”. Já o **intertexto** é a marca semântica e sintática que se evidenciam na escrita e fala.

E qual a relação disso com a ideologia? Bem, segundo Orlandi (2005, p.38) “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos. Como dissemos, o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia”. Em vista disso, não há discurso sem ideologia e isso constitui o sujeito como ser social. É por essa compreensão analítica que os analistas do discurso que abraçam a perspectiva materialista e histórica não podem abandonar jamais os aspectos ideológicos como produtores do discurso.

Nos diálogos com Orlandi (2005) a mesma utiliza o termo “trabalho ideológico” e imediatamente me portei à materialidade da minha pesquisa, que aqui, são os vídeos produzidos por jovens *youtubers*, pois, este trabalho ideológico sinalizado por Orlandi é um trabalho da memória e do esquecimento. Aqui, o anonimato produz efeito de literalidade.

A impressão do sentido ocupa este lugar. Esse encontro da pesquisa é importantíssimo por que aqui identificamos que o discurso e a ideologia refletem sua operacionalização quando não estão nos holofotes. Logo, a potência ideológica que a plataforma do *Youtube* possui é absurdamente (des)educativa.

Portanto, o *Youtube* que parte de uma iniciativa comercial juvenil que alcança proporções globais, alcança por que economicamente e **ideologicamente**, este instrumento se configura como avassalador no quesito alcance social, sobretudo das massas. Por mais que a plataforma tenha iniciado numa proposição *DiY*, a programação atual e operacional bilionária da plataforma atualmente é pautada na ideologia dominante. Dessa forma,

O poder da ideologia predominante é indubitavelmente imenso, mas isso não ocorre simplesmente em razão da força material esmagadora e do correspondente arsenal político-cultural à disposição das classes dominantes. Tal poder ideológico só pode prevalecer graças à vantagem da mistificação, por meio da qual as pessoas que sofrem as consequências da ordem estabelecida podem ser induzidas a endossar, “consensualmente”, valores e políticas práticas que são de fato absolutamente contrários a seus interesses vitais. (Mészáros, 2012, p. 472).

Assim, de acordo com a citação acima, há um objetivo discursivo muito bem definido por parte da ideologia dominante, pois o mesmo atende um projeto muito bem definido, que aqui se traduz em likes, compartilhamentos e visualizações. Por mais que

de alguma forma essas ações virtuais sejam revertidas em ações lucrativas, o alcance ideológico rompe as fibras óticas e satélites ao atingir diretamente o modo de vida dos sujeitos pertencentes à classe trabalhadora, pobre e oprimida. O consenso assertivo é assimilado como horizonte de alcance, mas, por mais que haja a compreensão de ser um alcance distante, torna-se referência, objetivo de vida e conseqüentemente um discurso em reprodução.

Logo, exercer o processo da AD requer um cuidado histórico, conjuntural e sensível às materialidades dispostas. Ideologicamente, a constituição do *corpus* desta pesquisa, que é uma das bases da AD, é o resultado de uma construção do próprio analista que aqui se debruça sobre esta pesquisa. Quem interpreta parte de uma ideologia, e se, interpreta a partir da luz da AD, como nós, pressupõe que o capitalismo, a luta de classes e a precarização da vida social são elementares neste processo.

O *corpus* na AD não se resume ao que é dito (falado) mas às imagens, sons, letras, signos, sendo, portanto, inesgotáveis. Cabe neste jogo ideológico, construirmos nossas montagens discursivas, que aqui, partem dos vídeos com mais alcance e visualizações dos atores supracitados (*influencers*).

5. O DISCURSO COMO POLÍTICA DA JUVENTUDE YOUTUBER CONSERVADORA BRASILEIRA

O *corpus* dentro do campo linguístico e em especial da AD são as expressões possíveis e materiais que identificamos, vemos, ouvimos e falamos em sociedade, logo, os *corpus* são inesgotáveis. Imagens, sons, letras, códigos, gestos entre tantas outras expressões linguísticas e discursivas, temos aqui em mãos uma plataforma virtual que aglutina inúmeros corpus possíveis de análise: o *Youtube* e sua infinidade de vídeos.

Se observarmos, em tempos atuais nossa vida se entranha com tantos dispositivos móveis e outras tecnologias que a nos deparamos com uma política corporal muito *cyborg*. Se de acordo com Orlandi (2006) o corpus resulta de uma constituição do próprio analista, o consumo e acesso realizado por nós que subscrevemos o trabalho (em especial o doutorando) parte de algo muito comum, utilizável e não estranho. Trata-se aqui de um *corpus* comum, contemporâneo e universal e essa escolha por parte do analista é ponta pé da AD.

Neste sentido, teremos como **materialidade** a plataforma do Youtube e como *corpus* os vídeos em análise. A materialidade na AD se configura como a condição real/material do *corpus* analisado. O corpus é a expressão da materialidade e o seu desenvolvimento orientado e gerenciado pelos discursos nos exhibe sequências discursivas, memórias discursivas e acontecimentos discursivos. As três categorias desenvolvidas por Pecheux (2008) serão exemplificadas ao longo do desenvolvimento da análise.

No processo de constituição do analista frente ao *corpus*, foi realizado até o período de Maio de 2021 (período pré-qualificação desta tese) uma seleção dos vídeos com mais visualizações de cada canal a ser analisado. Inicialmente, foram levantados os 5 vídeos com mais visualizações de cada canal, e quais tinham no mínimo, o alcance de mais de 500.00 mil *views*. A partir disso, observamos que o corpus estava ganhando uma proporção muito grande para a necessidade dialética do trabalho, que, aqui se revela como o cálculo entre os canais de jovens conservadores com mais inscritos e os vídeos que dissertam sobre política e seus embates com mais visualização, sendo assim, um vídeo por canal, transcrito em sua completude a partir do mecanismo de transcrição do Youtube, a revisão e escuta por sentença e com anotações sobre os outros aspectos que constroem o cenário, a forma do enunciar e anunciar o discurso e suas simbologias. Essa demarcação na AD não se trata apenas de expor como a alegoria em que o discurso é empregado se expressa, e sim é observada como um processo denominado de **superficialização**. Como se diz, quem diz, as circunstâncias- todo este arranjo impregna a marca do sujeito no que se diz, e por se tratar de vídeos, o processo superficial do discurso é muito mais complexo, principalmente com a capacidade de edição de material e constituição de roteiros.

Com isso, esta seção se debruçará sobre as ocorrências das Sequências Discursivas (SD) destes discursos. Optamos aqui por realizar esta análise por vídeo e por canal, pois, por mais que os discursos se esbarrem no campo ideológico, quem enuncia importa elementos muito específicos sobre quem o é e onde atua.

Estas SD nada mais são do que a materialização dos discursos que produzem os sentidos finais para nós. É o discurso produzido. Para que isso ocorra, de acordo com Orlandi (2005) há condições materiais (a língua / historicidade), condições institucionais (formação social / ordem) e o mecanismo imaginário (produção de imagens dos sujeitos). O destaque aqui para este elemento é essencial, pois, nós somos capazes de construir imagens a partir de um processo de antecipação, que, entranha-se com o nosso imaginário.

Logo, há um encontro linguístico e semântico no desenvolvimento do discurso, e encontro é entre a imagem e a palavra. Aqui, esta dupla produz sentidos diferentes para os sujeitos pois é a ideologia que forja e nutre tal imaginário. Sendo assim, as SD aqui apresentadas buscam nas imagens e palavras o sentido que os discursos emanam sobre um mesmo objeto *X*. No processo da AD há inúmeras categorias que surgem do processo dialético e outras que revelam como a realidade e sua história impulsionam o próprio método. Estas categorias serão desenvolvidas ao longo do processo analítico das SD e das cinco materialidades (vídeos) que embasam o nosso trabalho.

5.1 “(...) o que nós vemos é sim ideologia de gênero!”

A primeira materialidade aqui analisada trata-se do vídeo do canal da então deputada estadual do estado de Santa Catarina, Ana Campagnolo, filiada ao Partido Social Liberal (PSL). O vídeo intitulado “Ideologia de gênero: aqui não!” têm a duração de 13min50s e foi postado no dia 29 de agosto de 2019 alcançando até outubro de 2022 o número de 366.183 *views*, sendo este o vídeo que de forma mais explícita e objetiva, o debate político está encarnado em seu canal.

De antemão, o trecho utilizado para intitular a subseção é uma parte que compõem o discurso, e já nela, há uma palavra que é repetida durante dez vezes ao longo da fala da deputada: ideologia. Abro aqui já um diálogo com Pechêux (2008) quando as repetições de palavras ou enunciados não simbolizam nervosismo, mas, quando tal palavra é falada sobre um mesmo objeto *x* ou é resgatada frequentemente e não tem relação com o objeto *x* só para validar ou dar ênfase ao que está sendo dito, há de forma muito clara a criação de um **Espaço Discursivo** (ED), que nada mais é que a unificação de uma série de evidências lógico-práticas percebidas em um discurso.

A importação da palavra ideologia carimba a superfície do ambiente da Assembleia Legislativa do estado de Santa Catarina quando na discussão para a aprovação do Plano Estadual de Educação (PEE) no dia 28 de agosto de 2019, surge por parte da ala conservadora do pleno o pedido de vistas do texto, pois, de acordo com os parlamentares, há a tentativa de inserção da “ideologia de gênero” no PEE.

SD 1:

[ANA CAMPAGNOLO]: A ideia de que uma criança pode se sentir menina mesmo sendo menino, e pode se sentir menino mesmo sendo menina. Aulas deste tipo, com este tipo de conteúdo de ideologia de gênero já estão acontecendo nas nossas escolas, no nosso estado também no Brasil todo, mas no nosso estado especificamente, e se nós mantivermos no nosso plano de educação essa expressão identidade de gênero, nós estaremos endossando e legitimando práticas como essas que eu vou mostrar para vocês agora.

Na SD acima nós temos duas palavras em defronto que aparentemente se completam, mas, são utilizadas de forma muito leviana: ideia e ideologia. Aqui, subentende-se que a ideia seria a capacidade imediata de intervenção cognitiva no real, porém, sem crivo, sem experiência, de forma muito banal, tendo em vista a associação também banalizada com o sentimento de “ser” ou se “reconhecer”. Logo, a ideologia é tratada o tempo inteiro como um elemento externo, vertical e que causa efeito avassaladores para quem tem contato com ela.

O exemplo que advém do início da SD da fala da deputada se torna essencialmente em discurso quando a fala identifica e argumenta em sequência, que é a ação seguinte, ao dizer “Aulas deste tipo, com este tipo de ideologia de gênero já estão acontecendo nas escolas” ao dizer que aquele elemento externo e vertical (a ideologia) se aproxima das crianças velozmente.

A concepção de “ideologia de gênero” advém da resignificação que o campo ultraconservador realizou no início dos anos 2010 de um termo utilizado pela autora Judith Butler em um de seus livros denominado “Problemas de Gênero”. Neste cenário, há uma resignificação histórica do termo, principalmente associada a dois movimentos: um que é Escola Sem Partido, que surge no Brasil em 2007, e o outro é a heteronormatividade como princípio da homofobia e transfobia.

Ana Campagnolo não convida autores ou autoras dos estudos de gênero para elucidar o seu discurso, já que de forma muito evidente, os autores do campo conservador, que repudiam o debate, possuem seus conceitos próprios. É só a gente observar que os dois exemplos que ela vai utilizar para validar o discurso são as duas imagens apresentadas em seguida:

Figura 6 - *Fotoprint* de vídeo. Ato em universidade pública pela defesa da discussão de gênero nas escolas. Santa Catarina, 2019.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=khwssA3yqUE>

Figura 7 - Fotoprint de vídeo. Visita de uma *drag queen* à uma escola em Juiz de Fora, MG.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=khwssA3yqUE>

As duas *fotoprints* são de momentos que se repetem ao longo do vídeo de Campagnolo que é fato de exibir vídeos, livros e trechos de livros fragmentados e editados para a sua composição discursiva. Ao mesmo tempo, fica muito nítido com o trabalho dos sentidos se expande ao trazer estes materiais de “suporte” uma vez que o jogo da memória, como justifica Orlandi (2005) é a apresentação da memória como constituição e a atualidade como formulação – o que produz os sentidos, sendo o sentido produzido aqui o de incomodo e repulsa: a) a foto exposta como se o grupo de professores quisessem impor a discussão ao utilizar o cartaz com os dizeres em que eles afirmam que discutirão gênero (não ideologia de gênero) nas escolas; b) um pequeno vídeo do artista “Femmenino”, drag queen mineira que em 2017 fez visitas em escolas e foi denunciado pelo Conselho Tutelar ao Ministério Público Estadual (MPE) de MG sob a acusação de que estava a pautar “ideologia de gênero” no Colégio de Aplicação da UFJF.

Expor a escola como lugar frágil é uma objetividade deste discurso. Ao romper com o não compromisso de Campagnolo em dialogar com os teóricos dos estudos de gênero, destacamos o porquê que, dentro dos estudos de gênero a terminologia “ideologia de gênero” não é subscrita. Aqui, Tatiana Lionço (2016) argumenta que nos anos 2000 há de forma escancarada, movimentações políticas por parte de fundamentalistas que vão contra documentos legais que são resultado de um debate amplo entre os movimentos docentes e os/as intelectuais da educação desde a década de 1990, quando na própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) e nos

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) se apresenta a necessidade de discussão transversalizada, em que percorre sobretudo a partir do campo da orientação sexual e sexualidades. Lionço (2016) sinaliza que

Sob a alegação de que uma chamada ideologia de gênero seria uma afronta aos interesses da sociedade e da família, visam, por força da lei, criminalizar o cumprimento da política de educação em vigência por meio da deturpação do sentido que a inclusão do gênero e da sexualidade no processo histórico da sua inclusão como conteúdo a ser trabalhado transversalmente na educação básica. (Lionço, 2016, p. 156, 157).

Diante disso, Lionço (2016) expande o panorama para nós e desloca (assim como expande) o discurso apresentado por Campagnolo. O discurso sobre “ideologia de gênero” não é localizado, ele é amplo e possui uma estrutura, principalmente quando Campagnolo afirma que “se ele não for apresentado será apenas por pressão da militância conservadora que se mobilizou para denunciar isto que os senhores estão vendo aí.” Ao reconhecer a mobilização conservadora e da direita política em seu estado. Contudo, quando na SD 1 a deputada utiliza o termo ideologia e segue a utilizar em ao longo de sua fala, Lionço (2016) também recorre a um termo muito interessante que é o “assédio ideológico”. A autora, suscita que a extrema direita e conservadores instituem a composição semântica para reforçar como e qual é a compreensão de ideologia por parte deste agrupamento, o que difere muito do que foi desenvolvido anteriormente nesta pesquisa. Aqui, a ideologia passa a ser considerada uma “perseguição invisível” e a única maneira possível de resgatar a escola disso é blindando as infâncias e juventudes que as compõem.

SD 2

[ANA CAMPAGNOLO]: Cientificamente falando, as pesquisas já demonstram que a ideologia de gênero elevou em 1000% o número de crianças em tratamento no Reino Unido, isso mostra como a ideologia pode ser nefasta. Ainda em um artigo de 2014, o Dr. Paul McHugh, disse que 80% das crianças que **expressam alguma disforia de gênero na tenra idade, acabam mudando de opinião depois e nem precisam de tratamento**, e que a taxa de suicídio é 20x maior para os que se submetem a qualquer tipo de transformação de gênero.

A parte destacada em negrito revela um discurso de autoridade, e que conseqüentemente evidencia o lugar que a deputada fala: o discurso exercido por uma agente do legislativo, de classe média, branca que aciona o discurso médico falseado para demarcar a autoridade expressa.

Após a exposição dos materiais que sustentam seu discurso (não apenas sustentam como também SÃO o seu discurso), a deputada segue expondo mais sobre o quão seria prejudicial a falsa “ideologia de gênero” ser inclusa no PEE. Nesta SD, há uma validação de referência, neste caso, trazendo dados quantitativos para a apreciação, porém, sem expor as pesquisas ou dar o devido tratamento à elas, o que para o campo da AD sinaliza camuflagem ou silêncio como estratégia de edificação do discurso.

Em uma breve busca sobre os materiais citados acima pela deputada, observamos que se tratam de materiais produzidos por um coletivo de líderes conservadores de outros países, como é o caso da figura citada, o Dr. Paul Rodney McHugh, que é um expoente da igreja católica nos estados com os seus estudos na área da psiquiatria sobre disforias de gênero e pessoas que sofreram abuso sexual em suas infâncias a partir de suas memórias. É também um dos maiores protagonistas das campanhas na área da saúde contra as cirurgias de resignação de gênero nos Estados Unidos, assim como também cunhou o termo *recovered memory*²⁹ que é o estranho fato de pessoas adultas lembrarem de abusos sexuais em suas infâncias e juventudes, o que para a igreja católica estadunidense foi motivo de muito burburinho e controvérsias, uma vez que nos anos 1990 ele foi convidado para expor um painel na conferência que ia tratar justamente sobre os *priest abuses*, crimes que foram cometidos por inúmeros religiosos nos ambientes eclesiásticos.

Essa prática discursiva de buscar o que nos pertence, o que nos reconhece e nós o reconhecemos nele é denominada por Pechêux (1988) de **caráter local**, pois são estas respostas que baseiam os discursos, especialmente públicos, garantem conforto teórico e, sobretudo evidenciam as classes sociais que o sujeito ocupa, e isso produz sentidos. Isso é muito perigoso especialmente quando estamos a nos reportar à ciência. A SD inicia justamente com Campagnolo proferindo a seguinte frase - “*Cientificamente falando, as pesquisas já demonstram que a ideologia de gênero elevou em 1000% o número de crianças em tratamento no Reino Unido, isso mostra como a ideologia pode ser nefasta.*” em que a validação do sentido do discurso é o elemento científico.

²⁹ Ao confiscar um termo utilizado por Sigmund Freud, as *recovered memory* ou *repressed memory* (memória escondida ou reprimida) são consideradas pela ala conservadora da psiquiatria como um mito, especialmente as que seguem a escola de McHugh. Em 1994, Elizabeth Loftus e Katherine Ketcham lançam a obra *The Myth of Repressed Memory*, e tecem um texto que mescla termos bíblicos (demônio, verdade e céu, Deus) com suas análises que partem dos princípios do catolicismo de forma bem escancarada.

Observemos que a utilização de um termo que expressa algo inexistente enquanto prática e projeto (ideologia de gênero) e a exposição de um número/porcentagem megalomaniaca operam como *complementos do enunciado*, porém, tornam o enunciado coletivo, o que causa um maior impacto. É por isso que em um discurso midiático, como é o caso, frases de efeito e termos que se propaguem como *slogans* são acionados pelos sujeitos do discurso, já que o dito é o primeiro alcance para o receptor que o ouve, sente ou lê. E essa busca semântica ultrapassa o campo da discussão em questão, não o afastando, mas, obliterando aquilo próprio que se critica, como por exemplo, o texto base do PEE que continha o termo “identidade de gênero” e que aqui é apagado e concretado pela ideia de ideologia de gênero. A mesma forma quando na SD 3 há mais uma vez o encontro léxico de duas palavras para banalizar ainda mais o plano em discussão: “assédio e ideologia”.

SD 3

[ANA CAMPAGNOLO] (...) vou protocolar hoje com a assinatura de alguns deputados daqui da casa, uma indicação solicitando ao nosso governador do estado que promulgue o decreto “Infância sem pornografia”, e na mesma ocasião também, estarei protocolando o projeto de lei também chamado “Infância sem pornografia” caso o nosso governador não queira atender a nossa solicitação.

Para dar seguimento analítico desta SD precisamos observar dois movimentos: a) a exposição de que há um movimento em ação e que está atento às práticas do governador de SC; b) a associação entre infância e pornografia, demonstrando mais uma sobreposição discursiva no bojo da falsa “ideologia de gênero”.

Identificamos uma necessidade em afirmar que a deputada não está só, como ela sinalizou na SD 1, bem como trazer ao discurso as responsabilidades e consequências que os atores políticos ali presentes têm. Está impregnado aqui uma vigilância discursiva e política, que neste caso, ultrapassa o campo da legislação, mas que agora opera como regulação e controle. Eis que aqui se clarifica o “assédio ideológico” citado por Lionço (2016) acima. Campagnolo não sobe só no púlpito, pois, ideologicamente suas condições materiais de suporte político são propícias para que o terreno de disputa do discurso seja ocupado.

Não obstante, o termo pornografia é acionado no discurso. Neste momento especificamente, Campagnolo anuncia um projeto de lei que visa a proteção das crianças

contra a pornografia. Meses antes do pleno em questão, a deputada esteve na cidade de Brusque, interior de Santa Catarina onde se encontrou com o então vereador Paulinho Sestrem (PRP) criador do PL nº 20/2017 intitulado “Criança sem Pornografia”, oriundo dos debates do Grupo de Proteção da Infância e da Adolescência (GRUPIA) composto por várias lideranças religiosas da cidade.

A pornografia se configura como uma cultura que ganha adornos comerciais e falocráticos especialmente a partir do século XX, quando os homens, que em suas práticas sociais detinham e detém o poder, poderiam circular seus desejos e fetiches sem serem necessariamente perseguidos ou excomungados como as mulheres. Aqui, de forma muito evidente, a pornografia atravessa o universo adulto como uma validação, inclusive, do ser homem, logo, o acesso à ela é legítimo para os homens adultos, e com a reviravolta cibernética, isso ganha outra escala não apenas de acesso, mas, de outras práticas sexuais, corpos e experiências.

As infâncias e juventudes devem ser protegidas de qualquer violência, e isso inclui a cultura brutal sexualizar e abusar de corpos infantis e juvenis com práticas de pedofilia ou efebofilia. Porém, o que está posto no jogo do discurso aqui é que a discussão sobre gênero que pauta a educação sexual, o tratamento de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), o respeito à identidade de gênero e orientação sexual seja em qualquer idade e o reconhecimento histórico de determinadas opressões está atrelado diretamente à práticas pornográficas, e isso perpassa sobretudo pelo crivo e ação do adulto para com estes sujeitos, logo, além de responsáveis são uma ameaça iminente às infâncias e juventudes. Observamos que desde 2017, inúmeras Câmaras Municipais no país como um todo aprovaram projetos com os nomes semelhantes, como as prefeituras de Itapeverica/MG, Vitória/ES, Balneário Camboriú/SC, Ribeirão Preto/SP, Goiânia/GO entre outras grandes cidades do país.

Não é contraditório nada que Campagnolo traz para corroborar seu discurso. Tudo compõem os princípios não apenas do conservadorismo, mas também da formação ideológica e religiosa que a jovem deputada teve. Caminhando pelo canal da mesma, há uma *playlist* específica denominada “Clube Antifeminista” composta por trinta e sete vídeos. Logo, as discussões sobre gênero, ou, sobre o não reconhecimento de sua existência, acompanham a trajetória da deputada há muito tempo, sendo ela expoente da perspectiva antifeminista em território nacional.

Esse destaque é fundamental, pois, são justamente as feministas nos anos 1950 e 1960 que vão ser a linha de frente contra as práticas pornográficas e a mercantilização do corpo da mulher, especialmente nos EUA. As feministas que vão criticar o grande império *Playboy*³⁰ e suas marcas sociais e lucrativas são altamente perseguidas nas ruas, ridicularizadas em programas televisivos e de rádio bem como seus discursos não são validados por eles, os homens.

Portanto, se historicamente nós temos um posicionamento político que denuncia e luta contra a cultura pornográfica como propagadora das raízes patriarcais, este posicionamento é o das feministas, especialmente as mulheres brancas e universitárias, já que as marcas raciais e de classe precisam estar muito bem evidentes com a materialidade. Se há um medo em aproximar uma prática tão “nefasta” como a própria deputada utiliza, por que não lutar contra ela em sua completude e não apenas como uma agressão moral e física as infâncias e juventudes.

Como criadora do “Clube Antifeminista”, Campagnolo também sabe o seu lugar do discurso em meio ao movimento que constrói. Ser uma mulher conservadora é estar ciente de que nos princípios intransponíveis do cristianismo e da lógica da família, ela ocupa um lugar para esta sociedade. O fato de ocupar um cargo de poder dentro do aparelho do Estado burguês se dá pelo atendimento que o seu discurso mune das pautas que são veementemente levantadas por homens em todo o país e no mundo, e talvez, o encerramento da materialidade analisada diga muito sobre isso. Campagnolo, assim como em outros momentos, inclui um vídeo de uma entrevista realizada ao então Procurador da República, Guilherme Schele. Aqui, não se trata de um processo polifônico. Dentro da AD consideramos esta busca por outros atores discursivos de **enunciado coletivo**. No vídeo, Schele discorre o porquê que a falsa “ideologia de gênero” é vista como pernicioso para a educação pública.

SD 4

[SCHELE]: (...) no primeiro ano de governo da presidente Dilma contempla o princípio da pedofilia, foi implantado de forma inconstitucional e ilegal, mas está nos registros da educação brasileira, especialmente infantil e fundamental o direito ao prazer sexual da criança. Esse é o que os pedófilos defendem.

³⁰ A multimarca internacional de origem estadunidense denominada Playboy foi fundada no ano de 1953 por um empresário norte-americano, Hugh Hefner. Inicialmente comercializando revistas eróticas e explorando corpos femininos, a empresa atualmente recorre a outros produtos e ampliou o seu mercado em cima da hipersexualização da mulher, bem como de sua objetificação.

Mais uma vez vemos um acúmulo de termos diversos que se sobrepõem as discussões de gênero: pedofilia, prazer sexual da criança e pedófilos. Aqui não podemos falar em deturpação discursiva e sim de construção de um sentido discursivo. O fato de incorporar estes outros termos é proposital, principalmente advindo de um procurador da República que têm todos os acessos possíveis aos dispositivos legais e teóricos que sustentam o debate de gênero e sexualidades, por exemplo. Schele escancara a sua posição-sujeito no discurso, pois, sabe que em nenhum momento será contestado devido a todos os espectros que o fazem como sujeito: homem, branco, classe média alta e vinculado ao poder judiciário.

Quando ele associa a existência de um material denominado “Guia Escolar de Proteção a Infância” do ano de 2011 e associa este ao então governo capitaneado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) sob a égide então ex-presidente Dilma Rousseff (PT). Na verdade, o guia que é verdadeiramente intitulado de *Guia Escolar: Rede de Proteção à infância*” e trata de um compêndio criado no ano de 2011 e que fazer referência à inúmeros outros documentos nacionais (como o Guia existente em São Paulo nos anos 1990) e alguns documentos da Organização das Nações Unidas (ONU), sendo este um material de formação para os professores e gestores que pensam e atuam com crianças e adolescentes no país como um todo em várias áreas dos direitos sociais.

No documento, são espelhados os onze direitos que as crianças e adolescentes possuem no que tange às suas sexualidades e ao seu prazer. Esses direitos foram pautados no *14th World Congress of Sexology* (14º Congresso Mundial de Sexologia) (WAS, 1999) sendo o 5º direito o mais recortado de todo o material complexo que foi construído. O direito de número 5 presume *DIREITO AO PRAZER SEXUAL – prazer sexual, incluindo autoerotismo, como fonte de bem-estar físico, psicológico, intelectual e espiritual*. Aqui, o autoerotismo é contra-atacado como uma proposta (ou indução sexual) que o documento sustenta, sendo que, o conhecimento de si e do seu prazer (ações particulares que ocorrem desde a tenra infância) não é incitado pelo documento, mas sim, a capacidade de respeito e não ojeriza às experiências individuais de cada sujeito com os seus corpos.

A associação desta prática com a pedofilia, por exemplo, ruma para uma contradição colossal, uma vez que os sujeitos adultos que dominam física e socialmente

as relações sociais e suas escolhas são os que se utilizam da tessitura social e sexual que atinge as crianças e adolescentes. Aqui, não podemos subsidiar um discurso que sutilmente coloca as crianças que conhecem sobre si, seus corpos e suas sexualidades a culpa sobre o que a cultura machista e falócrática têm historicamente sobre os corpos infantis e juvenis.

Já no percurso do encerramento da entrevista, Schele discursa algo muito parecido com a SD 1 aqui apresentada por Campagnolo. Aquele *looping* discursivo reaparece, e desta vez de forma muito mais enfática na superfície dita do enunciado.

SD 5:

[SCHELE]: Olha o pretexto nobre: defender as minorias, combater o preconceito, mas na verdade o que eles estão falando, fazendo, é uma profunda degradação, por que menino é menino, menina é menina, e eles estão querendo exatamente romper a noção de sexualidade, a noção de masculinidade nos meninos e de feminilidade nas meninas, os materiais didáticos, e preste atenção, isso não é só do Brasil, isso é da ONU.

No final da conjuração discursiva entre Schele e Campagnolo, a materialidade produzida entra em um consenso discursivo. Os papéis de gênero NÃO podem ser questionados. Quando se afirma que menina é menina e menino é menino e ponto, isso não se trata de um aspecto biológico estrito como os conservadores sempre reafirmam. Na verdade, essa necessidade afirmativa é que estes dois campos binários possuem funções e finalidades sociais para manter o sistema e sua ordem e por reconhecer que esta ação é estrutural, pois os conservadores sabem muito bem o que é estrutura, é que a expansão do olhar em seus discursos rompe sempre o local e traz as evidências discursivas que são benesses ou não para à sua filosofia.

Meninos e meninas devem saber o seu lugar na sociedade, e este lugar já está alicerçado e não precisa de mais materiais para que os próprios sujeitos construam sua história. Estas posições do sujeito do discurso que **não devem ser alteradas pelo conservadorismo** são questionadas pelos movimentos feministas de nossos tempos. Atentemos a seguinte afirmação:

A violência sexual no capitalismo não é uma perturbação da ordem regular das coisas, mas, uma parte constitutiva dela – uma condição sistêmica, não um problema criminal ou interpessoal. Ela não pode ser entendida em isolamento da violência biopolítica das leis que negam a liberdade reprodutiva, da violência econômica do mercado, da violência estatal da polícia e dos guardas de fronteira, da violência interestatal

dos exércitos imperiais, da violência simbólica da cultura capitalista e da lenta violência circundante que corrói nossos corpos, comunidades e habitats. (Arruza; Bhattacharya; Fraser, 2019, p. 21).

Cinzia Arruza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser (2019) são teóricas do feminismo anticolonial e antiimperial, feminismo este que circula em nossos tempos mais atual que nunca. Estes círculos políticos e legalistas que precisam reafirmar os papéis de gênero são completudes de uma ação muito sistemática e resgatada pelo conservadorismo de Ana Campagnolo nesta última década. Se Campagnolo e todo seu agrupamento militante conservador debruça tempo e esforços na manutenção de determinados enunciados e discursos é por que estes são basilares para o avanço de um Estado e de um sistema que por si só “assediam ideologicamente” e violentam inúmeros corpos todos os dias, e por isso, sua compreensão na realidade precisa ser de enfrentamento.

5.2 “(...) em defesa da constituição, em defesa da justiça e em defesa da nossa liberdade de expressão (...)”

O título desta subseção parece até um daqueles slogans do liberalismo clássico francês, ou, um extrato da constituição republicana americana, mas, é mais uma sequência discursiva proferida pelo youtuber e influencer conservador Caio Coppolla. O vídeo intitulado “*URGENTE: Abaixo-assinado para o IMPEACHMENT de Alexandre de Moraes (STF)*” é um dos menores vídeos analisados neste trabalho no quesito duração, 4min27s. Postado em 15 de março 2021 o vídeo possuía 1.347.765 visualizações, sendo o vídeo com o maior número de visualizações dentre as materialidades aqui analisadas. O cenário, um pouco diferente de tantos outros vídeos de Coppolla no mesmo canal, não é o estúdio televisivo e de rádio, ou, alguma manifestação política. O vídeo caseiro tem como ambientação a casa da sogra de Caio, em um dia comum, sentado exatamente na sala. Além disso, em uma das sequências que deflagram o início do discurso de Coppolla, ele introduz um pouco de quem ele é e do seu trabalho.

SD 1

[COPPOLLA]: Para quem não me conhece, meu nome é Caio Coppolla, eu trabalho na imprensa como comentarista, e ano passado eu fui classificado entre os dez maiores influenciadores da política na internet. Essa é uma responsabilidade que eu levo muito a sério, mas meu trabalho depende de uma garantia fundamental: a liberdade de expressão.

O vídeo se debruça sobre um pedido de *impeachment* para o presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que na ocasião é o presidente Alexandre de Moraes.

Coppolla afirma que ‘Esse é de longe o vídeo mais importante que eu já fiz na minha vida.’ e com isso, ele precisa acionar a superfície do lar, da serenidade, do ambiente de conforto e do sossego como fundamentais. Mas, atentemos que a busca do currículo pessoal aqui serve como uma legitimação e confiabilidade que o sujeito conclama para o seu discurso, principalmente quando ele se coloca em um *ranking*, artefato que na sociedade capitalista meritocrática é entendido como discurso de reconhecimento.

Porém, Coppolla faz questão de assumir que é um *influencer* (influenciador) e este elemento discursivo é essencial, pois é quando o sujeito do discurso enuncia a si próprio, o que demonstra o reconhecimento de sua ação e lugar para a produção de sentidos. Assim como consta na SD 1, Coppolla também associa a sua ação como *influencer* ao seu **trabalho**.

O exercício desta nova “configuração de trabalho” em uma plataforma reconhecida como um espaço político de grande alcance, garante um retorno para aquele que nela discursa. Porém, se o trabalho dele depende de uma “garantia fundamental” que é a liberdade de expressão, tomemos aqui o enunciado como motriz categorial de ação política, principalmente por se tratar de um jovem conservador que menciona a ideia de liberdade. A ideia de liberdade aqui não é a que está atrelada à lógica liberal de liberdade política e econômica (pelo menos nesta SD), mas, uma liberdade atrelada às ações que vinculam a prática *youtuber* ao Estado e suas interferências.

Ainda sobre o termo “liberdade de expressão”, no ano de 2021, especialmente, circula um campo de revoltas no entorno do Inquérito 4781 impetrado pelo ministro Alexandre de Moraes no Supremo Tribunal Federal (STF) intitulado de Inquérito das *Fakenews*, e que, determinou a exclusão imediata de conteúdo com falsas informações das plataformas digitais. A “liberdade de expressão” aqui é uma operante discursiva que passeia entre os dois campos: o jurídico e o do *cyberativismo*. De acordo com Christian Plantin (2008), para além da interdiscursividade (encontro da memória, do dito e do agora do discurso) há também a capacidade o discurso promover um **dialogismo**. A mesma categoria, ressignificada ou confrontada a partir do que consta no inquérito de Alexandre de Moraes e na SD 1 aqui apresentada dialogam sobre a “liberdade de expressão” em contestação. O autor evidencia que

Essa tese do dialogismo inerente a todo dizer e uma das aquisições em que se baseiam a análise do discurso, em geral, e a do discurso argumentativo, em particular: "todo discurso é dirigido para uma resposta, e não pode escapar da influência profunda do discurso-réplica previsto" (op. cit., p. 103). Todo discurso seria não somente dialogal,

mas polêmico. De qualquer maneira, Bakhtin inteiro vai no sentido da superioridade do diálogo. (Plantin, 2008, p. 19).

“Todo o discurso é dirigido para uma resposta”. A afirmação de Plantin nos revela que o nosso discurso nunca é um andarilho sem rumo. Todo discurso produz um sentido que precisa de devolutiva, sinal, manifestação ou silêncio como e reação discursiva. O discurso incita o diálogo e o confronto e neste confronto se encontra a resposta. Aqui, tanto Coppolla como Alexandre de Moraes recorrem ao campo da legalidade para tratar um mesmo enunciado (liberdade de expressão) um confronto discursivo e político, mobilizando resposta coletivas que ultrapassam os dois sujeitos que enunciam. Aqui, o discurso como estratégia política de mobilização se mune da espetacularização para ganhar força, especialmente quando duas palavras opostas são dispostas neste confronto de objetos: liberdade e censura. Coppolla afirma que *“Então, se você concordar com o que eu vou dizer, eu peço que você compartilhe o conteúdo para uma maior quantidade possível de pessoas, antes que ele seja **censurado**.”*

Aqui, evidencia-se um tipo de discurso muito comum, não apenas entre os *youtubers* conservadores, mas, entre os *influencers* digitais como um todo: são os **monólogos argumentativos**. De acordo com Plantin (2008) o foco deste tipo de monólogo é apenas persuadir e que o persuadido se torna um alvo direto para uma adoção de ponto de vista (p. 25). Logo, Coppolla discursa em monólogos assim como tantos outros para persuadir não uma nova camada de receptores, mas sim, argumentar para os que já constituíram sentido sobre esta discussão em suas memórias e história. **Não é uma argumentação para convencer, é uma argumentação para reconhecer**. Talvez, a construção da superfície deste discurso tenha sido esta: espaço simples, sujeito isolado, ambiente doméstico e tom de voz sereno, sem a possibilidade de qualquer interferência e com isso a “liberdade de expressão” aqui compreendida ganha um adorno de discursar sem ser interrompido ou de discursar sem ser questionado/confrontado? Aparentemente, o combo dos dois.

Em monólogos argumentativos, a contraposição ou exposição de um objeto específico ou sujeito é sempre comum. Neste discurso, a figura do ministro Alexandre de Moraes é atrelada a inúmeros adjetivos. Observemos a seguinte sequência:

SD 2

[COPPOLLA]: Ele censurou matéria da imprensa, ele suspendeu contas em redes sociais, ele investigou opositores políticos e ele até prendeu alguns de seus críticos.

Só pra vocês terem uma ideia, na semana passada, um de seus colegas de tribunal chamou o ministro de “xerife” e ontem, 14 de março de 2021, foi aniversário de dois anos (2 anos – em tom exaltado) do inquérito das *fake news*, uma investigação inconstitucional, conduzida de forma muito autoritária por esse “xerife”, quer dizer, por esse ministro que é ao mesmo tempo vítima, investigador e juiz do processo. O nome dele é Alexandre de Moraes, que na minha opinião, na opinião de muita gente na verdade, ele passou de todos os limites.

O recurso da repetição e adjetivação é utilizado aqui como mecanismo de atenção: **Ele + adjetivação negativa**. Além disso, observemos que há um deslocamento da posição do sujeito e com toda a carga de classe e poder que ele carrega. Nominar um ministro de xerife não é apenas sustentar a ideia de que ele é um agente coercitivo, mas que ele dentro de uma hierarquia de poder e divisão social do trabalho, ocupa um lugar subalterno perante o cargo de ministro, tudo isso por uma ação que investiga *fake news*.

Não há nada mais normalizado no discurso do tecido social que o termo *fake news*. Merten Reglitz (2022) nos convida ao início da segunda década deste século, quando o desenvolvimento desta prática operada no sistema comunicativo e virtual começou, especialmente a partir das crises política e do capital nos países da União Europeia e nos processos eleitorais nos EUA. Para o autor, as *fake news* se constituem a partir de três elementos imbricados: a) contém falsa informação; b) é criada com intenção enganosa; c) é apresentado como semelhante a notícias tradicionais (mesmo embora não seja produzido de acordo com os padrões editoriais).

O governo do Brasil em que o discurso de Coppolla se enraíza e apoia, é forjado por *fake news*. De acordo com a plataforma de comunicação independente “Aos Fatos” que acompanha o desenvolvimento das *fake News* no Brasil, até o dia 28 de outubro de 2022 o então presidente derrotado Jair Bolsonaro (PL) enunciou nos últimos 4 anos de governo Em 1.396 dias como presidente, Bolsonaro deu 6.504 declarações falsas ou distorcidas em suas redes sociais, assessoria de comunicação e ao oligopólio midiático.

As três maiores incidências discursivas dentro deste levantamento são os seguintes enunciados: “Esse é o governo Jair Bolsonaro. Não tem corrupção.” Repetida por 238 vezes, “Eu fui desautorizado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) [durante a pandemia de Covid-19]” por 139 vezes e “repetida 139 vezes “Eu sempre falei que você deve combater sim o vírus, mas também combater o desemprego em nosso país.” mencionada por 115 vezes. Ao que parece, o STF no que tange à ala conservadora, têm criado um abismo consensual entre conservadores e Estado, o que não é uma novidade

dentro da história filosófica do conservadorismo. As similitudes de incômodo ficam bem claras, especialmente quando Coppolla se coloca como um porta-voz do governo bolsonarista.

O intuito de Coppolla é a criação de caminhos que levem ao *impeachment* de Alexandre de Moraes. Para isso, o caminho político virtual é o mais potente e de alcance em larga escala possível. Esqueçamos aqui os processos tradicionais de mobilização política, como reuniões, assembleias, plenárias e grupos de trabalho formativos. Aqui, o sujeito do discurso se consolidou como liderança política por que o seu discurso alcançou, se tornou audível e reconhecido. As experiências políticas em espaços comuns como partidos, agremiações, Centros e Diretórios Acadêmicos (CAs e Das) ou movimentos de inserção social dão lugar à uma política que reconhece o discurso, mas que sobretudo o assimila à distância. A cristalização deste processo pode ser vista na sequência a seguir.

SD 3:

[COPPOLLA]: Isso dará início a um processo inédito no Brasil, um impeachment de um ministro do STF, e eu garanto pra vocês que tem muito político em Brasília bem incomodado com os excessos do senhor Alexandre de Moraes, só aguardando a sociedade dar esse primeiro passo.

“**Isso**” (o abaixo-assinado virtual pelo impeachment) assim como os formulários de filiação virtual ou as famosas “petições *on-line*”, se tornaram instrumentos de mobilização de alcance de massas e de informação (inflamação) política, o que já nos indica remodelagens no processo não apenas comunicativo das organizações políticas, mas, hierárquicos e estruturais.

Na continuidade da SD 3, há um reconhecimento de indignação mencionado por Coppolla que advém dos parlamentares de Brasília e do povo brasileiro. Porém, a busca por enunciar primeiro os parlamentares denota posição de decisão e de poder, o que no sentido do discurso opera um “empurro” semântico de incitação ao povo e de sentimento coletivo. Trazer as estruturas de poder para o discurso (senado, câmara, projetos de lei) conota também que o sujeito do discurso que está falando só na sala de estar da casa de sua sogra esteja completamente respaldado, o que para o monólogo se torna fundamental.

Ao retomarmos Reglitz (2022), observamos que o debate sobre *fake news* está associado diretamente na sociedade capitalista às instituições modernas, sendo que nas SDs apresentadas prevalecem duas: o Estado e a democracia. Para o autor, a cada dia que passa, os cidadãos deste século vão criando o que o que ele denomina de “crença epistemológica”, que de forma breve podem ser consideradas “outras verdades”. Esse elemento é altamente perigoso para a manutenção da democracia, pois, para o mesmo, há dois fatores que que circundam as fake News que são problemas para a democracia: 1. Reconhecer que nem toda a disputa política é feita de forma falsa. Os caminhos discursivos e comunicativos podem mudar, mas há proposições e projetos muito bem definidos (*epistemic distrust*); 2. O contexto de informação é altamente diferente de um século atrás. Os cidadãos buscavam as informações. Hoje, as informações chegam até os cidadãos e elas usam de recursos tecnológicos ilimitados.

Aqui percebemos o quão político é o discurso em sua total produção de sentidos. O sujeito do discurso (Coppolla) precisa não apenas se defender das acusações criminais enquanto disseminador de fake News, mas, sabe que, em uma busca pela verdade no ringue político, a cada dia que passa essa verdade se afasta do que Reglitz (2022) compreende como “verdade epistêmica” que a capacidade que indivíduo receptor têm de buscar, confrontar e averiguar uma informação recebida. Em suas palavras “na pior das hipóteses, as notícias falsas podem contribuir para o colapso total do sistema se as divisões políticas alimentadas pelo medo de manipulação e incerteza epistêmica minam o apoio a sistemas democráticos que não são mais capazes de conter desconfiança e conflito” (REGLITZ, 2022, p. 175). A partir desta afirmação do autor, há uma SD em sequência que substancia ainda mais tal discussão.

SD 4

[COPPOLLA]: (...) se você quer caminhar da indignação, eu preciso que você faça duas coisas: compartilhe esse vídeo e o link do abaixo-assinado, antes que ele seja censurado pelo ministro o que a Polícia Federal cole aqui na casa da minha sogra, é, e quando você for compartilhar, se puder, se possível, use a hashtag #artigo52 no seu post. O Artigo 52 é o artigo da constituição que estabelece a competência do senado pra processar e pra julgar ministros do STF. É um recado didático prum tribunal cada vez mais autoritário, mais casuísta e mais indecoroso. Segunda coisa: se você já compartilhou o vídeo, participe do abaixo-assinado, é só clicar no link do descritivo, ou no link dos comentários, ou no link da *bio* que você vai acessar a página do abaixo-assinado e pode assinar em poucos segundos esse documento em defesa da constituição, em defesa da justiça e em defesa da nossa liberdade de expressão.

Os discursos políticos virtuais ocupam uma arena em que a possibilidade de enunciação é vasta não necessariamente polida perante aos discursos clássicos e linguagem coloquial. Muito pelo contrário: o discurso para a política e para a comunicação como um todo, no terreno virtual, carrega muito do que Coppolla nos apresenta nesta SD: **indignação** (desejo de mudança) e **sátira** quando enuncia que “, antes que ele seja censurado pelo ministro o que a Polícia Federal cole aqui na casa da minha sogra” o que invoca o campo cômico para situações trágicas e complexas, o que pode também, acionar empatia e leveza a quem ouve e assiste.

Porém, essa SD é carregada de termos e elementos jurídicos, inclusive a compressão de um deles como mecanismo de mobilização discursivas nas redes, que é a “#artigo52”, artigo este que trata de processos contra o poder judiciário federal. Com isso, aqui destacamos o quão inquietante e denso se tornou a prática de produção de fake News e sua inserção dentro do tecido social, a ponto de conseguir em menos de uma semana, mais de três milhões de assinaturas pelo link disponibilizado no canal, o que requer uma devida atenção no que tange à sua veracidade.

Mas, o que trazemos como discurso correspondente é como as fake News são antidemocráticas, pois, figuram uma falsa realidade de grande alcance e velocidade, além de contribuírem para a cegueira política e não formação humana. Se Coppolla como um dos maiores influenciadores da juventude brasileira consegue através da sala de sua sogra fazer isso, reconhecemos não apenas o poder do discurso, mas, de como o falseamento da realidade se aligeirou junto à nova dinâmica das tecnologias da informação e comunicação.

Porém, este falseamento do real e sua normalização têm como substrato efeitos caóticos ao longo da história. Aqui mais uma vez, Reglitz (2022) relembra que em momentos de desconfiguração das instituições como o Estado (STF) e democracia (liberdade de expressão), as informações falsas se alocam nas tomadas de decisões e nos processos eleitorais perfeitamente, vide o caso Operação Nazista (*Nazi Operation*) na *German Weimar Republic*, no ano de 1932. O contexto vivido há noventa anos atrás não é muito diferente do que vivenciamos ao presenciarmos o ataque e a barreira criada para o acesso ao campo crítico atual por parte da ala conservadora ou da extrema-direita. Evidenciamos aqui que, segundo o autor

Hoje, as *fake news* online oferecem uma nova possibilidade para os inimigos (externos e internos) da democracia sublinharem a confiança

do público uns nos outros e nas suas instituições democráticas. Crucialmente, como nos outros dois casos, a perda da legitimidade percebida dos valores e processos democráticos pode ser trazida misericordiosamente pelo fato de outros serem manipulados por notícias falsas, sem que os cidadãos acreditem no conteúdo das próprias *fake news*. (Reglitz, 2022, p. 180)

Observamos outra característica do discurso, especialmente dos monólogos, que é a manipulação. O sujeito manipula os seus enunciados como se fosse uma poção ideológica, repleta de sentidos e pronta para ser servida assim que a câmera é prontamente ligada. Coppolla em uma ação de defesa de si, aciona todos os dispositivos legais que a sua geração compreende ser possível e que a sociabilidade que ele se encontra disponibiliza para ele, mas, não apenas: aqui, a capacidade mobilizadora que ele como um dos maiores propagadores de informações baseadas em *fake news* transmite é uma assinatura de como os conflitos políticos se configuram e qual a compreensão que as instituições modernas enfrentarão nesta conjuntura e no horizonte de futuro próximos.

5.3 “(...) nós temos que pisar na cabeça da serpente.”

De acordo com a mitologia cristã, no livro de Gênesis, introdutório à Bíblia Sagrada, há um episódio explicativo sobre a criação do mundo e da humanidade, em que, os primeiros habitantes terrenos são Adão e Eva, casal responsável pela reprodução humana e o cuidado com as criaturas recém-criadas pelo Deus cristão. Eva, a mulher criada da costela de seu companheiro, tem o contato com a animalização da figura de Lúcifer, este compreendido como o mal encarnado.

A animalização se dá a partir de uma serpente que em diálogo com Eva apresenta um fruto “proibido” que possibilitará que ela e o marido vejam o mundo como ele realmente é. Eva encantada com a possibilidade mencionada pela serpente é colocada como persuasiva a ponto de convencer Adão a comer o fruto. A partir deste momento, Eva e Adão se dão conta de sua nudez e do mundo para além das atribuições que lhe foram concebidas. É deflagrado o pecado a partir da curiosidade do sujeito humano e da astúcia diabólica, de acordo com a liturgia cristã.

A figura da serpente é demonizada no contexto cristão ao longo de toda a escritura da Bíblia. Porém, em outras sociedades muito mais antigas e ancestrais, como em África, a serpente expressa a sabedoria, agilidade e é símbolo de bons presságios, como no caso dos dahomeanos (hoje região do Benin) que tem como seu patrono divino e ancestral o

vodun Dan (G'bessen), da qual o pesquisador que constrói esta pesquisa faz parte enquanto jovem de terreiro da nação Jeje Minapópò.

A terceira materialidade analisada parte do canal administrado pelo jovem influenciador católico Bernardo Kuster, tendo como vídeo em questão o intitulado *PT e a Igreja – A “nova” estratégia da esquerda – “Marxism in the church”* com duração de 18 minutos 02 segundos e com postagem em 26 de janeiro de 2018, ano da disputa eleitoral presidencial. O vídeo conta com 877.785 visualizações e foi gravado em casa com aparato básico de filmagem gravado na provável sala de sua casa. Bernardo, homem branco, está de óculos, camisa preta e ao fundo um quadro, um abajur e um sofá.

Este contexto político pré-eleitoral acirrou muito as disputas entre a esquerda governista e a extrema-direita, que há algum tempo já vinha terraplanando seus projetos em solo nacional. Aquele acirramento de forma mais escancarada entre tucanos (PSDB) e petistas (PT) ocorrida lá em 2014 entre as eleições de Dilma Rousseff contra o adversário Aécio Neves, polarizou politicamente e simbolicamente o Brasil em cores, símbolos, discursos e projetos um país atravessado por crises econômicas e políticas pós *Jornadas de Junho* em 2013.

Com isso, a ampliação do debate político virtual dispara e conseqüentemente as plataformas da web também se conjuram como o maior espaço para a mobilização política, como já discutido em outras materialidades aqui apresentadas e no início desta seção. Observemos a primeira SD aqui apresentada, que trata de uma materialidade produzida no início do ano eleitoral acerca de um contexto que envolve agentes políticos conhecidos nacionalmente, religiosidade e projetos políticos distintos.

SD 1

[KUSTER]: (...) o “Petrolula” nasceu aqui em Londrina, este o ovo do capeta foi chocado aqui nessa cidade e agora Londrina é palco de outro ovo da serpente que está sendo chocado esta semana aqui na minha cidade. Ver essas imagens e ficou chocado que é isso que se viu né cartaz de universidade isso aí é da via sacra que ela, quando faz aquela procissão que vão passar as pessoas em cima pois é um evento religioso que está acontecendo, um evento católico aqui em Londrina e que estão sendo mais de 60 bispos 3 mil pessoas de todos os lugares do Brasil que é chamada 14ª Intereclesial das Comunidades de Base.

Ao reportar um dos episódios de maior mobilização política nacional, denominado pela direita como “*Petrolula*”, Kuster aproxima não apenas um problema político próximo a ele no quesito territorial (Londrina) mas, a aproximação da indiferença e ojeriza tanto a Lula como ao seu projeto, inclusive ao retratar o episódio de “ovo do

capeta”. Entre os anos de 2007 e 2008 se iniciou um processo de investigação acerca dos investimentos ocorridos no Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) na Petrobrás, em que, de acordo com a base de oposição parlamentar à época, em que o presidente era Lula, anuncia um possível desvio de recursos para a implementação de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Porém, a mesma SD apresenta em outro momento, a realização de um evento ocorrido em Londrina (território em questão) que foi a 14ª Intereclesial das Comunidades de Base, um dos maiores eventos da Igreja Católica no país. A conjugação discursiva aqui de problemas políticos em uma esfera (Estado) e a anunciação do evento religioso configura que semanticamente há uma correlação problemática, não na Igreja, mas, em uma parcela diretiva dela (o arcebispado).

A SD 1 sinaliza um discurso que está repleto de episódios históricos que situam o receptor em determinado contexto. Para a AD, esta operação discursiva de fatos históricos não significa historicidade. A **historicidade** no discurso alcança uma sequência de sentidos organizativa dentro de um enunciado, independente de quantos momentos ou temporização histórica esteja expressa no texto. De acordo com a autora a seguir

Quando ramos em historicidade, não pensamos a história refletida no texto mas tratamos da historicidade do texto em sua materialidade. O que chamamos historicidade é o acontecimento do texto como discurso, o trabalho dos sentidos nele. Sem dúvida, há uma ligação entre a história externa e a historicidade do texto (trama de sentidos nele) mas essa ligação não é direta, nem automática, nem funciona como uma relação de causa-e-efeito. (Orlandi, 2005, p.66).

Orlandi (2005) chama a atenção de dois elementos importantíssimos: o primeiro é que a história jamais pode ser abandonada como elemento de análise na AD, uma vez que, é a partir da história que identificamos a produção humana de sentidos e as posições do sujeito em sociedade; já o segundo é que, não é a sequência destes fatos que nutrem os sentidos, e sim, as posições que o sujeito do enunciado os organiza e emite. Os fatos históricos são reconhecidos não pelas datas, mas, pelas suas causas e ações tomadas.

Para a continuidade deste discurso, Kuster aciona alguns atores protagonistas dos contextos históricos, e junto com eles, suas ações ainda no mesmo território e como corroboram com a política de Lula, trazendo enunciados que costuram estes outros sujeitos ao episódio do “*Petrolula*”. Atentemos como as três próximas SDs lidam com isso de forma muito direta.

SD 2

[KUSTER]: Dom Jeremias (...) assim que ele chegou à cidade, primeira coisa que ele fez foi um Grito dos Excluídos. Grito dos Excluídos do nosso país que envolveu o pessoal do MST, movimentos sociais para gritar o como excluídos eles são na sociedade a segunda delas foi aquela semana LGBT que se tornou muito famosa que eu dei a um estouro da bomba na internet foi até banido do *Facebook* por isso trouxe uma notícia internacional e ele inclusive deu o aval para que o evento continue mas a terceira delas foi que a denúncia de algumas pessoas que chegaram a mim dizendo que o bispo se recusa na missa a dar a hóstia na boca das pessoas quando elas estão ajoelhados isso aí configura um verdadeiro abuso de autoridade o abuso de poder.

SD 3

[KUSTER]: (...) Frei Betto para quem não sabe é um amigo do Lula mesmo, verdadeiro esquerdista dentro da igreja e ele inclusive passou a autoridade as palavras do Frei Betto mas isso eu vou comentar daqui a pouco e quem eram os outros agentes da esquerda que estavam neste evento da série saque Londrina bom eu já mencionei o Frei Betto primeiro pra quem não sabe assim por teologia da libertação que o prato da esquerda dentro da igreja é o nome desta pessoa.

SD 4

[KUSTER]: Lenir de Assis que pra quem não sabe foi uma vereadora da cidade aqui que votou a favor da inclusão da ideologia de gênero no Plano Municipal de Educação ela que é declaradamente uma pessoa progressista e que agora é assistente de comunicação desse pessoal a ida das CEBs a outra delas é Márcia Lopes que pra quem não sabe é assim petista de cabo a rabo sou a Márcia Lopes de Londrina e teria grande honra de assessorar o 14^o Intereclesial que acontecerá em janeiro de 2018.

Três sequências discursivas, três agentes convocados ao discurso, três ações diferentes rumando para a produção de um sentido único: como a esquerda está adentrando dentro dos espaços católicos apostólicos romanos e quem são os expoentes que estão conseguindo este feito. Observemos que mais uma vez, Kuster parte de um enunciado de aproximação de sua realidade (localização territorial do discurso) ao expor as ações do Dom Jeremias e amplia a sua ligação para o campo nacional, associando a amizade e afinidade política com Frei Betto e Lula, completando o *looping* com a vereadora Lenir Assis, retornando o cenário para Londrina. Dentro de um campo de produção de sentidos, há um organograma semântico exposto. Não são sujeitos isolados, mas, são sujeitos que visam o mesmo propósito, e por isso, precisam não ser **ditos**, mas sim, **expostos**.

Diante disso, observamos que o problema para Kuster se encontra na esquerda, já que para ele, é a própria serpente. Mas, como esta serpente impetrou os discursos do Brasil deste século de forma tão rápida e em escala nacional? Como que ideologicamente ela ganha visibilidade e ojeriza em nosso país? Bem, Adriano Codato, Bruno Bolognesi e Karolina Mattos Roeder (2015) ao percorrerem caminhos na busca do mapeamento político conservador no Brasil e sua estrutura frente ao processo eleitoral e organização partidária, nos atentam a alguns aspectos, sendo o primeiro deles a crescente onda

conservadora, especialmente no ano de 2014, nos países do eixo norte, especialmente na Europa, porém, não descartando a virada política para o campo da centro-esquerda reformista nos países latino-americanos, movimento este denominado pelos autores de “maré rosada”, o que para nós da AD compreendemos como estas sendo as condições de produção deste discurso.

Porém, Codato (et.al, 2015) ao aplicarem uma lupa analítica no Brasil, vão constatar a criação de alguns espaços, movimentos e partidos conservadores no país a partir de 2011, especialmente o Partido Social Democrático (PSD). Aqui, os autores identificam um novo arranjo político entre conservadores e liberais, que é a necessidade de desconstruir a figura de um mito (Lula) e colocar outro (ainda em discussão no começo da segunda década dos anos 2000). Para isso, inúmeras estratégias são utilizadas e algumas constatações são possíveis, como por exemplo:

A categoria “novas lideranças políticas” mostrou-se especialmente útil para estabelecer a relação entre os tipos de partidos brasileiros, conforme nossa classificação, e suas bases políticas, estudadas através da demografia dos candidatos a deputado federal. Apesar de não exclusiva da nova direita, é majoritariamente através dessas legendas que líderes religiosos e comunicadores encontram espaço para se lançarem (ou para permanecerem) na política parlamentar. Por outro lado, é exatamente nesta categoria de partidos que a maior parte dos trabalhadores competem. Esse movimento pode ser explicado, em parte, pela manutenção dos políticos profissionais na velha direita e na grande classe dos “outros partidos”. (Codato, et.al, 2005, p.141)

Concordamos aqui que, quando Kuster suscita três nomes de lideranças políticas que orbitam as ações de um campo específico da esquerda ou uma figura (Lula), é por que ele não só enfatiza como subtrai tudo o que para o campo que ele constrói é absurdamente inaceitável, inclusive utilizando enunciados como “verdadeiro abuso de poder”, “verdadeiro esquerdista”, “foi uma vereadora da cidade aqui que votou a favor da inclusão da ideologia de gênero no Plano Municipal de Educação” e “petista de cabo a rabo”. Kuster não mede palavras para enunciar todos os adjetivos possíveis que adornam uma pessoa de esquerda (no texto há um atravessamento entre uma pessoa de esquerda, petista e lulista/ $x+y+z=x$).

Porém, discordamos que esses são os elementos de uma “nova direita”, já que, as estratégias continuam as mesas de utilização do poder e da relevância oligárquica e religiosa, territorial e financeira, para ser um novo líder, a não ser que os projetos sustentados pela direita secular do país sejam colocados em prática.

A direita é a mesma em sua essência política de permanência. O seu reencontro com o conservadorismo não a transforma em uma nova política, mas, dispõe de novos atores e outras ferramentas técnicas e de comunicação para a sua perpetuação de colonização de mentes, a ponto de contrapor com outro mito do mesmo campo discursivo em meio à crise: Jair Bolsonaro.

Entretanto, como Codato et.al (2005) salientam, os comunicadores e religiosos terão um papel fundante nesta reorganização da direita no Brasil. Para isso, Kuster como um *influencer* e comunicador, por exemplo, parte de uma crítica endógena, não de si ou das possíveis problemáticas da Igreja Católica e dos seus fiéis. Kuster, bem como outros comunicadores e comunicadoras, desarranjam os movimentos sociais populares que historicamente se aproximam com o catolicismo nos espaços de maior vulnerabilidade social, como consta na seção quatro.

Bernardo Kuster é, entre todos os youtubers sujeitos desta pesquisa, o que mais possui material que aborda a religiosidade católica e a sua relação com o mundo, com a política. A maioria de seus vídeos, partem da liturgia cristã de análise e da fé como enfrentamento político e construção discursiva, inclusive com produções audiovisuais longas acerca dos movimentos de esquerda ou da influência da mesma na Igreja Católica, com uma série em seu canal denominada “Eles estão no meio de nós” e uma *playlist* intitulada “Teologia da Libertação”, servindo uma crítica sobre o tema em oitenta e seis vídeos.

Na seção três desta tese, pontuamos de forma breve a inserção dos teólogos da libertação e das pastorais juvenis nas movimentações sociais no Brasil nas décadas de 1870 e 1980. Atualmente, os setores religiosos constituem novos espaços, tanto à esquerda como à direita, de reorganização política, especialmente das juventudes. Ao longo de toda a materialidade analisada, Kuster não deixa de mencionar as possíveis siglas de movimentos como MST, CPT, PT, Pastorais e MTST, o que sinaliza a origem “do ovo da serpente”. As SDs repletas de **repetições evidenciam sentidos de poder**, e ou o reconhecimento de sua influência, como acontece com as repetições proferidas por Kuster. Observemos a SD a seguir:

SD 5

[KUSTER]: Você católico que quer celebrar e rezar, você é um trouxa segundo eles que você não você tem que servir se movendo de esquerda e virar um militante tonto com bandeira vermelha do MST como mortadela na rua eu vou resumir mais uma vez que a coisa é bem complexa o que se está querendo, contudo, isso aqui o Frei Betto, Marcelo Basco e se Pedro Ribeiro com todo esse pessoal comunista da igreja

falando do Lula é uma coisa simples, uma frase: Lula presidente em 2018 e nada mais do que isso. É um ato, é uma reorganização da esquerda com sede em Londrina. É o ovo sendo chocado para reorganizar a militância e colocar o Lula no poder de novo.

Em todas as SDs apresentadas, Kuster desenvolve uma **formação discursiva** que escancara o **dito**, que é a porta de entrada para o óbvio do discurso. Pêcheux compreende a formação discursiva como “aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode ser e deve ser dito (2009, p.164). Logo, o imediato, óbvio e visível do discurso aqui se expressam como o dito, e neste dito, Kuster aciona tudo o que é possível para enquadrar as lideranças da esquerda em um espectro maledicente.

Neste trabalho, identificamos que estes jovens *influencers* são também lideranças políticas. Mesmo que não necessariamente estejam vinculados a movimentos tradicionais de organização política, como os partidos, ideologicamente operam os projetos que movimentam toda a sociedade.

Codato et.al mais uma vez sinalizam que as lideranças políticas se enquadram em outros perfis que há uma ou duas décadas atrás eram impensáveis de existir no local de condução e referência política, sobretudo para as juventudes. A partir disso, Kuster demarca um território religioso, que foge do dilema instaurado no discurso do senso comum, inclusive da própria esquerda, que é a existência das bancadas da Bala, do Boi e da Bíblia. Aqui, o campo da religiosidade ganha uma funcionalidade ideológica sutil e eficaz para o avanço do conservadorismo neste século. Por mais que, as bases estruturais da crise econômica e da política burguesa estatal estivessem passando por um abalo sísmico, é justamente o discurso da fé (salvacionista e inquisidor) que advém como aposta para a possível mudança. Se a esquerda nesta época era responsável pela governança do país, sendo que agora, mais do que nunca, há motivos de Kuster e todo esquadrão conservador *influencer* nacional escancararem rotas e projetos apoiados em sua profissão de fé.

As figuras da igreja católica, como o Dom Jeremias e Frei Betto, citados aqui por Bernardo Kuster, bem como a própria inteleclesial, são consideradas perniciosas para o futuro do catolicismo no país. Especialmente pela ojeriza que Kuster apresenta à Teologia da Libertação, que dentro da proposta emancipatória e popular de educação têm influência direta do pedagogo e filósofo Paulo Freire. Interdiscursivamente, Kuster faz uma dupla

crítica em seu discurso: a primeira, evidentemente, é como que a teologia pode se associar à uma teoria, e especificamente a Teologia da Libertação se configurando como uma proposta que se alinha ao pensamento marxista e as teorias econômicas da dependência; já a segunda, produz um contradiscurso muito interessante, que é o fato da Teologia da Libertação dialogar após os anos 1990 ao evangélicos e ultrapassar aqui no Brasil, por exemplo, a relação direta com os CEBs.

Kuster em seu canal é um ferrenho crítico aos evangélicos, ao movimento pentecostal e como a igreja evangélica se relaciona com o mundo político, evidenciando uma cisão muito elementar para o campo conservador, que é a desconsideração dos cristãos evangélicos como dissidentes da escola da grande tradição conservadora. É um rebaixamento político e filosófico para os mesmos. De acordo com Luciana Tatagiba et.al (2015) são identificados inúmeros *frames* (frases de efeito) que dentro do campo jornalístico e do conteúdo, operam como frases de efeito em suas análises. Nesta pesquisa, compreendemos estes frames como enunciados, pois, situam e deslocam os sentidos para o sujeito que o enuncia. Porém, são estes enunciados analisados pelos autores como recorrentes nas manifestações conservadoras e de direita no Brasil nesta última década, que, atravessam grande parte das SDs e vídeos produzidos por Kuster, uma vez que, é a repulsa ao PT e à esquerda que mobiliza seu discurso. Atentemos que

O antipetismo está alinhado com nossa cultura política desigual e hierárquica, que se manifestou de forma veemente na oposição a programas tais como o Bolsa Família, as cotas para negros, o Mais Médicos, dentre outros. E, para uma parcela dos manifestantes, o antipetismo se estende também aos símbolos da esquerda de uma forma mais ampla, e em especial ao comunismo. Alguns dos frames centrais dos protestos “Fora PT” e “Vai para Cuba” traduzem com exatidão esse *mood* das ruas, presente ainda nos cartazes que diziam “Chega de doutrinação marxista. Basta de Paulo Freire”, “A nossa bandeira é verde e amarela. Nunca será vermelha”, ou ainda “O Brasil não será a Venezuela”. (Tatagiba, et.al, 2015, p. 209).

Os autores nos chamam a atenção que o ódio e repulsa não estão limitados aqui ao PT. O antipetismo é em sua episteme a negação total ao socialismo e a esquerda. O princípio discursivo da proposta conservadora de sociedade se dá na manutenção de valores, mas também, na estratificação social mantida. A política conservadora tem uma origem também de classe. A conjuração da burguesia emergente juntamente do clero medievo são as bases familiares das juventudes conservadoras há mais de dois séculos.

Portanto, Tatagiba et. al. (2015) clarifica que os enunciados que negam propostas educativas transformadoras ao excluïrem Paulo Freire também evidenciam o

uso das cores verde e amarelo como *repatriotismo* necessário para aniquilar a cor vermelha e tudo que à ela se associar. Kuster também resgata questões territoriais no discurso, que nada mais é que uma posição patriota, antissolidária e xenófoba, ao apresentar Venezuela e Cuba como dois poços de destruição preparados pela esquerda, descartando análises históricas e conjunturais destes países supracitados.

Com isso, o discurso produzido por Kuster evidencia para nós muitos dos sentidos da juventude conservadora se organizar, e principalmente como organizar: a) o primeiro sentido é de que a ação, a fala, a postura não pode ser de diálogo- ela precisa ser agressiva, ácida e objetiva. Dialogar é para os fracos e isso não faz parte do conservadorismo atual; b) É necessário esterilizar ideologicamente o campo conservador, sobretudo com a direita tão polimorfa nos tempos contemporâneos. Ainda assim, o conservadorismo se consolida mais do que nunca como um espectro da extrema direita por negar qualquer tipo de possibilidade social promovida não apenas pelo Estado, mas, pelos movimentos que forjam a sociedade civil; c) as juventudes católicas refletem na atualidade um afastamento do campo social territorial e de inserção na realidade, uma vez que, diferentemente das pastorais ou comunidades de base, os nichos se fecham nos circuitos das Renovações Carismáticas, por exemplo. Portanto, o enunciado “nós temos que pisar na cabeça da serpente” é metáfora mais indicada para indicar, assim como o réptil, a esquerda se rasteja, mas, é perniciosa e o único antídoto possível é ela se curvar perante o Deus cristão e sua maior criação: o capitalismo, negando os direitos, eximindo o Estado e pulverizando o controle social mais do que já ele o já é.

5.4 “Não votem no Hitler!”

O vídeo que leva o título desta subseção “Não votem no Hitler” é o vídeo com mais visualizações do canal comandado pelo pastor batista Yago Martins, canal intitulado “Dois dedos de teologia”. O material tem a duração de 5min15s com data de postagem em 5 de setembro de 2018. Até o mês de outubro, o vídeo contava com 814.146 *views* alcançadas. O vídeo é gravado em formato de bricolagem videográfica com narração ao fundo, ou seja, sem a imagem do narrador em tela.

O título do vídeo é bem chamativo e a narração lenta, palavra por palavra deixa a tensão sobre o material maior. O vídeo carrega todas as características de um trailer de filme do gênero suspense, especialmente por utilizar o nome de um sujeito que foi arremessado na lata do lixo da história oficial, mas que ainda gerencia ideologicamente agrupamentos políticos por todo o mundo: Adolf Hitler, líder alemão e um dos fundadores

do Partido Nazista Alemão na primeira metade do século XX. De antemão, é utilizado o recurso do enunciado falseado e sensacionalista, o que se refere a algo sério, um recado simples dado em um vídeo relativamente curto perante aos demais vídeos do canal.

O enunciado “**Não votem no Hitler**” expressa no dito uma afirmativa que é política como um comando. Utilizando uma anedota para suavizar o discurso produzido, a sequência discursiva a seguir evidencia compreensões sobre o sujeito acionado no enunciado no título. Além disso, é um enunciado carregado de silenciamento e apagamento. Observemos a SD.

SD 1

[MARTINS]: Hitler foi um fenômeno econômico para o seu tempo mesmo assim eu não votaria em Hitler. Ninguém que se preze vota em Hitler, não digo isso caso fosse um alemão em 1933, mas ele aparecesse hoje com todas as suas ideias claras e conhecidas não há crescimento econômico que justifique um milhão de crianças dois milhões de mulheres e 3 milhões de homens judeus mortos além dos cinco milhões de não judeus principalmente eslavos geralmente esquecidos no massacre, o problema é que hoje ainda há quem vote em Hitler.

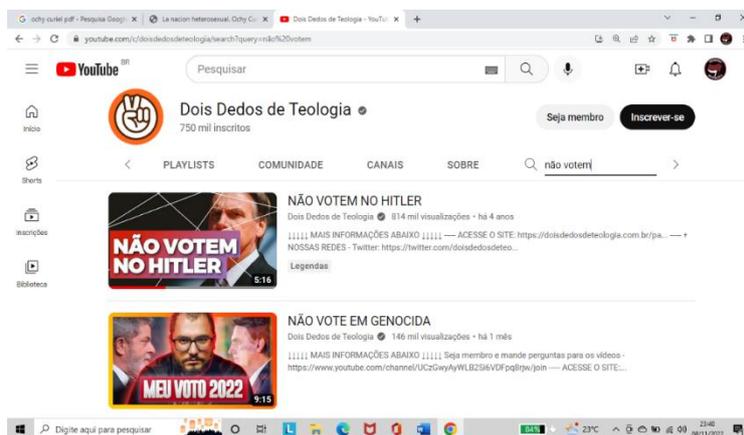
Pechêux (2008) ao argumentar sobre a compreensão de espaço discursivo, amplifica o conceito quando ele identifica a existência do sujeito pragmático. Para o autor, acionar algo para complementar o seu espaço discursivo é nitidamente um processo de seleção memorial e linguística que gere os sentidos necessário para as cercanias do espaço discursivo. Quando Yago Martins nos imerge em datas, adjetivos e contextos históricos em seu espaço discursivo, isso é claramente o autor denomina de busca por uma “heterogeneidade lógica”. Misturar processos e sujeitos aqui não é confusão discursiva, mas sim, mostrar o quão caótico esses processos foram. Na produção de sentido desta SD podemos afirmar que

Nesse espaço de necessidade equívoca, misturando coisas e pessoas, processos técnicos e decisões morais, modo de emprego e escolhas políticas, toda conversa (desde o simples pedido de informação até a discussão, o debate, o confronto) é suscetível de colocar em jogo uma bipolarização lógica das proposições enunciáveis –com, de vez em quando, o sentimento insidioso de uma simplificação unívoca, eventualmente mortal, para si-mesmo e/ou para os outros. (Pechêux, 2008, p. 33).

O envolvimento discursivo conquistado por este “*mix*” de informações é capaz de promover catarses receptoras. Para isso, de acordo com a citação acima, Yago Martins utiliza dois elementos apresentados por Pechêux: decisões morais + escolhas políticas. Destacar as ações sádicas de Hitler em números é necessário, especificando inclusive por gênero e território, como os eslavos, citado por Yago. No entanto, a ênfase colocada nesses atributos é correspondida no fim da SD com uma não conformidade, pois “o

problema é que hoje ainda há quem vote em Hitler". Mesmo ele afirmando que "Hitler foi um fenômeno econômico", é neste momento que Yago promove uma incisão em seu discurso entre economia e ideologia. A pista semântica foi dada: o vídeo não é sobre Hitler mas versará sobre outro assunto tratado em comparação pelo youtuber. Destacamos a capa do vídeo disponível 2 que subsidia essa incisão:

Figura 8- *Fotoprint* de interface de canal. Capas de vídeos do canal "Dois dedos de teologia".



Fonte: <https://www.youtube.com/@doisdedosdeteologia>

A incisão imagética acontece no discurso da capa do vídeo, por exemplo, quando o enunciado “**Não votem no Hitler!**” sobre a foto do então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, em uma comparação direta no dito do discurso. Porém, é no desenvolvimento do espaço discursivo que imagem e enunciação literal ganham rumos não distintos, mas com uma temporalidade discursiva muito compassada na construção das suas sequências. O *script* do discurso (materialidade do vídeo) é sobretudo estratégico. A incisão discursiva continua na SD a seguir:

SD 2

[MARTINS]: John Powell³¹ escreveu um livro chamado holocausto silencioso estima se que são realizados até 56 milhões de abortos ao redor do mundo todos os anos são mais que 5 local anualmente são assassinados a sangue frio milhões de bebês ainda não nascidos é apocalíptico de tão aterrador e grave as mentes e os corações andam tão interesse dados que muitos desejam que este cruel holocausto seja legalizado.

³¹ John Powell foi um padre da congregação jesuítica estadunidense falecido em 2003. Considerado um dos autores católicos mais lidos no mundo através da teoria do “holocausto silencioso”, que seria a indução política global à realização de práticas abortivas. Por isso, foi um dos que introduziu a política anti-aborto nos EUA no século XX.

John Powell como tantas outras lideranças católicas do século XX, vão acompanhar a conjunção efervescida de muitas mudanças, rebeliões culturais e revoluções armadas em volta de todo o globo. O genocídio foi visto e veiculado para as pessoas com um alcance cada vez maior. Porém, a Igreja Católica e os setores conservadores e da extrema-direita tradicional estavam fracionados pós Segunda Guerra Mundial (II GM). Ainda assim, os princípios cristãos não podiam se desfalecer frente às crises do capital e desmoronamento, sobretudo, dos valores cristãos, especialmente de reprodução e família monogâmica heterossexual.

Podemos aqui constatar que no discurso comparativo há dois enunciados: **holocausto** e **aborto**. Yago Martins insurge no discurso um falseamento histórico e da realidade quando unifica os enunciados uma mesma SD na construção do sentido. Essa opção política e ideológica confusa, mas, ciente do que se diz sabendo de uma racionalidade histórica é massivamente discutida por Luckács (2020), quando o mesmo encontra dentro das propostas sociológicas liberais que culminam no fascismo do século XX conseguem desencadear a destruição da razão, e essa estratégia é essencialmente conservadora. O autor nos alerta que

Nessas condições, toda a ideologia burguesa se vê totalmente absorvida por formas e conteúdos reacionários, o agnosticismo e a mística dominam inclusive o pensamento de ideólogos burgueses que politicamente, e no fundamental, se orientam na direção do progresso. (Luckács, 2020, p. 626).

Todavia, como afirma Luckács, Yago Martins evidencia uma filosofia eugenista e sádica que reorientava economicamente o poder e a burguesia na Europa e no mundo (fascismo e os episódios do holocausto) com uma prática que é individual, mas que envolve moralmente o corpo da mulher como principal alvo (aborto). A comparação das práticas baseadas em levantamentos e estudos realizados por intelectuais católicos (assim como acionado na materialidade desenvolvida por Campagnolo) cria não apenas uma misógina comparação, mas, destaca quem pode validar o discurso produzido, que neste caso são majoritariamente homens cristãos. Uma mulher e quem a auxilia é para Martins um Hitler, um fascista.

Por isso Luckács (2020) nos alenta no ponto de vista dos atravessamentos ideológicos há sempre com as desregulações do capital, especialmente de episódios como a II GM, a afinidade reacionária e conservadora com os projetos da ideologia dominante,

e os discursos produzidos adornados de moral religiosa são complementares à esta (des)ordem social, eficazmente reproduzido pelo *youtuber*.

Yago Martins consegue atrelar uma ação deliberadamente articulada e sustentada por uma falsa teoria genocida (e colonizadora) às práticas de escolha reprodutiva das mulheres que vivem suas histórias ainda sob uma ótica de feminilidade subserviente. É cruel esse comparativo, uma vez que, que a reprodução do sistema capitalista e das opressões que assim nos regulam dependem da reprodução social e dos papéis de gênero estratificados. Arruza, Bhattacharya e Fraser (2019) ao elaborarem as teses do manifesto feminista anticolonial nos ajudam a compreender como as duas SDs apresentadas são encolhidas historicamente na tentativa de prejudicar a vida das mulheres. O debate sobre aborto é profundo, histórico, político e não está dissoluto do sistema em que estamos inseridos. Elas pontuam que

Está tornando-se claro que a única forma de mulheres e de pessoas de gênero não conforme ganharem acesso a direitos fundamentais é pela transformação do sistema social subjacente que esvazia estes direitos. Apenas a legalização do aborto não é suficiente para mulheres que não tem os meios de pagá-lo nem tampouco o acesso à clínicas; a justiça reprodutiva universal requer também um sistema de saúde livre e universal e o fim das práticas eugenistas na medicina profissional. Igualmente, a igualdade salarial pode significar apenas igualdade na miséria das mulheres pobres e da classe trabalhadora (...). (Arruza, et.al, 2019, p. 12,13).

Observemos que há um encontro discursivos entre as materialidades de Campagnolo, Kuster e Martins não por incorporarem enunciados acerca das relações de gênero ou por serem conservadores, mas, também por reivindicarem esse campo, há, de forma deliberada e leviana o esvaziamento do confronto científico e da consistência material e referencial do dito, do que se diz. Na SD 2, todo o debate sobre aborto, complexo, científico e profundo é resumido à uma comparação de uma ação capitaneada por um homem que expressou historicamente uma das piores faces da virilidade paternalista. Esse esvaziamento do confronto ético e teórico é engolido por um conservadorismo negacionista e aqui, machista, tendo em vista que um *youtuber* homem aciona a figura de um homem político e se baseia em um homem religioso.

Os homens se apoiam entre si sempre que podem para que a manutenção dos seus privilégios e dominação ocorra e isso atravessa qualquer tipo de “desentendimento” político ou de fé. Há duas materialidades discursivas nos canais de Kuster e de Yago Martins em que eles discordam sob a luz teológica de quem são os conservadores. Porém,

para acionar a defesa masculina, é muito mais interessante convocar o colega católico para construir o espaço discursivo que fale sobre os corpos das mulheres. A sequência a seguir clarifica um pouco sobre.

SD 3

[MARTINS]: Bernardo Kuster comentou no *Twitter* que o Brasil caminha para ser junto com Polônia e Malta maior resistência contra o aborto legal no mundo, mas a sua legalização continua a porta. Uma luta diária, é uma pressão política constante. Somos ensinados nas faculdades que o progresso da humanidade está no retorno do barbarismo, está em voltarmos às antigas práticas das religiões pagãs que entregavam bebê a Baal e Astaroth³² está em voltarmos a depositar as crianças indesejadas em montões de lixo.

Observemos nesta SD três associações discursivas: a primeira é o campo geográfico. Malta e Polônia são na Europa os países com mais católicos praticantes do continente. Além disso, a Polônia é o país no continente europeu juntamente com a Hungria que mais se percebe a ascensão de movimentos ultraconservadores ou de coletivos nazistas nos respectivos países, em que, inclusive, colocam como principal bandeira discursiva a luta contra o aborto.

Já a segunda associação é o atravessamento histórico que o enunciado “*o progresso da humanidade está no retorno do barbarismo*” que é a crítica exercida por Yago as políticas favoráveis ao aborto associadas aos cultos fenícios milenares em que crianças eram oferecidas como sacrificio divino a estas entidades.

Nesta contraposição discursiva o principal pano de fundo não é o sentimento de enternecimento pelo não nascimento das crianças e sim o confronto religioso e suas práticas e a associação destas com o aborto se distancia da compreensão deste último como ação decisória feminina sobre si e como política ampla de defesa da mulher e da própria criança.

A terceira associação é o encontro dos sentidos. Observemos que no fim da SD, Yago utiliza do a seguinte expressão “voltarmos a depositar as crianças indesejadas em montões de lixo”. Esse acúmulo, essa carnificina, essa crueldade de imaginar corpos amontoados como se fosse um cenário pós-guerra tem ligação direta com os episódios visuais dos efeitos do holocausto. Essa memória histórica acionada, não dita, mas, disposta no interdiscurso é um elemento chave para a polemização do tema.

³² *Baal* e *Astaroth* eram divindades de origem fenícia (canaanitas) que representavam a força da terra e da fertilidade humana respectivamente.

O tempo todo Yago busca um fato legitimador e isso é muito comum na produção dos discursos. Em seu roteiro, Yago consegue casar imagem e o que está sendo narrado na intenção de simplificar o vídeo, impactar colocando alguns fatos históricos e como ele os associa com o tempo presente.

Figura9:Fotoprint que exhibe manifestação inspirada na série *The Handmaid's Tale*.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=jIuL5ET5Y5w&t=108s>

Uma das melhores formas de contestação é a partir dos dados e principalmente da utilização dos recursos de informação e mídia, especialmente as grandes mídias que nos últimos anos também têm sido criticadas pelo campo conservador. Entra ao lado da grande mídia as produções do audiovisual e a indústria cultural em cena na atualidade. Observemos os exemplos imagético da próxima sequência discursiva.

Há na grande mídia e nas plataformas de streaming uma produção artística que se contrapõe a muitas políticas e processos históricos considerados conservadores ou discriminatórios perante aos avanços vagarosos que alguns grupos sociais têm alcançado, especialmente quando envolve as questões de gênero, sexualidade e protagonismo da mulher. A imagem acima é a foto de um protesto realizado na Argentina antes da aprovação da lei que regulamenta as diretrizes das políticas reprodutivas e para o aborto no referido país, em que as militantes estão caracterizadas com as vestimentas da série *The Handmaid's Tale* (O conto da aia) inspirada no livro da autora canadense Margareth Atwood.

O conto versa sobre uma sociedade distópica em que as relações de gênero pautam a vida social em meio à uma crise reprodutiva, em que agora as *aias* serão as mulheres cobaias para a garantia da reprodução de filhos a partir de rituais com

simbologias cristãs e de seitas rumando para um mesmo fim: a exploração do corpo feminino.

A partir disso, observemos que essa seleção (escolha) imagética também expressa o que não deve servir como inspiração ou acessado ainda que esteja disponível para qualquer pessoa. É um alerta ao que se pode consumir na indústria cultural. Não é apenas um plano de fundo de um vídeo e sim um filtro do que não é benéfico para um verdadeiro cristão e para reforçar o ponto em questão.

É neste momento em que Yago aciona no seu roteiro discursivo mais elementos midiáticos para o exercício do contradiscurso ao dizer que - *“A Folha de São Paulo” por exemplo não considera quando publicou matéria com a manchete descriminalizadas abortos em cinco anos de queda em Portugal isso dá a impressão de que o aborto está diminuindo e de fato está, mas o que acontece é que o aborto está diminuindo do período de 2007 a 2011 do período posterior à legalização o que acontece é que em 2005”*.

A imprensa, a mídia e os grandes meios de comunicação lidam com o gênero notícia cotidianamente. Informar a notícia não é falar apenas do tempo presente, do imediato ou do “ao vivo”, mas, é informar de forma objetiva e compreensível determinado contexto ou ação.

A recepção destas notícias inclusive de notícias falsas é a cada dia mais aceleradas em nossos tempos, porém, para nós da AD a **realização das perguntas à imediaticidade da imprensa é fundamental**, como afirma Florêncio et.al (2009). O exercício realizado por Yago não é o de questionar a notícia, mas sim de confrontar a informação, e ainda assim, tomando os dados referenciados pelo youtuber, são dados especulativos e sensacionalistas frente ao acompanhamento do próprio governo português de pesquisas da Universidade do Porto e parcerias com a Fiocruz aqui no Brasil, pois, além do número de abortos diminuírem, as mulheres têm procurado mais os hospitais na assumindo a política de prevenção da saúde, bem como o país registrou 0 mortes de mulheres após os dez anos de legalização.

Todo esse arranjo discursivo sobre o aborto e sua associação ao holocausto dos judeus rumo para uma alternativa desesperada de enfrentamento à esta política. De antemão, acredito ser interessante reforçar dois elementos acerca de Yago Martins: o primeiro é que ele é de uma tradição calvinista, diferente do *youtuber* Nikolas Ferreira que é pentecostal, o que coloca Yago numa tradição política muito mais profunda no quesito formação; o segundo elemento é que Yago é dentre as cinco pessoas analisadas a única a tecer críticas ao bolsonarismo em determinados momentos, produzindo até

material (vídeo e livro) sobre o assunto. Porém, o *youtuber* não está deslocado dos limites que este sistema apresenta e com isso ele encerra o vídeo com os seguintes enunciados:

SD 5

[MARTINS]: Só há uma resposta humana e só depois dela eu começo a me preocupar com resto das pautas políticas nem que isso significa que votar em alguém menos preparado. A questão do aborto pesa na balança mais que qualquer outra coisa pra mim só escolha entre os candidatos pró vida o resto deveria ser preso por incitação ao crime.

A limitação de pautas e o desprezo por outras questões que movem o mundo são uma das marcas do conservadorismo, sobretudo no Brasil que é uma país marcado por uma desigualdade social ancorada na negação de direitos, especialmente por quem precisa deles a partir de suas urgências. Yago ao colocar a pauta do aborto como prioritária para o seu enfrentamento e desconsiderar qualquer outra pauta política é negligenciar todos os aspectos que fazem com que a mulher ocupe determinado lugar no mundo, o que não apenas a diminui, mas, a oculta da história.

Além disso, a associação entre Hitler e Bolsonaro que surge como enunciado de abertura desta materialidade, realiza seu desfecho de contradições e conformações ao adotar Bolsonaro neste momento devido à sua pauta prioritária ou quase exclusiva. Logo, para Yago Martins, Bolsonaro não é Hitler, é só parecido, e por incorporar a pauta em questão ele direciona o voto a ele.

5.5 “A única pessoa que eu concordo cem por cento é Jesus Cristo”

A última materialidade analisada parte do canal do *Youtube* do então deputado mais eleito no estado de Minas Gerais. Nikolas Ferreira possui uma variedade de materiais disponíveis na plataforma, porém, o vídeo com mais visualizações foi de uma entrevista e está intitulado “MELHORES MOMENTOS - Nikolas Ferreira no Opinião no Ar - 26/05/21”. O material com duração de 19min41s é a materialidade com maior minutagem analisada nesta pesquisa e tem como data de postagem 26 de maio de 2021 e um total de 3.050.039 visualizações. O cenário de um programa televisivo de bancada possui um mediador jornalista, dois entrevistadores de bancada (uma mulher e um homem), um entrevistador por via virtual e a participação de mais um entrevistado que é o jovem deputado estadual Douglas Garcia (Republicanos) do estado de São Paulo.

Esta é a materialidade com mais *views* entre todas as analisadas. Esta informação é importante, uma vez que, o canal de Nikolas Ferreira também foi o que mais cresceu no

último ano entre os canais analisados. A entrevista realizada no primeiro semestre de 2021 busca expor um pouco mais sobre o que é o conservadorismo e ação de jovens na política brasileira, bem como, quais as análises que são feitas para o futuro do Brasil em ano pré-eleitoral. O vídeo foi editado expondo as falas em que majoritariamente Nikolas tem destaque. Ele inicia respondendo sobre o conservadorismo na atualidade.

SD 1

[NIKOLAS]: Nós conseguimos quebrar uma espiral do silêncio, né, infelizmente, ser conservador era ser considerado retrógrado, uma pessoa contrária ao novo, e o conservador não é isso, ele entende que nada que é novo, só por ser novo é necessariamente bom, melhor do que o passado, a família é uma instituição, há quanto tempo ela é a base da nossa sociedade, então o conservador, principalmente o jovem, né, ele saiu dessas amarras ideológicas, podendo chegar na universidade e falar o seu posicionamento, né, sem medo de sofrer ali uma represália.

Nikolas evidencia no dito da sequência dois elementos muito comuns quando analisamos o discurso a partir da historicidade e dialética: o silêncio (aqui como ruptura e apagamento de outras configurações de família que não seja apenas a monogâmica heterossexual) e a ressignificação do discurso no intuito de recontar a história. Neste caso, não estamos falando do não dito, do não explícito, mas, de um silêncio político forjado na história dos conflitos sociais enquanto filosofia e teoria. Com isso, o sujeito do discurso conclui que o conservadorismo era um campo silencioso e silenciado e que não se encontrava em cena e que agora houve uma quebra e ruptura para que esta voz, este discurso e toda sua carga ideológica ecoasse. De acordo com Orlandi (2007) este silêncio se difere do silêncio fundador, que é o processo dialético que antecipa a linguagem. O silêncio que Nikolas se refere é o **silêncio local**, que de acordo com a autora também tem ligação com os processos de resistência e de censura, que, na materialidade histórica, ocupam um disposições conflitos permanentes. Orlandi (2007) concebe que

O silêncio não é a ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. (Orlandi, 2007, p. 102).

Evidentemente Nikolas coloca em cenário um sentimento coletivo de não sustentação de discurso por parte do movimento conservador, a ponto de colocar no dito a palavra silêncio como ferida e marca neste processo histórico. Porém, para demonstração que o discurso foi “reinaugurado” neste processo pós silêncio (de censura), o jovem *youtuber* já aciona os princípios que orientam sua filosofia política sempre na contraposição entre o que é novo=ruim, velho=bom e o resgate imediato das instituições,

especialmente da família. Além disso, ele já enquadra neste cenário discurso a figura do jovem como participante da família e do mundo, em que neste caso é na universidade que há encontros teóricos e possibilidade de exercício do seu discurso. Ao afirmar que “ele (o jovem) saiu das amarras ideológicas” é asseverar que a ideologia (não dominante) é uma amarra, é um silenciador, porém, agora não mais.

Os jovens conservadores Nikolas, Kuster e Campagnolo também observam o ambiente universitário como um local de “disseminação de ideologia esquerdista”. Por resumirem a universidade em muitos momentos como espaços de militância vazia ou por simplesmente não concordarem com as militâncias organizadas nestes espaços, a universidade sempre é vista como um ambiente “perigoso”, especialmente para as juventudes cristãs. A desconsideração da escola, da universidade e dos espaços públicos de ensino como laicos têm no conservadorismo deste século os maiores antagonistas deste sustentáculo e isso interfere diretamente nas concepções de ciência e nos pilares do negacionismo em expansão. Para reforçar mais sobre este espaço, o sujeito continua falando sobre este espaço e inicia a inclusão de si no dito do discurso.

SD 2

[NIKOLAS]: Me formei em Direito pela PUC, que de católica só tem o nome, eu fiquei impressionado que dentro da universidade católica realmente há um ativismo grande, contrário inclusive à igreja, não somente as questões do conservadorismo, mas a própria, contra a igreja, então, e dessa forma veio a oportunidade de me candidatar a vereador e consegui com uma campanha sem nenhum centavo de dinheiro público me eleger o segundo vereador mais votado de Belo Horizonte, graças a Deus.

Assim como os demais jovens aqui analisados, todos iniciaram seus processos de participação política e de confronto dentro das universidades, tendo em vista os enfrentamentos políticos e epistemológicos confrontados na academia. O discurso de incomodo e espanto em como o binômio igreja e universidade não se dá pelo fato de que o ambiente da universidade é plural em suas epistemologias, mas, é como a pontifícia, fundação amparada pela igreja, permite estes outros discursos que não se alinham a fé. Ou seja, o questionamento do currículo formativo dos cursos deveria ser amparado pelos pilares cristãos e qualquer “ativismo” é desvio.

Há também um interdiscurso de que este “ativismo” questiona a própria igreja e conseqüentemente a sua existência. Para Nikolas, fica claro que religiosidade e

universidade devem habitar uma formação comum e que a formação para além disso é heresia. Inclusive, na continuação da SD, o vem evidencia que o seu crescimento veio a partir da universidade, porém, é fora dela que ele institui sua campanha para vereador, e como bem frisado, o mais votado da cidade de Belo Horizonte. Observemos que, o movimento de crescimento não se dá pela formação em Direito realizada pelo jovem, mas, como o universo da política eleitoral o fez ganhar, o fez crescer. Esse desmerecimento aciona a universidade como um espaço de legitimação do aparato discursivo que ele carrega, entretanto é fora dela que o jovem pode crescer. É fora dela que o jovem pode aparecer.

O movimento construído dentro e fora da universidade por Nikolas como um dos coordenadores é o *Direita Minas* (ou Gabinete do Bolsonaro, em Juiz de Fora), fundado entre o final do ano de 2015 e início do ano de 2016 a partir da conglomeração de pessoas interessadas pelo conservadorismo no estado de Minas Gerais. Foi criado inicialmente a partir de troca de informações e textos em grupos de WhatsApp e no ano de 2016 consolidou suas primeiras ações políticas, pois, como explica o deputado federal mineiro Juno Amaral ao participar de um podcast neste ano, os conservadores precisavam participar do debate público e a principal “ferramenta” para isso foi a internet. É deste movimento que surge inúmeros jovens parlamentares por todo o estado de Minas Gerais, e isso inclui Nikolas Ferreira.

Esse debate público pressupõe que o ambiente da internet estava sendo ocupado por influenciadores que não eram de direita. O campo progressista ou da esquerda começou a incentivar os seus jovens *influencers* também, já que agora o *YouTube* se tornou uma arena de debate político e não apenas uma ferramenta para a exibição de tutoriais, *vlogs* ou outros temas associados aos desejos juvenis na contemporaneidade. A política adentra no cyberspaço de forma mais calorosa no período pós-golpe contra a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) no ano de 2015. Neste momento, alguns jovens influenciadores que não tinham como pano de fundo o debate político como motrizes de seus canais e páginas iniciam um processo de ressignificação de seus materiais e do reconhecimento da necessidade da afirmação pública dos seus alinhamentos teóricos ou políticos. Observemos a contestação de Nikolas na SD a seguir.

SD 3

[NIKOLAS]: Na verdade, o Felipe Neto nada mais é que um cara que se profissionaliza naquilo que ele acha que tá dando mais certo. Antigamente, ele fazia lá o “léo não faz sentido” xingando contra as pessoas, sendo um cara que falava do pessoal do Restart e tudo, e hoje

né, xingava ali o PT, e hoje ele tá vendo que o que tá dando mais certo é ser ali de esquerda é ser o que tá dando mais hype agora, é ser contrário ao Bolsonaro.

Felipe Neto é um dos mais antigos youtubers brasileiros. Já passou por diversas fases temáticas em seu canal, que envolve sobretudo a discussão acerca do universo nerd e geek. Porém, após a vitória de Jair Bolsonaro para a presidência, e de parte da família Bolsonaro ser reeleita no estado do Rio de Janeiro, Felipe Neto iniciou um processo lento de envolvimento de discussões políticas no YouTube em outras plataformas nas quais o mesmo possui conta. Hoje o seu canal no YouTube Brasil é o mais seguido. Atualmente ele possui 44 milhões de seguidores, sendo uma das contas mais seguidas no *YouTube World*. Esse processo de aproximação do Felipe Neto ao campo progressista e a popularização dos seus conteúdos consumidos esmagadoramente por crianças e jovens levou à uma reação direta por parte dos influencers conservadores.

Na SD 3, Nikolas evidencia algumas faces de como ele visualiza o Felipe Neto: a primeira é o Felipe Neto como um “militante profissional”, aquele que acompanha a maré do discurso elaborado no tecido social e que teria (ou têm) mais adesão. A segunda face é de um descontentamento, pois no acionar da memória, ele coloca o Felipe Neto como uma pessoa que comentava coisas banais e que inclusive “até xingava o PT” deu vazão à esquerda. Atentemos que a palavra “xingava” produz o efeito de sentido de ação correspondente, ou seja, “xingar o PT” era uma ação considerada relevante e até certo ponto admirável.

Porém, há um reconhecimento de que existe no cyberspaço uma disputa muito nítida entre o campo progressista que é achatado dentro do globo discursivo da esquerda e tem o campo da direita, em que se pese, majoritariamente de seus *influencers* se declaram conservadores, como estes analisados na tese. Sobre este aspecto, consideramos que no período pós-golpe o YouTube também se consolida, no Brasil, como uma plataforma consoante à esta disputa, se equiparando como instrumento de diálogo da mesma forma que o Twitter, Facebook e Instagram já eram considerados como tal.

Esse gerenciamento da realidade virtual que se sobrepõe sobre a realidade material cria dispositivos discursivos sobre os princípios de cada uma das agendas políticas em questão. Por mais que, em nosso cotidiano social, ouçamos a seguinte afirmativa de que o país está “polarizado”, categoricamente articulando projetos e agendas ele ainda não está, pois, há uma confusão teórico política em ascensão. Uma sala mista discursiva amplificada nas redes. Com isso, observamos que há diversos pontos de partida para a

análise daquilo que se opõem, e Nikolas Ferreira escancara sobre isso quando afirma que “(...) pra mim, é muito claro que a esquerda por natureza nega a realidade. Então, se a gente faz uma manifestação em apoio, que é uma manifestação muito mais difícil, mais fácil você fazer uma manifestação contrária, como foi o exemplo com a Dilma. Agora, a manifestação em apoio a um candidato isso é muito mais difícil, ao presidente em específico.”

Nessa polaridade política encontramos um dos maiores problemas que é reafirmado paulatinamente pelo campo conservador. Há uma associação direta da esquerda ao Partido dos Trabalhadores (PT) bem como há do lado progressista uma associação direta da ala da direita ao Bolsonarismo. O efeito de sentido causado pela polarização política é justamente o que está entre elas que é resumido à enunciados que revelam projetos, ao mesmo tempo em que distorcem e apagam a luta de classes em andamento. O tratamento da política de forma pulverizada e ao mesmo tempo polarizada acentua ainda mais o debate político juvenil na contemporaneidade. Atentemos à sequência discursiva a seguir:

SD 5

[NIKOLAS]: Eu vejo, é que chega até ser cômico uma figura como o Lula, as pessoas sendo contrárias ao Bolsonaro, você não precisa concordar cem por cento com ninguém, eu não concordo cem por cento com ninguém, a única pessoa que eu concordo cem por cento é Jesus Cristo, eu sempre falo isso, por que as pessoas tentam colocar, né, rótulos em cima das pessoas que apoiam, pessoas que possuem qualidades, né, então eu vejo que o cenário pra lá, é o seguinte: vai ficar muito claro, vai ser até bom, você falar: ou você é Lula ou você é Bolsonaro. Ou você tá com um ex corrupto, que só existe no Brasil essa façanha, ou você é um cara, que, você pode falar ali que tem um defeito e tudo, mas que há, acredito que qualidades melhores do que o ex presidiário lá.

O processo de convencimento discursivo no início desta SD se assemelha ao exercido por Yago Martins na materialidade analisada anterior à esta. Mesmo que não haja uma concordância total ou disparidades políticas, a defesa do projeto de Bolsonaro ainda é a mais pertinente para as demandas do conservadorismo no Brasil. Para isso, expor o antagonista e seu partido é mais uma vez necessário, tal como Campagnolo, Kuster, Yago Martins e agora Ferreira. A repulsa ao PT é uma das principais bandeiras hasteadas pelo movimento conservador e reacionário atualmente e este circuito ideológico constitui consentimentos ativos avassaladores acerca da esquerda.

Ao mesmo tempo em que Nikolas, como sua autoidentificação inicial apresenta, recorre sempre a figura do Deus cristão, especialmente ao solidificar sua figura e sua ética a Jesus Cristo. A SD 5 versa sobre questões conjunturais, cenários eleitorais e futuros, mas, a limitação polarizada também se apresenta mais uma vez. Na expectativa receptora de ouvirmos de um jovem conservador que Deus salvaria o país, a mitificação humana que é vista como única alternativa, se limita ao maior porta-voz da ultra-direita no país: Jair Bolsonaro.

Sobre esta incapacidade de avançar o debate público democrático dentro dos limites do capital, David Harvey (2016) expõe como os projetos alinhados à burguesia, a nova divisão social do trabalho e o avanço da tecnologia como instrumento de alienação condiciona o que chamaremos de “panes sociais e políticas” entre estas juventudes, o que de alguma forma personaliza problemas estruturas ou soluções ideais. O autor afirma que

A capacidade de tomar decisões coletivas de maneira democrática é perdida na batalha perpétua entre as racionalidades conflitantes dos interesses privados isolados e dos poderes de Estado. A riqueza social desaparece no bolso de pessoas privadas (produzindo um mundo de riqueza privada e miséria pública). Os produtores diretos de valor são alienados do valor que produzem. A formação de classes cria um abismo intransponível entre as pessoas. (...) Todas as perspectivas de igualdade ou justiça sociais se perdem, e a universalidade da igualdade perante a lei é anunciada como a suprema virtude burguesa. (Harvey, 2016, p.248)

O anúncio da finitude de alternativas e de caminhos é realizado por Nikolas ao longo de toda a entrevista. O mundo do jeito que está não está bom por que são os valores e a reconfiguração de algumas instituições que precisam ser revistas. Não há menção direta de planos econômicos, a não ser quando se fala de orçamento na pandemia. O problema é ideológico, e com isso, o mundo caótico assim está devido aos anos de governança do PT em nosso país. O que Harvey (2016) faz é destroçar este tipo de argumentação, pois, a alienação está presente no processo ideológico de acordo com os limites que a materialidade nos impõe. Neste sentido, a associação que fazemos dos processos alienantes também se dá em como os grandes acionistas e programadores de plataformas digitais, como os bilionários Elon Musk (homem mais rico do mundo) e Marck Zuckerberg gerenciam uma nova divisão social e política do trabalho ao redor do globo.

A existência desta disputa nas plataformas digitais é lucrativa. A disputa política polarizada gera visualizações, acessos e investimentos diretos aos que permitem e

regulam essas configurações. Como Harvey (2016) evidencia, estas configurações tecnológicas do capital criam abismos entre as pessoas, e estes abismos criam vácuos onde a circulação e contestação política não se torna mais possível.

Porém, há um deslocamento do virtual e daquilo que se vê em telas para outros espaços públicos, especialmente após as primeiras ondas da pandemia de SARS-Covid-19. Os sujeitos que digitam e (*story*)cizam seus discursos começam a ocupar novamente as instituições públicas e as ruas de nosso país. Os protestos durante e depois das fases mais duras da pandemia não deixaram de demarcar os projetos políticos antagônicos no Brasil e no mundo. Junto à esta mácula pandêmica, o cenário do Estado e sua gestão se reconfiguraram espaçando outras pautas e debates nesta conjuntura caótica. Sobre os protestos, Nikolas defende que:

SD 6

[NIKOLAS]: Os protestos que eu vou são pais e mães, famílias, criança, que vai lá, as incríveis manipuladoras “tias do zap”, né, que estão ali pra jogar ali o conteúdo do Bolsonaro em apoio ao presidente. Tudo que a mídia tenta jogar em cima, eu falo de uma mídia desonesta, é de tentar colocar como se os movimentos Direita Minas, o movimento conservador é, simplesmente atacassem de forma injusta, e não é. Foi como eu disse, quando você questiona um ministro, quando você questiona posições de deputados que fazem algo injusto na câmara, como por exemplo cassar alguém por sua imunidade parlamentar, e questionar: não tem imunidade parlamentar isso aqui não? Então, quando você questiona não é somente um ataque democrático, é um direito do cidadão.

Nikolas aciona uma das instituições mais preciosas para o conservadorismo que é a família. Aqui, atentem-se que ele fala da família monogâmica, paternalista e heterossexual. Acionada a família, é possível perguntar: por quê a família é incluída quando o assunto é protestos e manifestações. Dentro da ordem de sociabilidade burguesa, a família é a instituição que regula a moral e educação dos sujeitos na e para a sociedade. Logo, qualquer associação à violência, intolerância repulsa ou discurso de ódio é prontamente camuflado pela presença destas famílias, que, são a capa principal do movimento conservador, desde 1964 com a realização da Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

Jovens e crianças neste século ocupam as ruas com seus pais, mães e familiares de forma mais assídua e participativa, especialmente as pessoas adultas e idosas. Nikolas cita até o termo “tias do zap”, termo que foi difundido largamente nas redes sociais como as “manipuladoras” do “gabinete do ódio”, lembrando os próprios enunciados do jovem deputado.

Esta ocupação familiar muito bem específica e delimitada em sua classe, cor e orientação sexual demonstra muito de como o campo conservador cria afinidades históricas com as reconfigurações do capital e também a projetos saudosistas e eugenistas de sociedade, uma vez que, o apagamento dos sujeitos que não se enquadram dentro do ideário de família perfeita, não são bem-vindos nestas manifestações, inclusive, por falarem em liberdade, o termo é sempre reordenado quando a família conservadora se vê ameaçada. Portanto, os projetos conservadores são gerenciados em seu discurso de ódio a partir não apenas dos condicionamentos econômicos, mas, como a branquitude e principalmente o patriarcado pensam e agem sobre a política ainda coronelista de nosso país. Basta observarmos no anexo deste trabalho que na íntegra da entrevista transcrita, a única mulher presente no cenário da materialidade é interrompida frequentemente pelos cinco homens, brancos e conservadores que ali estão, pois, além de ser mulher ela é a única jornalista que realiza os contrapontos de pautas entre o conservadorismo e a esquerda, e para exemplificar este projeto, não têm espaço discursivo explicativo do que este em análise. A misoginia naturalizada e o expurgo de outras identidades de gênero e de pessoas com orientação sexual não heteronormativa é motivo de chacota na fixação do discurso político conservador. Na finalização da entrevista, há um breve diálogo entre o jornalista conservador Lacombe e Nikolas Ferreira, em que, o jornalista socializa a pergunta de uma de suas seguidoras. A pergunta é sobre a presidência do país e o interesse que o jovem deputado possivelmente teria em assumir um dia.

Porém, por não ter a idade mínima de trinta e cinco ano exigida constitucionalmente, Lacombe, Douglas e Nikolas constituem o seguinte diálogo:

Lacombe: Pra presidente vai ter que esperar dez anos pelo menos.

Nikolas: É, mas de acordo com os trans, né, se eu me sentir com trinta e cinco eu posso me lançar a senador ano que vem.

Douglas: Transitar aí!

Nikolas: Transitar.

Lacombe: Transitar. Nikolas Ferreira, muitíssimo obrigado. Douglas Garcia, muitíssimo obrigado, foi um papo muito bom, espero que vocês voltem aí sempre, vamos receber aí outros políticos do Brasil todo desse movimento conservador, acho importante, muitíssimo obrigado a vocês, sucesso.

A barbárie desumanizadora nestes enunciados é aquela que encerra o circuito discursivo produzido por Nikolas nesta materialidade. Porém, ela nos revela muito de como as pautas dentro do conservadorismo são tratadas de forma supérflua e preconceituosa. A desordenação do discurso sobre os que não atendem as demandas dos padrões burgueses e da virilidade masculina, não conseguem assumir politicamente a

capa sanguinária que o conservadorismo no Brasil deste século conseguiu e consegue difundir a partir de discursos como este, especialmente em um país que mais mata³³ mulheres e pessoas da comunidade de Travestis e Transexuais no mundo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa dialogou com os tempos que vivemos e suas diversas conjunturas. O exercício dialético promovido nas análises dos discursos apresentados nos revelou uma realidade que transcende categorias, mas, que está ordinariamente pinçada pelo sistema que vivemos, as configurações tecnológicas e os novos modos de viver e ser bem como escancara a luta de classes e os projetos políticos vigentes e em disputa.

Nesse sentido, o trabalho se esforçou a compreender como as juventudes conservadoras deflagram movimentos políticos e educativos que reorientam a sociedade atual, sobretudo os jovens, a percorrer um caminho que de forma muito evidente atende um projeto ideológico dominante, mas, não apenas pelos sentidos dominadores que os discursos operam na atualidade, mas também pelo que é visualizado como possibilidade de se reconhecer no mundo e seguir nele. Com isso, **apresentamos a tese formulada a partir de cinco dimensões** apreendidas ao longo da pesquisa que são fundamentais na expressão deste perfil político em ascensão.

A **primeira dimensão** apresentada é de que a categoria de **unidade de geração** construída por Karl Mannheim se evidencia no trabalho pela evidência da constituição de uma geração de jovens conservadores. Mannheim, como disposto na seção que versa sobre juventudes nesta tese, tece que as unidades de geração são os elos que perfilam como uma geração se constitui e como ela faz para sustentar o seu ideário e a sua identidade. Uma das características principais para a existência de uma geração é o elo da *manutenção*, o que, para a juventude conservadora deste século se coloca como desafio, mas, também como principal elo desta unidade de geração.

Reconhecer que estamos lidando com uma geração é também reconhecer que estamos lidando com um recorte juvenil e um agrupamento social e político em evidência. Porém, para a sociologia das juventudes, por exemplo, a categoria unidade de

³³ De acordo com a maior agência de acompanhamento dos crimes contra as pessoas transexuais e travestis (Transgender Europe) o Brasil lidera há treze anos no quadro de assassinatos destas pessoas, sendo entre os anos de 2008 e 2021 registrado 4.042 assassinatos por transfobia em território nacional.

geração costura um elemento chave: o conservadorismo como filosofia política mantém os seus princípios ético-políticos (Deus, Pátria e Família) a partir do elo da manutenção, porém, para sustentar esse ciclo dentro dos processos de transformação social ele não necessariamente se adapta ao real, como em outros processos geracionais, mas, ele contesta o real resgatando a manutenção da Grande Tradição conservadora como um incentivo formativo ideológico desta doutrina.

Logo, percebemos que o que se sobrepõe nesta unidade de geração entre a juventude conservadora brasileira é a prática da manutenção por dois motivos: o primeiro é devido a própria ojeriza histórica ao que é novo, moderno ou mundano/profano; o segundo é por que a manutenção age no contexto político como uma barreira defensiva contra outros projetos políticos e agrupamento juvenis, como por exemplo, as juventudes de esquerda. Manter neste caso é sustentar não apenas princípios e simbologias, mas, dentro do campo ideológico é manter a ideologia dominante blindada, uma vez que, neste período histórico, mais uma vez conservadores e a economia política liberal se alinham, o que conseqüentemente conduz que a juventude em lupa seja alinhada com as políticas em vigor nos últimos anos.

A segunda dimensão sustentada neste trabalho é de que **a crise do capital e a uberização da vida social conformou uma juventude cyborg**. Por se tratar de uma pesquisa mediada pelo referencial crítico e materialista-dialético, nós compreendemos que as crises do capital além de serem gerenciadas pelo próprio sistema condiciona metabolismos muito bem localizados no tecido do organismo social de como “sair delas”. Após a crise econômica de 2008, se observarmos no próprio trabalho, há dois movimentos globais que irão orientar os rumos da economia da vida social.

O primeiro movimento é que durante a crise de 2008 em diante houve uma explosão de criação de novos coletivos, seções partidárias e jovens interessados em construir ambientes conservadores. Neste caso, a crise do capital nutre uma revisitação à propostas de pensar economia e enxergar o mundo como “alternativas” para a saída da crise, e, neste caso, as juventudes conservadoras cravam seus acessos dentro do século XXI. Este movimento impulsiona o segundo que é o avanço das tecnologias e das empresas que lidam com as redes social e plataformas de comunicação virtual ao redor do globo.

Esse segundo movimento será a base para entender que em momentos de crise do real, aquilo que é possível ser criado como possibilidade de fuga, universo paralelo ou uma tela performática, como é o caso das redes sociais, pode ajudar na construção de um sentimento de fortalecimento, mas também de pertencimento. À vista disso, a crise do capital deixa como “rota de fuga” o setor que menos foi afetado e que vai expandir seu alcance e lucro no mesmo período: as empresas dos jovens do Vale do Silício. Agora, os jovens que salvam outros jovens de uma crise sem rumos, podem afagar suas mentes ne (des)conectando do real e criando uma dependência destes aparelhos e destes serviços.

A juventude *cyborg* é, portanto, a expressão da dependência tecnológica e do reconhecimento do multiverso da realidade para os jovens neste século. É uma nova ferramenta abraçada e incentivada pelo grande capital para que os jovens consumam, dependam, mas também se sintam conectados, representados e acalentados. A tecnologia ao ter alcançado o estágio de condutora da comunicação e das relações sociais anuncia também, no período pós crise uma nova forma de pensar *trabalho*. Assim sendo, aquilo que Ricardo Antunes (2020) sinaliza nesta última década reforça que além de existir uma nova camada de trabalhadores denominados pelo autor de “infoproletários” há agora um campo de exercício do trabalho, aqui denominado de trabalho digital pelo autor, em que temos total acordo, uma vez que, vivemos um processo de *uberização* da vida social. É importante frisar que há uma relação dicotômica entre *influencers* e influenciados orbitando esta ideologia. Se de um lado há os infoproletários precarizados consumindo este conteúdo de forma mais corriqueira, os influenciadores não se enquadram nos infoproletários, pois, seus acordos e alianças com o grande capital posicionam sua condição de classe e sua funcionalidade para outro tipo de execução ideológica e econômica.

Desta forma, a juventude *cyborg* pós-crise econômica, atrela a emergência das plataformas digitais como caminhos possíveis para constituir uma estabilidade econômica. Os jovens aqui analisados, a partir de seus canais, por exemplo, utilizam a plataforma do *YouTube* como ferramenta não só de propagação do ideário conservador, mas, substanciam a ideologia *DiY* e reconhecem que suas respectivas ações de promoção e produção de vídeos é trabalho. A existência de pacotes de cursos online, a constituição do influencer coaching e palestrante e as playlists temáticas que são monetizadas na

plataforma analisada são as principais expressões de como a nova reconfiguração do trabalho adornou as ações dos jovens conservadores em destaque.

Este trabalho exercido pelos jovens *youtubers* constitui um mosaico dentro dos limítrofes do capital muito interessante, pois se o *Youtube* é uma plataforma de acesso universal e que não restringe a criação de canais desde que respeitem as diretrizes da própria plataforma e não de leis nacionais específicas, há disputa de projetos na mesma plataforma mais livremente. A questão é que, politicamente ou lucrativamente, a gerência dos canais toma uma proporção cada vez maior, sendo o aspecto ideológico um artefato de guinada para determinadas discussões que repercutem polemicamente, gera visualizações e conseqüentemente patrocínio, propaganda e *streamming*. Portanto, a ideologia não é um pano de fundo neste cenário de reconfiguração do trabalho. A ideologia é a movimentação do trabalho digital por parte deste agrupamento juvenil.

Esta segunda dimensão está imbricada diretamente com a terceira. A terceira dimensão é de que identificamos **a reconfiguração da política tradicional**. Logo, há o surgimento do *cyberativismo* como **uma nova dimensão ideológica**. Asseveramos que, se em contrapartida o conservadorismo se coloca como uma filosofia política que blinda determinadas instituições como família, pátria e Igreja de forma mais ortodoxa, há uma recusa no reconhecimento das estruturas e dos espaços que secularmente se consolidaram como instituições políticas e formadoras. Centros Acadêmicos, Diretórios Centrais de Estudantes, partidos políticos eleitorais, uniões e federações estudantis ou sociais e sindicatos são paulatinamente compreendidos pelos conservadores como instrumentos revolucionários e que isso independe das direções que os comandam.

Todavia, há uma contradição neste cenário, uma vez que, as relações do capital que são intrínsecas ao Estado empurram muitos conservadores a disputarem as eleições burguesas, por exemplo. Entretanto, a maior contribuição advinda por parte dos conservadores é através da capacidade em utilizar as plataformas digitais como alavanca na promoção de suas ideias fugindo dos processos vanguardistas organizacionais dos espaços citados acima. Logo, disputar estes espaços por dentro, compondo oposições organizadas ou até mesmo reconhecer estes não é uma prioridade política para estes jovens, pois, assim como observamos nos discursos de Nikolas e Bernardo, organizações políticas e espaços universitários, por exemplo, semeiam o que há de pior para a condução da humanidade.

Com isso, o *cyberspace* se consolida como o principal espaço de fortalecimento, acesso e avanço do ideário conservador. É no espaço virtual que os elementos de contestação podem ser reduzidos ou ignorados de forma mais rápida. Não há para que haver contestação se dentro do conservadorismo o que se preza é a conformidade institucional e o reconhecimento da legitimidade dela. Habitar o espaço virtual e ocupar ele como estratégia política é de muita valia, uma vez que historicamente os outros espaços da vivência política tradicional serem disputados ou ocupados majoritariamente por sujeitos alinhados à esquerda. Logo, o espaço virtual se tornou um ambiente fértil para a ideologia conservadora, mesmo sendo um ambiente difuso.

Por isso retificamos que estamos lidando com uma nova dimensão ideológica no sentido do tratamento e perfil político da expansão da ideologia dominante, pois, o surgimento das redes sociais e sítios virtuais junto produção em larga escala e incentivo ao consumo das tecnologias (dispositivos móveis) realocou os sujeitos e com isso, há uma carga pulverizada de informações em que o filtro de classe, por exemplo, é secundarizado, uma vez que a demanda política e econômica gerencia uma produção maior de material audiovisual e informativo para o campo conservador, que, dentro do cyberespaço se coloca a frente de outros jovens influencers não reacionários. Este reconhecimento do trabalho digital realizado pelos jovens conservadores suscita a existência de uma militância conservadora virtual, um exército humano carregado por extensões de fibras óticas que se expande até que o próprio capital imponha seus novos limites.

As três primeiras teses nutrem a organicidade das duas últimas, pois a **quarta dimensão** parte da análise de que toda essa difusão econômica e política e que respinga no campo do discurso como propulsor comunicativo e formativo impulsiona uma **formação para a barbárie** e que essa se ancora em três ações: **aligeiramento, falseamento do real e negacionismo**.

A barbárie não é fato ou episódio histórico que se finda em práticas violentas e degeneradas. O sistema capitalista e a sua relação exploratória são em sua essência bárbaro, pois é sanguinário e não piedoso com quem o questiona. Porém, para que ele se sustente é necessário ter força de trabalho que o mantenha e isso perpassa diretamente pelos processos educativos, que neste caso provocam uma ruptura com a escola e a universidade de forma brutal, pois o campo formativo e informativo de maior acesso e de tomada de tempo do currículo social é o cyberespaço.

Portanto, o *cyberspace* se configura como o principal propulsor e mediador das relações do capital no século XXI. As transações econômicas, as propagandas comerciais, as moedas virtuais (bitcoins) e algumas profissões estão se rendendo às novas demandas que o capital com sua impulsividade lucrativa nos apresenta. Se as instituições oficiais como escola e universidade, dentro de uma lógica produtiva da ideologia burguesa já atendia e continua atendendo currículos dominantes, com o cyberespaço e a nova regulação do capital tudo se assevera.

A comunicação e o que se é produzido para gerar sentidos é informador e formador social. Não há como pensar processos educativos sem que a comunicação e o acesso a ela sejam garantidos, inclusive, dentro do próprio campo da dialética, nós só consolidamos os processos educativos quando a comunicação se coloca de forma ampla, não limitada e acessível pra que assim o diálogo exista dentro de qualquer realidade. Entretanto, a comunicação como ato formativo é atravessada por pontos de partida e assume projetos de onde parte os enunciados que os convém. E isso não é diferente com a cultura organizacional e comunicativa advinda dos jovens influencers conservadores.

A barbárie educativa depende de algumas ações como mencionamos anteriormente. Ela precisa ser aligeirada por que a dinâmica do tempo no cyberespaço não é medida a partir de uma sequência planejada de carga horária ou hora-aula. O tempo no cyberespaço rompe com a sequência e espera de quem enuncia. O receptor no cyberespaço se torna um navegador que pausa e aperta play como bem quiser e entender. A formação e o currículo não estão mais em evidência sobre o sujeito que discursa e sim o que importa para a chave de busca dos receptores/inscritos/navegadores é o que está dito, o que está acessível o que é mais criativo, e ideologicamente esses elementos não podem ser considerados técnicos, pois a procura e a capacidade de edição do meu tempo virtual parte de um desejo e de um interesse social. Tempo é dinheiro mas não apenas, tempo no cyberespaço revela que eu preciso ouvir o que acredito que preciso ouvir.

Junto ao aligeiramento das informações e do acesso à comunicação existe o ideário comum do avanço do falseamento da realidade. Grande parte deste processo de falseamento está atrelada aos processos políticos e eleitorais nos países do Eixo Norte do globo com o advento das *fake news*, que, no ato de sua criação circulam no terreno do cyberespaço desde a sua origem. Aqui, o falseamento da realidade pode ser compreendido a partir de dois prismas observados nos discursos dos jovens: o primeiro está relacionado à limitação analítica do real, em que, não se observa o que está ao redor, mas se observa

o que deveria estar. Ou seja, não é o ideal que se sobrepõe ao real, mas, é desconsideração do real em detrimento do real. A *anti-dialética* aqui percebida é um dos fundamentos do falseamento da realidade. O segundo prisma para compreender o falseamento da realidade está atrelado a desconsideração do real como cenário revelador do que somos e de onde estamos no mundo, pois, revelar esse real pode ser a garantia de um incomodo ou confronto garantido. Falsear o real é desconsiderá-lo também.

O terceiro elemento relevante na constituição desta barbárie educativa é o *negacionismo*. O discurso negacionista esteve impregnado no histórico escolar e principalmente acadêmico nas duas últimas décadas no Brasil e no mundo. O retorno das teorias da conspiração, a refutação sem bases ou dados de teorias científicas de diversas áreas do conhecimento sendo renegadas e principalmente o ato de negar como prática política anti argumentativa. Neste sentido, o negacionismo surge realmente como manutenção da ideologia dominante e das relações econômicas vigentes quando por exemplo, neste último ciclo pandêmico global nós vemos a satirização da frase “fica em casa e a economia a gente vê depois” ou que “vacina não salva, mata” como discursos do senso comum ideológico que operacionalizam os projetos não apenas burgueses, mas, os que descredibilizam toda a função social que o acúmulo científico teve ao longo dos séculos. Por muitas vezes o negacionismo opera como uma prática política de contestação a partir do negar por negar em detrimento de uma posição ideológica falseada do real e não aprofundada por que o tempo para o capital nunca comportou lei trabalhista alguma, pois ele tem capacidade autorregulatória.

Desta maneira, a barbárie educativa escancara que não são apenas as instituições políticas tradicionais que estão em colapso, mas, as instituições educativas e os sujeitos as compõem também. Evidentemente, uma juventude que abraça ideologicamente um projeto que nega a ciência produzida eticamente e que alcança a sociedade para algum tipo de bem-estar, incluindo a política de saúde e direito à vida é engolida por uma movimentação ideológica que desconsidera aquilo que se vê, aquilo que se sente. É como se o cyberspaço operasse como um multiverso que é manuseado, desejado e projetado como uma escola da barbárie, em que, escutamos o que convém no aguardo salvacionista semeado pela fé cristã.

O título deste trabalho não é “**EM NOME DE DEUS?**” sem qualquer justificativa semântica, muito pelo contrário. Todo o discurso enunciado nos vídeos analisados carrega a ideologia conservadora em sua essência o ponto de partida para

qualquer compreensão das expressões do real que é a figura do Deus cristão. Está presente na maioria das sequências discursivas uma breve consideração sobre algo em discussão, em debate ou como tema, mas que, a divindade Deus ressurge como o grande disciplinador ou divindade não tão fácil de ser agrada, pois nada neste mundo agrada os “olhos de Deus”. A pátria e a família como complementos dessa tríade conservadora já nos anunciam que nem sempre Deus é o grande guia ou a sua palavra, mas, como a concepção de familiar nuclear patriarcal e paternalista se consolida ao longo da história, sobretudo ocidental e que para a garantia de mais legitimação desta família e de uma religiosidade que veda os olhos para algumas condicionalidades sociais, a pátria se enraíza como o simbolismo de herança familiar ao Estado-nação.

Todavia, dentro do conservadorismo também há disputas que pedalam junto aos processos históricos de acordo com as suas temporalidades. Na temporalidade que inicia este século podemos afirmar que as juventudes conservadoras rompem com as estéticas, aspectos comunicativos e a forma de lidar com a igreja bem diferente dos jovens conservadores do início do século XX ou do século XIX.

Agora nos deparamos com outras demandas da realidade e do seu sistema que acirram a luta de classes e a geopolítica social de uma forma em que a estética discursiva e comunicativa não tem como se sustentar no conservadorismo clássico e isso envolve o abalo da própria tríade mais uma vez. Consideramos que **há uma juventude conservadora aliada do grande capital** e essa se expressa como a quinta e última dimensão sustentada.

Com isso, concebemos que há dentro do conservadorismo, desde o processo de sua origem em meio às reformas liberais, um alinhamento muito evidente aos projetos dominantes que estão no jogo político. Neste século, especialmente no Brasil, o bolsonarismo como política de reprodução social da classe dominante, do sadismo e do espelhamento em Jair Bolsonaro deflagra para nós o quão entranhado se encontra os jovens aos projetos políticos da aliança liberal e da democracia burguesa.

Este elo histórico de não abandono das tomadas de decisões econômicas e políticas frente sobretudo às crises é escancarado com a defesa ferrenha de um projeto que invoca Deus para a legitimação das seguintes ações: defesa dos privilégios patriarcais e da branquitude forjado na defesa da família; propagação de *fake news* como ferramenta política e que secundariza o debate orgânico, científico e verídico; borramento das

identidades políticas conservador x liberal devido ao alinhamento da agenda econômica e de interesses/permanências; banalização da violência e incentivo da utilização da mesma como mecanismo de sobrevivência e a para-militarização da vida social, formando assim juventudes que operam como milícias digitais dentro e fora das redes.

A barbárie educativa está anunciada há alguns anos e é o principal ponto de enfrentamento para o campo que pensa a formação humana em sua integralidade, transformadora e anti-dominadora. Estamos neste trabalho evidenciando que há terrenos (espaços virtuais), formas de se comunicar e estabelecer o processo educativo que nós também precisamos nos inteirar e conhecer. Revisitar e expandir esses conhecimentos para a formação de professores, agora mais do que nunca se torna essencial, uma vez que é o nosso trabalho e o princípio educativo para o bem viver social e a defesa da classe trabalhadora, pobre e oprimida que estão sob a mira da banalização da vida, dos direitos sociais, do confronto político e da *inquisição cibernética*.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Ser jovem no brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira**. Cadernos Adenauer XVI (2015) nº1. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=55825619-323e-712f-2f0a-f7b2fb31b673&groupId=265553
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, s/d.
- ANTUNES, Ricardo (org.). 2020. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo. 333 pp.
- ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Notas para um manifesto feminista**. Editora Terra Sem Amos: Bacurau, 2019.
- BECK, Ulrich. **A sociedade do risco – rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- BERNADAZZI, Rafaela; VAZ DA COSTA, Maria Helena Braga e. **Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual**. Revista Comunicare. Volume 17 – Edição especial de 70 anos da Faculdade Casper Líbero, 2017. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-7-Comunicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf>
- BOBBIO, Noberto. **Direita e esquerda – razões e significados de uma distinção política**. Editora da UNESP, São Paulo, 1995.
- BOHOSLAVSKY, Ernesto; GOMES, Gabriela. **A outra juventude radicalizada: o anticomunismo na Argentina e no Chile (1959-1973)**. Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 9, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/citationstylelanguage/get/associacao-brasileira-de-normas-tecnicas?submissionId=22814>
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. 1983.
- BOWYER, Benjamin T; KAHNE, Joseph E; MIDDAGH, Ellen. **Youth comprehension of political messages in YouTube vídeos**. New Media & Society 2017, Vol. 19(4) 522–541.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Editora Aleph. São Paulo, 2009.
- BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo, Edipro: 2014.
- Cardoso, I. A. (2019). **Propagação e Influência de Pós-verdade e Fake News na Opinião Pública** (Dissertação de mestrado). Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes – ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

CERQUEIRA, Fabio Vargara. **Sobre efeminação e virilidade:** a Grécia vista do pampa. *Métis: História e Cultura*, v. 11. 2011.

COTARELO, Ramón. **La juventud en un mundo globalizado.** *Revista de Estudios de Juventud* ≥ Diciembre 09 1 n° 87. Disponível em: [http://www.injuve.es/sites/default/files/Abre%20en%20ventana%20nueva%204.%20La%20juventud%20en%20un%20mundo%20globalizado.%20Ram%C3%B3n%20Cotarelo%20Garc%C3%ADa%20\(pdf\).pdf](http://www.injuve.es/sites/default/files/Abre%20en%20ventana%20nueva%204.%20La%20juventud%20en%20un%20mundo%20globalizado.%20Ram%C3%B3n%20Cotarelo%20Garc%C3%ADa%20(pdf).pdf)

DANTAS JÚNIOR, Hamílcar Silveira. **A juventude entre a história e a memória:** a "rebeldia" como tradição inventada e espetacular. *Ponta de Lança, São Cristóvão* v.1, n. 2, abr.-out. 2008. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3148>

EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo- a revolta contra a democracia liberal.** Editora Record, 1.ed. Rio de Janeiro, 2020.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. **O conceito de geração nas teorias sobre juventude.** *Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.* Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003

FLORÊNCIO, Ana Maria Gama [et al.] **Análise do discurso:** fundamentos e práticas. Maceió: EDUFAL, 2009.

FORACCHI, Marialice. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1965.

GROPPO, Luís Antonio. **Uma onda mundial de revoltas:** movimentos estudantis nos anos 1960. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas.** *Revista de Educação do Cogeime*, Ano 13 - n 0 25 - dezembro / 2004. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/view/629/568>

GUIMARÃES, Gislene Garcia; GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **Revisitando as origens do termo juventude:** a diversidade que caracteriza a identidade. *Anais da 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPED)*, 2008. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT20-4136--Int.pdf>

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo.** Trad. Rogério Bettoni – 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência.** Editora Aleph, 2009.

KIRK, Russel. **The conservative mind.** Tennessee: Lightning Source, 2008.

KUSTRÍN, Sandra Souto. **Juventud, teoría e historia**: la formación de un sujeto social y de un objeto de análisis. *Historia Actual Online*, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>

LARA, Glaucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander. **Análise do Discurso Hoje**. v. 2. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2008.

LEVI, Giovanni; SCHIMITT, Jean Claude. Introdução. **História dos Jovens** – Da antiguidade à era moderna, vol. 1. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

LUCKÁCS, Georg. **A destruição da razão**. 1ª edição, Insituto Luckács, 2020.

MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**” [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org). Editora Ática. São Paulo, 1982.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. 1.ed., 4. reimpr. Boitempo, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Plínio Corrêa de. **Revolução e Contra-revolução**. *Jornal Catolicismo*. 4ª edição. Artpress. São Paulo, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Pontes, 6 ed. Campinas, 2005.

_____. **As formas do silêncio** – no movimento dos sentidos. Campinas, Editora Unicamp, 2007.

ORTEGA Y GASSET, Jose. **A rebelião das massas**. Tradutor: Herrera Filho Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat. 1ª ed. 1926.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude** – alguns contributos. *Análise Social*, v. 25. 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso** - estrutura ou acontecimento. Pontes, 5 ed. Campinas, 2008.

PÊCHEUX, M. **O papel da memória**. In: ACHARD, P. et al. O papel da memória. Campinas, SP: Pontes, 2015.

PICKARD, Sarah. **A conservative future?** Youth and the Conservative Party. *Observatoire de la Société Britannique*. p. 75-93, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/osb/362>.

PERALVA, Angelina Teixeira. **O jovem como modelo cultural**. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

REGLITZ, Marten. **Fake News and democracy**. *Journal of Ethics and Social Philosophy* <https://doi.org/10.26556/jesp.v22i2.1258> Vol. 22, No. 2 · July 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/amori/Downloads/Reglitz-FakeNewsandDemocracy.pdf>

RIDENTI, Marcelo. **1968 – de novo!** Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5013044/mod_resource/content/1/1968.pdf

ROLLEMBERG, Denise. **Revoluções de direita na Europa do entre-guerras: o fascismo e o nazismo.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 30, n. 61, p. 355-378, maio-agosto 2017. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/65901/68282>

SCRUTON, Roger. **Conservadorismo – um convite à grande tradição.** 4ª edição. São Paulo, Editora Record, 2020.

SILVA, Izabel Priscila Pimentel da. **“Por ti, América!”: luta armada, internacionalismo e latino-americanismo na trajetória da Junta de Coordinación Revolucionária.** Tese de Doutorado em História Social. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2016. (p. 28-42).

SMITH, Adam. **Riqueza das Nações.** Editora Momento Atual, 2003.

VÁRGANY, Tomá. **O pensamento político de John Locke e o surgimento do liberalismo.** En publicacion: Filosofia política moderna. De Hobbes a Marx Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciencias Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo. 2006. ISBN: 978-987-1183-47-0. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/04_varnagy.pdf

VELASCO E CRUZ, Sebastião; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (organizadores). **Direita, volver!** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro / – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. **A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim.** Estudos Avançados 34 (99), 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/173441>

ANEXOS – Transcrições completas da tese

MATERIALIDADE 1

Materialidade: Canal do *Youtube* “Ana Campagnolo”

Vídeo: Ideologia de gênero: aqui não!

Duração: 13min50s

Data de Postagem: 29 de agosto de 2019

Número de visualizações: 366.183

Eu vou começar o meu pronunciamento passando um vídeo de 40 segundos que vai embasar o que eu direi a seguir

- REPORTAGEM DA TV MEC SOBRE O DESEMPRENHO ESCOLAR E OCDE

Nesse quadro vocês puderam ver rapidamente dados oficiais do Ministério da Educação em que situação se encontram os nossos alunos em se tratando por exemplo, da disciplina de Ciências. Segundo estes dois pesquisadores que eu trago aqui comigo, Paschal Bernadand que é francês e o Prof. Dr. Brasileiro Fausto Zamboni, a educação perde qualidade e perde tempo quando os conteúdos objetivos do currículo escolar são substituídos por pautas ideológicas ou pelos chamados temas transversais. Os deputados que me antecederam falaram também sobre a identidade de gênero que consta no nosso programa, plano de educação apresentado pela secretaria de educação. Nós ouvimos os deputados comentarem aqui que não havia sido homologado, mas a verdade é que este plano foi sim apresentado, ele foi popularizado, foi divulgado, e se ele não for apresentado será apenas por pressão da militância conservadora que se mobilizou para denunciar isto que os senhores estão vendo aí. Inclusive o nosso plano tem a assinatura do secretário de educação Natalino Glione. Vocês sabem, quem acompanha meu trabalho aqui na tribuna, eu estou sempre elogiando o secretário Natalino Glione, mas isso não me faz cega pra esse problema. Diante das polêmicas sobre esta página 379 do plano estadual de educação, a nossa secretaria estadual emitiu a seguinte nota, emitiu uma nota justificando a expressão, e dizendo que a expressão iria permanecer por que, o que diz a nota: “neste contexto o termo gênero trata das diferenças social e psicológica entre homens e mulheres” atenção pra nota da secretaria, identidade de gênero refere-se à identificação que a pessoa têm por um determinado gênero, homem, mulher, ambos ou nenhum. Na nota em que justifica, há sim uma referência, novamente à ideologia de gênero, esta identidade de gênero aqui é ideologia de gênero. E apesar de eu reconhecer o excelente

trabalho do nosso secretário e ele ter me informado pessoalmente que essa nota vai ser retificada, até p momento nesta nota e neste plano de educação, o que nós vemos é sim ideologia de gênero. A ideia de que uma criança pode se sentir menina mesmo sendo menino, e pode se sentir menino mesmo sendo menina. Aulas deste tipo, com este tipo de conteúdo de ideologia de gênero já estão acontecendo nas nossas escolas, no nosso estado também no Brasil todo, mas no nosso estado especificamente, e se nós mantivermos no nosso plano de educação essa expressão identidade de gênero, nós estaremos endossando e legitimando práticas como essas que eu vou mostrar para vocês agora: essa é uma foto, sou professora e vou falar de gênero para o seu filho e sua filha” os cidadãos aí já estão admitindo, e agora vocês vão ver dois vídeos. Um, de exemplos do que é a ideologia de gênero sendo aplicada nas escolas e um segundo vídeo que é de um pai catarinense reclamando do que ele passou com a sua filha:

Vídeo 1: Visita de uma drag queen em uma escola de Ensino Fundamental falando sobre gênero, em sequência uma drag queen se apresentando no pátio de uma escola (estudante), na outra parte um adulto dançando funk com crianças pequenas no que aparentemente é um CMEI, um suposto vídeo de uma educadora tentando passar batom a força em uma criança.

Essas são algumas imagens do que seria a ideologia de gênero, a identidade de gênero sendo aplicada nas escolas. Um dos percursores dessa teoria foi o doutor Jon Money, nós já falamos sobre ele aqui, já trouxe várias vezes, trouxe até um livro dele para a tribuna, e a tese principal dele é de que o sexo não é uma questão natural, onde que a identidade da criança, da mulher não é natural, mas é cultural e se refere à identificação, como a criança ou como o adulto se sente. O doutor Jon Money aplicou essa teoria no trágico episódio do menino David Haimmer, nós já falamos também sobre ele aqui, ele foi mutilado quando criança, foi criado como se fosse menina, o pequeno David mudou de nome pra Brenda, toda essa história trágica já foi contada aqui na tribuna, o resultado foi que o David acabou entrando em depressão, depois que descobriu toda a verdade se suicidou, o irmão gêmeo do David também se matou, e nós temos um quadro parecido, da aplicabilidade da ideologia de gênero aqui no nosso país, e um caso muito recente, foi o caso do menino Ruan, não sei se os senhores lembram, que foi esquetejado pelo par de lésbicas que o criava, e que chegaram a mutilar a criança para que ela se tornasse uma menina, tentaram fazer uma vagina rudimentar ali nele. Não existe fundamentação científica para a aplicação da teoria de gênero, é uma opinião de um pequeno grupo de

antropólogos, professores de História, professores de Sociologia, não tendo status de ciência, não deveria estar, e fazemos votos de que o governador do estado de Santa Catarina e o secretário retirem esse termo. Cientificamente falando, as pesquisas já demonstram que a ideologia de gênero elevou em 1000% o número de crianças em tratamento no Reino Unido, isso mostra como a ideologia pode ser nefasta. Ainda em um artigo de 2014, o Dr. Paul Mchoungh, disse que 80% das crianças que expressam alguma disforia de gênero na tenra idade, acabam mudando de opinião depois e nem precisam de tratamento, e que a taxa de suicídio é 20x maior para os que se submetem a qualquer tipo de transformação de gênero. E pra encerrar, um vídeo de um pai catarinense reclamando do que ele passou com sua filha. Mas antes de nós assistirmos o vídeo, eu vou protocolar hoje com a assinatura de alguns deputados daqui da casa, uma indicação solicitando ao nosso governador do estado que promulgue o decreto “Infância sem pornografia”, e na mesma ocasião também, estarei protocolando o projeto de lei também chamado “Infância sem pornografia” caso o nosso governador não queira atender a nossa solicitação. Mas já que foi dito aqui por membros do PSL, membros da bancada do governador que ele é contra a ideologia de gênero na educação, tenho certeza que ele não terá nenhum tipo de ressalva em aprovar, em incentivar esse decreto, aprovar o decreto, assinar o decreto e incentivar o projeto de lei “Infância sem pornografia”. Por favor, o vídeo do pai catarinense:

- VÍDEO DO PAI DE SANTA CATARINA

(Muda-se o cenário. A deputada agora continua o vídeo do seu gabinete, sentada e direcionada em frente alguma câmera).

- Então, esse trecho que vocês acabaram de assistir é da minha fala aqui na tribuna da Assembleia Legislativa de Santa Catarina. Hoje quarta-feira, dia 28 de agosto, em decorrência das últimas notícias acerca da inclusão do termo Identidade de Gênero no nosso Plano Estadual de Educação. Nós recebemos notícias de que a intenção é retirar esses termos do plano, mas nada de oficial aconteceu até agora, e tudo o que vier acontecer, será resultado da pressão de vocês, conservadores, cristãos, pessoas de direita, pessoas direitas, enfim, de todos vocês que são parte da militância, e do povo, dos eleitores catarinenses que pressionaram para que houvesse uma mudança. Ainda sobre esse mesmo assunto, tratando sobre as questões de ideologia de gênero, você vai assistir agora um trecho do vídeo do procurador Guilherme Schele.

(VÍDEO DE ENTREVISTA DO PROCURADOR GUILHERME SCHELE)

Guilherme: Veja que o guia escolar de 2011 da presidente Dilma já contempla a implantação ilegal e inconstitucional, mas contempla o guia escolar de proteção da criança 2011, no primeiro ano, no segundo, no primeiro ano de governo da presidente Dilma contempla o princípio da pedofilia, foi implantado de forma inconstitucional e ilegal, mas está nos registros da educação brasileira, especialmente infantil e fundamental o direito ao prazer sexual da criança. Esse é o que os pedófilos defendem. E o MEC e a presidência da República no governo da presidente Dilma já contemplam isso, é um abuso contra a infância, isso é um crime contra a infância, mas, mais do que isso, nesse projeto agora, nessa resolução recente que você acaba de mencionar, ali já está contemplando exatamente essa revolução social, por que eles querem as mentes das crianças, o que eles querem é fazer uma ruptura entre o sexo biológico da criança e o seu comportamento sexual.

Entrevistador: Eles o partido que está no poder hoje, doutor?

Guilherme: Isso o Partido dos Trabalhadores e uma lógica marxista e socialista cultural. É uma revolução que um líder especial Herbert Marchuschi escreveu o livro “Eros e civilização” nesse livro, ele propõe que as crianças e adolescentes sejam libertas do que ele chama de “logos grego” eu não vou explicar aqui o que é isso, da razão grega dominante para ser uma razão hedonista, do prazer, e o que que ele propõe para essa revolução que visa destruir a família, erotizem as crianças. A erotização, a pedofilia, sexo com animais, sexo com cadáveres, os pais e mães, isso ele escreve no livro, então o que nós estamos assistindo e essa figura, regulação, onde a criança agora tem autonomia, de vontade e autonomia sexual, isso é o princípio da pedofilia, que na verdade é um instrumento da revolução, por que erotizar crianças vai gerar crianças que vão estar muito pouco abertas a formarem família, a mente vai se alterar, por que a psicologia explica, crianças erotizadas são crianças que tem o comprometimento da sua cognição. A criança que é erotizada em tenra idade, ela vai ter um desenvolvimento intelectual, afetivo aquém do que teria. Então nós estamos observando uma política de Estado de degradação do entendimento da afetividade e da intelectualidade das crianças, com um propósito abusivo. Olha o pretexto nobre: defender as minorias, combater o preconceito, mas na verdade o que eles estão falando, fazendo, é uma profunda degradação, por que menino é menino, menina é menina, e eles estão querendo exatamente romper a noção de sexualidade, a noção de masculinidade nos meninos e de feminilidade nas meninas, os

materiais didáticos, e preste atenção, isso não é só do Brasil, isso é da ONU. Os materiais que vem da UNESCO já contemplam essa ideologia cultural ideológica disfarçada, e é o que você falou no início, nós não temos problemas com ideologias, seja ela socialista, seja ela marxista, seja ela conservadora ou liberal, não, mas que ela seja clara, que ela não esteja travestida, e até eu uso o termo “está travestida de direitos humanos” uma política abusiva.

(ENCERRAMENTO DO VÍDEO COM MÚSICA INSTRUMENTAL E INDICAÇÃO DO EMAIL INSTITUCIONAL DA DEPUTADA).

MATERIALIDADE 2

Materialidade: Canal do *Youtube* “Caio Coppolla”

Vídeo: URGENTE: Abaixo-assinado para o IMPEACHMENT de Alexandre de Moraes (STF)

Duração: 4min27s

Data de Postagem: 15 de março 2021

Número de visualizações: 1.347.765

(Cenário: Caio na sala do apartamento de sua sogra, vestido com uma camisa branca, fone de ouvido branco em vídeo caseiro).

- Fala pessoal! Esse é de longe o vídeo mais importante que eu já fiz na minha vida. Então, se você concordar com o que eu vou dizer, eu peço que você compartilhe o conteúdo para uma maior quantidade possível de pessoas, antes que ele seja censurado. Para quem não me conhece, meu nome é Caio Coppolla, eu trabalho na imprensa como comentarista, e ano passado eu fui classificado entre os dez maiores influenciadores da política na internet. Essa é uma responsabilidade que eu levo muito a sério, mas meu trabalho depende de uma garantia fundamental: a liberdade de expressão. Acontece que nos últimos dois anos, um ministro do Supremo Tribunal Federal, tem atuado contra esse direito. Ele censurou matéria da imprensa, ele suspendeu contas em redes sociais, ele investigou opositores políticos e ele até prendeu alguns de seus críticos. Só pra vocês terem uma ideia, na semana passada, um de seus colegas de tribunal chamou o ministro de “xerife” e ontem, 14 de março de 2021, foi aniversário de dois anos (2 anos – em tom exaltado) do inquérito das *fake news*, uma investigação inconstitucional, conduzida de forma muito autoritária por esse “xerife”, quer dizer, por esse ministro que é ao mesmo tempo vítima, investigador e juiz do processo. O nome dele é Alexandre de Moraes, que na minha opinião, na opinião de muita gente na verdade, ele passou de todos os limites. Por isso, o objetivo desse vídeo é o de mobilizar meio milhão de pessoas, pelo menos, num abaixo-assinado, peticionando que o senhor presidente do senado, senhor Rodrigo Pacheco, aceite a corajosa denúncia pelo senador Jorge Cajuru, contra o ministro Alexandre de Moraes. Isso dará início a um processo inédito no Brasil, um impeachment de um ministro do STF, e eu garanto pra vocês que tem muito político em Brasília bem incomodado com os excessos do senhor Alexandre de Moraes, só aguardando a sociedade dar esse primeiro passo. E um detalhe importante, o nosso abaixo-assinado também

demanda que a comissão especial que vai analisar o pedido de impeachment, não inclua senadores processados ou investigados pelo STF, aliás, para a nossa sorte, o presidente do senado, que eu já citei, o Rodrigo Pacheco, não é réu no supremo e não tem o rabo preso, por isso a oportunidade histórica de lavar a toga, né.

O link pra participar desse abaixo-assinado já tá no descritivo do vídeo, nos comentários, na bio e até aqui em baixo pra você memorizar, né. Então é [byt.li-artigo52alexandre](https://by.tl/artigo52alexandre), tudo com letra minúscula, como o ministro merece. Bom, a fundamentação jurídica pra nossa petição, ela é muito extensa e não cabe num vídeo caseiro, mas tudo o que você precisa saber sobre as condutas abusivas do ministro Alexandre de Moraes e sobre seus crimes de irresponsabilidade, tá lá no texto do próprio abaixo-assinado, então, como o diria o grande jurista Modesto Cavallhosa, se você quer caminhar da indignação, eu preciso que você faça duas coisas: compartilhe esse vídeo e o link do abaixo-assinado, antes que ele seja censurado pelo ministro o que a Polícia Federal cole aqui na casa da minha sogra, é, e quando você for compartilhar, se puder, se possível, use a hashtag #artigo52 no seu post. O Artigo 52 é o artigo da constituição que estabelece a competência do senado pra processar e pra julgar ministros do STF. É um recado didático prum tribunal cada vez mais autoritário, mais casuísta e mais indecoroso. Segunda coisa: se você já compartilhou o vídeo, participe do abaixo-assinado, é só clicar no link do descritivo, ou no link dos comentários, ou no link da bio que você vai acessar a página do abaixo-assinado e pode assinar em poucos segundos esse documento em defesa da constituição, em defesa da justiça e em defesa da nossa liberdade de expressão. Se a gente juntar aí pelo menos 500 mil assinaturas, o abaixo-assinado vai ser entregue pessoalmente para o senador Rodrigo Pacheco e eu vou mantendo vocês atualizados nas minhas redes sociais se elas não forem suspensas aí pela “justiça” (aspeado em vídeo pelo narrador). Bom, eu espero de verdade que vocês não tenham perdido a esperança no Brasil, e vai ser uma honra ter o nome de vocês junto com o meu nesse abaixo assinado. Muito obrigado e fiquem com Deus.

MATERIALIDADE 3

Materialidade: Canal do *Youtube* “Nikolas Ferreira”

Vídeo: MELHORES MOMENTOS - Nikolas Ferreira no Opinião no Ar - 26/05/21

Duração: 19:41

Data de Postagem: 26 de mai. de 2021

Número de visualizações: 3.050.039

(Cenário: Participação em programa televisivo de bancada com um mediador jornalista, dois opositores entrevistados e um aliado entrevistado, vestido com um paletó, roupa social, sentado em poltrona e estúdio luminoso).

- Nós conseguimos quebrar uma espiral do silêncio, né, infelizmente, ser conservador era ser considerado retrógrado, uma pessoa contrária ao novo, e o conservador não é isso, ele entende que nada que é novo, só por ser novo é necessariamente bom, melhor do que o passado, a família é uma instituição, há quanto tempo ela é a base da nossa sociedade, então o conservador, principalmente o jovem, né, ele saiu dessas amarras ideológicas, podendo chegar na universidade e falar o seu posicionamento, né, sem medo de sofrer ali uma represália, e tem várias pessoas que contribuíram pra isso, principalmente como o Douglas disse, têm Olavo de Carvalho, né, ele tem um livro chamado “A nova era e a revolução cultural” que fala ali sobre hegemonia cultural, a qual foi imposta ali né, foi criada ali pelo Antonio Gramsci ali nos cadernos do cárcere, e dessa forma você vai compreendendo como a esquerda trabalha, e dessa forma vários jovens começaram a ter a coragem de se posicionar contrário a esse progressismo que tem destruído né, os nossos jovens acima de tudo.

- A minha trajetória ela começa dentro de casa, né, tenho pais, formação cristã, não tenho nenhum político na minha família, é, e por que eu cito essa minha base, por conta do senso da justiça. Você tem um senso da justiça muito grande de questionar dentro da igreja, de fazer perguntas, ao contrário do que as pessoas acham, que a igreja é um local de não questionamentos, pelo contrário, meu pai sempre me ensinou muito a questionar e a buscar as respostas, e assim na universi..., no Ensino Médio eu já tive uns embates ideológicos, não compreendia muito bem, comecei a estudar William N. Grey, C.S. Lewis, Olavo de Carvalho, é Roger Scrutton, Russel Kirk, e comecei a entender e eu falei “Opa!” peraí, existe um lado político que tá acontecendo aqui dentro da sala de aula e comecei a perceber que a escola deixou de ser um campo de produção de estudantes pra virar produção de ativista, e eu falei “Oh pai, eu não quero ser esse cara”, e assim fomos

crescendo nessa área e sempre me posicionando obviamente contra essas pautas progressistas, seja ideologia de gênero, que seja a falta da sua liberdade de expressão, né, como cristão, então, dessa forma eu fui crescendo também, obviamente na rede social, me formei em Direito pela PUC, que de católica só tem o nome, eu fiquei impressionado que dentro da universidade católica realmente há um ativismo grande, contrário inclusive à igreja, não somente as questões do conservadorismo, mas a própria, contra a igreja, então, e dessa forma veio a oportunidade de me candidatar a vereador e consegui com uma campanha sem nenhum centavo de dinheiro público me eleger o segundo vereador mais votado de Belo Horizonte, graças a Deus.

Entrevistador 1 (Constantino): Eu queria perguntar a ambos, que devem ter acompanhado aí a mais essa polêmica causada por aquele youtuber que começou quando falava de política a fazer desabafos contra roubalheira, contra corrupção, esquerdismo, né. É, depois deu uma guinada de 180°, hoje em dia faz até palestra ao lado de ministro do supremo, ou então do ex-presidente, ex-corrupto, né, no instituto dele, é, e passou a virar um esquerdista radical, e ele disse que o ocidente precisa se livrar no neoliberalismo, né, o mesmo sistema que o enriqueceu, ainda que falando de games ou imitando focas. Então, eu queria uma avaliação sobre isso, vocês que são com certeza mais humildes do ponto de vista material do que esse próprio youtuber.

- Nikolas- Douglas eu vou me dar a liberdade de começar (polifonia: Douglas- por favor, fique a vontade) por que né, a foca do Youtube eu fiz um dossiê contra ele, fiquei aí uns dois meses na pandemia, tava tudo parado mesmo, mostrando né como ele têm trabalhado para realmente induzir a mente do jovem a não pensar em nada que é eterno, muito pelo contrário, só pensar em coisas supérfluas e fúteis, e ele é mais uma prova daqueles que são socialistas mas amam o capitalismo, né, ele como o Rodrigo Constantino citou né, é um sistema que proporcionou com que ele chegasse até lá e hoje ele fica né jogando contra. Na verdade, o Felipe Neto nada mais é que um cara que se profissionaliza naquilo que ele acha que tá dando mais certo. Antigamente, ele fazia lá o “léo não faz sentido” xingando contra as pessoas, sendo um cara que falava do pessoal do Restart e tudo, e hoje né, xingava ali o PT, e hoje ele tá vendo que o que tá dando mais certo é ser ali de esquerda é ser o que tá dando mais hype agora, é ser contrário ao Bolsonaro. Então, ele é somente um cara, um hipócrita, que vive completamente distante da realidade, pregou aí o lockdown esse tempo todo, mas foi ser goleiro ali nas peladinhos.

- Entrevistadora 2: Nikolas aqui citou que a CPI da Covid vocês conseguiram instalar, apesar de serem minoria, é, na Câmara municipal de BH, ou seja, a CPI é usada como

instrumento de minoria e vocês têm o direito de fazer questionamentos aí sobre a utilização dos recursos, do emprego que foi feito durante a pandemia na gestão do Alexandre Calil, então desse ponto de vista a gente parte de um pressuposto que a CPI é necessária, é importante que ela exista e principalmente que esses questionamentos são legítimos, a sociedade precisa saber, precisa de mais transparência sobre como isso tudo foi gerido, seja por parte do governo federal ou por estados e municípios?

- Nikolas – Sim. Eu vejo que por ser minoria não há um demérito nisso, né (polifonia-entrevistadora “não, pelo contrário, é um direito”) exato, exatamente! Então, acredito ali que a minoria têm o seu direito, e vejo que há grande indignação e questionamento no sentido da instrumentalização da CPI, a CPI nós vimos ali no senado tinham perguntas como “quem coordena a conta do Twitter do Bolsonaro?” cê acha que isso diz respeito à CPI? Eu não acho que é. Então, se fosse talvez do lado contrário perguntando isso, para um governo, por exemplo, de esquerda, era manchete todos os dias – Olha só como é que a direita está instrumentalizando a CPI, vejo que é uma indignação muito seletiva nesse caso. Eu vejo que a CPI ela tem que se manter correta no sentido de exatamente como você diz, apurar a utilização dos gastos, né, e da, e todo o dinheiro que foi ali utilizado com relação à pandemia. Então em BH, a gente tá fazendo a mesma coisa, né, não houve, houve a primeira reunião, quinta-feira vai ocorrer a segunda pra gente definir todo o nosso plano de ação, e eu vejo que a grande indignação das pessoas é isso, com relação à instrumentalização da CPI para poder ali atacar, seja uma figura ou outra e principalmente o presidente.

Entrevistador 3 (Lacombe): Você lembra de cabeça quanto que o governo federal enviou para o combate à Covid em Belo Horizonte?

- Nikolas- Ano passado foi 3,7 bilhões que foram enviados da União para, pra, Belo Horizonte. E, na prestação de contas, o Calil teve remotamente lá na prestação de contas, e eu questionei sobre esses três aspectos: o primeiro sobre o por que gastar tão pouco com a segurança pública, foi cerca de 1,75% do orçamento, o outro era com relação à por que ele gastar 45 milhões em publicidade e o outro por que a gente não consegue ver destinação da União é, pro, pra BH. Eu não consigo ver para onde esse dinheiro foi aplicado, né. Ele inclusive, né, eu questionei isso, falei com ele, só quero saber o por que, ele foi e me chamou de garoto, eu fiquei extremamente feliz, né, por que a única coisa que eles podem me atacar é a minha idade, meu trabalho eles não conseguem, então foi isso, eu simplesmente perguntei pro prefeito e ele não respondeu, né. Ele gastou mais de

1 milhão e 200 mil em grades, para poder cercar locais de atividade física, mas por que ele estava preocupado com a sua saúde.

Entrevistador 4: É pois é, ligar a TV Senado, eu sou obrigado por dever de ofício, ver o Renan Calheiros, e outras raposas, né, que representam ali o velho Brasil, e olhar aqui pra bancada e ver dois jovens, o Nikolas acabou de citar o episódio no qual foi chamado de garoto por um velho político, chega a ser alentador ouvir vocês. Mas, por falar nisso, por falar em velhas raposas, as pesquisas, os institutos de pesquisas, apontam, tem um deles aí inclusive, o Datafolha, que o ex-presidente Lula têm 41% das intenções de voto, e levaria o segundo turno contra o Jair Bolsonaro numa barbada. Eu gostaria de saber como vocês veem essa eleição de 2022, eu sei que tá muito longe, o Lacombe sempre comenta, né, pesquisas, um ano antes, um ano e meio antes, é muito cedo, mas elas estão aí, o cenário é esse, embora haja um esforço (polifonia – Lacombe – não compreensível) é, não só da imprensa, mas de vários segmentos em buscar uma terceira via, aparentemente ela não apareceu, então nós temos o Lula e o Bolsonaro, e as pesquisas indicando que o Lula está na frente, o que vocês pensam disso? Diga lá, Nikolas.

- Nikolas: É, pra mim, é muito claro que a esquerda por natureza nega a realidade. Então, se a gente faz uma manifestação em apoio, que é uma manifestação muito mais difícil, mais fácil você fazer uma manifestação contrária, como foi o exemplo com a Dilma. Agora, a manifestação em apoio a um candidato isso é muito mais difícil, ao presidente em específico. Então, quando a gente vem pra poder apoiar, fala que é aglomeração, que somos genocidas, se não tem ninguém, nós tamo perdendo forças, então a realidade já não é mais aquilo que você vê, é aquilo que o interlocutor impõe. Então, é isso que tá acontecendo, os institutos de pesquisa tentam mudar a realidade, mas quando você olha pro Rio de Janeiro, igual aconteceu semana passada, cê fala “opa, perai!”, já não dá pra acreditar tanto mais nesse caso. Então, eu vejo que a população brasileira, graças a isso aqui também, muito o celular, o whatsapp, existem fotos mostrando “olha o pouquinho de gente que tem no Rio de Janeiro” só que o cara pode olhar em qualquer perfil, em qualquer robô do Bolsonaro aí, e vai ver poxa, deu mais de sete minutos de moto passando, então a realidade já não é mais essa. Eu vejo, é que chega até ser cômico uma figura como o Lula, as pessoas sendo contrárias ao Bolsonaro, você não precisa concordar cem por cento com ninguém, eu não concordo cem por cento com ninguém, a única pessoa que eu concordo cem por cento é Jesus Cristo, eu sempre falo isso, por que as pessoas tentam colocar, né, rótulos em cima das pessoas que apoiam, pessoas que possuem qualidades, né, então eu vejo que o cenário pra lá, é o seguinte: vai ficar muito claro, vai

ser até bom, você falar: ou você é Lula ou você é Bolsonaro. Ou você tá com um ex corrupto, que só existe no Brasil essa façanha, ou você é um cara, que, você pode falar ali que tem um defeito e tudo, mas que há, acredito que qualidades melhores do que o ex presidiário lá.

Entrevistador 1 (Constantino): Nikolas, é, eu tô aqui com uma reportagem de um jornal do seu estado, dizendo que BH vai começar a vacinar professores da educação, pô legal, eu quero entende o critério, por que logo depois vem aqui, que pessoas em situação de rua, que parece um eufemismo as pessoas que vivem nas ruas e pessoas privadas de liberdade, não sei se todo mundo hoje em dia, em BH, estaria configurado aqui, uma vez que o ditador na prefeitura, privou todo mundo de liberdade. Mas, imagino que ele esteja se referindo aqui no jornal à carcereira..., à população carcerária. Eles vão ter prioridade em relação a operários, faxineiras, à domésticas, eu queria tentar entender qual o critério aqui que o Kalil tá usando pra essa vacinação.

- Nikolas: O Kalil tem suas prioridades. Não sei se você lembra, Rodrigo, é, com relação ao vídeo, ele fala o por que de deixar o Oiapoque que o shopping popular aberto, por que ele falou “olha, ali tem pessoas que trabalham com tornozeleira eletrônica, e se a gente não fechar, se a gente fechar vai ter um caos social. Ou seja: Kail e suas prioridades, né. Você, trabalhador, cidadão de bem, né, você que espere, até lá os presidiários estão... (polifonia – Lacombe – Ele chamou esse shopping popular de quase uma obra social) Sim! Ele falou, é quase uma obra social, ele falou aquilo ali é dos chineses?! É, é mesmo. Então a gente percebe que é o prefeito e suas prioridades. Você tem ali diversos trabalhadores que são linha de frente, como por exemplo, a nossa própria segurança pública, você tem ali a guarda municipal, você tem os próprios policiais penais, que ainda não foram vacinados e você vê que realmente é um senso de prioridade ali do Kalil, né.

Entrevistadora 2: Vocês dois citaram ali no começo sobre os movimentos conservadores, e os ideais, os valores que vocês dois compartilham e dividem. Agora eu queria saber também sobre a avaliação de vocês, que muitas vezes esse movimento é associado à ataques à instituições, como o Supremo Tribunal Federal, como o Congresso, o próprio Douglas “ah, tive que me adaptar ao decoro parlamentar” por que ficava o Ministério Público enchendo o saco, o conselho de ética enchendo o saco, não é preciso separar, Douglas, até você acabou, enfim, envolvido nessa investigação do inquérito das fake News, não é preciso separa até o movimento conservador, ele tem essa premissa de, esse conceito de conservar as instituições, mas, não de dinamitar as instituições. Eu queria que

vocês fizessem essa diferença, por que isso aparece muito em atos e protestos dos quais o presidente Bolsonaro participa, né, de ataques diretos ao STF e ao Congresso.

- Nikolas: Bom, eu vejo que você diz ao conservador, é conservar o que é bom, ele também tem outra qualidade que é se opor ao mal. Nós tamos numa guerra de ideias, e que essas ideias geram consequências muito graves, como por exemplo, no mundo hoje vai morrer mais pessoas de fome do que de Covid e ninguém fala nada disso. Suicídio, , ninguém mais fala disso, então, você precisa compreender, que nós também, óbvio, precisamos não somente nos defender e resistir, mas, obviamente atacar. Só que esses ataques à instituições não são ataques antidemocráticos, pelo contrário, quando você questiona a decisão de um ministro do STF isso não é ataque (intervenção- entrevistadora 2 – não, tá bem, é que as faixas falam em fechar o STF, fechar o Congresso, criticar, de fato é parte do jogo) é que isso nunca foi pauta, por exemplo, do Direita Minas, fechar o STF, né. É, se conseguirem encontrar aí algo nesse sentido é realmente pouquíssima ou quase nula pessoas. Os protestos que eu vou são pais e mães, famílias, criança, que vai lá, as incríveis manipuladoras “tias do zap”, né, que estão ali pra jogar ali o conteúdo do Bolsonaro em apoio ao presidente. Tudo que a mídia tenta jogar em cima, eu falo de uma mídia desonesta, é de tentar colocar como se os movimentos Direita Minas, o movimento conservador é, simplesmente atacassem de forma injusta, e não é. Foi como eu disse, quando você questiona um ministro, quando você questiona posições de deputados que fazem algo injusto na câmara, como por exemplo cassar alguém por sua imunidade parlamentar, e questionar: não tem imunidade parlamentar isso aqui não? Então, quando você questiona não é somente um ataque democrático, é um direito do cidadão.

Entrevistadora 2: Então pelo que eu entendo, Nikolas, você é contra essas faixas de fechar Congresso, fechar STF, a favor de intervenção militar, você é contra isso?

- Nikolas: Eu não sou a favor obviamente de fechar Congresso, eu não sou a favor a fechar o STF, eu vejo que as instituições possuem papéis importantíssimas. Aquilo que fiz e faço é questionar a atuação dessas instituições, por que, caso contrário, você pega ali pessoas que não foram colocadas pelo povo, como por exemplo os ministros do STF, e que julgam, julgam não, que fazem ali um trabalho contrários às vontades da população. Mais de oitenta por cento da população é cristã, e você ali, qual o ministro que defende as pautas, que sejam ali da maioria da população. Então eu vejo que os movimentos se preocupam com isso. Sem uma base estruturada, nós não conseguimos, não vamos conseguir mesmo progredir enquanto direita. Tudo o que o movimento conservador faz é tentar reocupar o espaço que a esquerda ocupou, então a Direita Minas surgiu dessa

forma, um objetivo muito mais cultural do que algo, digamos assim, “revolucionário” (aspas do sujeito). Ser conservador não é ser revolucionário, então, nosso objetivo é esse. Pode ter os grupos de estudo, o movimento conservador também tem grupos de estudos, nós temos os encontros, os congressos, a gente tem ali os grupos de Whats App, que geralmente é chamado de “gabinete do ódio”, não que eu gostaria que tivesse um “gabinete do ódio”, mas, quem dera tivesse um gabinete organizado, que coordene a direita. A direita tá surgindo agora, e nós estamos estruturando. Você já viu a direita com queima de pneu? Ou atacando, jogando molotov em policial militar? Eu nunca vi. (polifonia- entrevistador 3- “ninguém sai encapsado”) são manifestações, são manifestações não, são protestos. De acordo com manchetes, você vê lá que, as manifestações possuem pessoas de idade, possuem crianças, pais de família, são manifestações antidemocráticas, em apoio a um presidente. Aí tem uma bandeira de uma pessoa pedindo o fechamento do STF, aí ele fala por todos. Quando teve manifestação dos antifas, que são os verdadeiros fascistas, em plena pandemia, né, aí eles não são chamados de genocidas, não são chamados de manifestações antidemocráticas, são chamados de protestos. (polifonia- entrevistadora 2 – Nikolas, essa bandeira se insere, fechamento de STF, de Congresso, não tavam nessas manifestações que vocês chamam de fascistas, então é diferente).

Entrevistador 3: Vamo pontuar uma coisa aqui: não se trata de black blocs, as manifestações promovidas pelo Guilherme Boulos e o movimento que ele capitaneia, que é o MTST, queima pneu sim, fecha via pública, o que impede o direito de ir e vir de qualquer cidadão, invade propriedade privada (polifonia- Constantino- Silvio, Silvio, o MST jogou tinta vermelha em frente ao apartamento, se eu não me engano em Minas Gerais, né, da Carmem Lucia) (polifonia – Lacombe – foi o MST) (Constantino- foi ali uma intimidação, uma provocação de violência, né. Agora o MST passa, por que o Lula passa que defende a ditadura venezuelana até hoje, então é muito importante chamar a atenção presse duplo padrão, e nós na mídia devemos assumir a meia culpa, por que quase toda a imprensa adota esse duplo padrão cafajeste.

- Lacombe: Você pode vandalizar o prédio da Carmem Lúcia em Belo Horizonte mas você não pode soltar fogos de artifício sobre o STF.

Entrevistadora 2: Mas ninguém tá falando sobre isso, ninguém tá falando. Todas as pautas (interrompida pelo entrevistador 3, Silvio).

- Entrevistador 3: Eles são tratados com benevolência nas manchetes, por que eles são meio intelectuais, meio de esquerda, o Leblon gosta, a Vila Madalena aprova..

Entrevistadora 2: Ninguém aprova que vias públicas sejam interrompidas, ou que tinta seja jogada (polifonia de interrupção- mas o Boulo faz isso!), mas então, eu tô falando que isso tem que ser condenado obviamente, e o que não quer dizer que o movimento sem teto ou o movimento sem terra não tenham pautas legítimas.

- Constantino: (Polifonia) Olha só, ninguém vai responder por indivíduos isolados. Esses movimentos de direita não querem fechar o STF, querem salvar o STF desses militantes petistas infiltrados.

- Lacombe: Bom, nós temos dois minutos pro fim do “Opinião no Ar” e vou passar para o Nikolas e pro Douglas uma pergunta de mais uma seguidora minha “Graça8906” mandou pelo meu Instagram, vou dar uma resumida – espera ver o Nikolas presidente do Brasil e eu quero saber de vocês que caminhos vocês imaginam pra carreira política de vocês, o que vocês ambicionam, vocês vão pra Brasília um dia ser presidente da República como diz aqui a Graça.

- Nikolas: Então, quando você vê a vida do Bolsonaro não sei se é um bom desejo. Mas, as minhas pautas são mais racionais, então eu acredito que se for da vontade obviamente dos mineiros, antes de tudo eu oro, sabe, eu tenho comigo Eclesiastes que fala que “A paz seja o juízo do seu coração” então eu tô orando, primeiro, obviamente o foco é Belo Horizonte, eu fui eleito pra isso, como vereador, a gente tá fazendo um bom trabalho nesses cinco meses, e tenho um sonho que é de fato chegar ao Congresso Nacional pela defesa das pautas, e ter ali uma boa bancada para trabalhar em prol do Brasil.

Lacombe: Pra presidente vai ter que esperar dez anos pelo menos.

Nikolas: É, mas de acordo com os trans, né, se eu me sentir com trinta e cinco eu posso me lançar a senador ano que vem.

Douglas: Transitar aí!

Nikolas: Transitar.

Lacombe: Transitar. Nikolas Ferreira, muitíssimo obrigado. Douglas Garcia, muitíssimo obrigado, foi um papo muito bom, espero que vocês voltem aí sempre, vamos receber aí outros políticos do Brasil todo desse movimento conservador, acho importante, muitíssimo obrigado a vocês, sucesso.

MATERIALIDADE 4

Materialidade: Canal do *Youtube* “Bernardo Kuster”

Vídeo: PT e a Igreja – A “nova” estratégia da esquerda – “Marxism in the church”

Duração: 18:02

Data de Postagem: 26 de janeiro de 2018

Número de visualizações: 877.785

Cenário: (Vídeo caseiro com aparato básico de filmagem gravado na provável sala de sua casa. Bernardo, homem branco, está de óculos, camisa preta e ao fundo um quadro, um abajur e um sofá).

Bernardo: Dia 24 de janeiro é a data que entrará para a história do Brasil como dia em que Lula foi condenado na segunda instância vai Porto Alegre mas este vídeo que vai conectar se com esse fato do Lula é um dos mais importantes que eu já gravei na minha vida a maioria das pessoas não sabe mas o “Petrolula” nasceu aqui em Londrina este o ovo do capeta foi focado aqui nessa cidade e agora Londrina palco de outro ovo da serpente que está sendo focado esta semana aqui na minha cidade ver essas imagens e ficou chocado que é isso que se viu né cartaz de dsl universidade isso aí é da via sacra que ela quando faz aquela procissão que vão passar as pessoas em cima pois é um evento religioso que está acontecendo um evento católico aqui em Londrina e que estão sendo mais de 60 bispos 3 mil pessoas de todos os lugares do Brasil que é chamada 14^a Intereclesial das Comunidades de Base que a primeira foi em 1975 lá no Espírito Santo em vitória além desses absurdos a via sacra há muito mais coisa que eu vou contar pra vocês iam saco de pessoas da extrema esquerda que vieram que os amigos do Lula estiveram aqui mas eu posso dizer para vocês quem está sendo anfitrião diz todas tivessem que está ciceroneando todas as pessoas e os bispos que estão aqui em Londrina é ninguém mais ninguém menos que dom Jeremias está num novo arcebispo de Londrina para que de fato o 14^o Intereclesial é seja um momento muito intenso da igreja no brasil e a pergunta que fica agora é quem é dom Geremias times quando é capivari a qual é o oculo dele desde que ele chegou aqui nessa cidade são tantos feitos homéricos que eu tive que anotar um papel aqui pra vocês bom assim que ele chegou à cidade primeira coisa que ele fez foi um grito dos excluídos grito dos excluídos do nosso país que envolveu o pessoal do MST movimentos sociais para gritar o como excluídos eles são na sociedade a segunda delas foi aquela semana LGBT que se tornou muito famosa que eu dei a um estouro da bomba na internet foi até banido do Facebook por isso trouxe uma notícia internacional e ele inclusive deu o aval para que o

evento continue mas a terceira delas foi que a denúncia de algumas pessoas que chegaram a mim dizendo que o bispo se recusa na missa a dar a hóstia na boca das pessoas quando elas estão ajoelhadas isso aí configura um verdadeiro abuso de autoridade o abuso de poder outra coisa é que nós temos fontes seguras e diretas fontes primárias que disseram que ele vem perseguindo certos padres que são fiéis à doutrina da igreja fiéis ao magistério da igreja e a última delas a mais recente foi uma verdadeira dança das cadeiras dos países aqui da cidade ele trocou um grande parte dos padres de paróquias inclusive o monsenhor Bernard que só 30 anos na catedral do jogo lá pro uma igreja no centro a amais rufem os tambores porque a outra o outro feito no currículo dele quando estive aqui num dos eventos aqui que o bispo esteve presente ele confessou de boca própria é réu confesso de que ele foi assistente do Frei Betto para quem não sabe é um amigo do Lula mesmo verdadeiro esquerdista dentro da igreja e ele inclusive passou a autoridade as palavras do Frei Betto mas isso eu vou comentar daqui a pouco e quem eram os outros agentes da esquerda que estavam neste evento da série saque Londrina bom eu já mencionei o Frei Betto primeiro pra quem não sabe assim por teologia da libertação que o prazo da esquerda dentro da igreja é o nome desta pessoa a segunda que estava lá é o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira mas a tradição hoje da igreja é difícil de aceitar isso e fez uma cartilha é tão absurda para esta 14ª Intereclesial das CEBs vou mostrar mais tarde pra vocês vão ficar de cabelo em pé um fazer até o sinal da cruz o sociólogo e a outra pessoa é o Marcelo Barros que é ninguém mais ninguém menos do que o cara que o Pastoral da Terra é conexão direta com o pessoal da do MST o estão vendo que o cenário ficou complexa de um bispo está participando efusivamente deste evento da teologia da libertação da esquerda na igreja que Londrina sejam todos bem vindos para este evento que deverá marcar a história da igreja no Brasil mas isso não surpreende porque este ninho neste ovo de serpente que está sendo focada em Londrina já existia antigamente eu vou contar pra vocês porque a 3 três personagens fundamentais nessa história a primeira delas é a Lenir de Assis que pra quem não sabe foi uma vereadora da cidade aqui que votou a favor da inclusão da ideologia de gênero no Plano Municipal de Educação ela que é declaradamente uma pessoa progressista e que agora é assistente de comunicação desse pessoal a ida das CEBs a outra delas é Márcia Lopes que pra quem não sabe é assim petista de cabo a rabo sou a Márcia Lopes de Londrina e teria grande honra de assessorar o 14º Intereclesial que acontecerá em janeiro de 2018 e Márcia Lopes está fazendo palestras aqui durante evento sobre violências e outros assuntos o próprio site das séries e Marcelo só quem não sabe é irmã de Gilberto

Carvalho o ombro, o braço direito de Lula é assim uns caras têm mais intimidade com ele e Gilberto Carvalho em 2012 não sei para quem pra quem não lembra naquele fórum social temático quero Fórum Social Mundial disse que o governo tem a obrigação de fazer confrontos ideológicos com os evangélicos que os evangélicos influenciam a classe média porque a igreja católica sugeriu ele já está tomada e isso a gente pode confirmar também pelo vídeo daquele vídeo famoso do Lula em que ele fala que ele tem apoio da base da igreja católica que não é nada mais nada menos do que a sede das comunidades eclesiais de base em partida disputada no piso e Almir de trabalho, trabalho, trabalho nem eu entendo que foram as comunidades que deram toda essa base para lançar os movimentos sociais CUT e CTB que depois culminou na fundação do PT nos anos 80 está entendendo a bagunça ou resume de novo pra vocês pensem só semana do julgamento do Lula dia 24 este evento das CEBs acontecendo aqui em Londrina Márcia Lopes irmã de Gilberto Carvalho que é braço direito do Lula e o Frei Betto que o outro ombro do Lula e de repente será que esse bispo dom Jeremias que ser uma espécie de cola para unir os dois ou se é um funil para passar toda esta reorganização das CEBs para a o Brasil inteiro porque tá o pessoal do Brasil inteiro de norte a sul leste e oeste todo mundo está aqui todos os delegados nas comunidades eclesiais de base bom eu costumo dizer aos meus vídeos folde manta e siga o dinheiro a pergunta é quem está bancando este momento fontes seguras minhas que tudo indica que há uma fundação internacional pra variar está bancando e cimento uma fundação chamada avenida é a gente que é uma referência ao advento da era em um do pai nosso em latim é uma fundação alemã fundada pelos bispos progressistas da Alemanha e que é comandada pelo cardeal Kasper aquele mesmo que interpretou a encíclica papal Amoris Laetitia e que da comunhão na da comunhão para os divorciados de segunda núpcias pessoal que está interpretando tudo e trazendo uma verdadeira bagunça para a igreja nessa transição hoje da igreja é difícil de aceitar isso e esta fundação parece que está financiando este vento e essa fundação admite que eles são um braço da conferência episcopal alemã aqui na América Latina e também no Caribe eles estão vendo uma coisa é grave tão grave que não pode fazer um minuto de silêncio mas um minuto de silêncio exatamente o que eles fizeram aqui no Moringão que é um estádio que no centro da cidade está fechada em que o Frei Betto convocou a todas as pessoas que estavam lá passamos a fazer um minuto de silêncio em prol da democracia para aquilo que estava acontecendo em Porto Alegre ou seja as manifestações em prol do governo Lula nós não podemos prescindir do nosso interesse é essencial da maneira que acontece a nível nacional todo

mundo sabe que o dia de hoje de importante convidamos o esperto para fazer uma contextualização e a gente depois a guarda dele fazer o momento de um minuto de silêncio para nos colocar em sintonia com aquilo que está acontecendo a grande manifestação que está acontecendo em Porto Alegre que está acontecendo em Porto Alegre que está acontecendo em Porto Alegre a democracia brasileira tem muitos Mártires muitas pessoas companheiros e companheiros que foram presos torturados exilados desaparecidos e muitos eram participantes das comunidades eclesiais do vaso e adivinha quem estava lá e também fez um minuto de silêncio uma cara de pedroso bispo dom Jeremias Steinmetz de ombro e fazer um minuto de silêncio você pode ver nas imagens aí faixas que eles fizeram passando lá eleições sem Lula é fraude defender o lula defender a democracia e acho que estou ficando louco em fazer essa associação desse evento do pessoal da teologia da libertação com o julgamento do Lula hoje olha fraca a faixa que tem ali na frente do bispo ali eleição sem lula e fraude daqui a prova primário e para coroar como chaves de chave de São Pedro que não vai ser você decida chave do que é o bispo fez um evento lá na UEL universidade aqui de Londrina é com o Frei Betto junto com o Cabo Marcelo Barros e com aquele Paulo eu falei que um sociólogo comunista que inclusive até já teve texto publicado no site do Leonardo Boff que coisa mais brega e passado e mofada que é isso e neste evento o bispo falou de como nós temos que interpretar o concílio Vaticano 2º da sobre uma um viés de transformação social que a linguagem dos comunistas na igreja e depois então ele passou a palavra ao Frei Betto como que dando autoridade a ele eu estava lá e ouvir como vocês podem ver no vídeo ele passa autoridade o Fred sabe que o Frei Betto disse eu vou ter que resolver rapidamente aqui ele falou que jesus não veio foi uma religião e não vê nem foi na igreja que jesus tem para o mundo um plano político e isso é nada mais do que comunismo a igreja chama se teologia da libertação fã que quando jesus multiplicou os pães na verdade ele fez a partida que seu fome zero se ele falou isso mas estive lá eu vi tem várias testemunhas que viram sair também em outra coisa absurda a gente precisa entender o Frei Betto explicando que é a sede das comunidades eclesiais de base na visão do esquerdista que quer reorganizar isso o que ele disse ele seguido que a CEB são o posto como um posto de gasolina que serve para abastecimento e ele pergunta quem são os carros bons segundo ele os carros são os movimentos sociais as ONGs etc a CUT, MST, MTST tudo que vocês podem imaginar os sindicatos e também os partidos políticos i o em san que diz que ele tem que ser reabastecesse organizar nesses postos são as séries e depois só então fazer militância política e criticou os fiéis que ficam só nas é

só nas igrejas que não o negócio não é ficar celebrando nós temos que fazer luta política ou seja você católico que quer celebrar e rezar você é um trouxa segundo eles que você não você tem que servir se movendo de esquerda e virar um militante tonto com bandeira vermelha do MST como mortadela na rua eu vou resumir mais uma vez que a coisa é bem complexa o que se está querendo, contudo, isso aqui o Frei Betto, Marcelo Basco e se Pedro Ribeiro com todo esse pessoal comunista da igreja falando do Lula é uma coisa simples uma frase lula presidente em 2018 é nada mais do que isso é um ato é uma reorganização da esquerda com sede em londrina é o ovo sendo chocado para reorganizar a militância e colocar o Lula no poder de novo este ano o que esse evento da UEL e esse evento das séries nacional aqui no Brasil das comunidades eclesiais de base daquilo fazer a total politização da fé transformar tudo em política você já deve ter visto alguns padres fazendo esse tipo de homilia e tudo isso está resumido numa cartilha da 14 a entre os 15 ao que está acontecendo aqui no interior deste evento em que a gente pode notar pontos assim que são gritantemente absurdos e errados como por exemplo é a cartilha menciona que o que aconteceu em 2016 foi um golpe outra coisa eles fazem um plano e incitam todos a querer fazer um referendo para fazer uma nova constituição assim como aconteceu na Bolívia assim como aconteceu com maduro para transformar o Brasil numa nova Cuba uma nova Venezuela eles querem reforçar pedagogia de Paulo Freire diz que ela é maravilhosa para ensinar às pessoas o pensamento crítico à pedagogia crítica eles fazem o apoio declarado ao governo da Venezuela e depois é um ponto muito importante que vou ter que fazer questão de ler e eu peço que vocês prestem a máxima atenção o golpe uniu diferentes setores da sociedade brasileira empresários e ruralistas que propunham reformas neoliberais para recuperar ou aumentar a taxa de lucro que conversinha políticos profissionais que querem estancar a “Lava jato” e livrar-se de Lula e do PT setores da pequena burguesia temerosos da ascensão econômica dos pobres igrejas cristãs em oposição a propostas inovadoras ele vai dizer quais na legislação referente à aborto drogas políticas de gênero e ensino lá e quente o bispo deve mais pedir explicações para nós o que é isso mesmo diz pô o que é isso o que o senhor ouviu o que eu li o senhor leu a cartilha que está sendo distribuído no evento ciceroneado cujo se o senhor é o anfitrião o senhor deve explicações é por isso que todo mundo todo católico que discorda dessa balbúrdia que está sendo ensinado aqui vai ligar pro senhor pedir explicações inclusive pronúncia apostólico em Brasília que isso é um absurdo e outra coisa o senhor deve explicações para todo mundo a respeito de uma coisa que está escrito na página 13 é um número bem significativo não é mesmo diz assim que nós temos que pedir a antecipação

sem fazer de tudo para antecipar o reino de deus na história humana e isso pra quem não sabe uma velha dizia que Lineu de hoje destruiu no livro adversos reze que é chama-se gnosticismo que é negar a transcendência que dominar a história que transformar deus sempre uma ideia maluca isso aí é uma heresia condenada pela igreja católica que absurdo neste mesmo evento que aconteceu na universidade aqui não deixa o bispo aqui de Londrina abriu então evento disse palavras sobre transformação social concílio vaticano segundo levantou a bola para o Frei Betto de autoridade para falar certa vez mais elementar a Mario, especial Frei Betto então abriu dizendo “primeiramente é de mim fora temer todos são bem vindos” sei que é evangélico não fico contente que esmaga a igreja católica não porque tinha a pastora luterana que estava concordando com tudo fala que tem que demolir os tempos que o negócio é abraçar o Jesus histórico e Jesus da fé a gente deixa meio de lado não fica tão felizes não tá eu vi que estou feliz aqui Gilberto Carvalho daqui a pouco chega aí viu chegou a hora de a gente fazer um ato de desagravo para toda anarquia que está acontecendo aqui não dizer que está chocando esse ovo de serpente como foi focada lava-jato aqui em londrina está sendo focada e show de serpente com Gilberto Carvalho, Marcelo Lopes, Frei Betto e sociólogo comunista aquele outro Marcelo Mattoso essa junta fazendo a organização agora nós vamos ligar para ser bispo e pediu uma posição dele que esse negócio de antecipar o reino de Deus que essa cartilha que é tudo isso 3371 314 arquidiocese de Londrina e você está indignado com tudo isso faz o seguinte também mande um e mail com todas as informações que eu passei pra você para o núncio apostólico lá em Brasília vamos montar várias denúncias contra o misto porque isso é um caso de polícia o e-mail é este ano na post a roupa solar ponto com.br e vou repetir no *post* a roupa solar ponto com.br se quiser o telefone também entrei também tem o dever de 6 1 3 2 23 079 4

ou 3 223 09 16 ligue explica acontecendo e peçam a posição do nosso anúncio apostólico gente nós temos que pisar na cabeça da serpente seu vídeo mais importante que eu fiz o vídeo do vídeo engraçadinho cederam lac mas esse eu vi que tem implicações práticas na sua vida o PT nasceu com um tipo de organização que está acontecendo aqui de novo com as séries então nós temos que desbaratar essa bagunça que está acontecendo aqui em Londrina nos manifestar pedir a posição do bispo pedir uma posição na nunciatura apostólica é e aonde quer que você encontre um bispo padre qualquer pessoa da igreja católica perca essas idéias malucas de politização da fé denuncie na cara desmascarar e não deixe isso prosperar o que equilibraria a aí é isso aí é uma coisa gostosa portuguesa da família sozinha mas o que é isto.

MATERIALIDADE 5

Materialidade: Canal do *Youtube* “Dois dedos de teologia”

Vídeo: NÃO VOTEM NO HITLER

Duração: 5min15s

Data de Postagem: 5 de setembro de 2018

Número de visualizações: 814.146

(Plano de fundo: Vídeo com edição de bricolagem audiovisual e narração do produtor sem a exibição do próprio.)

Há uma piadinha que eu conto para os jovens da igreja sobre uma moça que diz o pastor que vai namorar um rapaz excelente trabalhador de caráter bondoso lindo isso e aquilo mas ele tem um único defeito pastor ele espanca a própria mãe quando Hitler se tornou chanceler da Alemanha em 30 de janeiro de 1933 o índice de desemprego chegava a quase 30% ao fim de 1935 dois anos depois o desemprego estava acabando na Alemanha a final da década de 30 praticamente todos estavam empregados e os preços eram estáveis Galbraith disse que esta era uma realização absolutamente única para o mundo industrial depois vieram o controle de salário de preço como todo bom governo nacionalista e socialista mas essa é outra conversa é praticamente consenso que Hitler foi um fenômeno econômico para o seu tempo mesmo assim eu não votaria em Hitler ninguém que se preze votar em Hitler não digo isso caso fosse um alemão em 1933 mas ele aparecesse hoje com todas as suas ideias claras e conhecidas não há crescimento econômico que justifique um milhão de crianças dois milhões de mulheres e 3 milhões de homens judeus mortos além dos cinco milhões de não judeus principalmente eslavos geralmente esquecido no massacre o problema é que hoje ainda há quem vote em Hitler John Powell escreveu um livro chamado holocausto silencioso estima se que são realizados até 56 milhões de abortos ao redor do mundo todos os anos são mais que 5 local ano aumente são assassinados a sangue frio milhões de bebês ainda não nascidos é apocalíptico de tão aterrador e grave as mentes e os corações andam tão interesse dados que muitos desejam que este cruel holocausto seja legalizado o Bernardo Kuster comentou no *Twitter* que o Brasil caminha para ser junto com Polônia e Malta maior resistência contra o aborto legal no mundo mas a sua legalização continua a porta uma luta diária é uma pressão política constante somos ensinados nas faculdades que o progresso da humanidade está no retorno do barbarismo está em voltarmos às antigas práticas das religiões pagãs que entregavam bebê a Baal e Astaroth está em voltarmos a depositar as crianças indesejadas em montões

de lixo foi adiante como na Roma antiga alguns até argumentam que liberar essa barbárie, uma forma de proteger os bebês argumentando que países que liberaram aborto diminuíram seus números com o tempo o que acontece é que a maioria desses dados são mentirosos você olhar os artigos que geralmente são usados para embasar esse tipo de argumentação não se considera que o aborto só começa a diminuir depois do grande pico de abortos que começa a acontecer depois da legalização existe um determinado número de abortos que acontece com a liberação o número de abortos aumenta vertiginosamente então começa a diminuir mas diminui para taxas ainda muito maiores do que aquelas de antes da criminalização é o que “A Folha de São Paulo” por exemplo não considera quando publicou matéria com a manchete descriminalizadas abortos em cinco anos de queda em Portugal isso dá a impressão de que o aborto está diminuindo e de fato está mas o que acontece é que o aborto está diminuindo do período de 2007 a 2011 do período posterior à legalização o que acontece é que em 2005 quando o aborto é proibido foram registrados 798 aborto considerando a estimativa de abortos legais já em 2010 a taxa pulou para 20 1.137 o pico depois da legalização foi 2011 que registrou 20 mil 480 as taxas estão diminuindo mas nunca chegaram nas taxas anteriores ao período da legalização por exemplo entre 2002 e 2006 Portugal registrou 4114 aborto antes da legalização e só em 2007 quando o país realizou o aborto foram registrados 4.325 boca entre 2007 e 2006 Portugal registrou 150 mil e quarenta abortos todos esses dados não são mostrados por francesco ratos autor de contra o aborto da editora Record segundo a base de dados da Eurostat do instituto nacional de estatística Jorge e na o teste e você pode encontrar em por data ponto PT-BA Europa as eleições estão chegando e eu vejo alguns candidatos com propostas econômicas interessantes é uma pauta bastante séria e eu também tô cansado de tanto intervencionismo mas não parece inteligente casar com quem bate na mãe eu não quero outro Hitler antes de qualquer pergunta a questão é você é total e absolutamente contra a legalização do assassinato de criança você vai indicar ministros do STF que sejam terminantemente contra a legalização do aborto você vai fazer de tudo o que seja necessário para impedir que essa barbaridade primitiva retorne ao mundo civilizado só há uma resposta humana e só depois dela eu começo a me preocupar com resto das pautas políticas nem que isso significa que votar em alguém menos preparado a questão do aborto pesa na balança mais que qualquer outra coisa pra mim só escolha entre os candidatos pró vida o resto deveria ser preso por incitação ao crime.

ANEXOS - Levantamento bibliográfico e revisão de bibliografia

CONSERVADORISMO: 1 - *Os debates sobre educação moral, caráter e conduta do indivíduo nas primeiras décadas do século 20 e seus reflexos na atualidade* de Audrei Rodrigo da Conceição Pizolati, Alexandre Alves; **2** - *O Mestre Ignorante e outras Histórias sobre a Escola* de Lílian de Aragão Bastos do Valle; **3** - *Episcopado católico versus 3º Programa Nacional de Direitos Humanos: Uma análise dos atuais discursos eclesiásticos sobre sexo e reprodução* de Guilherme Borges; **4** - *Bolsonaro presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira* de Ronaldo de Almeida; **5** - *Ódio, combustível patológico* de Filipe Aquino; **6** – *Em busca de significados para a expressão “ideologia de gênero”* de Ivanderson Pereira da Silva; **7** - *Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil* de Marcos Paulo dos Reis Quadros, Rafael Machado Madeira; **8** - *A Educação feminina e propostas coeducativas (séculos XIX/XX): A Igreja Católica como mediadora educacional* de Jane Soares Almeida, Vania Regina Boscheti; **9** – *Joga pedra na Judith: discursos de ódio e populismo* de Raphael Neves; **10** - *Pátria-Nova e Integralismo Lusitano: propostas autoritárias em contato por meio de revistas luso-brasileiras* de Felipe Cazetta; **11** – *A criminalização da “ideologia de gênero”: uma análise do debate sobre diversidade sexual na Câmara dos Deputados em 2015* de Naara Luna; **12** - *A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros* de Débora Messenberg; **13** - *Saúde sexual e reprodutiva, conservadorismo religioso e acesso a medicamentos: uma discussão sobre a estratégia global de advocacy do Consórcio Internacional sobre Contracepção de Emergência* de Luiza Lena Bastos, Elaine Reis Brandão; **14** - *O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário* de Marcelo Braz ; **15** - *Edmund Burke e a gênese conservadorismo* de Jamerson Murillo Anunciação de Souza; **16** – *Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil* de Michael Lowy; **17** - *Prosperidade sim, família homossexual, não! A nova classe média evangélica* de Jung Mo Sung; **18** - *Conservadurismo político y rigidez cognitiva en una muestra de estudiantes y egresados universitarios de la ciudad de Lima* de Jan Marc Rottenbacher de Rojas; **19** - *O pensamento conservador ibero-americano na era das independências (1808-1850)* de Christian Edward Cyril Lynch; **20** - *Zombaria como arma Zombaria como arma antifeminista: instrumento antifeminista: instrumento conservador entre*

libertários de Rachel Soihet; **21** - *O renovado conservadorismo da agenda pós-moderna* de Maria Célia Marcondes de Moraes; **22** – *A organização escolar e a construção da contra-hegemonia burguesa* de Graciliano Dias.

MOVIMENTOS DE DIREITA: **1** - *A circulação global de políticas de alfabetização: o método fônico, desigualdade e movimentos políticos neoconservadores* de Joel Windle, Simone Batista; **2** - *Movimentos e mobilizações sociais no Brasil: de 2013 aos dias atuais* de Rudá Guedes Ricci; **3** - *Revoluções de direita na Europa do entre-guerras: o fascismo e o nazismo* de Denise Rollemberg; **4** – *Conexões transnacionais entre as mulheres de direita Brasil, Chile e Estados Unidos* de Margaret Power; **5** – *Novas reflexões sobre a “idéia da América Latina”:* *a direita, a esquerda e a opção descolonial* de Walter Mignolo; **6** - *The “fascist” discourse in computer mediated communication: the “dual strategy” model of the Italian extreme right* de Luca Tateo e **7** – *Ciladas da Diferença* de Antônio Flávio Pierucci.

PARTIDOS DE DIREITA: **1** – *Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil* de Fabiano Santos, Thalita Transcheit; **2** - *A internet como mídia ambiental: estratégias dos partidos políticos brasileiros* de Antonio Teixeira de Barros; **3** - *Pensando as direitas na América Latina objeto científico, sujeitos e temporalidades?* de Stéphane Boisard; **4** - *Qual sociologia para o estudo dos partidos políticos conservadores?* de Julien Fretel; **5** – *Partidos, ideologia e composição social* de Leôncio Martins Rodrigues.

Neste primeiro levantamento bibliográfico, foram utilizadas também as seguintes chaves de busca: **Estudantes de Direita; Juventudes de Direita, Juventudes Conservadoras; Juventudes e Conservadorismo**, porém, não encontramos material que interseccionasse estas palavras-chave. Além das plataformas e bases de periódicos acadêmicos, foram realizados levantamentos nos sítios virtuais dos espaços conhecidos como Observatórios das Juventudes, que através de uma rede de grupos de pesquisa estabelecida em território nacional, mantém um banco de dados com materiais que vão desde artigos à teses de doutoramento. Com isso, observamos 4 (quatro) destes espaços e suas devidas produções que poderiam subsidiar mais interfaces com este trabalho. O primeiro espaço foi o **Observatório das Juventudes da UF** que é vinculado à Faculdade de Educação da UFMG e era liderado pelo Prof. Dr. Juarez Dayrell. Em seu sítio virtual, o espaço conta com 10 artigos e 25 materiais entre teses, dissertações e monografias. Além disso, possui a Coleção Cadernos Temáticos, nos quais identifiquei 10 coletâneas

sobre temas diversos. Uma destas tinha por título “Juventudes e Participação Política” do ano de 2014, publicada pela UFMG. Este fascículo em especial, traz elementos sobre as juventudes estudantis do Ensino Médio, a ideia de protagonismo juvenil e principalmente a possibilidade de construção de Grêmios Estudantis. Foi o único material que articulava uma discussão política direta entre juventudes.

O segundo a ser observado foi o **Observatório das Juventudes da PUC-PR** e este espaço virtual do observatório contava com algumas produções socializadas, as quais foram identificados: 4 relatórios anuais sobre temas que envolvem a juventude, como trabalho e perfil universitário; 4 boletins temáticos que são denominados “De olho nas juventudes”. Dentre estes, o que me chamou atenção e pode ser um contributo direto para a minha pesquisa é o Boletim N.2 que aborda o “Perfil de Estudantes Universitários” através de dados e gráficos no período de 2003 a 2014.

A terceira rede de pesquisa foi o **Observatório Jovem – UFF** que está trelado diretamente à **Rede de Universidades EMdiálogo**. Este observatório impulsionado no Rio de Janeiro começou suas atividades em 2001, trazendo desde esse primeiro momento, uma equipe multidisciplinar em sua composição.

O sítio virtual consta com alguns materiais de produção (4 boletins produzidos em 2014) porém, sem acesso via site. O observatório criou um atalho para o espaço compartilhado da Rede Universidades EMdiálogo, projeto que articula pesquisadoras e pesquisadores sobre juventudes em diversas universidades (UFF, UFMG, UFPA, UFAM, UFSM, UnB, UFPR, UFRN e UFSCar). Neste espaço pude encontrar 113 artigos, teses e dissertações produzidas por essa rede. Do total, apenas um aborda sobre o Jovem e a relação com o Ensino Superior, já os demais articulam a relação das culturas juvenis ou jovens e Ensino Médio. O material destacado é intitulado “*Em nome de Jesus: um estudo sobre religião, política e cultura na escola pública laica*” resultado da dissertação de Luciana de Almeida Campos.

Por fim, na tentativa de produção deste quaro geral organizativo para leitura e revisão bibliográfica buscamos no **Observatório da Vida Estudantil – UFBA e UFRB** pesquisas que pudessem elucidar os nossos estudos. O observatório é uma parceria entre duas universidades baianas e conta em sua rede de comunicação com 38 materiais, que variam entre produções internas e bibliografias básica sobre ensino superior e a vida estudantil. Estes artigos abordam majoritariamente políticas de ações afirmativas,

juventudes e etnometodologias. Destes materiais, um Dossiê foi encontrado, sendo este transformado em livro (o primeiro do observatório). No livro, encontra-se um artigo que fala sobre o envolvimento do jovem universitário com a política no espaço acadêmico intitulado “*Juventude e política: observando a Ufba* de Allan Jeffrey Vidal Maia (et al)”.